

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LÍNGUA, ENSINO E NACIONALIDADE  
NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO  
(1880-1932)  
Uma contribuição à História das Idéias Lingüísticas

Tese de Doutorado

SUELY PESSANHA DE ALMEIDA

Niterói, RJ  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SUELY PESSANHA DE ALMEIDA

LÍNGUA, ENSINO E NACIONALIDADE  
NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO  
(1880-1932)  
Uma contribuição à História das Idéias Lingüísticas

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial de Doutorado em Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> BETHANIA SAMPAIO CORRÊA MARIANI.

Niterói, RJ  
2008

**A447 Almeida, Suely Pessanha de.**

Língua, ensino e nacionalidade no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1880-1932): uma contribuição à História das Idéias Lingüísticas / Suely Pessanha de Almeida. – 2008.

228 f. ; il.

Orientador: Bethania Sampaio Corrêa Mariani.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2008.

Bibliografia: f. 195-204.

1. Lingüística e história. 2. Língua portuguesa - Análise do discurso. 3. Língua portuguesa – Aspecto histórico – Brasil – 1880 - 1932. 4. Escola normal – Aspecto histórico – Rio de Janeiro. 5. Língua portuguesa – Estudo e ensino. I. Mariani, Bethania Sampaio Corrêa. II. Universidade Federal Fluminense. III. Título.

CDD 410

SUELY PESSANHA DE ALMEIDA

LÍNGUA, ENSINO E NACIONALIDADE  
NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (1880-1932)  
Uma contribuição à História das Idéias Lingüísticas

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial de Doutorado em Estudos Lingüísticos.

Tese aprovada em \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> BETHANIA SAMPAIO CORRÊA MARIANI - Orientadora  
(Universidade Federal Fluminense - UFF)

---

Prof. Dr. LUIZ FRANCISCO DIAS  
(Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)

---

Prof. Dr. CLAUDIO CEZAR HENRIQUES  
(Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> LYGIA MARIA GONÇALVES TROUCHE  
(Universidade Federal Fluminense - UFF)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> MARIA DA GRAÇA CASSANO  
(Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> CLÁUDIA PFEIFFER  
(Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)

---

Prof. Dr. RICARDO STAVOLA CAVALIERE  
(Universidade Federal Fluminense – UFF)

Niterói, RJ  
2008

Ao meu filho, Fernando,  
e ao meu neto, Diego.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense, a todos os seus professores com quem convivi e de quem tive o privilégio de ser aluna nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa, Especialização em Literatura Infanto-juvenil e Mestrado em Língua Portuguesa.

À minha orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> Bethania Sampaio Corrêa Mariani, pelas observações cuidadosas que deram direção a este trabalho.

Ao professor Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães e ao professor Dr. Cláudio Cezar Henriques, pela importante orientação a esta pesquisa no Exame de Qualificação.

À funcionária Nelma Teixeira Pedretti, pela recepção sempre acolhedora no balcão de atendimento ao pós-graduando.

A todos os meus alunos e ex-alunos, pelas lições que me ensinaram ao longo dos anos.

Aos diretores do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, professor Antônio Ribeiro e professora Léa Dina Szrajbman, pela gentileza com que me permitiram o acesso ao espaço da memória institucional, quando ali me apresentei no ano de 2003 como pesquisadora.

Às bibliotecárias do Instituto de Educação, Lenora Gama de Almeida e Maria da Conceição Pinto Vasconcelos, pela atenção e carinho do atendimento às minhas solicitações em visitas à Biblioteca, pelo acesso facilitado ao arquivo da instituição, sem o qual não teria sido possível a realização deste trabalho.

À professora e historiadora, Heloisa Helena Meireles, pela acolhida sempre atenciosa no Centro de Memória do Instituto de Educação, onde pude beneficiar-me do seu saber sobre a história da Instituição.

Ao Diretor-geral do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química RJ (CEFET de Química), Luiz Edmundo Vargas de Aguiar, ao Diretor Adjunto de Integração, Marcos Antônio Carnavale de Barros, ao Diretor da Unidade Rio de Janeiro, Jefferson Robson Amorim da Silva e ao professor coordenador da área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Juvenal Leitão Alves, pelo apoio institucional.

À professora Dr.<sup>a</sup> Ângela Maria da Costa e Silva Coutinho e à professora Dr.<sup>a</sup> Rosane da Conceição Pereira, pelas palavras de encorajamento, pela interlocução necessária.

À Claudia Leopoldino, Graça Cassano, Beatriz Caldas, Ângela Baalbaki, Mariana de Oliveira, Regina Costa, Tatiana Freire, Luísa Castelo Branco e Socorro Leal, pelo convívio de troca, de empréstimo e de estímulo, em sala de aula, em viagens a congressos, nas discussões em grupos de estudos, por telefone, pela *internet*.

Aos colegas cefetequianos Marcos Antônio Carnavale de Barros, Dora Cristina Gustafson de Salles Fonseca e Lúcia Macedo, pela autoria partilhada da versão *abstract*.

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu realizasse este percurso de estudo, reflexão e aprendizagem.

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

*Foucault*

## RESUMO

Este trabalho, que representa uma contribuição ao projeto História das Idéias Lingüísticas, objetiva descrever e compreender as idéias lingüísticas que circulavam no interior da Escola Normal do Rio de Janeiro, desde a sua fundação como *Escola Normal do Município da Côrte* em 1880, até 1932, quando foi incorporada ao Instituto de Educação do Rio de Janeiro, criado nesse mesmo ano. Para tal empreendimento, analisamos o funcionamento discursivo dos *programmas* de ensino ali elaborados durante esse período histórico, no sentido de observar nesse *corpus* de pesquisa os saberes que se articulavam sobre a Língua Portuguesa, a imagem de língua que importava à Escola Normal projetar, o que se ensinava sobre a língua e como. O desenvolvimento das idéias que este estudo traz para reflexão tem como base teórica e metodológica a Análise de Discurso da escola francesa, conforme Pêcheux e Orlandi. Orientado pelos conceitos que esta teoria articula, este trabalho consiste em procurar estabelecer uma relação entre os discursos sobre a Língua Portuguesa nos aludidos *programmas* e as condições sociais e históricas que determinaram a produção de um sentido e não de outro(s).

Palavras-chave: História das Idéias Lingüísticas; Escola Normal; Instituto de Educação; Língua Portuguesa; Análise de Discurso.

## ABSTRACT

This study, affiliated to the project *History of Linguistic Ideas in Brazil*, is the result of a research which aims at understanding the linguistic ideas which were current at Escola Normal (Teachers' Qualification School) of Rio de Janeiro since its foundation as Escola Normal do Município da Corte (Teachers' Qualification School of the Court) in 1880, until 1932, when it was incorporated by Instituto de Educação do Rio de Janeiro (Education Institute of Rio de Janeiro), established in that year. For such a task, we have analyzed the discourse performance of the Education Institute's teaching syllabuses during that historical period, observing in the research corpus the knowledge about the Portuguese Language, the image of language which the Teachers' Qualification School wanted to project, what was taught about the language and how it was done. The ideas which this study brings to reflection have as their theoretical and methodological basis the Discourse Analysis from the French school, according to Pêcheux and Orlandi. Guided by the concepts which this theory discusses, this study consisted of trying to establish a relation between the discourses about the Portuguese Language in those syllabuses and the social and historical conditions which determined the production of one sense rather than of others.

Keywords: History of Linguistic Ideas in Brazil; Teachers' Qualification School; Education Institute of Rio de Janeiro; Portuguese Language; Discourse Analysis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Quadro 1 - Oficinas gráficas onde os *programmas* eram impressos, p. 43.
- Quadro 2 - Nomes e endereços da Escola Normal (1880-1932), p. 49.
- Quadro 3 - Criação das Escolas Normais no Brasil: cronologia e contexto histórico, p. 80
- Quadro 4 - Cronologia de Decretos que regularam o funcionamento da Escola Normal, p. 86
- Quadro 5 - Os manuais de ensino de Língua Portuguesa indicados pelos *programmas*, p. 170
- Quadro 6 - Seqüência cronológica e regularidade com que os manuais de ensino eram adotados pela Escola Normal, p. 171
- Quadro 7 - A produção do saber sobre a língua na Escola Normal, p. 177
- Quadro 8 - Unidade (imaginária) e variação no Brasil Império, p. 187
- Quadro 9 - Unidade (imaginária) e variação no Brasil República, p. 188

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS, p. 11

APRESENTAÇÃO, p. 13

1 LÍNGUA, ESCOLA E NACIONALIDADE: UM ESTUDO PARA A HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS, p. 19

1.1 A GRAMATIZAÇÃO BRASILEIRA DO PORTUGUÊS E A CONFIGURAÇÃO DO SUJEITO NACIONAL, p. 26

2 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE, p. 37

2.1 DO ARQUIVO AO *CORPUS* DISCURSIVO, p. 42

3 DA *ESCOLA NORMAL DA CÔRTE* AO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, p. 47

3.1 *COLLEGIO PEDRO II*: UM MODELO PARA A ESCOLA NORMAL?, p. 54

3.1.1 A PRESENÇA DO IMPERADOR D. PEDRO II NAS ESCOLAS BRASILEIRAS, p. 58

3.2 OS IDEAIS POLÍTICOS E FILOSÓFICOS QUE FUNDARAM A *ESCOLA NORMAL DA CÔRTE*, p. 62

3.3 A ESCOLA NORMAL NO BRASIL IMPÉRIO: UM PROJETO PEDAGÓGICO OU POLÍTICO? p. 67

3.3.1 DA FRANÇA PARA O BRASIL: OS ASPECTOS PRECURSORES DA ESCOLA NORMAL, p. 69

3.4 O GERENCIAMENTO DA ESCOLA NORMAL, p. 85

3.4.1 QUEM ELABORAVA OS *PROGRAMMAS* DE ENSINO, p. 88

3.4.2 AS DISCIPLINAS, p. 92

3.4.3 OS MANUAIS DIDÁTICOS, p. 97

3.5 MEIO SÉCULO DEPOIS, O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, p. 99

4 OS *PROGRAMMAS* DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ANÁLISE, p. 104

4.1 RECORTE 1: A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL IMPÉRIO (1880-1889), p. 106

4.2 RECORTE 2: A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL REPÚBLICA VELHA (1889-1932), p. 117

4.3 OS MANUAIS DE ENSINO INDICADOS PELOS *PROGRAMMAS*, p.170

4.3.1 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A LÍNGUA NA ESCOLA NORMAL, p. 176

4.3.2 A ANTHOLOGIA NACIONAL: LÍNGUA -ESCOLA -ESTADO-NAÇÃO, p. 180

5 A VARIÇÃO SILENCIADA NOS *PROGRAMMAS*, p. 187

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 191

7 REFERÊNCIAS, p. 195

8 ANEXOS, p. 205

Anexo 1: Fotos do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, p. 206

Anexo 2: *Ex-libris* de diferentes Cursos do Instituto de Educação, p. 209

Anexo 3: Foto da Escola Normal de São Paulo, p. 210

Anexo 4: *Programma* de Ensino do ano de 1888b, p. 211

Anexo 5: *Programma* de Português elaborado por Fausto Barreto para os Exames Preparatórios de 1887, p. 213

Anexo 6: Protocolo de requerimento ao diretor do Instituto de Educação para permissão de acesso ao arquivo institucional, p. 215

Anexo 7: Diretores e professores do Instituto de Educação (1880-1932), p. 216

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A motivação inicial para este estudo advém da minha escuta de certos dizeres em aulas de Língua Portuguesa. Em sala de aula, os alunos expressam suas dificuldades como falantes da sua língua materna, chegando a dizer que não conseguem aprender a Língua Portuguesa porque é muito difícil. Tendo em vista esse tipo de comentário, sou levada a alguns questionamentos sobre a relação desses alunos com a língua que eles falam: Como não conseguem aprendê-la se eles a usam diariamente? Que língua, então, esses alunos pensam que não falam?

Em função da norma gramatical, os *erros* cometidos pelos alunos costumam ser, com frequência, temas de discussão na comunidade escolar, seja informalmente, entre os professores durante os intervalos das aulas, seja durante reuniões pedagógicas, quando o *mau desempenho lingüístico* do aluno é apontado como causa do fracasso escolar também em outras disciplinas, ou, ainda, atribuindo ao professor de Língua Portuguesa a total responsabilidade pelo fato de o aluno *escrever tudo errado*.

Certa vez, durante a aula, ouvi de um aluno que a língua ensinada na escola era “a língua do barão”, assim definida em sua fala como a língua de nível superior. Na época, “barão” era também uma gíria para designar uma nota de mil cruzeiros e podia ser referência ao que seria possível imaginar da *língua dos poderosos*, dos capitalistas, língua de quem teria dinheiro para estudar e estudaria bem. Assim, “língua do barão” põe na ordem do discurso uma língua superior e de prestígio, mas também silencia e exclui a língua do povo, das camadas populares e sem prestígio.

A imagem que o aluno faz de si e da língua que ele fala, assim como as possíveis implicações dessa imagem no seu rendimento escolar e na sua formação como sujeito nacional, talvez justifiquem meu interesse pela leitura discursiva dos programas de ensino como instrumentos pedagógicos que determinam o que deve (e o que não deve) ser ensinado, como e para quê.

A relação desconfortável não apenas dos estudantes, mas também, de um modo geral, do brasileiro com a língua que ele fala, é recorrente em situações informais de interlocução espontânea, por mim entreouvadas, como, por exemplo:

I) em cidade balneária:

- *Sou advogada, mas antes fiz um curso de Letras. Na época estudei bastante e sabia muito Português. Hoje já esqueci tudo.*

II) ou, ainda em conversas entre amigos e familiares:

a) - *Meu maior sonho é aprender a falar um bom Português.*

b) - *Quero aprender Português porque preciso passar num concurso público.*

Perplexa, perguntei, em cada uma dessas situações: “Que língua, então, você fala?” E as respostas foram, respectivamente, as seguintes:

I) *Português* (respondeu a advogada, surpresa com a minha pergunta e com a própria resposta.

II) (a) - *Falo um Português todo errado.*

(b) - *Falo uma língua que não tenho certeza se é Português.*

Diante de fatos assim, que desestabilizam a naturalização do sentido de homogeneidade lingüística brasileira, algumas questões se impõem: Como se produziu o mito “Falar um bom Português?” Como se explica essa relação desconfortável do brasileiro com a língua do seu país e, por conseguinte, com a sua nacionalidade? Qual é o lugar, nos programas de ensino, dessa língua em que o brasileiro pensa, que é também a língua que ele fala?

Sou levada a pensar ainda: (i) no ensino da língua como uma questão que não seria apenas gramatical e lingüística. Existe no ensino de uma língua algo que é da ordem também da ideologia, da memória, do político. Algo que diz respeito ainda ao falante, à história, ao social, ao poder e não apenas à língua; (ii) na relação entre o ensino da língua e a construção da nacionalidade; (iii) na escola como um lugar de fixação de certos sentidos; (iv) na relação entre programas de ensino e direcionamento de sentidos.

O ensino da língua inscreve-se numa relação de forças entre a unidade e a variedade, num ponto de tensão entre o normativo e o heterogêneo, entre a hegemonia e a resistência.

Entre essa língua que o aluno fala e a que a escola diz que ele tem de aprender, fica meu espaço de atuação. Nesse espaço situam-se os questionamentos que trago para esta reflexão.

## APRESENTAÇÃO

É objetivo deste trabalho analisar o funcionamento discursivo dos *programmas* de ensino da Escola Normal, atual Instituto de Educação do Rio de Janeiro, no sentido de observar as idéias lingüísticas que ali circulavam no período compreendido entre 1880 e 1932.

A teoria de sustentação das idéias que trazemos para discussão e a da construção do dispositivo de análise dos *programmas* é a Análise de Discurso da escola francesa (doravante também referida como AD), conforme Pêcheux ([1975] 1988) e Orlandi (2002d e 2001b), dentre outros autores e obras vinculadas a esse campo teórico.

Nossa hipótese de trabalho, que caminha junto com o projeto História das Idéias Lingüísticas<sup>1</sup>, é a de que os discursos sobre a língua, assim como a íntima relação desses dizeres com o modo como é ensinada e com os sujeitos que a falam, funcionam como lugar de identificação, desidentificação e contra-identificação do sujeito nacional bem como de produção e legitimação de sentidos. Daí resulta a construção de um imaginário que faz a língua significar de uma forma e não de outra(s), para alguns brasileiros, a exemplo desses que mencionamos anteriormente.

---

<sup>1</sup> O Projeto História das Idéias Lingüísticas (doravante também referido como Projeto HIL) é coordenado no Brasil por Eni Orlandi e Eduardo Guimarães, ambos professores da Unicamp.

De acordo com Orlandi, foi assinado em 1989, um convênio (Unicamp/Paris VII), por ela coordenado no Brasil, estabelecendo-se, assim, um canal institucional adequado para a relação de trabalho regular interuniversitário, para o desenvolvimento do projeto em que se acentua o aspecto da história lingüística e social do Brasil.

Desse convênio resultou uma primeira reunião em Paris onde ORLANDI e GUIMARÃES apresentaram trabalhos relativos à questão da constituição da cidadania, por eles organizados e publicados no livro *Língua e Cidadania: o Português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996. Sobre esse tema, Orlandi esceveu também o texto “Um sentido positivo para o cidadão brasileiro”, publicado no livro de sua autoria, *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. Campinas: Cortez, 2002b.

Os pesquisadores desse projeto, orientados pelos seus coordenadores, puderam contar com o concurso de bases metodológicas bem sustentadas pelo trabalho já realizado na França pela equipe de Sylvain Auroux, em relação à história das teorias lingüísticas, publicado no livro *A revolução tecnológica da gramatização* (AUROUX, 1992), cuja tradução, de Orlandi, foi publicada pela Editora da Unicamp, em 1993. Tal obra colocou os pesquisadores do projeto no Brasil a par dos pressupostos que conduziam o projeto coordenado por Sylvain Auroux, ao mesmo tempo em que sua equipe na França tomava conhecimento dos trabalhos que o projeto HIL desenvolvia no Brasil.

Importa ao projeto HIL pesquisar a história do ensino do português no Brasil, no sentido de observar não só os saberes lingüísticos, sua prática e seus instrumentos de ensino, a saber gramáticas, dicionários e programas, mas também a fundação dos colégios que deram ao cidadão brasileiro um perfil social definido. De acordo com Orlandi, “enquanto objeto histórico, tanto a gramática, como o dicionário e o ensino com seus programas, assim como as manifestações literárias são uma necessidade que pode e deve ser trabalhada de modo a promover a relação do sujeito com os sentidos, relação que faz história e configura as formas da sociedade. O que nos leva a dizer que, por isso mesmo, eles são um excelente observatório da constiuição dos sujeitos, da sociedade e da história”. (2001e, p. 9).

Cf. ORLANDI, Eni P. *História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001e. p. 7-12.

Disponível em: <[www.unicamp.br/iel/site/pos](http://www.unicamp.br/iel/site/pos)>.

Seguindo esse raciocínio, é possível trazer as noções de (des)identificação e contra-identificação tais como Pêcheux as concebe. De acordo com o autor, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva (doravante também referida como FD) que o domina”. (1998, p. 214-215).

Tendo seus dizeres marcados por essa formação discursiva, da posição de onde enuncia, o sujeito pode identificar-se, ou contra-identificar-se ou, ainda, desidentificar-se com ela. Essas três modalidades do funcionamento discursivo são assim definidas por Pêcheux:

*A primeira modalidade* consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do ‘livremente consentido’: essa superposição caracteriza o discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos ‘em plena liberdade’. (PÊCHEUX, 1988, p. 215, grifos do autor).

O sujeito, portanto, reproduz o mesmo, isto é, os saberes da formação discursiva que o domina, identificando-se com ela.

É importante dizer que a reprodução do mesmo inibe o diferente, constituindo uma relação de forças à qual Orlandi associa os conceitos de paráfrase e polissemia. De acordo com a autora,

quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. (ORLANDI, 2002d, p. 37).

Nesse sentido, podemos dizer que na primeira modalidade do funcionamento subjetivo, a identificação, predomina a paráfrase, havendo, portanto, uma forte contenção da polissemia.

*A segunda modalidade*, a contra-identificação, continua Pêcheux,

caracteriza o discurso do ‘mau sujeito’, discurso no qual *o sujeito da enunciação* “se volta *contra o sujeito universal* por meio de uma ‘tomada de posição’ que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, contestação, revolta...) *com respeito ao que o ‘sujeito universal’ lhe ‘dá a pensar’*: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. Essa reversão apresenta traços lingüísticos: *‘aquilo*

*que você chama crise do petróleo’, suas ciências sociais’, tua Santa Virgem’ (como se alguém dissesse ‘tua neurose!’), etc. Em suma, o sujeito, ‘mau sujeito’, ‘mau espírito’, se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’ como determinação exterior de sua interioridade subjetiva, o que produz as formas filosóficas e políticas do discurso-contra (isto é, contradiscurso), que constitui o ponto central do humanismo (antinatureza, contranatureza, etc.) sob suas diversas formas teóricas e políticas, reformistas e esquerdistas.” (PÊCHEUX, op. cit., p. 215, grifos do autor).*

Nesse ponto de sua discussão, Pêcheux analisa a oposição entre a “aceitação livremente consentida” e a “recusa” da primeira e da segunda modalidades, respectivamente, destacando, nesse antagonismo, a produção do conhecimento científico de um lado e a prática política do outro.

Pêcheux define a *terceira modalidade*, a desidentificação, como

subjetiva e discursiva, paradoxalmente, caracterizada pelo fato de que ela integra o efeito das ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito, efeito que toma a forma de uma *desidentificação*, isto é, de uma *tomada de posição não-subjetiva*: se estamos sendo bem compreendidos, essa *desidentificação* é correlativa do fato, já mencionado, de que os conceitos científicos não possuem ‘um sentido’ apreensível no funcionamento de uma formação discursiva, o que acarreta, ao mesmo tempo, o fato de que, enquanto conceitos, não há nenhuma representação que lhes corresponda.”(Idem, ibidem, p. 217, grifos do autor).

Ocorre na *terceira modalidade* o afastamento do sujeito e a fundação de uma outra FD. O sujeito, que se desidentifica com uma FD, migra para outra posição discursiva.

Dessas três modalidades do funcionamento subjetivo, interessam a este trabalho a primeira e a segunda delas, como lugares de (contra)identificação do sujeito com a FD na qual ele se inscreve e que o constitui como sujeito. Pode-se ter como hipótese que, quando o sujeito diz que “fala uma língua que não tem certeza se é Português”, esse enunciado é o resultado de um deslocamento de uma formação discursiva para outra, duvidando o sujeito dos efeitos de evidência.

Para uma reflexão mais aprofundada sobre essas questões, tomamos como espaço de observação a escola, e a instituição escolar que *elegemos* para tal empreendimento foi a Escola Normal do Rio de Janeiro, atual Instituto de Educação, no sentido de observar as idéias lingüísticas que por ali circulavam entre 1880 e 1932.

Tal *escolha* justifica-se pelos seguintes motivos: (i) o Rio de Janeiro era a sede do reino português quando o Instituto de Educação ali foi fundado, como *Escola Normal do Município da Côrte*; (ii) a sua fundação se deu no período de transição entre duas formas de governo, a saber, o Império e a República, quando aqui circulavam idéias nacionalistas, abolicionistas, republicanas e positivistas, que fizeram a história do Brasil; (iii) pela Escola

Normal, destinada à formação de professores desde a sua fundação, passaram homens ilustres<sup>2</sup>, que colocaram em movimento práticas políticas, culturais, lingüísticas, sociais e científicas.

O recorte temporal sobre o qual incide a nossa análise diz respeito ao período da história do Instituto de Educação do Rio de Janeiro em que ele funcionou como Escola Normal, desde 1880 até 1932. Período esse, marcado pela transição entre o Império e a República, e todas as implicações de ordem política, cultural e social daí decorrentes.

Para compreender a história das idéias lingüísticas pela via da instituição escolar, é necessário fazer uma leitura discursiva do material didático ali utilizado no ensino da língua, a exemplo das gramáticas e dicionários, denominados “instrumentos lingüísticos” por Auroux (1992).

Orlandi considera que não só as gramáticas e dicionários mas também os programas de ensino podem constituir um observatório das idéias lingüísticas, uma vez que,

enquanto objeto histórico, tanto a gramática como o dicionário, ou o ensino e seus programas, assim como as manifestações literárias, são uma necessidade que pode e deve ser trabalhada de modo a promover a relação do sujeito com os sentidos, relação que faz história e configura as formas da sociedade. (ORLANDI, 2001e, p. 9, grifo nosso).

Tomamos como *corpus* de pesquisa os *programmas* de ensino da Escola Normal do Rio de Janeiro e, como objeto de estudo, os discursos sobre a Língua Portuguesa que ali se formulavam.

Importa-nos observar, nesses *programmas*, as idéias lingüísticas, ou seja, de acordo com Auroux (1989)<sup>3</sup>, “os saberes que se articulavam sobre a língua” que circulavam na Escola Normal do Rio de Janeiro, um espaço institucional situado no município que foi sede do Império português e lugar de outros acontecimentos igualmente significativos para a história do Brasil.

Nosso objetivo é analisar nos *programmas* de ensino a imagem de língua que importava à Escola Normal construir, no sentido de observar não só a história de língua ali contada, mas também a relação entre língua e nacionalidade.

Para tal empreendimento, faremos uma leitura discursiva desses documentos institucionais, buscando a relação entre os discursos sobre a Língua Portuguesa ali formulados e as condições sociais e históricas que permitiram a produção de certo efeito de sentido e não de outro(s).

---

<sup>2</sup> Cf. Anexo 7: Diretores e professores da Escola Normal.

<sup>3</sup> AUROUX, Sylvain. *Histoire des idées linguistiques*. Tome I. Liège: Pierre Mardaga ed., 1989. p. 15.

Algumas questões aqui se impõem: Que tipo de imaginário seria esse? Que efeito ele reproduz na relação do brasileiro com a língua que ele fala? Qual é a relação entre o ensino da língua e a formação do sujeito nacional?

Este trabalho é, portanto, delimitado por um tempo histórico (desde 1880 até 1932), com suas determinações políticas e ideológicas, e uma instituição (a Escola Normal, atual Instituto de Educação). Metodologicamente, organiza-se um corpus (os *programmas* de ensino dessa instituição escolar), um objeto (os discursos sobre a Língua Portuguesa que se formulam nesses *programmas*) e um dispositivo teórico-analítico (a Análise de Discurso da escola francesa).

Para discutir as questões que aqui propomos, dividimos este trabalho em seis capítulos organizados da seguinte forma:

O primeiro deles, convencionalmente denominado *Introdução*, pelo meio acadêmico, é apresentado sob o título *Língua, escola e nacionalidade: um estudo para a História das Idéias Lingüística*. É objetivo desse capítulo discutir a relação entre a escola como lugar autorizado para a institucionalização de saberes e a formação da nacionalidade. Discutimos, ainda, de modo breve, a relação entre “instrumentos lingüísticos” e processo de gramatização, conforme Auroux (1992), Orlandi (2001i) e Guimarães (2004), e os antecedentes à oficialização do Português no Brasil, de acordo com Mariani (2004), em seus estudos sobre a “colonização lingüística”<sup>4</sup>.

O segundo capítulo apresenta alguns conceitos da Análise de Discurso da escola francesa, teoria de sustentação das idéias que trazemos para este estudo. Esse capítulo tem ainda por objetivo explicar a metodologia da análise e a descrição do nosso dispositivo teórico-analítico.

O terceiro capítulo trata de uma abordagem histórica da Escola Normal, uma vez que, para compreender como ela se discursivizou, é preciso percorrer a historicidade constitutiva da sua formação histórica e linguageira. Consideramos, inicialmente, as denominações pelas quais passou a Escola Normal, desde a sua fundação, visto que, ao longo do nosso trabalho faremos uso delas. Explicitamos a natureza dessa instituição escolar, sua estrutura e funcionamento, a sua filiação a um modelo educacional francês e, no Brasil, ao Colégio Pedro II, também filiado a um modelo europeu de ensino. Relacionamos a fundação da *Escola Normal da Corte* à de outras escolas congêneres criadas em diferentes regiões do território brasileiro.

---

<sup>4</sup> MARIANI, Bethania. *Colonização lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.

O quarto capítulo privilegia a análise do *corpus*, indagando sobre *o que* se ensinava sobre a língua e *como*, as orientações teóricas e os manuais didáticos que circulavam no interior da Escola Normal, seus autores e respectivas filiações. Interessa-nos compreender a política de línguas proposta pela instituição, observando a imagem de Língua Portuguesa que a ela importava construir, pondo-a em relação com o Latim.

Antes de concluirmos nosso trabalho, julgamos ser pertinente ao tema em estudo uma breve reflexão sobre os lugares de resistência. Dessa forma, no quinto capítulo, discutimos algumas questões sobre unidade e variedade lingüísticas e sua relação com as práticas de ensino de língua observadas nos *programmas*.

No sexto capítulo, e último, tecemos nossas considerações finais acerca do funcionamento da Escola Normal como um projeto ao mesmo tempo pedagógico e político, reverberando um discurso sobre a língua, gerador de poder, controlado por leis, *programmas* e manuais de ensino, com o objetivo de eliminar toda e qualquer ameaça à legitimação da Língua Portuguesa como idioma nacional. Nesse sentido contribuíram os *programmas*, como instrumentos de controle das idéias lingüísticas que circulavam no interior da Escola Normal, e suas implicações na relação entre as práticas políticas de ensino no interior dessa instituição e a produção do saber sobre a língua nacional do Brasil, suas implicações na construção do imaginário da língua legítima e, por conseguinte, na formação do sujeito nacional.

## 1 LÍNGUA, ESCOLA E NACIONALIDADE: UM ESTUDO PARA A HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS

*Quando falamos das idéias lingüísticas, referimo-nos à definição da língua, à construção de um saber sobre a língua, à produção de instrumentos tecnológicos que lhe são ligados e também à sua relação com a história do povo que a fala.*

(ORLANDI; GUIMARÃES, 2001e, p. 32)

A escola funciona como lugar de institucionalização de valores e idéias, onde se ensina a ler e a escrever na língua nacional. É, por conseguinte, lugar formador do sujeito nacional.

Para compreender o processo de formação da língua nacional do Brasil pela observação da instituição escolar, é preciso depreender as idéias lingüísticas que por ali circulavam.

Cumpre-nos explicar, inicialmente, a diferença entre os conceitos de instituição e institucionalização, tais como os concebe Mariani (2004). De acordo com a autora, as instituições fazem parte do funcionamento social e geral da nação. Nesse sentido, podemos pensar a escola e a língua nacional como instituições, uma vez que, fazendo parte do funcionamento da nação, legitimam outras instituições nacionais. A Língua Portuguesa, ao ser instituída como língua nacional e oficial, foi fundada como instituição e, assim sendo, legitimou Portugal como nação, continua Mariani. “Em termos históricos, aos portugueses é natural, óbvio, ter a língua portuguesa como língua nacional: *português* tanto designa o povo quanto nação.” (MARIANI, *ibidem*, p. 33). Segundo a autora,

o que chamamos de instituição, do nosso ponto de vista, é fruto de longos processos históricos durante os quais ocorre a sedimentação de determinados sentidos concomitantemente à legitimação de práticas e condutas sociais. São práticas discursivas e não discursivas que se legitimaram e institucionalizaram, ao mesmo tempo em que organizam direções de sentidos e formas de agir no todo social. (MARIANI, 1998, p. 71, grifo nosso.).

Era conveniente à “colonização lingüística”<sup>5</sup> reproduzir em terras brasileiras esse sentido tão óbvio e natural para a Corte, continua Mariani, que conceitua “colonização lingüística” como um resultado

de um processo histórico de encontro de encontro entre pelo menos dois imaginários lingüísticos constitutivos de povos culturalmente distintos – línguas com memórias, histórias e políticas de sentidos desiguais, em condições de produção tais que uma dessas línguas – chamada de língua colonizadora – visa impor-se sobre a(s) outra(s) colonizada(s). (MARIANI, loc. cit.).

Entretanto, para tamanho empreendimento, ou melhor, para que a Língua Portuguesa, instituição da nação portuguesa, se tornasse a língua da colonização, fez-se necessária a sua institucionalização na colônia, que se deu por um ato político-jurídico denominado *O Diretório dos Índios*. Esse ato oficializou a obrigatoriedade de falar, ler e escrever na colônia a Língua Portuguesa, de acordo com a gramática portuguesa que vigia na Corte. (MARIANI, loc. cit.).

Interessa a este trabalho, que caminha junto com o projeto História das Idéias Lingüísticas (aqui também referido como projeto HIL), investigar a relação entre o papel institucional da Escola Normal, com seus instrumentos lingüísticos, e a instituição da Língua Portuguesa como língua nacional do Brasil.

O projeto História das Idéias Lingüísticas propõe uma abordagem discursiva que permita não só analisar os discursos da e sobre a língua, como também praticar as novas leituras de arquivo, tomando, como objetos de observação, gramáticas, dicionários, catecismos, lista de palavras, ensaios, textos científicos, periódicos, os colégios e seus programas de ensino, enfim, todo o material que, segundo Orlandi, concorrem para a formação do imaginário que sustenta a constituição da (unidade da) língua nacional, falando de sua pureza, sua natureza. (ORLANDI, 2001e, p. 16-17).

De acordo com a autora, os estudos sobre a Língua Portuguesa privilegiam a emergência das primeiras gramáticas da Língua Portuguesa no Brasil elaboradas por brasileiros. Analisa-se nessas gramáticas a forma, a denominação delas, as notas, os prefácios etc. São analisadas, ainda, as diferenças entre o português do Brasil e o português europeu, além da relação entre a escrita e a oralidade em nossa história.

As pesquisas que tomam como objeto de investigação os dicionários têm como foco de estudo os prefácios, notas, listas de domínios etc. (Ibidem, p. 9).

Nunes, em seu estudo, que toma como objeto o papel dos primeiros dicionários no

---

<sup>5</sup> Termo cunhado por Mariani (2004).

Brasil, num período histórico coincidente com o que delimitamos para nossa análise, diz que

no período de transição entre a Monarquia e a República, muitas eram as discussões acerca das diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal. No interior dessa polêmica, o papel do léxico toma lugar importante. Desse fato decorreu a produção de vocabulários e dicionários que atestavam o léxico brasileiro. Os termos e expressões, constitutivos desses instrumentos lingüísticos são chamados brasileirismos, cujos dicionários foram elaborados até o início do século XIX. Em seguida, eles caíram em desuso, mas sobreviveram na lexicografia geral, tendo sido incorporados nos dicionários de língua portuguesa, onde eles aparecem identificados inclusive no Aurélio, o dicionário mais utilizado no Brasil. (2001e, p. 71-72, grifos nossos.)

Com os grifos na citação acima, queremos chamar a atenção para três pontos afins entre o nosso trabalho e o estudo de Nunes que retomaremos no capítulo 4 deste trabalho.

Orlandi comenta que tanto a gramática quanto o dicionário bem como o ensino e seus programas são um excelente observatório da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história. (2001e, p.16-17). Dentro dessa perspectiva, este trabalho vai se ocupar de questões relacionadas ao último deles, no sentido de observar, no funcionamento discursivo dos *programmas* de ensino da Escola Normal (1880-1932), o modo como a língua era ensinada, a imagem de língua ali projetada, a política de línguas proposta pela escola, enfim, a relação desses documentos institucionais com a história do saber lingüístico.

Para Guimarães, que privilegia em seus estudos a história dos estudos da significação no Brasil a partir do final do século XIX até a década de 1970, a história das idéias envolve três tipos de elementos: as instituições, os acontecimentos nas instituições que organizam as práticas de produção de conhecimento e as obras que formulam esse conhecimento. (2004, p. 11-13).

A observação do funcionamento dessas instituições ligadas à produção do conhecimento sobre a Língua Portuguesa tem por objetivo compreender como a produção desse conhecimento se modifica no plano institucional e no interior próprio do domínio considerado, continua o autor. (Ibidem, p. 17).

Os instrumentos lingüísticos, a exemplo dos programas de ensino, sustentam a evidência de língua estável e homogênea. Daí o nosso interesse em analisar seu funcionamento discursivo, no sentido de buscar a relação entre os sentidos de língua ali instituídos e as condições de produção que a fazem significar de uma forma e não de outra (s).

Para fazer a história das idéias lingüísticas a partir das instituições, é necessário, portanto, levar em consideração o ensino da língua e todos os elementos que o constituem, tais como os manuais didáticos ali adotados, as gramáticas, os dicionários, os programas que direcionam os sentidos da língua e as posições que ocupam seus elaboradores e demais

sujeitos envolvidos, a saber, diretores, professores, autores dos instrumentos lingüísticos, e alunos.

Cumpramos ressaltar que, do ponto de vista discursivo, a história não se limita a um simples relato de fatos acontecidos com certos personagens em determinada época em certos lugares. Para além disso,

fazer História é compreender os acontecimentos humanos ao contá-los. Em outras palavras, é compreender os sentidos dos acontecimentos humanos. Uma História é, então, de um lado, o relato de fatos acontecidos com certos personagens, e, de outro, é a compreensão destes fatos quando tomados como acontecimentos e enquanto tais contados. (GUIMARÃES, 2004, p. 12).

Relacionando à História das idéias lingüísticas o conceito de história, Guimarães faz o seguinte comentário:

Trata-se, para mim, de poder acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como, ao permanecerem, mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momento encontramos acontecimentos pelos quais um conceito se constitui, permanece ou se torna outro. (GUIMARÃES, *ibidem*, p. 13).

À guisa de exemplificação, o autor explica que, para responder a pergunta *O que é gramática?*, o que interessa é compreender os acontecimentos que em momentos diferentes da história configuraram um certo conceito de gramática e como esse conceito sofre modificações. O autor observa a mudança do conceito de gramática na virada do século XIX, afirmando que durante muitos séculos, gramática significou “arte de falar e escrever corretamente”, mas a partir dessa data, sob a influência dos estudos histórico-comparativos, seu conceito foi redirecionado. (GUIMARÃES, *loc. cit.*).

Pensar a nacionalidade a partir das idéias lingüísticas que circulavam no interior da escola convoca para esta análise uma reflexão sobre o mito da uniformidade e da homogeneidade lingüísticas, no sentido de compreender as bases em que se formou a identidade nacional brasileira.

Tendo em vista que a língua nacional é um objeto simbólico constitutivo da formação de um país, podemos pensar, com Orlandi, que tanto os sentidos atribuídos ao país como os que dão sentidos a esses sujeitos resultam da produção desse objeto e da relação estabelecida pelos sujeitos com essa produção. (ORLANDI, 2002b, p. 21).

Seguindo esse raciocínio, trazemos uma discussão sobre os modos de identificação da língua com a formação dos Estados nacionais, tal como os concebe Hobsbawen (1979, p. 101-

116). No capítulo intitulado *A construção das nações*, o autor discute a criação de uma Europa de nações-estados como política internacional entre os anos de 1848 e 1870, considerando a relação entre língua, nação, estado e nacionalismo. Segundo Hobsbawen, esse foi um período de afirmação de nacionalidades, identificadas por diferentes critérios, dentre eles a língua.

Tanto no extremo oeste da Europa, como no extremo sudeste, o problema nacional veio a se impor. Alemães, italianos, húngaros, poloneses, romenos etc. afirmaram seu direito de serem estados independentes. A França era um estado independente nacional. Os fenianos na Irlanda levantaram-se sob a forma de uma insurreição radical pelos milhões de compatriotas empurrados para os Estados Unidos pela fome e ódio aos ingleses, continua o autor. No multinacional Império Otomano, os diversos povos cristãos revoltaram-se contra o prolongado domínio nos Bálcãs. A Grécia e a Sérvia já eram independentes.

Mesmo fora da Europa, era visível a construção das nações. Segundo Hobsbawen, a nação não é algo espontâneo, mas um produto. O autor considera que

na era da construção de nações, acreditava-se que isso implicava a transformação desejada, lógica e necessária de ‘nações’ em estados-nações soberanos, com um território coerente, definido pela área ocupada pelos membros da nação, que, por sua vez era definida por sua história, cultura comum, composição étnica e, com crescente importância, a *língua*. (Ibidem, loc. cit.).

O fato de existirem grupos humanos organizados segundo critérios que os diferenciavam entre si, em estados territoriais do tipo do século XIX, não coincidia com o conceito de nação, que era um fenômeno historicamente recente, embora alguns estados territorialmente mais antigos, como Inglaterra, França, Espanha, Portugal e talvez a Rússia, pudessem ser definidos como “estado-nações” sem que isso fosse totalmente absurdo, comenta o autor.

À expressão “nações-estados” o autor opõe uma outra, “estado-nações”, afirmando que as aspirações de formar estado-nações a partir de estados que não fossem nações era um produto da Revolução Francesa.

Durante esse período histórico, a Europa estava dividida em nações, e o critério de identificação nacional era o político, a história institucional ou a história cultural das tradições. A Alemanha, por exemplo, era uma nação não só por força de que seus numerosos principados (apesar de nunca unidos em um único estado territorial) terem constituído, outrora, o então chamado “Sagrado Império Romano da Nação Germânica” e formado, por outro lado, a Federação Germânica, mas também porque todos os alemães de educação

elevada partilhavam a mesma língua escrita e literatura.

O critério histórico de nacionalidade baseava-se nas instituições e na cultura das classes dominantes, ou de elites de educação elevada, diz o autor.

Durante esse período, compreendido entre 1845 e 1870, o movimento dos irlandeses (muitos dos quais já falavam inglês), dos noruegueses (cuja língua literária não era muito diferente do dinamarquês), ou dos finlandeses (cujos nacionalistas eram bilíngües, falando finlandês e sueco), não criaram um caso fundamentalmente lingüístico para si mesmos. Ainda que fosse cultural, não se tratava da cultura das elites, mas sim da cultura oral do campesinato, ou seja, do povo comum suas canções, baladas, épicos, etc. Mas isso não era político em si, diz o autor. Aqueles que iniciaram os movimentos de criação dos estado-nações eram membros de elevada cultura da classe dirigente ou da elite estrangeira.

Nas nações emergentes, continua Hobsbawan, o movimento nacional tendia a tornar-se político após sua fase sentimental e folclórica, com a emergência de grupos mais ou menos expressivos, dedicados à idéia nacional, publicando jornais e literatura nacionais, organizando sociedades nacionais, tentando estabelecer instituições educacionais e culturais, e engajando-se em várias atividades francamente políticas.

Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que a nação é uma construção. Uma vez construída, é preciso formar o cidadão nacional. Daí a importância da escola e outras instituições, que podem impor a uniformidade imaginária da língua, e, por conseguinte, a uniformidade nacional.

No caso do Brasil, com o movimento da sua construção como estado-nação em meados do século XIX, ocorreu a expansão dos sistemas educacionais em vários níveis, com especial atenção à criação de escolas destinadas à formação de professores especializados para o ensino na escola primária. O interesse pelo ensino da Língua Portuguesa estava relacionado a esse movimento, conforme veremos no capítulo 3, reunindo, num só empreendimento, a construção da nação e de uma língua que a simbolizaria, garantindo-lhe ainda sua expansão e prestígio como língua nacional.

Criar escolas é um gesto de instituição de uma língua nacional, em nosso caso, a Língua Portuguesa, que, por meio da escola, poderia transformar-se na língua escrita e falada do povo, pelo menos para algumas finalidades. Ao impor uma língua, a escola impõe também uma cultura e, por conseguinte, uma nacionalidade.

“O paradoxo do nacionalismo era que, ao formar sua própria nação, automaticamente criava contra-nacionalismos para aqueles que, a partir de então, eram forçados à escolha entre a assimilação ou a inferioridade”, continua Hobsbawan. (Grifos nossos).

Relacionando ao tema do nosso trabalho essas palavras do autor, podemos dizer que o movimento de formação do Brasil como estado-nação, teria determinado uma política de línguas, conforme veremos no capítulo 4, de análise dos *programmas*, colocando de um lado a Língua Portuguesa, que deveria ser “assimilada” e do outro, as demais línguas, “inferiorizadas”, em circulação no território brasileiro.

Tendo em vista essas considerações, julgamos importante discutir a relação entre língua e escola: a primeira, como elemento imprescindível na formação dos estados-nações; e a segunda, como instrumento de construção da unidade lingüística e, por conseguinte, unidade nacional.

Seguindo esse raciocínio, a nossa proposta é articular a História das Idéias Lingüísticas com a instituição escolar, no sentido de observar a história de constituição da língua nacional brasileira, através dos *programmas* e manuais de ensino que por ali circulavam, e de compreender a relação entre língua, escola e nacionalidade.

No próximo subcapítulo discutiremos o conceito de gramatização e suas implicações na construção da nacionalidade brasileira.

## 1.1 A GRAMATIZAÇÃO BRASILEIRA DO PORTUGUÊS E A CONFIGURAÇÃO DO SUJEITO NACIONAL

Cumpre-nos dizer inicialmente, com Sylvain Auroux, que “gramatização é o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”. (AUROUX, 1992, p. 65).

Houve, ao longo de treze séculos de história, entre o século V de nossa era até o fim do século XIX, o desenrolar de um processo único em seu gênero: a gramatização massiva das línguas do mundo, a partir de uma só tradição lingüística inicial: a tradição greco-latina, continua o autor. (Ibidem, p. 35).

Auroux considera que,

inicialmente, quando os vernáculos europeus eram sistematicamente gramaticalizados, eles o eram na base da orientação prática que se definiu muito lentamente a partir das Artes da tradição greco-latina: uma gramática pode ter por finalidade a aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesse contexto, os contatos lingüísticos se tornaram um dos elementos determinantes dos saberes lingüísticos codificados, e as gramáticas se tornaram as peças-mestras de uma técnica do conhecimento das línguas. (Ibidem, p. 29).

O autor acrescenta que, nesse contexto, o papel da imprensa foi um fator de aceleração desses “saberes lingüísticos codificados”, afirmando que, em seguida, o desenvolvimento do livro impresso dá ao processo de gramatização uma difusão incomparável.

De acordo com Auroux, a colonização e a exploração de vários lugares do planeta deu início a um longo processo de descrição da maior parte das línguas do mundo, com base na tecnologia gramatical ocidental. Essas línguas teriam, portanto, uma base comum em sua descrição gramatical. É nesse contexto que nasceram tanto a gramática geral quanto a gramática comparada. “Este empreendimento ramificado do saber multilíngüe é tão único na história da humanidade quanto a física-matemática galeico-cartesiana, que lhe é contemporânea”, diz Auroux. (Ibidem, p. 30). “É às ciências da linguagem que devemos a primeira revolução científica do mundo moderno”, considera o autor. (Ibidem, p. 35).

Segundo Auroux, “o Renascimento europeu é o ponto de inflexão de um processo que conduz a produzir dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo (e não somente dos vernáculos europeus) na base da tradição latina”. (Ibidem, p. 8).

No Brasil, a gramatização das línguas indígenas teve início com a obra *Artes de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, escrita pelo padre José de Anchieta, que

inscreve, dessa forma, o Brasil no movimento de “gramatização de todas as línguas no mundo”, no início do século XVI.

Interessa-nos compreender a relação entre o processo de gramatização no Brasil e a constituição do sujeito nacional, tendo em vista “conhecer a língua e o saber que se constrói sobre ela ao mesmo tempo em que pensamos a formação da sociedade e dos sujeitos que nela existem”. (ORLANDI, 2001e, p. 9).

Pensar a gramática como objeto histórico, como artefato pedagógico e ideológico, leva a um questionamento “sobre o modo como ela inscreve o sujeito na vida social, em relações pelas quais ele se identifica com “seu” grupo social, como sujeito de um Estado, de um país, de uma nação”. (ORLANDI, 2002b, p. 17). Daí a importância que a escola adquire nos processos de individualização do sujeito pelo Estado, quando relacionamos o funcionamento dos instrumentos lingüísticos com a instituição em que eles se praticam, continua a autora. (Loc. cit.).

Embora interesse a este trabalho a história da gramatização da Língua Portuguesa no Brasil e não da língua geral, julgamos pertinente ao nosso tema uma breve reflexão sobre os estudos desenvolvidos por Mariani, acerca da “colonização lingüística”<sup>6</sup>, no sentido de saber sobre as políticas de línguas antecedentes à institucionalização do Português no Brasil, isto é, sobre as políticas de línguas que antecederam ao período histórico sobre o qual incide nosso estudo. Cumpre-nos dizer que nos *programmas* de ensino aqui analisados não há referência às línguas indígenas ou à língua geral.

Mariani, em seu livro intitulado *Colonização Lingüística*, considera que,

no que diz respeito à língua brasílica, há todo um trabalho dos jesuítas de gramatização de uma língua desconhecida e sem escrita, ou seja, a aplicação na língua tupi de um modelo gramatical já em uso de forma a tornar reconhecíveis sons e estruturas desconhecidas. (MARIANI, 2004, p. 96-97).

Essa gramatização, continua a autora, “se realiza pela aplicação dos moldes da gramática portuguesa, herdeira, por sua vez, dos parâmetros das gramáticas latinas”.

A gramatização do tupi se deu, portanto, revestida da tradição latina, produzindo, assim, a ilusão de sentido de que essas duas línguas tinham uma base comum.

Uma vez gramatizada a língua geral, os jesuítas instituíram-na como a língua da catequese, que, em oposição à língua portuguesa, a língua da colonização, compôs uma política de línguas marcada, em território brasileiro, por dois lugares discursivos: de um lado,

---

<sup>6</sup> Cf. Mariani (2004).

a Igreja e, do outro, a Coroa portuguesa.

A expressão *política lingüística* é, segundo Orlandi, “compreendida como uma política sobre a língua e a produção do conhecimento das línguas”. (2002b, p. 96). A autora usa as denominações *política lingüística* e *política das línguas* em seus empregos praticamente sinônimos e considera que

haverá sempre diferentes sentidos a atribuir ao que é a política lingüística, indo-se da tematização formal de uma política lingüística explícita, planejada, assumida claramente como organizacional, até a observação de processos institucionais menos evidentes, presentes de forma implícita nos usos diferenciados das línguas. (Ibidem, p. 95).

A política de línguas praticada no Brasil pela catequese e pelo governo português teve o sentido de colonização (“colonização lingüística”), segundo Mariani (2004, p. 21). A língua portuguesa era a língua da elite administrativa, das autoridades jurídicas e eclesiásticas, dos donatários das capitanias hereditárias, a língua da corte, continua a autora (loc cit.).

As línguas disputavam entre si o espaço brasileiro, mas o Português já dominava a maior fatia, como a língua do “comércio, da jurisprudência, da pedagogia e da administração”. (MARIANI, ibidem, p. 62).

A Língua Portuguesa alcançava, assim, o domínio das instituições, com exceção, ainda, da Igreja, que alimentava o uso crescente da língua geral, uma espécie de língua franca que permitia a comunicação ao longo de quase toda a costa brasileira, de acordo com Mariani. (Loc. cit.).

A gramatização e a dicionarização do tupi, continua a autora, foram ferramentas lingüísticas que lhe trouxeram uma estabilidade que muito contribuiu para a sua aprendizagem e seu uso como língua de comunicação em várias partes do país. Seu conhecimento estendeu-se, dessa forma, a índios e a europeus. (Ibidem, p 96).

Uma vez gramatizado, o tupi, a língua geral (e tem outras denominações<sup>7</sup>: tupinambá, nheengatu, língua brasílica, língua da terra, a língua, brasileiro, dialeto regionalista, tupi jesuítico, tupi catequético, tupi tribal, a língua própria das Nações indígenas), concorria com o Português o estatuto de língua nacional brasileira.

De acordo com Sodré, “tão grave pareceu às autoridades metropolitanas o bilingüismo e tão espantadas ficaram com a extensão que ganhou o tupi, como língua geral, a ponto de ser utilizada até nos púlpitos, que uma provisão de 1727 proibiu seu uso”. (SODRÉ, 1985, p.12).

Nessa relação de forças, torna-se explícita uma política de línguas que aspirava ao

---

<sup>7</sup> Cf. Mariani (2004).

silenciamento da cultura indígena por meio de documentos oficiais, que funcionam discursivamente como mecanismos de exclusão dos múltiplos sentidos que representavam uma ameaça àquele que devia ser legitimado. Para que o sentido do Português como língua oficial do Brasil se evidenciasse, era necessário que a língua geral fosse esquecida.

Em 1757, com a política pombalina, Portugal torna público um documento chamado Diretório dos Índios, que decreta a expulsão dos jesuítas das terras brasileiras, acusados de ensinarem “só” a língua geral:

Observando, pois, todas as Nações polidas do Mundo, este prudente, e sólido sistema nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores de estabelecer nelas o uso da Língua, que chamaram geral, invenção verdadeiramente abominável, e diabólica, para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservaram. (Apud ALMEIDA, 1997, p. 3. Grifos nossos).

Com as expressões assinaladas na citação, queremos destacar o direcionamento de sentidos que o Diretório dos Índios dava à língua geral, uma direção diferente, segundo Mariani, daquela que se encontra no verbete do dicionário do jesuíta Bluteau<sup>8</sup>, onde a língua geral tem o valor de língua matriz, relacionada à idéia de nação. Ao contrário do que diz Bluteau, o Diretório dos Índios relaciona à língua geral o sentido de “invenção diabólica”. (MARIANI, 2004, p. 148).

O autor apresenta, ainda, continua Mariani, as seguintes acepções para *invenção*: (i) “coisa inventada com arte (...) coisa ficticiamente inventada”; (ii) “é a primeira das cinco partes da retórica; que consiste em inventar argumentos verdadeiros ou verossímeis para a probabilidade da matéria em que se fala.”

De acordo com a autora,

fazendo uma relação com a expressão *invenção diabólica* usada por Pombal, pode-se dizer dessa *língua geral* que se trata de uma *coisa ficticiamente inventada* com as artes da *rethorica*. E que por ser *coisa inventada pelos homens*, não é revelada e, portanto, não estabelece relação com Deus. (MARIANI, loc. cit.).

O Diretório dos Índios interditou o uso da língua geral e institucionalizou oficial, exclusiva e definitivamente a Língua Portuguesa no Brasil. (MARIANI, 2004, p. 23). É o que se lê no seu parágrafo 6º:

---

<sup>8</sup> O dicionário de Rafael de Bluteau foi publicado entre 1712 e 1727. (MARIANI, 2004, p. 102).

Para desterrar este perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores, estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos e Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da Língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa, na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual e Temporal do Estado. (Apud ALMEIDA, op. cit.).

Segundo Mariani, “o Diretório dos Índios traz para discussão, com suas afirmações categóricas e silenciamentos, a raiz histórica da formação lingüístico-discursiva da sociedade brasileira do período colonial.” (MARIANI, *ibidem*, p. 148).

É a partir daí que a língua torna-se, de fato, uma questão de estado. Ocorre, então, uma unificação e normatização da língua a ser falada no Brasil, a Língua Portuguesa, um legado português, uma língua de conquistas, que deve ser ensinada e preservada de alterações. (MARIANI, 1990b, p. 9).

Do processo de gramatização da língua geral, comenta a autora, resultou uma produção de instrumentos lingüísticos (gramáticas e dicionários) escritos e divulgados durante os três séculos de colonização, tendo sido, vários deles, feitos e impressos mesmo após a promulgação do Diretório dos Índios. (*Ibidem*, p. 98).

Guimarães afirma que, só a partir da segunda metade do século XIX, os estudos do Português no Brasil ganham expressão num movimento geral das idéias. (GUIMARÃES, 2004, p. 23).

Nesses seus estudos sobre o Português do Brasil, intitulado *História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*, o autor centra sua atenção nos desdobramentos ocorridos a partir do final do século XIX. Para melhor visualização e observação do seu objeto de estudo, a saber, o “movimento que põe em curso o processo de gramatização brasileira do português”, Guimarães organizou o Quadro “Periodização e Cronologia”, onde apresenta os acontecimentos de ordem política e institucional e sua correlação com os estudos do Português no Brasil, dividido em quatro períodos históricos, desde 1532 até 1985. (*Ibidem*, p. 25). Esses períodos, que vão desde 1500, com a chegada oficial dos portugueses ao Brasil, até 1985, levam em conta, “fatos políticos e institucionais”, “fatos culturais ou educacionais” e “estudos de Português”, trazendo para discussão questões como as gramáticas então produzidas (que resultam de estudos sobre o Português do Brasil) e a inclusão da Lingüística nos currículos dos cursos de graduação em Letras pelo Conselho Federal de Educação, dentre outras questões igualmente relevantes.

Tais estudos trazem elementos que permitem pensar com consequência: (i) uma gramática e um dicionário de Língua Portuguesa do e no Brasil; (ii) a passagem da gramática

para a lingüística; (iii) a diferença entre o método normativo e o científico, ou o expositivo e o histórico; (iv) a passagem deste para a descrição e a explicação que são o próprio da lingüística; (v) e a relação do conhecimento lingüístico com o ensino. (ORLANDI, 2002, p. 17). A respeito dessa relação, a autora considera que o modo como a língua é ensinada pode levar à compreensão da forma histórica de nosso sujeito social brasileiro. (Ibidem, p.16-17).

Cumpre-nos dizer que o tempo histórico (1880-1932) que delimitamos para nossa análise coincide com o segundo desses quatro períodos (1881-1932), cujos marcos temporais de que o autor faz uso para delimitá-lo são os seguintes:

i) 1881, com a publicação da *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro, professor do Colégio Culto à Ciência<sup>9</sup>, de Campinas;

ii) e 1932, data que antecede a criação das primeiras Faculdades de Letras no Brasil a partir de 1934, a saber, *a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP)*, em 1934, e *a Faculdade Nacional de Filosofia (com um curso de Letras) da Universidade do Brasil*, no Rio de Janeiro, em 1939.

Assim, o período histórico que delimitamos para este trabalho, que se inscreve no projeto História das idéias lingüísticas, coincide com esse período do Quadro *Periodização e cronologia*, de Guimarães, delimitado por dois marcos temporais, a saber: (i) 1881, com a publicação da Gramática de Júlio Ribeiro; (ii) e 1931, com a publicação da Gramática Histórica da Língua Portuguesa, de M. Said Ali. Esses estudos de Guimarães muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que permitiram-nos observar, por meio dos *programmas* e dos instrumentos lingüísticos que circulavam na Escola Normal, a relação entre o movimento de gramatização brasileira do Português e essa instituição de ensino com os seus saberes, que, de acordo com os *programmas*, deveriam ser transmitidos aos alunos como produto histórico.

Faremos uso desses estudos de Guimarães, pondo-os em relação com a nossa análise, no sentido de investigar se o ensino na Escola Normal foi influenciado pelos “Estudos do Português” publicados durante o período de funcionamento da Escola Normal.

O autor observa que no prefácio à segunda edição da *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro, de 1884, o autor considera que “as antigas gramáticas portuguesas eram mais

<sup>9</sup> Sobre o Colégio Culto à Ciência, de Campinas, ler em ORLANDI (2002b, p. 179): *Colégios Notáveis da História Brasileira: a formação institucional de homens ilustres e de sistemas de idéias*.

Como resultados do projeto História das Idéias Lingüísticas, podem ser encontrados outros trabalhos sobre a instituição escolar no Brasil, a exemplo de FÁVERO, Leonor: *O ensino no Império: 1837-1867 – trinta anos do Imperial Colégio de Pedro II*; SILVA, Mariza Vieira da: *Colégios do Brasil: o Caraça*; e DI RENZO, Ana Maria. *Liceu Cuiabano: Língua Nacional, Religião e Estado*. Esses três trabalhos estão publicados, como parte da tese de doutorado, em: ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Institucionalização dos estudos da Linguagem: A disciplinarização das Idéias Lingüísticas*. Campinas: Pontes, 2002.

dissertações de metafísica do que exposições dos usos da língua”. (RIBEIRO, 1884, p. 28 apud GUIMARÃES, 2004, p. 28). De acordo com a análise de Guimarães, Júlio Ribeiro opõe-se às gramáticas portuguesas e vai buscar na Alemanha (Becker), na Inglaterra (Mason) e nos Estados Unidos (Whitney) outra influência teórica.

É nas primeiras décadas do século XX que se inicia a gramatização no Brasil que surge como um movimento de libertação e de independência de Portugal e se desenvolve sob outras influências que não só as de Portugal (Mason, Whitney, Becker, Bréal e outros), na busca das especificidades da língua aqui falada. (ORLANDI; GUIMARÃES, 1998 apud FÁVERO, 2004, p. 1).

Guimarães considera que a atitude do gramático Júlio Ribeiro, que afeta e modifica a concepção de gramática, inicia um processo de gramatização brasileira do Português, o que corresponde a um distanciamento da influência direta de Portugal. (Ibidem, p. 45-49).

O autor observa ainda que, na década de 1880, outras gramáticas importantes, além da de Júlio Ribeiro, eram elaboradas no Brasil, a saber, *Grammatica da Língua Portuguesa*, de Pacheco Silva e Lameira de Andrade; *Grammatica Portuguesa*, de João Ribeiro; *Grammatica da Língua Portuguesa*, de Alfredo Gomes; e *Grammatica Analytica*, de Maximino Maciel, todas de 1887. “De um modo geral, são gramáticas que procuram atender, segundo dizem seus próprios autores, ao novo Programa de Português para os Exames Preparatórios”<sup>10</sup>, comenta o autor, que chama a atenção, ainda, para a existência, na década de 1880, de uma relação entre a instituição escolar e esses estudos, que produzem um movimento novo que se desdobra para o futuro.

Guimarães afirma que

estas gramáticas vão ter o impacto direto do novo Programa para os Exames Preparatórios. Poderia dizer que este programa será, no domínio da instrução escolar brasileira, o acontecimento que catalisa o processo de gramatização brasileira do português. (Loc. cit.).

De acordo com o autor, em 1881, foi publicada a *Grammatica Philosophica Portuguesa*, de Ernesto Carneiro Ribeiro; em 1888, a *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*, de José de Noronha Nápoles Massa; e em 1889, *Neologismos Indispensáveis e Barbarismos Dispensáveis*, de Castro Lopes.

Outro instrumento lingüístico, continua Guimarães, igualmente merecedor de registro como obra que resultou de estudos sobre o Português do Brasil ainda na década de 1880, é o

---

<sup>10</sup> “Os Exames Preparatórios eram condição para ingresso nos cursos superiores (universitários). (GUIMARÃES, 2004, p. 26). Voltaremos a esse assunto no capítulo 4 deste trabalho.

*Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*, de 1888 (observe-se no título da obra a presença da determinação *brasileiro*), de Antonio Joaquim de Macedo Soares, que já fazia a seguinte observação: “Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil e não como se escreve em Portugal”.

Vale aqui destacar os estudos de Nunes (2002) sobre o aparecimento do saber dicionarístico no Brasil, em seu artigo intitulado *Dicionarização no Brasil: condições e processos*. O autor pesquisa a história do saber lexical no Brasil, considerando que “desde os primeiros relatos de viajantes temos um saber que se volta para os termos empregados no Brasil.” (2002, p. 101). Dentre esses termos, Nunes destaca as nomeações em Língua Portuguesa e os termos indígenas traduzidos e comentados. No que diz respeito à “forma acabada de dicionários”, palavras do autor, ele afirma que “os dicionários bilíngües português-tupi foram os primeiros a aparecer, na Época Colonial (século XVI-XVII)”, e, como dicionário monolíngüe, diz o autor que “o de Moraes (1789) foi o primeiro a ser utilizado amplamente”. (Idem, loc. cit.).

Dizem respeito ao recorte temporal que fizemos para a nossa análise os seguintes dicionários, citados por Nunes em seu trabalho: (i) os dicionários portugueses, de Aulete (1881) e de Figueiredo (1899); (ii) os dicionários de brasileirismos, de Macedo Soares (1888) e Beaurepaire Rohan (1889). (Ibidem, p. 102).

Nas décadas de 1930 e 40, aparecem, segundo o autor, “os primeiros dicionários de língua portuguesa apresentados como brasileiros: Lima e Barroso (1938) e Freire (1939-43)”. (Ibidem, loc. cit.).

Investigaremos, em nosso capítulo 4, de análise dos *programmas*, se os referidos dicionários citados por Nunes, cuja publicação se inscreve no período histórico compreendido entre 1880 e 1932, circulavam no interior da Escola Normal.

No início do século XX, a produção do saber sobre a língua destacava-se com as seguintes publicações, conforme Guimarães. (Ibidem, p. 30):

- 1 - *Estudos da Língua Portuguesa*, de Mario Barreto, publicada em 1903;
- 2 - Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira, publicada em 1907;
- 3 - *Difficuldades da Língua Portuguesa*, de M. Said Ali, publicada em 1908;
- 4 - *Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, publicado em 1920;
- 5 - Monografia sobre o linguajar carioca, de Antenor Nascentes, em 1922;
- 6 - O primeiro dicionário etimológico publicado no Brasil, em 1932, de Antenor Nascentes;
- 7 - *Lições de Português*, de Souza da Silveira, publicado em 1923;
- 8 - *Gramática secundária da Língua Portuguesa*, de Said Ali, publicada em 1924;

9 - *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali, publicada em 1931.

Pondo em relação o período histórico que delimitamos para nossa análise e o Quadro *Periodização e Cronologia* dos Estudos do Português, de Guimarães, observamos que, durante o período de funcionamento da Escola Normal, houve ampla produção de “instrumentos lingüísticos” por autores brasileiros que vão trabalhar a gramatização brasileira do Português.

Interessa-nos investigar, no capítulo 4, de análise, se esses instrumentos lingüísticos eram prescritos pelos *programmas* da Escola Normal.

Guimarães investiga a filiação teórica dessas gramáticas e a concepção de língua que elas defendem, no sentido de compreender as vinculações de autores nacionais sobre o conhecimento lingüístico a certas formações discursivas, e à política de língua proposta por esses gramáticos.

À guisa de exemplificação, trazemos algumas das considerações do autor (*ibidem*, p. 65-66) acerca dos estudos desenvolvidos por Said Ali, destacando a natureza inovadora de sua gramática histórica para as condições brasileiras e de descrição do Português, ou seja, a singularidade das suas descrições do Português:

Said Ali é um gramático cuja autoria se faz numa história brasileira da gramática. Nas suas gramáticas, a secundária, a elementar e a histórica, ele já enuncia de uma posição de autoria brasileira constituída pelos gramáticos do fim do século XIX e início do XX.

O autor prossegue com outras obras, inclusive de Said Ali, cujas datas de publicação não se incluem no período de tempo que determinamos para este trabalho.

A produção de obras que contemplam as singularidades do Português do Brasil promove o afastamento da influência direta de Portugal e, por conseguinte, da “colonização lingüística”, que, tal como Mariani a concebe,

resulta de um processo histórico de encontro entre pelo menos dois imaginários lingüísticos constitutivos de povos culturalmente distintos – línguas com memórias, históricas e políticas de sentidos desiguais, em condições de produção tais que uma dessas línguas – chamada de língua colonizadora – visa impor-se sobre a(s) outra(s) colonizada(s). (MARIANI, 2004, p. 28).

Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que os referidos estudos de Guimarães sobre a gramatização brasileira, um movimento que faz do gramático brasileiro autor do saber sobre a língua do Brasil, caracterizam um processo de descolonização lingüística.

O autor analisa as posições dessas gramáticas, que vão presidir o modo brasileiro de formular as posições prescritivas sobre a língua e, nesse sentido, a participação do processo de gramatização no movimento de formação nacional. (GUIMARÃES, 2004, p. 30).

Para compreender esse processo de gramatização, é necessário pensar a relação da língua com Estado e Nação, uma vez que é a partir dessa relação que se constitui o sujeito nacional. (Cf. ORLANDI, 2001e, p. 9).

Com a criação do Estado Nacional Brasileiro, após a Proclamação da Independência, em 1822, a questão política que relaciona língua e nação passa a constituir um espaço discursivo polêmico em torno de um imaginário lingüístico instituído e uma unidade imaginária, necessária à unificação nacional. Dito de outro modo, necessária à criação da Nação brasileira, do Estado Brasileiro, do brasileiro, uma vez que, territorialmente, o Brasil já estava feito. Importa-nos, portanto, compreender a ação do Estado e suas instituições sobre o sujeito.

A unidade lingüística simboliza, referencia, sustenta e identifica a unidade nacional e, por conseguinte, o sujeito nacional. Esse sujeito é identificado pela língua nacional como membro de uma nação. “E, nesta medida, ele é identificado pela ação da instituição escolar a quem cabe ensinar ao povo a língua nacional.” (GUIMARÃES, 2004, p. 60).

Pensar a construção da nacionalidade brasileira pelo viés da língua convoca uma reflexão sobre unidade e variação quando consideramos o multilingüismo, o multinacionalismo e o multiculturalismo absorvidos dentro da própria nação brasileira, uma reflexão sobre os sistemas homogeneizantes e seu trabalho, com vistas à construção de um monolingüismo imposto pela criação do Estado-Nação.

A constituição do sujeito nacional, sócio-político, se fundamenta, portanto, numa ética que fica tensionada entre um princípio político de unidade (uma ética do Estado que busca a homogeneização) e um princípio político da diferença. (GUIMARÃES, 2004, p. 62).

Nesse sentido, importa-nos compreender o funcionamento da instituição escolar como espaço autorizado para a legitimação de certos saberes, uma vez que essa unidade e essa identidade (Língua/Nação/Estado) têm, como lugares de construção e representação, a gramática, o dicionário e os programas de ensino, como objetos históricos disponíveis para a sociedade brasileira, a partir da escola. (ORLANDI, 2001e, p. 18).

A instrumentalização de uma língua com gramáticas e dicionários aponta para a natureza política da prática científica, visto que esses manuais didáticos fixam e legitimam certos saberes, e não outros, sobre a língua. O seu ensino, assim instrumentalizada, aponta para o funcionamento da escola como um sistema homogeneizante de ensino, apagando as

diferenças, o que produz um efeito de prestígio da variante que o aluno deve ir à escola aprender, sobre as demais variantes lingüísticas.

Esse fato, retomando as PALAVRAS INICIAIS deste trabalho, talvez explique por que o aluno considera a língua da escola “a língua do barão”, reconhecendo, assim, que a escola ensina uma modalidade da Língua Portuguesa, mas existe uma outra modalidade, que é a que ele fala. Do ponto de vista discursivo, temos um sujeito da enunciação que recusa a evidência ideológica de língua única, contra-identificando-se, assim, com a formação discursiva que o domina.

No próximo capítulo, passaremos à discussão do suporte teórico, da construção do *corpus* e dos procedimentos metodológicos que orientarão esta análise.

## 2 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE

*No campo de estudos da linguagem, abrigam-se pressupostos teóricos bastante diferenciados, formulações teóricas bem distintas, onde se recortam, não um objeto único e uniforme, mas vários objetos que não se superpõem plenamente, embora todos reivindicuem a língua como objeto do seu interesse. E a constituição desses diferentes objetos vai indicando também que os estudiosos não possuem uma concepção única de língua.*

(INDURSKY, 2005, p. 35-36)

No capítulo anterior, assinalamos a íntima relação entre língua, escola e nação. Comentamos, de acordo com Auroux, o processo de gramatização dos vernáculos europeus, no início do século XVI, com base na tradição latina, uma “gramatização massiva das línguas do mundo”. (1992, p. 40). Assinalamos ainda nesse capítulo a produção de “instrumentos lingüísticos” por autores brasileiros, que vão trabalhar a gramatização brasileira do Português, de acordo com Guimarães (2004). Pretendemos, agora, apresentar os passos que nos ajudaram, enquanto analistas, a atravessar a opacidade dos textos dos *programmas*.

A constituição do *corpus* discursivo de um trabalho de análise não se confunde com os documentos textuais coletados pelo analista para constituir seu arquivo de pesquisa. Tais documentos representam o *corpus* empírico, que é o suporte textual a partir do qual o analista recorta seqüências discursivas (doravante também referidas como SDs) constitutivas do *corpus* discursivo sobre o qual incidirá a análise. A seleção desses elementos é feita em função do objetivo do analista, do seu campo de pesquisa e da sua filiação disciplinar, levando, ainda, em consideração a questão que ele formulou, a maneira como foi construído o objeto discursivo a partir do *corpus* empírico, as categorias teóricas mobilizadas e as perguntas que o analista faz na compreensão do seu objeto de estudo. (ORLANDI, 2001a, p. 52). As seqüências discursivas são os dizeres recortados que aparentam unidade ou continuidade de sentidos, mas cuja significação pode de fato deslizar ao longo da história, segundo Courtine (1981, p. 25)<sup>11</sup>.

“A delimitação de um *corpus* não segue, pois, critérios empíricos (positivistas), mas teóricos”. (ORLANDI; GUIMARÃES; TARALLO, 1989, p. 32).

---

<sup>11</sup> COURTINE, Jean-Jacques. “Analyse du discours politique”. In: *Langages*, n° 62, Juin, 1981.

Visto isso, ao fazer o recorte do material de pesquisa, o analista está preparando a análise, ou melhor, já está em processo de análise. A organização do *corpus* é, dessa forma, resultado de um trabalho teórico.

De acordo com Orlandi (2002, p. 63), “a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca das propriedades discursivas.”

Em outras palavras, se buscar e organizar o conjunto de textos dos *programmas* da Escola Normal não constituiu tarefa simples, recortar esses *programmas*, a fim de construir o *corpus*, não foi tarefa menos difícil.

Recortar está para a AD assim como segmentar está para a Lingüística. (ORLANDI, 1984, p. 14). O recorte, explica a autora, “é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos os fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, o recorte é um fragmento da situação discursiva. [...] O recorte é naco, é pedaço. Não é segmento mensurável em sua linearidade”. (ORLANDI, *ibidem*, p. 14-16).

Embora a Lingüística e a AD se ocupem dos estudos da linguagem, elas apresentam os seguintes pontos de diferenças: (i) o objeto de estudo dessas disciplinas; (ii) e as noções de língua e texto, de acordo com o ponto de vista de cada uma delas. O objeto de estudo da Lingüística é a língua, compreendida como um sistema homogêneo, fechado, estável e como instrumento de comunicação ideologicamente neutro. A Lingüística trabalha o texto em suas unidades dispostas linearmente, com começo, meio e fim e remete à idéia de informação.

O objeto de estudo da AD é o discurso, definido por Pêcheux como efeito de sentidos entre interlocutores. (1997a, p. 82).

Nessa perspectiva, o discurso não tem começo, meio e fim. Tampouco reduz-se ao nível meramente frasal, linear, mensurável.

Explicando com Orlandi, do ponto de vista discursivo,

o texto não é uma unidade fechada - embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira - pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer). (ORLANDI, 2001d, p. 54)

Temos, portanto, dois procedimentos de trabalho com o texto: de um lado, um trabalho que o compreende dividido em unidades lingüisticamente analisáveis na sua organização interna; de outro, um trabalho interessado em compreender como o texto funciona e produz sentidos, levando em conta a sua exterioridade. Sobre este último,

retomamos as noções de organização e ordem da língua, tais como Orlandi as concebe: “a ordem da língua não é o ordenamento imposto nem a organização enquanto tal, mas a forma material. Interessa ao analista não a classificação, mas o funcionamento.” (2001d, p. 45).

Ao trabalho da análise não interessa, portanto, a classificação da língua como a lingüística o faz, mas o seu funcionamento, ou seja, a língua fazendo sentido na sua relação com a história. A análise de discurso vai além da análise lingüística, das evidências do sentido literal.

A diferença entre ordem e organização da língua diz respeito a dois campos de estudos, a lingüística e a AD, que, conforme já comentamos na página anterior, embora tenham em comum o interesse pela linguagem, diferem em seus objetos: a língua e o discurso, respectivamente.

A relação do texto com outros textos e com a exterioridade faz-nos pensar na sua abertura para a possibilidade de sentidos outros. Daí o interesse que o trabalho de análise tem pelo texto como unidade de análise afetada pelas condições de produção e pela memória.

Do ponto de vista discursivo,

o texto é o lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Sendo assim, ele é trabalho de interpretação. É tarefa do analista compreender tanto como os sentidos estão nele quanto como ele pode ser lido. Esta dimensão ambígua da historicidade do texto mostra que o analista não toma o texto como ponto de partida absoluto nem como ponto de chegada. Ele o considera como lugar em que se podem observar os gestos de interpretação dos sujeitos. (ORLANDI, 2001a, p. 89, grifos nossos).

Marcamos o termo “gestos de interpretação” para destacar aqui que o analista de discurso, em seu trabalho de análise, visa compreender esses gestos de interpretação, que Orlandi define como “lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua”. (2001d, p. 46). Daí uma primeira questão que norteou nossa análise: que gestos de interpretação constituem os *programmas*?

A AD trabalha a língua fazendo sentido e, para tanto, inclui as condições de produção do texto como elementos constitutivos dos processos de significação, considerando, portanto, que os sentidos não se produzem na língua, mas na relação da língua com o que é exterior a ela, e que essa exterioridade não é fixa. Do ponto de vista discursivo, o sentido é, portanto, histórico e, por isso, sempre pode ser outro.

Tais considerações permitem-nos dizer que o analista de discurso recolhe os recortes que constituirão o *corpus* para a análise não como dados, mas como fatos, uma vez que esses elementos são unidades providas de sentidos que se realizam num sujeito historicamente

constituído. “Em análise de discurso não se trabalha com as evidências. O que, em última instância significa dizer que a noção de dado é, ela própria, um efeito ideológico do qual a análise de discurso procura desconstruir a evidência, explicitando seus modos de produção”. (ORLANDI, 2001d, p. 44).

Ao destacar do material empírico as unidades discursivas, o analista passa a ter um dispositivo analítico constituído de fatos, tendo em vista a natureza histórica dos processos de significação própria da AD. Os dados representam elementos considerados em suas evidências, em sua aparente estabilidade; e os fatos, como elementos historicizados.

O recorte do material de análise é um gesto de interpretação do analista. Em outras palavras, nossas perguntas de pesquisa, formuladas logo na apresentação dessa tese, marcam o lugar que construímos, representam nossos gestos de interpretação.

Um mesmo texto pode servir a muitas análises, a muitos *corpora*, cuja configuração vai depender do objeto e dos objetivos de cada análise.

Visto isso, o texto não é um documento, que, numa leitura clássica, conteudista, funciona como prova, portador de uma verdade, de um sentido único, o literal, que, desprovido de historicidade, impede o deslizamento dos sentidos.

Em seus estudos sobre o texto na documentação lingüística<sup>12</sup>, José Horta Nunes (2006) discute o conceito de documento, trazendo duas referências teóricas: Foucault (2000) e Orlandi (2001g). De acordo com a primeira delas,

[...] em nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos.” (FOUCAULT, 2000, p. 8, grifos do autor.).

Analisando o pensamento de Foucault, Nunes considera que “sua crítica à noção de documento nos conduz a evitar considerar o texto documental como algo que viria restituir um sentido único, uma interpretação inquestionável, uma verdade oculta, bem como resgatar uma história já dada”. (2006, p. 6).

Nunes destaca que, apesar dos deslocamentos significativos que Foucault permitiu para a consideração do documento, “ele, no entanto, não tratava do texto em sua instância de formulação”, conforme o concebe Orlandi (2001a).

---

<sup>12</sup> NUNES, José Horta. O texto na documentação lingüística. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Trabalhos em Análise de Discurso*. Documentação Lingüística: Arquivo, Instrumentação, Divulgação. Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. n. 3. IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto: 2006.

Recorrendo a essa segunda referência teórica, Nunes diz que Orlandi, que se dedica ao processo de *formulação* e instauração do texto nos discursos, pressupondo o lingüístico, “localiza a noção de *texto* em relação à de *discurso*, mostrando sua especificidade e sua importância como ‘unidade fundamental de linguagem’”. (2006, p. 6).

Nesse sentido, “o texto é considerado, em sua instância de produção, em sua singularidade, como unidade imaginária que se relaciona com a ideologia, com a língua e a história, e que dá acesso indireto à discursividade”. (NUNES, loc. cit.).

De acordo com a análise que Nunes faz da noção de texto tal como Orlandi (2001a) o concebe, o autor ressalta que pensar o texto como unidade de análise não significa chegar a uma interpretação única, “mas sim compreender os gestos de interpretação que se depreendem do texto e que remetem a filiações discursivas específicas”. (NUNES, loc. cit.).

Interessa, portanto, ao nosso trabalho de análise, compreender como o texto documental, *localizado em relação à noção de discurso*, é organizado, atento às pistas que ele oferece e passando, necessariamente, pelas condições de produção.

Os *programmas* de ensino de Língua Portuguesa da Escola Normal são os textos que constituem o material empírico bruto, a partir do qual fizemos o recorte, direcionado pelos objetivos, metodologia e teoria, das unidades discursivas que vão constituir o *corpus*, igualmente discursivo, para esta análise.

A própria teoria que sustenta esta análise provê a delimitação do *corpus*. Pode-se dizer, então, que *corpus* discursivo é, ao mesmo tempo, processo e produto. É processo porque faz parte do movimento da análise, sendo, pois, condição para que ela se realize; e é produto porque é construído a partir do quadro teórico da AD e passa, por conseguinte, a ser mais uma das noções que a constituem.

## 2.1 DO ARQUIVO AO *CORPUS* DISCURSIVO

O arquivo de pesquisa sobre o qual incide esta análise é constituído dos *programmas* de ensino, sobretudo os de Língua Portuguesa, da Escola Normal do Rio de Janeiro, e por Revistas e Livros, ali consultados, publicados pelo próprio Instituto de Educação.

Conforme já foi dito anteriormente, o tempo histórico do Instituto de Educação do Rio de Janeiro que importa a esta pesquisa é o período em que ele funcionou como Escola Normal (1880-1932), ou seja, desde o ano da sua fundação como *Escola Normal da Côrte* até o ano em que a Escola Normal foi incorporada ao Instituto de Educação, de acordo com o mesmo decreto que o criou.

Esse recorte temporal, como já afirmamos no subcapítulo 1.1, coincide com o segundo período do quadro “Periodização e Cronologia”, organizado por Guimarães (2004, p. 45), que tomaremos como referência ao longo do nosso trabalho.

Todo o nosso material de análise foi localizado após levantamento extenso de documentos no acervo da Biblioteca e do Centro de Memória do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Embora o período de tempo que delimitamos para esta análise seja de 52 anos, não foi possível localizar os *programmas* alusivos a 30 anos desse período. Trabalharemos, portanto, com os 23 *programmas*, que ali nos foram disponibilizados, correspondentes aos anos de 1881; 1888a<sup>13</sup>; 1888b; 1890; 1894; 1899; 1902; 1903; 1904; 1905; 1906; 1907; 1908; 1909; 1910; 1911; 1912; 1913; 1914; 1915; 1917; 1924; e 1929. Apenas quatro deles (1881, 1888a, 1890 e 1928) não foram encontrados em sua forma original, mas transcritos em Revistas e Manuais de Educação, do próprio Instituto de Educação<sup>14</sup>. Os demais *programmas*, alusivos ao período compreendido entre 1894 e 1929, foram encontrados em sua forma original, ou seja, tal como vinham impressos da gráfica. São publicações oficiais impressas em oficinas gráficas<sup>15</sup> então situadas no centro da cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>13</sup> O *programma* de 1888a, por constituir-se apenas do nome das disciplinas de todo o Curso Normal, encontra-se analisado no subcapítulo 3.4.2. O *programma* de 1888b diz respeito à prescrição dos tópicos de estudo de Língua Portuguesa para a segunda série.

<sup>14</sup> Cf. Silveira (1954, p. 12-49).

<sup>15</sup> Observamos no Quadro 1 que os trinta primeiros anos da República marcaram-se pelo amplo funcionamento de oficinas gráficas no centro da cidade do Rio de Janeiro. Esse fato traz um efeito de valorização da modalidade escrita da língua como instrumento de sustentação que punha em exposição e circulação certas idéias e valores. Desde o Império, a imprensa já apresentava seus benefícios. No período monárquico, o *Jornal do Comércio* trazia publicações de artigos em prol da libertação dos escravos. Duas revistas foram fundadas nesse período histórico. São elas: (i) a *Revista Amazônica*, em 1883, por José Veríssimo Dias de Matos, diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro durante os seguintes períodos: (20/3/1910 a 27/6/1910 e 1912 a 1913); (ii) e *A Gazeta Sul Mineira*, no qual eram propagadas idéias republicanas, fundado em São Gonçalo de Sapucaí, no ano de 1885, por Tomás Delfino dos Santos, também diretor da Escola Normal durante o período compreendido entre 1913 e 1914 (data provável).

O *programma* de 1888b foi encontrado em sua forma manuscrita, redigido pelo próprio punho do autor, o professor Fausto Barreto, por ele assinado e datado em 5 de novembro de 1888, conforme podemos observar no Anexo 4.

Apresentamos, no Quadro 1, a seguir, as referidas oficinas gráficas, seguidas do ano de publicação da cada um dos *programmata* ali impressos.

QUADRO 1

Oficinas gráficas onde os *programmata* eram impressos

| ANO DOS <i>PROGRAMMATA</i> ANALISADOS | OFICINA GRÁFICA                                                           |
|---------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|
| 1894                                  | Typographia de Soares & Niemeyer. Rua da Alfandega, 6.                    |
| 1899                                  | Typ. do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C.                           |
| 1902 e 1903                           | Typ. do Instituto Profissional – Boulevard 28 de setembro, 11. 33.        |
| 1904, 1905 e 1906                     | Typographia da “Gazeta de Noticias” Rua Sete de Setembro n. 70.           |
| 1907 e 1908                           | Typ. Carvalhaes. Rua do Ouvidor, 113.                                     |
| 1909                                  | Typ. do “Jornal do Commercio”, de Rodrigues & C.                          |
| 1910                                  | Officinas Graphics do PAIZ – Avenida Central ns. 128, 130 e 132.          |
| 1911                                  | Officinas Graphics do Jornal do Brasil – Avenida Central 110 e 112.       |
| 1912 e 1913                           | Empresa Photo-Mechanica do Brazil, – Rua da Quitanda, 165.                |
| 1914                                  | Pap. E Typ. – Villas-Boas & Comp. – Rua Sete de Setembro, 219 a 225.      |
| 1915                                  | Oscar N. Soares – Rua dos Ourives, 60.                                    |
| 1917 e 1923                           | Typ. do “ <i>Jornal do Commercio</i> ”, de Rodrigues & C.                 |
| 1924 e 1929                           | Officinas Graphics do “Jornal do Brasil” – Avenida Rio Branco, 110 e 112. |

Apresentamos, a seguir, a descrição da capa desses *programmata* institucionais dispostos em ordem cronológica, a partir do ano de 1881, e organizados em dois grupos, a saber: o grupo A, constituído dos *programmata* que encontramos compilados em manuais de educação publicados pelo próprio Instituto de Educação, e o grupo B, constituído dos *programmata* que foram encontrados em sua forma original.

Mantivemos sua ortografia tal como veio impressa da gráfica, com exceção dos *programmata* alusivos aos anos de 1881 e 1890.

A) Transcrição de acordo como as Revistas e Manuais de Educação publicados pelo próprio Instituto de Educação:

1881 - *Programma* organizado de conformidade com o decreto nº 8 025 de 16 de março de 1881, no qual estavam compendiadas as normas observadas no ensino normal da Corte. (Apud SILVEIRA, 1954, p. 12-15).

1888a - *Programma* organizado de acordo com a publicação do decreto nº 10 060 de 13 de outubro de 1888, que continha 182 artigos, assinado por José Fernandes da Costa Júnior, então Ministro do Império.” (Ibidem, p. 22-25).

1888b - *Programma* de exame de portuguez da segunda serie da Escola Normal da Corte. Apresentado em sua forma original, redigido por Fausto Barreto e por ele assinado e datado em 5 de novembro de 1888. (Cf. Anexo 4, ao final deste trabalho)

1890 - *Programma* organizado em conformidade com “o Decreto nº 407 de 17 de maio de 1890, que aprovou o Regulamento para a Escola Normal da Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil”. (Apud SILVEIRA, 1954, p. 28-30).

B) Transcrição da capa original dos *programmas* obtidos na Biblioteca do Instituto de Educação:

1894 - Escola Normal da Capital Federal. Republica dos Estados Unidos do Brazil. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO LECTIVO DE 1894, de accordo com o Regulamento de 22 de Agosto de 1894. Typographia de Soares & Niemeyer. Rua da Alfandega, 6.

1899 - Escola Normal. Programmas do ensino. Rio de Janeiro. Typ. do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C.1899.

1902 - Escola Normal. Programmas do ensino. Instruções para exames, horario e calendario escolar para o anno de 1902. Rio de Janeiro. Typ. do Instituto Profissional – Boulevard 28 de setembro 33.

1903 - Escola Normal. Programmas de ensino (programma para a aula de Portuguez - 3º anno). Rio de Janeiro. Typ. do Instituto Profissional Masculino – Boulevard 28 de setembro 33.

1904 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO, horario, calendario escolar, distribuição provavel do serviço na primeira semana de exames, quadros de faltas e notas de provas mensaes referentes ao anno de 1904. Typographia da “Gazeta de Noticias” Rua Sete de Setembro n. 70.

1905 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO, horario, calendario escolar, quadros de faltas e notas de provas mensaes referentes ao anno de 1904. Typographia da “Gazeta de Noticias” Rua Sete de Setembro n. 70.

1906 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO, horario, calendario escolar, quadro de faltas e notas de provas mensaes referentes ao anno de 1906. Typographia da “Gazeta de Noticias” Rua Sete de Setembro n. 70.

1907 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO DE 1907. Typ. Carvalhaes. Rua do Ouvidor, 113.

1908 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO DE 1908. Typ. Carvalhaes. Rua do Ouvidor, 113.

1909 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO DE 1909. Rua do Ouvidor, 113. Typ. do “Jornal do Commercio”, de Rodrigues & C.

1910 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO DE 1910. Officinas Graphicas do PAIZ – Avenida Central ns. 128,130 e 132.

1911 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO DE 1911. Officinas Graphicas do Jornal do Brasil – Avenida Central 110 e 112.

1912 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO DE 1912. Empresa Photo-Mechanica do Brazil, – Rua da Quitanda, 165.

1913 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DE ENSINO PARA O ANNO DE 1913. Empresa Photo-Mechanica do Brazil, – Rua da Quitanda, 165.

1914 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMA DE ENSINO PARA O ANNO DE 1914. Pap. E Typ. – Villas-Boas & Comp. – Rua Sete de Setembro, 219 a 225. O curso normal estava organizado em 4 ANNOS.

1915 - Escola Normal. Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMA DE ENSINO PARA O ANNO DE 1915. Oscar N. Soares – Rua dos Ourives, 60.

1917 - Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DO ENSINO NA ESCOLA NORMAL DO DISTRICTO FEDERAL. Typ. do “*Jornal do Commercio*”, de Rodrigues & C. (1º, 2º, 3º e 4º ANNOS).

1924 - Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DOS CURSOS DA ESCOLA NORMAL. Officinas Graphicas do “*Jornal do Brasil*” – Avenida Rio Branco, 110 e 112.

1929 - Prefeitura do Districto Federal. Rio de Janeiro. PROGRAMMAS DA ESCOLA NORMAL. Officinas Graphicas do “*Jornal do Brasil*”.

Observamos que até 1903, o tempo de duração do curso normal oscilava entre três e quatro anos. Depois, a partir de 1904, o curso passou a ter quatro anos de duração.

No capítulo 4, analisaremos o teor desses *programmas*. De cada um deles, selecionamos os recortes que constituirão o dispositivo de análise proposto, norteado pelas seguintes perguntas:

A) Em termos da imagem da Língua Portuguesa:

O que era selecionado para ser ensinado?

O que se ensinava como Língua Portuguesa?

B) Em termos de pedagogia de ensino:

Como a Língua Portuguesa era ensinada?

Que instrumentos lingüísticos (gramáticas e dicionários) eram usados?

Que compêndios literários eram usados?

C) Em termos de relação da Língua Portuguesa com outras línguas (e outras nações).

Qual a relação com o Latim?

Haveria relação com as línguas indígenas e africanas?

Tais perguntas tomam como pressuposto um já dito que, provavelmente, circulava e constituía os *programmas* de ensino, ou seja, a existência, a presença da Língua Portuguesa.

Apresentamos, no diagrama a seguir, resumidamente, o modo como construímos nossos procedimentos de análise do *corpus*:

|                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><i>CORPUS</i> EMPÍRICO:<br/> <i>PROGRAMMAS</i> DE ENSINO (1880-1932)</p>                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                           |
| <p><i>CORPUS</i> DISCURSIVO:<br/>         DIVIDIDO EM DOIS RECORTES TEMPORAIS</p>                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                           |
| <p>RECORTE 1: IMPÉRIO.<br/>         (1880-1889)</p> <p>CONSTITUÍDO DE UM CONJUNTO DE<br/>         SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS (SDs)<br/>         RELACIONADAS ÀS QUESTÕES<br/>         FORMULADAS.</p> | <p>RECORTE 2: REPÚBLICA VELHA.<br/>         (1890-1932)</p> <p>CONSTITUÍDO DE UM CONJUNTO DE<br/>         SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS (SDs)<br/>         RELACIONADAS ÀS QUESTÕES<br/>         FORMULADAS.</p> |

Conforme podemos ver nesse diagrama, a partir do *corpus* empírico, construímos um *corpus* discursivo que dividimos em dois recortes temporais, a saber, o Império e a República Velha, cada um deles constituído de SDs que selecionamos de acordo com nossos questionamentos teóricos.

Objetivamos, com isso, visualizar, de forma resumida a construção da metodologia que utilizaremos para orientação da nossa análise.

### 3 DA ESCOLA NORMAL DA CÔRTE AO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

*Seria inviável produzir uma história das idéias sem antes se produzir uma história das instituições assim como um levantamento suficientemente exaustivo dos acontecimentos decisivos no interior destas instituições.*

(GUIMARÃES, 2004, p.14)

Para compreender por que o Instituto de Educação do Rio de Janeiro interessa a este trabalho como lugar de observação das idéias lingüísticas, é preciso considerar o contexto histórico-cultural em que se inscreve a sua fundação e o seu funcionamento. Não se trata aqui de se fazer a história da sociedade brasileira aí incluindo a língua. O que o nosso trabalho, considerando o projeto HIL, propõe é “mostrar como o estudo sobre a história da língua e de seu conhecimento pode nos falar da sociedade e da história política da época, assim como do que resulta como idéias que se constituem e que nos acompanham ao longo de nossa história” (ORLANDI, 2002, p 15-16).

Conforme já dissemos no início do subcapítulo 2.1, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro foi fundado sob a denominação de *Escola Normal do Município da Côrte* em 1880. A partir dessa data, a instituição passou por várias denominações até o ano de 1932, quando foi incorporada a um novo modelo educacional denominado Instituto de Educação do Rio de Janeiro, criado sob o Decreto nº 3810 de 19 de março de 1932<sup>16</sup>, com o objetivo especial de prover a formação técnica de professores primários, secundários e especializados, para o Distrito Federal. O Instituto de Educação resultou, portanto, da incorporação, num só estabelecimento de ensino, da antiga Escola Normal e escolas anexas (escola de aplicação<sup>17</sup> e jardim de infância) com as modificações de estrutura e funcionamento que foram fixadas pelo referido decreto.

---

<sup>16</sup> Cf. Revista INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945.

<sup>17</sup> Ressaltamos aqui que, naquela época, já existiam escolas de aplicação.

Esse novo modelo educacional (que não era um modelo novo) trazia a memória da antiga Escola Normal, uma vez que manteve seu objetivo especial de prover a formação técnica de professores.

Embora, durante todo o período de tempo sobre o qual incide nossa análise, a denominação desse espaço institucional tenha sido Escola Normal, ao longo deste trabalho ele será também referido como Instituto de Educação, nome pelo qual a sociedade carioca o identifica atualmente.

Como Escola Normal, a instituição passou por várias denominações, que iam mudando de acordo com as transformações históricas pelas quais ia passando a atual cidade do Rio de Janeiro. Assim, em 1880, com a permanência da Família Real no Rio de Janeiro, recebeu a denominação de Escola Normal do Município da Corte. A passagem da forma de governo de Império para República trouxe mudança de *status* ao Rio de Janeiro, que deixou de ser Município da Corte para ser Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil, resultando daí, em 1890, um novo nome para a instituição: Escola Normal da Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil. Em 1917, passou a chamar-se Escola Normal do Distrito Federal. Em 1932, a Escola Normal é incorporada a um novo modelo educacional denominado Instituto de Educação<sup>18</sup>, constituído dos cursos normal e ginásial, do grupo escolar e do Jardim de infância, conforme já dissemos anteriormente.

Visto isso, podemos dizer que o Instituto de Educação do Rio de Janeiro é a Escola Normal, que, ao longo de 52 anos, foi sendo auto-ressignificada discursivamente, à medida que se adaptava às sucessivas transformações históricas.

Diversos também foram os endereços<sup>19</sup> pelos quais passou a instituição. Em seus primórdios, a Escola Normal teve suas aulas ministradas nas salas do Externato Pedro Segundo, de acordo com as instruções ministeriais. Mas não se fixou aí. Até ter a sua sede definitiva, passou por diversos endereços na cidade do Rio de Janeiro: das salas do Colégio Pedro II, os trabalhos da Escola Normal da Corte foram transferidos para o edifício da antiga Escola Central (mais tarde denominada Escola Politécnica e, posteriormente, Escola Nacional de Engenharia), onde funcionou durante 8 anos em cursos noturnos. Em 1888, mudou-se para o prédio da Escola Profissional Rivadávia Correia (parte velha do edifício), situada na Praça da Aclamação, hoje da República) onde funcionou até 1914. (SILVEIRA, 1954, p. 10). Nesse mesmo ano, a Escola Estácio de Sá, situada na rua de São Cristóvão, nº 18, cedeu a sua sede à

---

<sup>18</sup> O Instituto de Educação, que tem por fim especial prover a formação do magistério para as escolas municipais, resultou da incorporação, num só estabelecimento, da antiga Escola Normal e das escolas anexas, com as modificações de estrutura e funcionamento, que foram fixadas pelo Decreto nº 3810 de 19 de março de 1932.

<sup>19</sup> Cf. INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p.11 e SILVEIRA, 1954, p. 10.

Escola Normal, que ali permaneceu desde 1914 até outubro de 1930, quando transferiu-se para sede própria na Rua Mariz e Barros, 227, Praça da Bandeira.

A fim de obter melhor visualização dos nomes e endereços pelos quais passou a Escola Normal, apresentamos esses elementos organizados no Quadro 2, a seguir:

## QUADRO 2

Nomes e endereços da Escola Normal (1880-1932)

| ANO  | NOMES                                        | ENDEREÇOS                                                                                         |
|------|----------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1880 | Escola Normal da <i>Côrte</i>                | Colégio Pedro II<br>Rua Marechal Floriano, 80. Centro                                             |
| 1888 | Escola Normal da <i>Côrte</i>                | Escola Nacional de Engenharia,<br>Antiga Escola Central<br>Largo de São Francisco, Centro.        |
| 1890 | Escola Normal da<br>Capital Federal          | No endereço da atual Escola<br>Técnica Rivadávia Corrêa (até 1914)<br>Praça da República. Centro. |
| 1917 | Escola Normal do<br><i>Districto</i> Federal | Rua de S. Cristóvão, 18 (onde<br>funcionara a Escola Estácio de Sá).                              |
| 1930 | Escola Normal do<br><i>Districto</i> Federal | Rua Mariz e Barros, 227, Praça da<br>Bandeira (sede própria)                                      |
| 1932 | Instituto de Educação                        | Rua Mariz e Barros, 227, Praça da<br>Bandeira.                                                    |

A denominação inicial do Instituto de Educação, como *Escola Normal da Côrte*, está intimamente relacionada a um acontecimento que marcou a vida nacional brasileira: a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil em 1808<sup>20</sup>. Em virtude desse acontecimento, que desencadeou a transferência da sede do governo português para o Brasil, elevado, em 1815, à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves, o Rio de Janeiro tornou-se a residência do vice-rei de Portugal. Nesse contexto, por iniciativa de um grupo de interessados em preservar a cultura portuguesa, o Rio foi, desde então, transformando-se num centro cultural onde os cidadãos portugueses não se sentiriam desterrados culturalmente. Assim, criaram-se: a Biblioteca Nacional; o Museu Nacional, em 1918; o Real Gabinete Português de Leitura<sup>21</sup>, em 14/5/1837; a Imprensa Régia; e escolas, a exemplo do Colégio Pedro Segundo, criado em

<sup>20</sup> A corte portuguesa fixou residência no município do Rio de Janeiro, mais precisamente, no bairro de São Cristóvão. Um rico português fez a D. João a oferta da Quinta da Boa Vista, onde se estabeleceu a residência bragantina. (MAIOR, 1974, p. 195).

<sup>21</sup> Cf. CASSANO, Maria da Graça. *O papel das bibliotecas na produção dos sentidos de língua, leitura e nação no Brasil do século XIX*. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2006, como resultado do projeto História das Idéias Lingüísticas.

1837<sup>22</sup> e da Escola Normal do Município da Corte, em 1880, dentre outras instituições de ensino.

O interesse do Município da Corte pela criação de escolas normais, cujo objetivo era formar professores primários, antecede a fundação da Escola Normal da Corte em 1880, tendo em vista que

o decreto nº 6379, de 30 de novembro de 1876, referendado pelo conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, então Ministro do Império do Gabinete Caxias, e mais tarde galardoado com o título de Visconde do Bom Conselho, criou no Município da Corte duas Escolas Normais; e o seu primeiro artigo está assim redigido: *Ficam criadas no Município da Côte, duas escolas normais, uma para professôres e outra para professôras de instrução primária. A Escola Normal de professôres será externa, e a de professôras, internato*. (SILVEIRA, 1945, p. 7).

De acordo com o referido decreto, “a cada uma dessas escolas normais seria anexa uma escola primária do município para que o aluno mestre se adestrasse na prática de ensino”.<sup>23</sup> (Grifo nosso).

O termo destacado nessa citação aponta para a idéia de treinamento por meio de exercícios. Nesse sentido, podemos dizer que a aprendizagem deveria se fazer pelo método da repetição, de acordo com os *programmas*, o que nos leva a pensar numa pretensa manutenção do mesmo.

As duas escolas normais referidas nessa citação, que chegaram a ser inauguradas no Município da Corte, não vingaram: “De tão belos projetos resta apenas um documento: a ata de inauguração [...] que hoje pertence ao Arquivo Nacional.”<sup>24</sup>

Antes do decreto que as criara já existiam no Município da Corte alguns educandários femininos, dentre eles, Colégio da Imaculada Conceição, Colégio Brasileiro, Colégio Almeida Bastos, Colégio Baronesa de Geslin, Colégio Santa Margarida, Colégio Werneck e Colégio Progresso<sup>25</sup>. (SILVEIRA, 1945, p. 70).

Em 5 de abril de 1880, funda-se a *Escola Normal da Côte*, de acordo com o decreto nº 7684 de 6 de março de 1880<sup>26</sup>. Era uma escola de ensino gratuito, que tinha como

<sup>22</sup> Cf. SOUZA, 1999, p. 31.

<sup>23</sup> ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 10.

<sup>24</sup> ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 11.

<sup>25</sup> COLÉGIO s. m. estabelecimento público ou particular, que se dedica ao ensino primário ou secundário. (HOAISS).

<sup>26</sup> Apud Silveira (1954, p. 9).

finalidade preparar professores primários do 1º e 2º graus, compreendendo dois cursos: o de ciências e letras e o de artes<sup>27</sup>, conforme podemos ler a seguir:

De acordo com o artigo 1º do Decreto nº 80 025 de 16 de março de 1881, “a Escola Normal da Corte tem por fim preparar professores primários do 1º e 2º grau (*sic*): o ensino nela distribuído será gratuito, destinado a ambos os sexos, e compreenderá dois cursos - o de ciências e letras e o de artes.”<sup>28</sup> (Grifo nosso).

Assinalamos o adjetivo “primários” para destacar os interesses educacionais dos governantes com uma determinada faixa etária da formação humana: a infância. E a Escola Normal veio como o sistema homogeneizante, conforme veremos no subcapítulo 3.3, que deveria se ocupar da padronização de idéias, metas, valores e saberes que deveria ter início já no ensino primário.

Podemos perceber nessa citação uma contradição: o ensino era “gratuito”, mas não era para todos. Tamanho rigor para a seleção de candidatos, conforme veremos logo a seguir, num período da história brasileira em que saber ler e escrever era privilégio de poucos, levamos a pensar que a gratuidade da Escola Normal não significava popularização do ensino. Para quem era esse ensino “gratuito”?

Os candidatos às vagas ali oferecidas eram submetidos a um rigoroso processo seletivo. Para matricular-se na primeira série, o aluno deveria cumprir, de acordo com o Artigo 11 do Decreto 8025 de 16 de março de 1881<sup>29</sup>, as seguintes exigências: (i) documento de comprovação de idade mínima de 16 anos para os meninos e de 15 anos para as meninas; (ii) aprovação em exame de admissão prestado na conformidade do aludido Decreto, e que versará sobre leitura, escrita, noções de gramática e as quatro operações fundamentais da aritmética (Grifos nossos); (iii) atestados de moralidade passados pelos respectivos párocos. Quando o matriculado era católico, bastava a apresentação do atestado do seu pastor, ou de duas pessoas conceituadas residentes no *Município da Corte*. Esses atestados deviam ser reconhecidos por tabelião público.

A exigência do conhecimento de “noções de gramática” no exame de admissão projeta uma certa imagem de língua e pressupõe candidatos que já vinham com alguma concepção de língua.

Vale aqui reiterar, conforme já vimos no subcapítulo 1.1, de acordo com Guimarães, que em 1881 foi publicada a *Grammatica Portuguesa*, de Júlio Ribeiro, que buscou outras

<sup>27</sup> Apud Silveira (1954, p. 12).

<sup>28</sup> Apud Silveira (1954, p. 12).

<sup>29</sup> Apud Silveira (1954, p. 16).

influências teóricas na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Essa atitude de João Ribeiro, assinala Guimarães, “corresponde a um distanciamento da influência direta de Portugal”.

Não foi possível saber na leitura dos *programmas* se, em seus primórdios, a Escola Normal adotava essa gramática, mas recorrendo à tese de doutorado de Razzini (2000), constatamos, no programa de ensino<sup>30</sup> do ano de 1882 do Colégio Pedro II, que esse estabelecimento de ensino adotava a *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro.

Considerando que o Colégio Pedro II era modelo de ensino imposto às demais escolas brasileiras, inclusive às escolas normais, e principal referência em Letras até a criação das Faculdades de Filosofia nos anos 1930, assunto que discutiremos no subcapítulo 3.1, a seguir, pressupomos que a referida gramática era adotada também pela Escola Normal.

Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que a Escola Normal, com um rigoroso processo seletivo, iria ratificar e aprimorar o conhecimento de “noções de gramática” exigido no exame de admissão, seguindo, talvez, Júlio Ribeiro, ou seja, tem um interdiscurso funcionando aí, uma tradição de sentidos. “O interdiscurso é o já dito que sustenta a possibilidade mesma de dizer: conjunto do dizível que torna possível o dizer que reside no fato de que algo fala antes, em algum outro lugar.” (ORLANDI, 1998b).

De acordo com Pêcheux,

o interdiscurso é, perpetuamente, o lugar de um ‘trabalho’ de reconfiguração no qual uma formação discursiva é levada, em função dos interesses ideológicos que ela representa, a absorver elementos *pré-construídos* produzidos fora dela, associando-os metonimicamente a seus próprios elementos por *efeitos transversos* que os incorporam, na evidência de um novo sentido em que eles são ‘acolhidos’ e fundados (com base em um novo terreno de evidências que os absorve) por meio do que chamamos ‘um retorno do saber ao pensamento’: em suma, um trabalho de unificação do pensamento, em que as subordinações se realizam ao se apagarem na *extensão* sinonímica da paráfrase-reformulação. (1988, p. 278).

O que está em jogo é a administração, a domesticação dos sentidos de língua pela instituição.

A solenidade de inauguração da *Escola Normal do Município da Côrte* ocorreu no salão do Externato do Imperial Colégio de Pedro Segundo, na presença, dentre outras

---

<sup>30</sup> “[...] Muito embora a maioria dos programas tenha sido desenvolvida para o Colégio de Pedro II, pode-se afirmar que representam, em certa medida, os programas do ensino secundário oficial, tendo-se em vista que o referido Colégio era considerado modelo para os outros estabelecimentos secundários do país.” Cf. VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998. 406 p. p. vii.

autoridades, de Sua Majestade o Imperador o Senhor Dom Pedro Segundo, Sua Majestade a Imperatriz Dona Leopoldina, Sua Excelência o Senhor Conselheiro Barão Homem de Melo, Ministro e Secretário de Estado e dos negócios do Império, o Bacharel Benjamim Constant Botelho de Magalhães (Diretor Interino da Escola Normal), os Professores e Substitutos da mesma Escola.<sup>31</sup>

A presença dos representantes do Império e demais autoridades no salão “repleto” produz um efeito do sentido de realeza da cerimônia e de importância desse acontecimento para o *Município da Côrte*.

As aulas da *Escola Normal* foram, inicialmente, ministradas nas salas do Externato Pedro II, de acordo com as instruções ministeriais. Esse espaço físico como sede inaugural, embora provisória, é significativo da rede de filiação de sentidos em que se inscreve a criação da Escola Normal.

Tendo em vista a presença da Família Real na cerimônia de fundação da Escola Normal numa das salas do Colégio Pedro Segundo, onde ela funcionou em seus primórdios, e sendo este considerado referência nacional de tradição e qualidade de ensino, cumpre-nos trazer para nossa reflexão, um breve histórico desse colégio que se funda “com a aura de ostentar o nome do próprio Imperador”<sup>32</sup>, no sentido de observar as possíveis vinculações das escolas brasileiras, sobretudo da Escola Normal, à sua organização e funcionamento.

---

<sup>31</sup> Cf. ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO (1945, p. 9).

<sup>32</sup> Cf. Souza (1999, P. 31)

### 3.1 COLLEGIO PEDRO II: UM MODELO PARA A ESCOLA NORMAL?

O Colégio Pedro II tem suas origens no Seminário de S. Joaquim<sup>33</sup>, criado em 8 de junho de 1739, como Seminário de Órfãos de São Pedro. Instalado nas costas da Igreja de São Pedro, no centro da cidade do Rio de Janeiro, ali estudavam e aprendiam algum ofício, provavelmente, meninos órfãos com vistas ao ingresso no estado Eclesiástico. (FÁVERO, 2002, p. 68-86).

Devido às suas instalações insuficientes e à sua localização no centro da cidade, o que impedia a concentração necessária aos estudos, o Seminário foi transferido, em 1766, para novas instalações na rua do Valongo. Desde então, seus alunos passaram a ser denominados Órfãos de S. Joaquim e, mais tarde, Seminaristas de S. Joaquim, em virtude de uma capela sob invocação do Santo, lá existente.

Extinto em 5 de janeiro de 1818 pelo Príncipe Regente, o Seminário de São Joaquim foi restabelecido em 19 de maio de 1821, diante da reação popular indignada com o fechamento da Instituição, pelo Príncipe Regente D. Pedro, que lhe restituiu o patrimônio.

Na tentativa de organizar de alguma forma o ensino, a partir do Ato Adicional de 1834 são criados no Brasil os liceus provinciais que consistiam, na prática, de aulas avulsas reunidas num mesmo prédio: em 1879, o Liceu Cuiabano<sup>34</sup> em Mato Grosso; em 1835, o Ateneu no Rio Grande do Norte; em 1836, os liceus da Bahia e da Paraíba; e, em 1837, o Colégio de Pedro II, no *Município da Côrte*.

Fávero diz que “em 1837, o antigo Seminário de São Joaquim foi transformado em colégio de instrução secundária com o nome<sup>35</sup> de Colégio de Pedro II”, que mais tarde viria a ser tomado como padrão de ensino secundário no Brasil, durante muitos anos. (Ibidem, p. 70).

Com a Proclamação da República, o Colégio Pedro II foi renomeado, ainda em 1889,

<sup>33</sup> O estabelecimento que deu origem ao Colégio Pedro II foi o Real Colégio de São Joaquim. (SOUZA, 1999, p. 30).

<sup>34</sup> Cf. DI RENZO, Ana Maria. *A constituição do Estado Brasileiro e a Imposição do Português como língua nacional: uma história em Mato Grosso*. 2005. Tese de Doutorado, pela Unicamp, como resultado do Projeto História das Idéias Lingüísticas.

<sup>35</sup> “Esse estabelecimento de ensino guarda algumas especificidades quanto à sua denominação, a saber: no Decreto de Fundação consta: ‘Art. 2º: Este Collegio é denominado Collegio de Pedro II’; no primeiro Regulamento de 1838, encontra-se ‘Contém os Estatutos para o Collegio de Pedro II’; porém, em vários documentos, inclusive nos programas de ensino, aparece a denominação Imperial Collegio de Pedro II; em 1890 passou a chamar-se Gymnasio Nacional; em 1911, Collegio Pedro II e posteriormente esse nome é alterado apenas na grafia, Colegio Pedro II.”

Cf. VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998. 406 p.

como ‘Instituto Nacional de Instrução Secundária’. No ano seguinte, passou a denominar-se “Ginásio Nacional”. (RAZZINI, 2000, p. 86). Dito de outra forma, o Colégio Pedro II foi ressignificando-se, ao longo dos anos, de acordo com as transformações históricas. A repetição do modalizador “nacional” nas duas sucessivas denominações da instituição aponta para sua inscrição no movimento de criação do estado nacional brasileiro.

O Governo não pretendia que o Colégio Pedro II substituísse as escolas particulares, mas que servisse de norma, de modelo a ser seguido por elas. Tal orientação de ensino aparece no discurso proferido por Bernardo Pereira de Vasconcelos<sup>36</sup> no ato de inauguração<sup>37</sup>: “[...] o intento do regente Interino, com a criação deste Colégio, é oferecer um exemplar ou norma aos que já se acham instituídos nesta Capital por alguns particulares, convencido como está de que a educação colegial é preferível à educação privada”.

Souza diz que “o Colégio Pedro II conservou o *status* de estabelecimento padrão para o ensino secundário obtido desde o século XIX”. O autor, em seu trabalho intitulado *O Império da Eloquência*, em que toma como objeto de estudo o Colégio Pedro II e, como *corpus*, os programas de ensino dessa instituição, questiona, entretanto, a data a partir da qual a instituição passou a ser modelo de ensino. (SOUZA, 1999, p. 95 e 157). Cotejando o ano de fundação do Colégio Pedro II (1837) e o ano do primeiro programa ali encontrado (1850), Souza traz-nos as seguintes considerações acerca do estatuto do ensino padrão do Colégio Pedro II:

Nada encontramos anteriormente a 1850, o que é indício de que a prática de publicar os programas se inaugurou naquele ano, cabendo registrar-se, no entanto, que a data da fundação do Colégio é 1837. Pode-se supor, assim, que nos seus treze primeiros anos de existência a organização era incipiente e não havia sido ainda alcançado o *status* de estabelecimento padrão do ensino oficial, que justificasse ou mesmo tornasse obrigatórias as publicações. (SOUZA, loc. cit.).

A filiação das escolas brasileiras ao Colégio Pedro II não se restringia ao ensino público. Também as escolas particulares deviam obediência às diretrizes do *Imperial Colégio de Pedro II*, concebido como escola modelo para os estabelecimentos particulares, destinados

---

<sup>36</sup> “Por ocasião da inauguração do Imperial Colégio de Pedro II, em 25 de março de 1883, o então Ministro da Justiça e Interino do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, em seu discurso, explicitou que o novo Colégio serviria de padrão aos demais do gênero. Conseqüentemente, era o foco de atenção das autoridades educacionais do poder central.” Cf. VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-195*. Curitiba: Ed. Do Autor, 1998. 406 p.

<sup>37</sup> Revista *Studia*, Ano I, n. 1, Colégio D. Pedro II, 1950, p. 177-9 apud Fávero (2002, p.70).

ao ensino propedêutico<sup>38</sup>. Essa era a condição para funcionamento dessas escolas e para sua credibilidade como centro de ensino.

A repetição do modelo de ensino e o ideal de completude (havia um modelo imposto e não o era apenas às escolas públicas, mas às particulares também) apontam para a aspiração à criação de redes de escolas que garantiriam uma pretensa padronização de certos valores e idéias, cujo suporte de divulgação seria a Língua Portuguesa. Essas escolas eram os liceus, os ateneus, as escolas normais, os colégios militares, incluindo a Escola Naval. Destaca-se ainda, dentre essas instituições, a Escola Central, mais tarde denominada Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil. Conforme dissemos no subcapítulo 1.1, importava a uma ética do Estado essa pretensa padronização de idéias e valores, que sustentaria a constituição do sujeito nacional, de acordo com Guimarães (2004, p. 30).

Segundo Kulesza (1998, p. 63), “no Brasil, os Liceus, essencialmente masculinos e dedicados à preparação para o ingresso no ensino superior, tiveram sempre como modelo o Imperial Colégio de Pedro II, no Rio de Janeiro”. Podemos citar, a exemplo desse fato, o Liceu de Porto Alegre, de acordo com Kraemer Neto:

Para isso, necessária é a criação de um Liceu nesta capital, [...] distribuindo-se todas essas matérias em seis anos de estudo, tudo conforme os Estatutos, que tenho a honra de oferecer à vossa consideração, organizados segundo o método simultâneo adotados nos colégios da Europa e no de Pedro II no Rio de Janeiro, do qual se tem obtido os melhores resultados. (KRAEMER NETO, 1969, p. 165, grifo nosso).

Queremos destacar, com a parte sublinhada que, de acordo com os especialistas em Educação, havia uma equiparação do então sistema educacional brasileiro ao modelo europeu de ensino. Que concepção de língua estaria sustentando as idéias e a produção dos saberes que circulariam no interior das escolas brasileiras? Compreendemos que o mesmo político que permeia a determinação de um sistema de ensino institui também uma política de línguas.

De acordo com a citação acima, o Colégio Pedro II representaria no Brasil os interesses culturais europeus. Diversos foram os estabelecimentos de ensino que, de acordo com Souza, se constituíram à sua imagem:

o Colégio Stall, o Abílio, o Meneses Vieira, o Progresso, o Externato Aquino (Rio de Janeiro); os Colégios do Caraça, de Campo Belo e de Congonhas do Campo (Minas Gerais); o Colégio São Pedro de Alcântara (Petrópolis); o Ginásio Baiano e o Colégio São João (Bahia); o Colégio São Luís e o da Sociedade Culto à Ciência (São Paulo); o Ateneu Sergipano. (SOUZA, op. cit., p. 30).

---

<sup>38</sup> O ensino propedêutico tinha por finalidade preparar alunos para o ingresso nos cursos de ensino superior. Cf. ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1949, p. 16, v. II, n. 2.

Segundo Souza, aos alunos que se formavam no Colégio Pedro II, era concedido o título de bacharel em Letras. (Loc. cit.). Desde antes da sua fundação, em 1837, durante o funcionamento do Real Colégio de São Joaquim, até a criação das Faculdades de Filosofia, nos anos 30 do século passado, o Colégio Pedro II tornou-se a principal referência acadêmica em Letras. Os grandes colégios que eram filiados ao Colégio Pedro II também constituíam verdadeiros centros universitários de Letras, continua o autor.

A esse modelo de ensino, de filiação européia, também estava filiada a Escola Normal do Rio de Janeiro, não só pela sua criação numa sala anexa ao Colégio Pedro II, mas também pela equiparação do seu currículo ao do Colégio Pedro II “simplesmente pela adição de uma cadeira de Pedagogia ao currículo”, conforme Kulesza (1998, p. 65). As demais disciplinas eram, portanto, comuns ao curso propedêutico do Colégio Pedro II e ao curso normal da Escola Normal.

Durante um século, o Colégio Pedro II gerenciou os sentidos da Língua Portuguesa no Brasil, determinando valores, metas e idéias para a formação de homens que dirigiriam o Brasil.

Tendo em vista essas considerações, constatamos que durante todo o período histórico (1880-1932) que delimitamos para a nossa análise, a Escola Normal do Rio de Janeiro teve seu funcionamento vinculado ao Colégio Pedro II, que serviu ao poder como instrumento de controle de discursos sobre a língua até a década de 1930. Esse modelo institucional de ensino foi a única referência acadêmica em Letras no Brasil, até essa data, quando foram criadas no Brasil as duas primeiras Faculdades de Filosofia com um curso de Letras: o primeiro, em 1934, da Universidade de São Paulo; e o segundo, em 1939, da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

O funcionamento do Colégio Pedro II como modelo de ensino, inclusive para a Escola Normal, reiteramos, garantiu a expansão e divulgação do sistema europeu de ensino e, do nosso ponto de vista, de uma certa circulação de idéias sobre a língua como instituição do Estado. Melhor dizendo: sobre uma necessária unidade e homogeneidade lingüísticas como um dos elementos garantidores de um Estado unificado.

As escolas brasileiras estavam filiadas a uma mesma matriz de sentidos, representada pela regularidade com que eram visitadas pelo Imperador D. Pedro II, conforme podemos observar no subcapítulo 3.1.1, a seguir.

### 3.1.1 A PRESENÇA DO IMPERADOR D. PEDRO II NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Conforme vimos no subcapítulo anterior, a denominação Colégio (de) Pedro II, que inscreveu o Império na história da educação brasileira, projetava uma imagem de superioridade dessa instituição sobre as demais, um sentido de autoridade e de ensino legítimo e verdadeiro. Imagem essa que era reforçada pela presença vigilante e freqüente de D. Pedro II nas escolas brasileiras<sup>39</sup>.

Observamos inicialmente esse controle, no colégio que ostentava o nome do Imperador, que ali, e a partir dali, direcionava os sentidos da educação brasileira, conforme podemos ler na citação a seguir:

Com a criação do Colégio Pedro II, tentou-se fazer o modelo da escola secundária, que deveria ser seguido. O nível de ensino era realmente muito melhor do que outros congêneres [...]. [...] foi a escola secundária mais bem organizada, além de ser a única oficial existente durante muito tempo. Suas classes eram pouco numerosas, havia uma fiscalização constante do trabalho dos professores, que eram nomeados<sup>40</sup> pelo Imperador (que às vezes chegava a fiscalizar pessoalmente o rendimento desses professores) e o currículo era bem carregado (Sidney Barbosa, em Perrone-Moisés, 1988, p. 64 apud SOUZA, 1999, p. 31. Grifo nosso).

A expressão “classes pouco numerosas” aponta para um fator que, junto a outros deles, talvez justifique a excelência de ensino a que se aspirava, uma vez que as turmas com número reduzido de estudantes facilitam a interação professor-aluno, a participação do aluno durante as aulas, enfim, o controle das idéias, manifesto na “fiscalização pessoal” do Imperador.

Tal vigilância, entretanto, não se limitava ao Colégio Pedro II. Incentivador da criação das Escolas Normais e dos Liceus<sup>41</sup>, o Imperador estava sempre presente em solenidades de fundação e de encerramento das escolas brasileiras, em ocasiões festivas e, sobretudo, durante o ano letivo, conforme podemos ler nas duas citações a seguir:

<sup>39</sup> A popularidade do Imperador Dom Pedro II estendia-se ao mundo da ficção, conforme podemos observar nos dois trechos a seguir:

a) “[...] ali estão as grandes poltronas vazias com florões e grinaldas em relevo; [...] o consolo de mármore branco estriado de azul, sobre o qual branquejava uma estatueta de D. Pedro II.[...]”;

b) “A mão acariciando o bigode e tossindo antes de começar, o velho Olivério conta mais uma vez a história da visita do Imperador a Jacarecanga.

- Nesta sala jantou D. Pedro II, que Deus o tenha. Eu me lembro como se fosse ontem. Eu era um menino, mas compreendi a importância da coisa. Papai se fardou de General para esperar o Imperador. Quando Sua Majestade surgiu ali na porta, senti uma coisa esquisita na garganta, quis dizer a frase que tinha decorado, mas não pude... Me ajoelhei e beijei a mão do Imperador. O velho me olhou e sorriu.”

(VERÍSSIMO, Érico. *Música ao longe*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, p. 16-18).

<sup>40</sup> Os professores eram nomeados pelo governo até 1847, ano a partir do qual tem início a prática dos concursos públicos para o magistério. Cf. Souza (1999, p. 31).

<sup>41</sup> D. Pedro II (Rio de Janeiro, RJ 1825 – Paris, França 1891. Disponível em:

<[www.itaucultural.org.br/aplicexternas/poesia/index.cfm?fuseaction...](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/poesia/index.cfm?fuseaction...)>. Acesso em: 11 nov. 2005.

Não era novidade todavia a idéia de uma escola normal na Côrte. A 25 de março de 1875 inaugurara o Senador Corrêa, em prédio da rua Larga, de S. Joaquim, uma escola de caráter particular, com o fito de preparar mestres competentes para o curso primário. De três anos apenas constava o curso e aos alunos que o concluíssem era conferido um anel simbólico. A 20 de dezembro de 1875 encerrou suas aulas a escola, notando-se no ato de encerramento, que foi solene, a presença do Imperador. Presente estivera o monarca também ao ato de inauguração.<sup>42</sup>(Grifo nosso).

No dia 5 de abril de 1880 foi inaugurada a Escola Normal do Município da Corte, na presença do Imperador, da Imperatriz, [...]”. (SILVEIRA, 1954, p.10, grifo nosso).

Na ausência do Imperador nas solenidades de cerimônia de inauguração de uma *Escola Normal na Côrte* em 1876, compareceu sua filha, a Princesa Isabel:

A lei orçamentária de 75 autorizava a criação de escolas normais primárias, e, portanto, a iniciativa particular do Senador Corrêa era agora dispensável. Fechou-se a escola da rua Larga. A 2 de dezembro de 76 foi lançada a pedra fundamental de nova escola na esquina da rua da Relação com a dos Inválidos. Viajava então Pedro Segundo pela Europa e ocupava a regência a Princesa Isabel. A cerimônia de inauguração realizou-se “as duas horas da tarde, com a presença da Regente, Ministros e pessoas gradas; o bispo D. Pedro Maria de Lacerda benzeu a pedra fundamental e Bethencourt da Silva, Diretor do Liceu de Artes e Ofícios e arquiteto autor do projeto, pronunciou um discurso. (ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, loc. cit., grifo nosso).

A escola era, portanto, uma instituição controlada pela Corte Portuguesa no Brasil, e, por conseguinte, regulada pela língua do Imperador.

A presença real não se limitava às escolas públicas. Também as escolas particulares eram fiscalizadas pelo Imperador, o que lhes conferia *status* de “acreditado colégio”:

[...] e, assim, para não humilhar estudantes pobres, mas aplicados e cortezes, o prof. João Pedro de Aquino [terceiro diretor (1886-1888) da Escola Normal],<sup>43</sup> não lhes cobrava taxas de matrículas, mensalidades, considerando um verdadeiro prêmio a gratuidade no seu acreditado colégio, visitado pelo imortal Dom Pedro II e conspícuas figuras do áureo segundo reinado. (SILVEIRA, 1954, p. 61).

A gratuidade do ensino do Externato Aquino para alunos pobres pressupõe-no como provedor da escolaridade desses alunos. A visita do Imperador ao Externato conferia-lhe prestígio social e cultural.

Podemos observar, nas duas citações a seguir, a confiabilidade do Imperador nos diretores da Escola Normal:

<sup>42</sup> Cf. ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 10.

<sup>43</sup> Diretor da Escola Normal, fundador e diretor do Externato Aquino no Rio de Janeiro.

Sancho de Barros Pimentel foi escolhido por D. Pedro II para substituir Benjamin Constant como 2º diretor (1885-1886?) da Escola Normal da Corte. (SILVEIRA, 1954, p. 60).

Dr. João Pedro de Aquino foi escolhido pelo Imperador D. Pedro II como ‘mestre-particular’ do seu neto Dom Augusto, que seguiria a carreira naval. (SILVEIRA, ibidem, p. 63).

O Imperador estava presente em cerimônias acadêmicas que envolviam futuros diretores da Escola Normal. Conforme podemos ler a seguir, a presença do Imperador confere legitimidade à construção do saber acadêmico, sobretudo na área de Medicina. Os futuros diretores estavam, assim, prévia e duplamente legitimados pelo tipo de saber e pelo Imperador:

Joaquim Abílio Borges, [diretor da Escola Normal da Corte (1891-1893?)], publicou obras sobre Economia Política e Filosofia do Direito. Imprimiu a conferência que leu, na presença do inesquecível Dom Pedro II, sobre a Travessia e exploração geográfica do continente americano por Capelli e Ivens e vários livros de leitura para classes primárias e secundárias. (SILVEIRA, ibidem, p. 71, grifo nosso).

Tomás Delfino dos Santos, [diretor da Escola Normal (1913-1914?)], concluiu, em 1882, o curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Município da Corte, com apresentação da tese “obrigatória” sobre “Que melhoramentos materiais devem ser introduzidos na cidade do Rio de Janeiro para torná-la mais salubre?”. Foi escolhido orador da solenidade da colação de grau, que foi presidida pelo indelével D. Pedro II, e o seu discurso, que foi impresso, constituiu um folheto de vinte e cinco páginas. (SILVEIRA, ibidem, p. 81, grifo nosso).

Alfredo do Nascimento e Silva, [diretor da Escola Normal (1920-1922?)], habilitado nos exames preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual se doutorou em 26 de dezembro de 1888, tendo apresentado sua tese sobre Receptividade Mórvida. Presidiu a cerimônia de formatura o magnânimo Imperador, que havia regressado da viagem ao continente europeu. (SILVEIRA, ibidem, p. 91, grifo nosso).

A reinauguração das escolas normais em presença do Imperador reforçava seu valor institucional de escola necessária à preparação de professores que deveriam se ocupar da formação da infância brasileira:

[...] em 29 de junho de 1862, quando a Escola Normal de Niterói foi festivamente reinaugurada pelo Imperador D. Pedro II [...] <sup>44</sup>. (Grifo nosso).

---

<sup>44</sup> Disponível em: <[www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/sub\\_mat.asp?seq=16&sub\\_mat=1](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/sub_mat.asp?seq=16&sub_mat=1)>. Acesso em: 6 nov. 2005, 7:40.

Na citação a seguir, podemos perceber na expressão grifada o efeito de grandiosidade da solenidade de fundação do Colégio Pedro II, em presença de Pedro II, mesmo antes de ele ser Imperador do Brasil:

[...] o Colégio Pedro II foi inaugurado em 25 de março de 1838, com a presença do futuro imperador, suas irmãs e 'quase todo o Rio intelectual.' (FÁVERO, 2002, p. 70, grifo nosso).

Nas regiões mais distantes do Município da Corte, estava presente o Imperador nas solenidades escolares:

Por ocasião da inauguração do Liceu Dom Afonso em Porto Alegre, na rua da Igreja, dignou-se Sua Majestade o Imperador lançar a primeira pedra deste edifício com as formalidades de costume, depositando na caixa da pedra uma medalha de ouro com a seguinte inscrição: NO REINADO E PRESENÇA DE S. M. I. SE PRINCIPIOU A CONSTRUIR ÊSTE LICEO. - PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO SUL, PÔRTO ALEGRE - 1846. (KRAEMER NETO, 1969, p. 165, grifo nosso).

A regularidade das visitas do Imperador às escolas aponta para a íntima relação entre o poder vigente e as instituições. As idéias e saberes eram rigorosamente controladas a partir de escolas que estavam filiadas a uma mesma matriz de sentidos e, por conseguinte, a uma mesma concepção de língua: a língua do Imperador.

### 3.2 OS IDEAIS POLÍTICOS E FILOSÓFICOS QUE FUNDARAM A *ESCOLA NORMAL DA CÔRTE*

O recorte temporal que delimitamos para esta análise (fins do século XIX e início do século XX) diz respeito a um período histórico marcado pela mudança de paradigma do pensamento humano.

Com a Revolução Industrial no século XVIII, ciência e técnica aliadas transformam o ambiente humano.

Nesse ambiente cientificista, em que a ciência a tudo daria respostas irrefutáveis e eternas e seria capaz de promover o bem-estar social, desenvolve-se, no século XIX, o pensamento positivista, cujo principal representante na França foi Auguste Comte (1789-1857).

De acordo com os estudos desse pensador francês, o espírito humano teria passado por três estados históricos diferentes: o teológico, o metafísico e o positivo. O termo positivo designa certeza e precisão.

O estado positivo, decorrente do aparecimento das ciências, ou seja, do conhecimento das relações invariáveis dos fatos por meio das observações e do raciocínio, opõe-se aos estados teológico e metafísico. Essas duas formas de pensamento explicavam o mundo, respectivamente, a partir de uma causalidade sobrenatural, ou seja, da ação dos deuses, e a partir da descrição do fenômeno. O Positivismo preconiza a sistematização das ciências (a química, a física, a história natural). De acordo com o pensamento positivista, ficam banidos da Filosofia, portanto, os mitos, a religião, a metafísica e as crenças em geral. Só a ciência poderia dar a tudo respostas irrefutáveis e eternas. Só a ciência objetiva seria capaz de promover o bem-estar social porque suas descobertas são verificáveis do ponto de vista da utilidade e do fim a que se destinam.

No Brasil, o Positivismo teve vários seguidores, a exemplo de Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Em 1876, foi fundada a Sociedade Positivista do Brasil e, em 1881, foi criada a Igreja Apostolado Positivista do Brasil, cujo templo situa-se na cidade do Rio de Janeiro. Seus fundadores, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, foram também os idealizadores da bandeira nacional brasileira com seu dístico “Ordem e Progresso”. De acordo com Orlandi, “esse enunciado resume, de certo modo, a simbologia positivista do Brasil”. (2002b, p. 264). Neste seu livro, a autora discute em um capítulo, intitulado *Um sentido para o cidadão brasileiro*, os deslizamentos da ideologia positivista, analisando

os efeitos de sentido produzidos pelo discurso positivista brasileiro, de um lado, na relação com a França (tendo como centro de referência seu fundador Augusto Comte) e, de outro, em relação às suas condições de produção no Brasil, no sentido de distinguir alguns processos que caracterizam seu modo particular de significar. (ORLANDI, 2002b, p. 265).

Orlandi considera que o Positivismo é uma “marca de nascença de nossa República”, em cujo discurso se inscreve o enunciado *Ordem e Progresso*, formulado na época da implantação da República no Brasil, “fazendo, assim, parte das relações de força e de sentidos que aqui então se delineavam”. (ORLANDI, *ibidem*, p. 264.).

A autora justifica seu interesse pelo positivismo como tema de discussão a partir da sua observação, em suas pesquisas, da influência dessa forma de pensamento sobre a “constituição de um saber sobre a língua e a produção da própria língua no Brasil”. (ORLANDI, *ibidem*, p. 263).

Pensar o Positivismo em nosso trabalho é, portanto, tentar perceber como o funcionamento dessa expressão filosófica fez sentido nas idéias lingüísticas que circulavam no interior da Escola Normal, tendo em vista que, de acordo com Orlandi, haverá sempre marcas das idéias positivistas “nas nossas formas de governo e em suas instituições”. (*Ibidem*, p. 264).

A indicação de Benjamin Constant<sup>45</sup>, cidadão de idéias positivistas e idealizador da República brasileira, para ser o primeiro diretor da Escola Normal é significativa do momento de transição política em que ela se funda e dos princípios filosóficos que determinariam seu funcionamento. Benjamin Constant liderou o grupo de militares positivistas, integrado por alunos das escolas militares, que propunha implantar uma ditadura republicana que promovesse o desenvolvimento social e material do país. (CÁCERES, 1997, p. 210).

A orientação positivista de Benjamin Constant aparece no seguinte resumo<sup>46</sup> do seu discurso de posse como primeiro diretor da *Escola Normal do Município da Côrte*:

Causa-lhe regozijo ver unidas as divergências e abafadas as rivalidades ante uma grande idéia. E esta idéia é difundir por todas as classes da nossa sociedade uma larga e sólida instrução que inicie o cidadão nos grandes e úteis resultados obtidos nos domínios da atividade científica, industrial e social, dando-lhes noções claras, seguras e bem coordenadas sobre as coisas e sobre o homem para esclarecer-lhe a inteligência e dirigir-lhe a conduta. (Apud SILVEIRA, 1954, p. 10, grifos nossos).

<sup>45</sup> Benjamin Constant, militar e matemático, foi idealizador da República brasileira.

<sup>46</sup> Silveira (1954, p.10) transcreve o resumo do discurso de Benjamin Constant, tal como o publicou a Gazeta de Notícias. Não tivemos acesso à versão integral do texto desse discurso.

Esse discurso projeta a imagem da ciência que, orientada pela razão, leva a resultados “claros” e confiáveis pela utilização de dados quantificáveis, controláveis e, por conseguinte, “seguros”, capazes de “dirigir a conduta” do homem. Dizer que há resultados “úteis”, ou seja, aqueles viáveis apenas pela via da “atividade científica”, remete a um pré-construído de que há outros resultados que não são úteis. Esse efeito de sentido, que pode ser percebido por antonímia na superfície lingüística do texto, traz a idéia da relação de forças numa disputa pelo sentido hegemônico.

Percebemos nessa citação uma exaltação à ciência e à razão, que, juntas, poderiam constituir uma orientação educacional precisa, proposta para “todas as classes da nossa sociedade”.

“Difundir por todas as classes da nossa sociedade uma larga e sólida instrução” aponta para o ideal de completude e de homogeneidade, confiante na força da repetição parafrástica que, impedindo a reconfiguração dos processos de significação, impõe um mesmo sentido, pretensamente único e verdadeiro, no discurso sobre a ciência e a razão.

A Escola Normal funda-se, assim, no ideal positivista, uma expressão filosófica do século XIX impregnada do espírito cientificista e orientada para o útil e para a ação imediata. Seu objetivo era formar um cidadão útil e conhecedor das grandes idéias, conforme os ideais positivistas que a fundaram.

De acordo com o artigo 42 do Decreto nº 8025 de 16 de março de 1881, onde estavam compendiadas as normas a serem observadas no ensino normal da *Côrte*,

os professores deverão ser nas suas lições tão metódicos e corretos, como convém que seja o aluno na reprodução verbal ou por escrito do mesmo assunto, de modo que o ensino possa servir de modelo ao que os alunos terão de dar mais tarde como professores<sup>47</sup>. (Grifo nosso).

Tais discursos sobre a Escola Normal projetam da instituição uma imagem de seriedade de um ensino comprometido com a verdade, a partir de sujeitos que se enunciariam a partir da posição de professores, devidamente preparados para repetir aos seus alunos o conhecimento, sem *erro*.

Tal preocupação com a manutenção do mesmo significa ainda no fato de as vagas para professores das escolas públicas serem ocupadas, preferencialmente, por professores egressos da Escola Normal, considerados profissionais de excelência, e, por conseguinte, prestigiados socialmente, uma vez que “[...] era-lhes assegurada a preferência nos concursos para

---

<sup>47</sup> Apud Silveira (1954, p. 16).

preenchimento das vagas na instrução primária da Côrte, sobre qualquer outro que não exhibisse o diploma de professor habilitado pelas escolas normais do Município da Côrte”<sup>48</sup>. (Grifo nosso).

Os professores eram nomeados pelo governo até o ano de 1847, conforme já vimos no subcapítulo 3.1.1. A partir desse ano, tem início a prática de concurso público, segundo Souza (1999, p. 31).

De acordo como o Artigo 81 do referido Decreto nº 8 025 de 16 de março de 1881<sup>49</sup>, para ingressar na Escola Normal, o professor deveria submeter-se a provas de concurso, conforme podemos ler a seguir:

O pessoal docente da escola será nomeado por decreto e mediante concurso.

Esse mesmo Decreto determinava as seguintes normas reguladoras da organização das bancas examinadoras dos candidatos às vagas de professor da Escola Normal e da natureza das provas:

Artigo 87 – O concurso será julgado por uma comissão eleita pela congregação, que, apreciando o resultado de seus trabalhos proporá ao Governo quem deve ocupar a vaga. Quando na congregação não houver pessoas habilitadas para examinadores, o diretor, depois de ouvi-la, proporá ao Governo pessoas estranhas.

Artigo 88 – No concurso para as vagas do curso de ciências e letras, haverá as seguintes provas: a de tese, a defesa desta, a oral, a escrita, a prática em ciências físicas e biológicas e em metodologia; e, finalmente, a argüição pelos examinadores sobre todas as provas. Os pontos serão formulados pela comissão sobre os assuntos mais importantes da cadeira, se o concurso for de professor, e da seção, se for de substituto e publicada no Diário Oficial, depois de encerrada a inscrição.

As normas do concurso incluíam, ainda, “a prova de capacidade didática, perante uma turma de alunos do mesmo ano correspondente à matéria”<sup>50</sup>.

Tais critérios de seleção trabalham com um pré-construído, uma vez que seriam admitidos aqueles professores que comprovassem domínio de certos saberes que importavam à Escola Normal reforçar e perpetuar.

A Escola Normal funcionava, portanto, como instrumento de controle de discursos, reforçando certos sentidos e projetando-os para o futuro.

A repetição do mesmo é constitutiva da formação de uma memória discursiva que está relacionada aos interesses dominantes. Como nos lembra Pêcheux, “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos

<sup>48</sup> Apud Silveira (ibidem, p. 8).

<sup>49</sup> Apud Silveira (1954, p. 17-18).

<sup>50</sup> CF. Revista do Instituto de Educação, 1945, p.15.

sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, [...]” (1999, p. 50, grifo nosso).

Com a “preferência” pela contratação de professores egressos da Escola Normal e não “qualquer outro”, pressupomos que o ensino primário seria orientado à luz da ciência e da razão, um modelo positivo de ensino voltado para o útil e para a ação imediata. Dessa formação de orientação científica resultaria um sentido para o cidadão brasileiro, uma vez que este já tinha sua existência assegurada na Constituição, de acordo com Guimarães<sup>51</sup>, e ratificada, conforme já vimos anteriormente neste capítulo, no discurso de Benjamin Constant: “ [...] uma larga e sólida instrução que inicie o cidadão nos grandes e úteis resultados obtidos nos domínios da atividade científica, industrial e social, [...]”

---

<sup>51</sup> GUIMARÃES, Eduardo. Os sentidos de cidadão no Império e na República no Brasil. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Org.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996. O autor apresenta esse seu artigo, como uma reflexão cujo objetivo é “indicar os sentidos de ‘cidadão’ por uma análise enunciativa que estabeleça um confronto do texto da Constituição do Império com os decretos do início da República no Brasil bem como com a primeira Constituição Republicana”.

### 3.3 A ESCOLA NORMAL NO BRASIL IMPÉRIO: UM PROJETO PEDAGÓGICO OU POLÍTICO?

A fundação da *Escola Normal da Côrte*, em 1880, foi precedida por quatro outras congêneres, distribuídas em diferentes regiões do território brasileiro, conforme podemos ler a seguir: “[...] a Escola Normal da Côrte só se instalou em 5 de abril de 1880, tendo sido precedida pelas de Niterói (1835), Bahia (1836), Fortaleza (1845) e São Paulo (1846)”<sup>52</sup>. (Grifo nosso.).

Esse fato leva-nos a pensar na filiação da *Escola Normal da Côrte* a uma rede de escolas voltadas para uma mesma matriz de sentidos, representante de uma mesma proposta educacional que se inaugura no Brasil Imperial, em 1835, como veremos mais adiante.

Segundo Cáceres, os dez primeiros anos do Segundo Reinado foram um “período da consolidação, marcado pela criação de leis voltadas para a ordem, até então ameaçada pelos movimentos populares; nesse período, tivemos o fim das últimas revoltas<sup>53</sup> que surgiram nas regências e mesmo no Segundo Reinado.” (1997, p. 172, grifo nosso).

Durante esse período da história brasileira, de acordo com Hélio Vianna,

era o Imperador o único árbitro das circunstâncias políticas, o intérprete da opinião pública, o juiz da oportunidade das reformas sugeridas nos programas partidários. Consistia nisso a parte mais delicada no exercício do Poder Moderador (do qual o Imperador era titular), funções nas quais era auxiliado pelo Conselho de Estado, órgão superior, composto dos mais notáveis políticos do tempo, pertencentes a ambos os partidos, escolhidos pelo Chefe da Nação. (VIANNA apud MAIOR, 1974, p. 261).<sup>54</sup>

Sublinhamos nessa citação palavras que produzem na superfície lingüística o efeito de governo centralizador, preocupado em combater os “movimentos populares” com “a criação de leis voltadas para a ordem”. Um governo preocupado, portanto, em dar um sentido positivo ao Brasil, país de tantas etnias, culturas e, por conseguinte, de tantas línguas.

Tendo em vista que é nesse período da história brasileira, entre o primeiro e o segundo reinados, que tem início a criação das escolas normais no Brasil, conforme podemos observar no Quadro 3, ao final deste capítulo, duas questões aqui se impõem: (i) compreender a origem dos ideais que fundaram esse sistema educacional; (ii) situar na

<sup>52</sup> ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1949, p. 16.

<sup>53</sup> São movimentos revolucionários que se destacaram nesse período: Cabanagem (1834-1840), no Pará; Revolução Farroupilha (1835-1845), no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina; Sabinada (1837-1838), na Bahia; e Balaiada (1838-1841), no Maranhão. (CÁCERES, 1993, p. 166-171).

<sup>54</sup> VIANNA, Hélio. Como funcionou no Segundo Reinado o regime parlamentarista. In: \_\_\_\_\_ *História do Brasil*. Tomo II. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962, p. 136-137 apud Maior (1974, p. 261).

história as instâncias políticas que se inscreveram nos interesses pela “desanalfabetização” da infância num período de significativas mudanças econômicas, sociais e políticas para o Brasil.

Para tanto, buscaremos compreender os ideais, metas e valores pretendidos por esse novo sistema de ensino, desde a sua criação na França, e sua importação pelo Brasil, no sentido de comparar o funcionamento desse modelo educacional nesses dois países.

### 3.3.1 DA FRANÇA PARA O BRASIL: OS ASPECTOS PRECURSORES DA ESCOLA NORMAL

Este subcapítulo tem por objetivo discutir os aspectos precursores da Escola Normal, no sentido de compreender a criação de um modelo de ensino que foi importado da França pelo Brasil.

Com a ascensão da burguesia e o modo de produção capitalista, a escola foi submetida a mudanças que deveriam ajustá-la a essas transformações históricas. Nesse momento, são criadas na França as escolas normais, que deveriam pôr em prática o ensino de outros saberes, que correspondessem aos interesses do novo modelo social, em ascensão.

Segundo Lajolo&Zilberman,

na Europa, as Escolas Normais foram produto da Revolução Francesa, e a primeira, a Escola Normal do Ano III<sup>55</sup>, tinha como objetivo formar docentes para atuar nas futuras escolas centrais, isto é, na educação pública, ensinando as ‘ciências mais modernas de seu tempo’. Desde a expulsão dos jesuítas da França, em 1762, multiplicaram-se iniciativas visando qualificar os professores dos colégios. Contudo, só com a revolução inaugura-se a Escola Normal, uma ‘escola revolucionária’, porque respondia aos novos princípios pedagógicos, que exigiam uma instituição que formasse instrutores. O programa era igualmente revolucionário, porque tinha orientação enciclopédica<sup>56</sup> e conferia à gramática e à retórica estatuto igual ao das demais ciências e artes. E, sobretudo, o ensino se fazia em francês, enquanto até 1789 se dava em latim (2003, p. 163-164. Grifos nossos).

Podemos supor uma “orientação enciclopédica” dos *programmas* da escola normal, o que aponta para a filiação desse modelo educacional ao pensamento iluminista e, portanto, à organização dos modernos sistemas estatais de ensino; a gramática era vista como ciência, o que aponta para uma concepção de língua estável e homogênea. Temos, então, uma orientação política, positivista e iluminista no que diz respeito à seleção do conteúdo e ao

<sup>55</sup> “A experiência dessa escola revolucionária não dura muito, porém. Em 1808, estabelece-se a Escola Normal de Napoleão, onde se produz uma diferença fundamental relativa ao peso social do professor na sociedade burguesa, consideravelmente diminuído ao ser despojado de títulos acadêmicos: ‘nessa escola especial formam-se os futuros professores titulares dos liceus; mas esta escola não tem o direito de conferir graus acadêmicos (bacharelato, licença, doutorado): estes direitos permanecem o monopólio das faculdades universitárias. Assim, os normalistas devem buscar seus graus na faculdade de letras e a faculdade de ciências de Paris.” (HÜLTENSCHMIDT, Erica. *L’École Normale de l’an III. Une utopie encyclopediste*. In: Espagne, M. Werner, M. (ed.) *Philologiques*, I. Contributions à l’histoire des disciplines littéraires en France et en Allemagne au XIXe siècle. Paris. Ed. de la Maison des sciences de l’Homme, 1990, p. 105 apud Lajolo&Zilberman, 2003, p. 164).

<sup>56</sup> A “orientação enciclopédica” é influência do Iluminismo francês, um “movimento intelectual que caracterizou o pensamento europeu do século XVIII, particularmente na França, Inglaterra e Alemanha, baseado na crença no poder da razão para solucionar os problemas sociais. [...] Apesar de algumas divergências, os iluministas foram adeptos do ceticismo, do deísmo, do empirismo e do materialismo; opunham-se à tradição, representada, sobretudo pela Igreja Católica, e lutaram por uma nova ordem social e política. A democracia e o liberalismo modernos, assim como a renovação industrial, tiveram íntima relação com o iluminismo, e a Revolução Francesa foi sua principal expressão no plano político. (In: *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998.).

modo de apresentação do mesmo. Assim, há uma convergência entre a produção do conhecimento científico e a prática política.

Supõe-se que há no Brasil uma reduplicação desse modelo. Podemos perguntar: o fato de o modelo ser copiado garante para o Estado Brasileiro a constituição de um cidadão nesses moldes do “bom sujeito”? Podemos supor que, no Brasil, a Língua Portuguesa é uma língua de colonização e, como tal, historicizou-se de modo diferente. Há nela uma memória contraditória: falamos diferente. Segundo Orlandi, “o brasileiro significa diferentemente ao significar em português. [...] Por sua historicização em outro território, o Brasil, o processo de constituição da língua portuguesa se remete não a um modelo estático exterior a seu campo de validade, mas à sua prática real em um novo espaço-tempo de práticas discursivas”. (2002b, p. 26 e 30).

Talvez isso explique ou me ajude a compreender melhor o aluno quando disse que não fala “a língua do barão”.

Orlandi afirma que pensar a língua em sua história e seu funcionamento, isto é, numa perspectiva discursiva, traz conseqüências teóricas e práticas. Teóricas porque, a partir desse lugar teórico, é possível conceber a língua em sua historicidade, isto é, uma história em que sujeitos e sentidos se constroem. “Não se está aí, pois, no domínio de uma epistemologia positivista, mas histórica [...], na qual a história não é evolução e continuidade, mas deslocamento e funcionamento” (2002b, p. 27). As conseqüências práticas, segundo a autora, dizem respeito ao fracasso do ensino da língua. Nesse sentido, Orlandi traz-nos a seguinte explicação:

Na realidade, o que se passa é que não houve aprendizagem, porque falta a inscrição do sujeito no histórico. Ou seja, aquilo que não faz sentido na história do sujeito ou na história da língua, para o sujeito não ‘cola’, não ‘adere’. Mais especificamente, como se contraria (ao invés de se inscrever) a relação do sujeito – a sua filiação histórica à memória do objeto simbólico em que ele se constitui –, aquilo não faz sentido para ele, não faz sentido em sua história. Logo, está fora do seu discurso. E, aqui, fora não significa no exterior, mas excluído, apagado, silenciado. (ORLANDI, 2002b, p. 28).

Esse pensamento da autora leva-nos a retomar aqui as “CONSIDERAÇÕES INICIAIS” deste trabalho e compreender, do ponto de vista discursivo, por que o aluno estuda, aprende na aula de Língua Portuguesa, mas “escreve tudo errado”.

Retomando nossa discussão sobre os aspectos precursores do ensino normal na França, queremos ressaltar aqui, no que se refere à relação entre língua e nação, que a substituição do ensino do latim pelo ensino da língua nacional a partir do ano da Revolução

Francesa foi a “diferença que sublinhou a modernidade da primeira Escola Normal”<sup>57</sup> na França.

Comentando com as palavras de Villela, “a história da Escola Normal está intimamente ligada à institucionalização da instrução pública no mundo moderno”. A idéia de criar uma Escola Normal pública, universal, gratuita, laica e obrigatória destinada a formar professores para a instrução pública, surge no final do século XVIII, durante a Revolução Francesa, visto que

o modo de produção capitalista, ao instituir uma nova ordem social elevando a burguesia à direção da sociedade, acaba por impor mudanças radicais também no campo da educação. Tratava-se, sobretudo, de derrubar o monopólio que a Igreja detinha sobre todo o sistema de educação até então existente. (VILLELA, 1992, p. 21).

Tendo em vista que o interesse do Estado na criação das escolas normais, de ensino gratuito, previa a formação de professores primários para a rede pública de ensino, podemos dizer que esse projeto educacional contribuía para o deslocamento da escola do privado para o público, da Igreja para o Estado. Nesse movimento de passagem do Estado religioso para o Estado laico, percebemos a intervenção do político no simbólico, numa relação de forças em que o que está em jogo é a disputa pela escola como lugar autorizado para a institucionalização de saberes, idéias, valores e metas.

Persistia a urgência da criação de instituições específicas mantidas pelo Estado para formar os cidadãos que viriam a dirigir os Estados Modernos. De acordo com Villela,

no início do século XIX, retoma-se, efetivamente, a idéia de formação de professores em Escolas Normais a cargo do Estado. Nesse período de consolidação dos Estados Nacionais, a escola passaria a ser vista como uma das instituições capazes de garantir a unidade nacional através da transmissão não só de um conteúdo unificado, mas também de valores culturais e morais que garantiriam essa unidade. (VILLELA, op. cit., p. 22, grifos nossos).

Podemos dizer, com Villela, que o conhecimento transmitido na escola deveria servir a duas funções: garantir a unidade da nação e facilitar o controle do estado sobre seus cidadãos, ou seja, a dupla função de homogeneizar e vigiar.

---

<sup>57</sup> Cf. HÜLTENSCHMIDT, Erica. L'École Normale de l'an III. Une utopie encyclopediste. In: Espagne, M. Werner, M. (ed.) *Philologiques*, I. *Contributions à l'histoire des disciplines littéraires en France et en Allemagne au XIXe siècle*. Paris. Ed. de la Maison des sciences de l'Homme, 1990, p. 105 apud LAJOLO & ZILBERMAN, 2003, p. 164.

Esse ideal de unidade está de acordo com a denominação dessa nova escola, tendo em vista que “normal” vem do latim, *norma-ae*, que significa “que segue a norma”<sup>58</sup>. Esse sentido aponta para a natureza homogeneizante desse sistema educacional que, por conseguinte, colocaria em funcionamento uma política de silenciamento das diferenças.

Interessava à nova ordem social assumir o controle das idéias e, para tanto, era necessário tomar para si a escola como lugar autorizado para a institucionalização de certos valores, normas e metas, nesse momento de laicização do Estado.

Em 1816, Portugal adotou esse modelo educacional e inaugurou no dia primeiro de março desse ano a sua primeira Escola Normal<sup>59</sup>.

O sistema normal de ensino chegou à América Latina em 1835, com a criação da primeira Escola Normal do Brasil, em Niterói.

#### A ESCOLA NORMAL NO BRASIL

No Brasil, a criação de escolas normais inicia-se no final do Primeiro Reinado, intensifica-se durante todo o Segundo Reinado e continua durante a República, quando surgem os institutos de educação, que as incorporam (nem todas), a exemplo do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1932. Nesse momento de transformações históricas e sociais, quando aqui circulavam diferentes culturas, etnias e línguas, a Escola Normal, pelo seu potencial de organização e padronização, serviria ao poder como instrumento de controle utilizado para *colocar ordem na desordem*. Esse modelo de instrução, que regia o ideal conservador em defesa da difusão dos princípios da ordem e da civilização, consolidaria a

<sup>58</sup> CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

<sup>59</sup> Essa escola era para os candidatos a mestres e seus ajudantes das escolas Particulares do Exército. Ficou instalada na Calçada da Ajuda, a Belém, no Quartel da guarda dos Corpos.

Outras escolas normais foram inauguradas em Portugal em diversas localidades: em 1839, a Escola Normal de Lisboa (num improvisado edifício no Desterro), regulamentada em 1845, e a Escola Normal de Coimbra (Portaria de 19 de setembro); em 1840, as escolas normais de Viseu, Vila Real e Castelo Branco; no ano seguinte, as escolas normais de Beja e Portalegre; em 1878, a Escola normal do Porto. Inicialmente sem sede própria, essas escolas eram inauguradas, fechadas e reinauguradas, a exemplo da Escola Normal de Lisboa para o sexo masculino, que foi encerrada em 1869 e reaberta em 1872. As disciplinas ensinadas eram caligrafia; desenho linear; Gramática Geral e Portuguesa; Notícias dos Métodos de Ensino e Legislação Respectiva à Instrução Primária; Geografia, Cronologia e História; Doutrina Cristã e História Sagrada; Teologia Natural e Filosofia Moral; Aritmética e Geometria com Aplicação à Indústria; escrituração. Em 1896 as escolas normais em Portugal estavam praticamente reduzidas a 4, sendo duas em Lisboa e duas no Porto. Nesse mesmo ano, os sucessivos governos monárquicos acusados pelos republicanos e anarquistas de serem incapazes de resolver o problema do analfabetismo em Portugal, iniciam, então uma fase de grandes investimentos no ensino primário com a criação de escolas normais. (Grifos nossos).

In: FORMAÇÃO DE PROFESSORES. Disponível em: < <http://educar.no.sapo.pt/FormProf.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2005, 20:30.

expansão e supremacia dos interesses dominantes, construindo, dessa forma, um imaginário a partir do qual seriam produzidos os efeitos de homogeneidade.

As escolas normais funcionavam inicialmente anexas ao Liceu local, conforme afirma Kulesza:

No Brasil, antes de fundarem propriamente uma Escola Normal, muitas províncias criaram um Curso Normal anexo ao Liceu<sup>60</sup> simplesmente pela adição de uma cadeira de Pedagogia ao currículo, aligeirando-se a parte de formação geral e reservando-se a prática profissional<sup>61</sup> para ser exercida junto a alguma escola primária pública. (KULESZA, 1998, p. 65).

É importante dizer novamente que o curso normal era constituído do currículo do Liceu acrescido de uma cadeira de Pedagogia. Tal afinidade curricular aponta para a filiação dessas escolas aos Liceus e, por conseguinte, ao Colégio Pedro II.

Esses Liceus<sup>62</sup>, essencialmente masculinos, que ofereciam o curso secundário destinado à preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior, tiveram como modelo no Brasil o *Imperial Colégio de Pedro II*. (KULESZA, ibidem, p. 63).

De acordo com Hobsbawen, a educação secundária, que estava destinada à burguesia, cresceu com as classes médias. A escola primária, continua o autor, era um setor da educação que havia sido previamente negligenciado pelo estado laico, e seu crescimento estava intimamente ligado ao avanço das massas na política. (1979, p. 114).

No Brasil, as autoridades cuidaram de investir na formação de professores devidamente preparados para lecionar nesse segmento da escolaridade, negligenciado até o Império, conforme podemos ler a seguir:

Da formação de um idôneo escol para a desanalfabetização da infância descuidou-se por muito tempo o Império, tanto que a Escola Normal da Côrte só se instalou em 5 de abril de 1880, tendo sido precedida pelas de Niterói (1835), Bahia (1836), Fortaleza (1845) e São Paulo (1846).<sup>63</sup> (Grifo nosso.).

<sup>60</sup> “Embora estivessem a cargo das províncias, os Liceus, dado seu caráter propedêutico ao ensino superior, constitucionalmente regulado com exclusividade pelo poder central, estavam na dependência direta das normas legais emanadas na Côrte.” (KULESZA, 1998, p.65).

<sup>61</sup> Com o trecho sublinhado queremos destacar que a idéia das escolas de aplicação já existia com a criação das escolas normais.

<sup>62</sup> Para explicar os aspectos precusores dos liceus, trazemos para nossa reflexão as seguintes palavras de Alves: A herança educacional da França do século XIX começa a ser construída pelo governo de Napoleão Bonaparte. Desde 1802, ainda durante o Consulado, a lei Fourcroy lança as bases de um sistema centralizado e autoritário em que o Estado monopoliza a instrução de acordo com seus objetivos. Os esforços se voltam para o ensino secundário, onde os liceus despontam como as grandes estrelas do ensino público francês. (ALVES, 1992, p. 54).

<sup>63</sup> ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1949, p. 16.

A expressão “idôneo escol” traz um sentido de elite intelectual. Sob o discurso do descaso do Império com a formação de professores altamente qualificados há um outro discurso sobre o despreparo de professores para a “desanalfabetização da infância”. O ensino na escola primária, portanto, não podia ser confiado a qualquer um. Era necessário preparar uma elite intelectual, profissionais altamente qualificados para essa tarefa. E, para isso, a escola conta com seus instrumentos de poderes e saberes, os programas de ensino, as gramáticas e os dicionários, seus “instrumentos lingüísticos”, que fixam uma certa concepção de saber. Por meio deles a instituição escolar submete os sentidos à inclusão e à exclusão da ordem do discurso. Tal formação seria confiada ao sistema normal de educação, como uma maneira política de privilegiar certos saberes, que deveriam moldar a forma sujeito pretendida pelo poder vigente. Que saberes seriam esses? A serviço de quem eles estariam?

De um ponto de vista althusseriano, que concebe a escola como o “Aparelho Ideológico de Estado nº 1”, podemos pensar no interesse do Estado pela criação de escolas formadoras de professores primários como um gesto político, uma vez que “a desanalfabetização da infância” traria consigo não apenas o ensino aparentemente desinteressado da leitura, da escrita e do cálculo, mas também a imposição de determinados valores morais e patrióticos aos seus alunos.

As instituições escolares foram utilizadas como instrumentos de controle pelos movimentos nacionais, uma vez que, só através delas, a língua nacional podia transformar-se na língua escrita e falada do povo, pelo menos para algumas finalidades.

O projeto de formar professores especializados no ensino da escola primária, iniciado antes da criação da Escola Normal da Corte, ganha força a partir da Independência do Brasil, em 1822, com a criação das escolas normais no Brasil. Esse fato nos faz-nos pensar na criação dessas escolas como um gesto de controle das instituições do Estado no sentido de conseguir hegemonia cultural através da escola com seus programas de ensino e suas disciplinas. O controle do ensino primário poderia garantir a expansão territorial do conhecimento da língua nacional, num período da história brasileira de perda gradativa do imperialismo português sobre o Brasil.

Uma pergunta aqui se impõe: Em que condições funcionavam inicialmente essas escolas no Brasil?

Sem perder o foco da questão, vejamos o funcionamento de algumas delas em suas instalações iniciais, para, assim, compreender melhor a discursividade constitutiva da formação da Escola Normal do Rio de Janeiro.

## 1. Escola Normal de Niterói<sup>64</sup>.

Foi a primeira no Brasil e na América Latina<sup>65</sup>, criada em 1835, com o objetivo de formar educadores para o magistério da instrução primária<sup>66</sup>. Funcionou sem sede própria durante 27 anos. Na Reforma do Ensino de 1847, foi incorporada ao Liceu Provincial<sup>67</sup>. Teve, no entanto, seu funcionamento interrompido diversas vezes, restabelecendo-se mais uma vez, em 29 de junho de 1862, quando foi reinaugurada pelo imperador D. Pedro II.

Em 15 de abril de 1890, a Escola Normal foi novamente extinta, sendo reabsorvida pelo Liceu de Humanidades de Niterói, agregada como simples cadeira pedagógica.

Em 1931, foi criado junto à Escola Normal o Curso Ginásial, ambos sob a denominação de Escola Normal de Niterói e Liceu Nilo Peçanha. Em 1938, por um decreto do interventor do Estado do Rio, a Escola Normal e o Liceu Nilo Peçanha passaram a se chamar Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro, que, uma vez desligado do Liceu em 1954, passou a ser chamado Instituto de Educação de Niterói e, desde 1965 até os dias atuais, Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC)<sup>68</sup>.

O material de pesquisa, ali disponibilizado pelo Centro de Memória, muito contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho.

## 2. Escola Normal Caetano de Campos<sup>69</sup>

A Escola Normal de São Paulo foi criada em 1846 de acordo com a lei nº 34 de 16 de março de 1846 de instrução primária, na província de São Paulo. Funcionava em edifício<sup>70</sup> contíguo à catedral do Largo da Sé.

---

<sup>64</sup>PRIMEIRA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA. Disponível em:

<[www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/sub\\_mat.asp?seq=16&sub\\_mat=1](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/sub_mat.asp?seq=16&sub_mat=1)>. Acesso em: 6 nov. 2005, 7:40.

<sup>65</sup> Em visita ao centro de memória da Escola Normal de Niterói, atual Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), situado no bairro de São Domingos, pude fazer uso do material de consulta que ali me foi disponibilizado.

<sup>66</sup> A Escola Normal de Niterói formou, em 1886, a primeira professora primária fluminense: Joaquina Maria Rosa dos Santos, filha do ator João Caetano dos Santos.

<sup>67</sup> “A reforma de 1847, que cria o Liceu Provincial de Niterói, é posta em prática no momento em que o Estado Imperial, no seu processo de construção, está sob a direção conservadora. (ALVES, 1992, p. 50).

<sup>68</sup> Ibidem.

<sup>69</sup>ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO. Disponível em:

<[www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/3-Império/184escola\\_normal/pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/3-Império/184escola_normal/pdf)>.

<sup>70</sup> Era uma Escola Normal masculina criada para funcionar numa das salas do curso de preparatórios anexa à Faculdade de Direito. Cf. ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1955, p. 84.

Foi fechada em 1867, devido ao desprestígio do poder público e escassa procura (no Anuário de Educação de 1907/1908, consta que em oito anos, a Escola Normal formou apenas 18 alunos). Foi reaberta em 1875, em virtude da obrigatoriedade do ensino, consagrada na lei nº 9, de 22 de março de 1874.

Com a queda do partido conservador, sob o poder do qual fora criada, o novo governo, três meses depois, fechou temporariamente a Escola Normal por meio do ato de 9 de maio de 1878.

A Escola Normal de São Paulo foi reaberta definitivamente pela lei nº 130 de 25/4/1880 e passou a funcionar no pavimento térreo do prédio onde mais tarde funcionou a Câmara Municipal.

Em 1881, foi transferida para um sobrado colonial, na rua da Boa Morte, nº 39 (atual rua do Carmo), e, no ano de 1894, instalada em sede própria, no edifício<sup>71</sup> construído especialmente para ela, na Praça da República.

A Escola Normal de São Paulo passou por várias mudanças não só de endereço e de currículo mas também de nomes:

Escola Normal,  
Escola Secundária,  
Escola Complementar,  
Escola Normal Primária,  
Instituto de Educação,  
Escola Normal Modelo  
e Escola Normal Caetano de Campos.

Foi um dos símbolos da República positivista e orgulho dos republicanos. Na Escola Normal de São Paulo estudaram vários representantes da elite paulistana.

### 3. Escola Normal da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul

Observamos no material de pesquisa disponibilizado pelo Centro de Memória dessa Escola Normal, atual Instituto de Educação General Flores da Cunha, a incerteza da sua data de fundação<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> Foto em Anexo 3, ao final deste trabalho.

<sup>72</sup> Segundo depoimentos orais de ex-professoras que lá encontrei, a Escola Normal de Porto Alegre foi criada em 1860 por famílias portuguesas.

Embora o decreto que autorizava a sua criação datasse de 29 de dezembro de 1835, somente em 1869, depois da Guerra do Paraguai (1864-1868), tornou-se realidade a instalação de uma Escola Normal na capital do Rio Grande do Sul, de acordo com Kraemer Neto (1969, p. 67).

A Escola Normal de Porto Alegre funcionou inicialmente na esquina da Rua da Igreja (atual esquina da rua Duque de Caxias com rua Marechal Floriano), anexa ao Liceu de Porto Alegre, ali instalado. Esse prédio foi destruído por um incêndio e, nesse mesmo local, foi construído o atual prédio onde funciona o Colégio Sévigné<sup>73</sup>. (Idem, *Ibidem*, p. 53).

De acordo com Desaulniers “no Rio Grande do Sul, só se conseguiu concretizar a lei sancionada em 1860 autorizando a criação de uma Escola Normal na província em 1869, graças ao concurso do Padre Cacique, nomeado seu primeiro diretor, que antes dirigia um colégio religioso destinado a abrigar meninas órfãs, as quais, levadas por ele, contribuíam em grande número para compor o alunado feminino da nova escola.” (1997, p. 106-109, apud KULESZA, loc. cit.).

“A Escola Normal da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul foi instituída a 5 de abril de 1869 pelo regulamento do Curso de Estudos Normais, baixado pelo Presidente da Província, Sr. Antônio da Costa Pinto e Silva<sup>74</sup>.”

Ao longo dos anos, essa instituição escolar passou por várias denominações<sup>75</sup>, conforme podemos observar a seguir:

| ANO  | DENOMINAÇÃO                                                 |
|------|-------------------------------------------------------------|
| 1901 | Colégio Distrital                                           |
| 1906 | Escola Complementar                                         |
| 1929 | Escola Normal de Porto Alegre                               |
| 1937 | Escola Normal General Flores da Cunha <sup>76</sup>         |
| 1939 | Instituto de Educação Porto Alegre                          |
| 1959 | Instituto de Educação General Flores da Cunha <sup>77</sup> |

<sup>73</sup> Fundado em 1650 na França, o Colégio Sevigné foi criado em 1900 em Porto Alegre, onde funciona como Escola Normal, por D. Emmeline Courteilh, uma leiga convicta da importância da instrução da mulher. É gerenciado pela Congregação das Irmãs de São José, que se enunciam como “Irmãs da experiência de aniquilamento da Revolução Francesa. Fomos destituídas de nossas casas, ‘comunidades’ e levadas à prisão e à guilhotina. Somos Irmãs mártires. [...] Somos, atualmente no mundo, 43 Congregações de Irmãs de São José, em 48 países, nos 5 continentes, num total, aproximadamente, de 16 mil irmãs”. *Revista do Centenário do Colégio Sevigné*. Porto Alegre, nov. 2000. Tiragem 5000 exemplares.

<sup>74</sup> Cf. REVISTA, 1969, p. 17-19.

<sup>75</sup> Idem, *ibidem*, loc. cit.

<sup>76</sup> Nome que recebeu ao ser transferida para o novo edifício, sua atual sede, situado na Avenida Oswaldo Aranha.

<sup>77</sup> É assim denominado atualmente.

#### 4. Escola Normal do Município da Corte

Conforme vimos nas páginas iniciais deste capítulo, foi criada em 5 de abril de 1880, de acordo com o decreto nº 7684 de 6 de março de 1880<sup>78</sup>, anexa ao então *Imperial Collegio de Pedro II*, na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo de sua história, a escola mudou-se de endereços e nomes, tendo funcionado durante cinquenta anos sem sede própria.

#### 5. Escola Normal de Fortaleza

Sua inauguração está datada de 1884 [ou 1845]. Entre 1947 e 1954, o edifício serviu de sede para o Instituto Médico do Ceará e, a partir de 1954, para a Faculdade de Odontologia da UFC. Desde 1987, o prédio está ocupado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), situado na Praça José de Alencar, no Centro de Fortaleza<sup>79</sup>.

#### 6. Escola Normal de Campos

Foi criada em 1894, anexa ao Liceu de Humanidades de Campos, instalado no antigo Solar do Barão da Lagoa Dourada, um aristocrático prédio residencial de estilo neoclássico. A distribuição desse espaço escolar limitava as normalistas ao prédio contíguo ao lucioso solar - hoje conhecido como Senzala<sup>80</sup> - sendo que o solar era freqüentado apenas pelos liceístas, homens. (Cf. MARTINEZ e BOYNARD<sup>81</sup>, grifos nossos).

A Escola Normal de Campos teve seu funcionamento interrompido no ano de 1900, sendo fechada de acordo com o Decreto Estadual Nº 558, de 26/01/1900 e sobreviveu como Escola Normal Livre até o ano seguinte, quando foi reaberta, de acordo com o Decreto Estadual nº 677, de 16/03/1901.

Como escola anexa ao Liceu, a Escola Normal funcionou durante sessenta anos, até 1955, quando se mudou para sede própria. A partir dessa época, foi incorporada ao Instituto de Educação de Campos. Ao longo desse período de sessenta anos, constituiu-se numa

<sup>78</sup> Cf. Silveira (1954, p. 9).

<sup>79</sup> ANTIGA ESCOLA NORMAL – Iphan. Disponível em: <[www.fortaleza.ce.gov.br/fort/roteiro.asp?info=05&mapa=j21&esq=332&topo=...](http://www.fortaleza.ce.gov.br/fort/roteiro.asp?info=05&mapa=j21&esq=332&topo=...)>. Acesso em: 6 nov. 2005.

<sup>80</sup> Com as palavras sublinhadas, queremos destacar o par de oposição que produz um efeito de inferioridade da mulher em relação ao homem.

<sup>81</sup> MARTINEZ, Sílvia Alicia; BOYNARD, Maria Amélia de A. Pinto. *A Escola Normal de Campos: trajetória de uma investigação*. Disponível em: <[www.anped.org.br/reuniões/28/textos/GT02/GT02-1295--Int.rtf](http://www.anped.org.br/reuniões/28/textos/GT02/GT02-1295--Int.rtf)>.

instituição de referência de uma cultura pedagógica singular na formação de professores da Região Norte Fluminense.

Outras escolas eram igualmente (re)inauguradas nas diferentes regiões brasileiras, conforme podemos ler a seguir:

*Piauí*, em 1864 (posta a funcionar em 1866, suprimida em 1867, recriada em 1871, extinta em 1874, recriada em 1882 e fechada em 1888); *Amazonas*, em 1872; *Pernambuco*, (reforma de 1875); *Sergipe*, em 1871; *Santa Catarina*, em 1883; *Espírito Santo* (reforma de 1869); *Alagoas*, em 1869; *Pará*, em 1871; *Maranhão*, em 1872; Escola Normal da *Paraíba*, em 1884; Escola Normal de *Goiás*, em 1884 (?); Escola Normal do *Paraná*, em 1888; Escola Normal do *Rio Grande do Norte*, em 1896; e Escola Normal de *Belo Horizonte*, em 1906. (KULESZA, op. cit. 63-69).

A criação das escolas normais, a partir de 1835, no início da Monarquia, atravessa todo o Império e tem continuação no período republicano, conforme já comentamos. Inicialmente inauguradas em três regiões brasileiras, a saber, nordeste, sudeste e sul, proliferaram durante o Império, espalharando-se por todo o território brasileiro, em diversas províncias.

Segundo Tanuri,

o número de Escolas Normais em funcionamento no Brasil passou de 4, no ano de 1867, para 22 escolas, no ano de 1883, comprovando a eficácia das iniciativas do poder central, espicaçado pela sociedade civil da Corte, em sensibilizar os representantes provinciais no parlamento para essa questão. (TANURI, 1997, p. 23 apud Kulesza, op. cit. p. 63-69).

Constatamos que a regularidade com que se dava a mudança de endereço e de denominações era um traço comum entre as escolas normais no Brasil, e em Portugal, conforme vimos no início deste subcapítulo.

A fundação dessas escolas o Brasil dava-se em condições precárias, sem recursos próprios. Sem autonomia, elas funcionavam, inicialmente, anexas aos liceus, conforme já foi dito anteriormente. De futuro incerto, o seu funcionamento dava-se de forma irregular, tendo em vista que eram inauguradas, depois fechadas, mais tarde retomadas, reinauguradas e, outra vez, postas em funcionamento. Sem sede própria, mudavam de endereço e de nome com frequência. Só anos mais tarde, após um período de mudanças, resistências e permanências, fixavam-se em endereço definitivo.

Os freqüentes fechamentos dessas escolas e suas posteriores reinaugurações apontam para a sua resistência ao *descuido público*. O que está em jogo nesse conflito é a imposição de

um novo modelo educacional que se ajustasse aos interesses do Estado laico, em formação naquele momento.

De acordo com Kulesza, por volta de 1910, essas escolas têm concluída sua autonomia em relação aos liceus, ao menos em termos físicos, em todo o país. (Loc. cit.).

Mais tarde foram incorporadas (nem todas) a um novo modelo educacional, o Instituto de Educação, atualmente denominado Instituto Superior de Educação.

No Quadro 3, a seguir, apresentamos a cronologia e o contexto histórico da criação das escolas normais<sup>82</sup> no Brasil logo após a Independência. Essa cronologia tem como marco inicial o ano de 1835, com a criação da primeira escola normal e, como marco final, o ano de 1932 (quando termina o período que delimitamos para nossa análise), iniciando-se, portanto, no Primeiro Reinado, atravessando todo o Segundo Reinado<sup>83</sup>, com o Imperador D. Pedro II, e todo o período da República Velha.

O quadro está organizado em quatro colunas. Nas duas primeiras aparece a denominação da escola normal, acompanhada do respectivo ano de inauguração. Na terceira coluna registramos os fatos políticos e outros fatos institucionais. Os elementos que intitulam as colunas do Quadro 3 seguem a organização do Quadro “Periodização e Cronologia”, de Guimarães (2004, p. 45-49), resultado de sua pesquisa sobre o processo de gramatização brasileira do Português. A apresentação da coluna “Estudos do Português” em nosso Quadro tem por objetivo pôr em relação o nosso estudo com o de Guimarães, no sentido de investigar a relação entre esses “Estudos do Português” e o ensino na Escola Normal.

### QUADRO 3

Criação das Escolas Normais no Brasil: cronologia e contexto histórico<sup>84</sup>

| ANO                                                                                    | FATO INSTITUCIONAL                                 | FATOS POLÍTICOS E OUTROS FATOS INSTITUCIONAIS   | “ESTUDOS DO PORTUGUÊS” <sup>85</sup> |
|----------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|-------------------------------------------------|--------------------------------------|
| Cont. do 1º período (de 1500 até o início da 2ª met. do séc.XIX) <sup>86</sup><br>1822 | _____                                              | <i>Independência do Brasil em 7 de setembro</i> | _____                                |
| 1835                                                                                   | Fundação da Escola Normal de Niterói <sup>87</sup> | <i>Morre D. Pedro I</i> <sup>88</sup>           | _____                                |

<sup>82</sup> Vale aqui dizer que, após os anos setenta da Monarquia, quando só às mulheres era permitido lecionar, a figura da normalista ocupa lugar de destaque na memória dos ficcionistas, a exemplo de *A Normalista*, por José Lins do Rego. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2003. p. 166).

<sup>83</sup> Inicia-se no ano de 1840.

<sup>85</sup> De acordo com Guimarães (2004, p. 46-47).

<sup>86</sup> Adaptado do quadro “Periodização e cronologia”, de GUIMARÃES (2004, p. 45).

<sup>87</sup> Niterói foi a capital fluminense, de acordo com o Ato Adicional de 1834. Nesse ano, a cidade do Rio de Janeiro foi transformada em Município Neutro, e a capitania foi transformada em província, com sede em Niterói. Disponível em: < [www.guianet.com.br/rj/index.html](http://www.guianet.com.br/rj/index.html) >.

|                      |                                                      |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
|----------------------|------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1836                 | Fundação da Escola Normal da Bahia                   |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1837                 |                                                      | <i>Fundação do Colégio Pedro Segundo</i>             | <i>Compendio da Grammatica da Língua Nacional de Antonio Alves Pereira Coruja.</i>                                                                                                         |
| 1837                 |                                                      | <i>Criação do Real Gabinete Português de Leitura</i> |                                                                                                                                                                                            |
| 1840                 |                                                      | <i>Início do Segundo Reinado<sup>89</sup></i>        |                                                                                                                                                                                            |
| 1845                 | Fundação da Escola Normal de Fortaleza               |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1846                 | Fundação da Escola Normal de São Paulo               |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1852                 |                                                      |                                                      | <i>“Coleção de vocábulos e frase usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul” de A. Coruja.</i>                                                                                  |
| 1857                 |                                                      |                                                      | <i>Vocabulário Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa, de Costa Rubim.</i>                                                                             |
| 1864                 | Fundação da Escola Normal de Piauí                   |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1869 (data provável) | Fundação da Escola Normal de Espírito Santo          |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1869                 | Fundação da Escola Normal de Alagoas                 |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1869 (data provável) | Fundação da Escola Normal de Porto Alegre            |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1871                 | Fundação da Escola Normal do Pará                    |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1871                 | Fundação da Escola Normal de Sergipe                 |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1872 (data provável) | Fundação da Escola Normal do Maranhão                |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1872 (data provável) | Fundação da Escola Normal do Amazonas                |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1875 (data provável) | Fundação da Escola Normal de Pernambuco              |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1879                 |                                                      |                                                      | <i>Grammatica Histórica da Língua Portuguesa de Pacheco Silva, professor do Colegio Dom Pedro II.</i>                                                                                      |
| 1880                 | Fundação da Escola Normal do Município da Corte [RJ] |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1881                 |                                                      |                                                      | <i>Grammatica Portuguesa de Julio Ribeiro, Professor do Colégio Culto à Ciência<sup>90</sup>, de Campinas.</i><br><i>Grammatica Portuguesa Philosophica, de Hernesto Carneiro Ribeiro.</i> |
| 1883                 | Fundação da Escola Normal do Paraná                  |                                                      |                                                                                                                                                                                            |
| 1883                 | Fundação da Escola Normal de Santa Catarina          |                                                      |                                                                                                                                                                                            |

<sup>88</sup> NOVA ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA FOLHA, 1996.

<sup>89</sup> No dia 23 de julho de 1840, quando foi proclamada sua maioridade, D. Pedro II compareceu à Assembléia, e, já em pleno exercício dos seus direitos constitucionais, prestou o seguinte juramento: “Juro manter a Religião Católica Apostólica Romana, a integridade e indivisibilidade do Império, observar e fazer observar a Constituição política da nação brasileira, e mais leis do Império, e prover ao bem geral do Brasil, quanto em mim couber”. (MAIOR, 1974, p. 251).

<sup>90</sup> Para saber sobre o Colégio Culto à Ciência, ler: ORLANDI, Eni. Colégios Notáveis da História Brasileira: a formação institucional de homens ilustres e de sistemas de idéias. In: \_\_\_\_\_. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma História das Idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002b.

|                                         |                                                  |                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------------|--------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                         |                                                  |                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1884                                    | Fundação da Escola Normal da Paraíba             |                                                                                                                                                                                                                                    | <i>Estudos Philologicos, de João Ribeiro</i> <sup>91</sup> .                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 1884 (data provável)                    | Fundação da Escola Normal de Goiás               |                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Segundo período (de 1887 até 1934) 1888 |                                                  | <i>Abolição do Cativoiro</i>                                                                                                                                                                                                       | <p>1887:<br/> <i>Grammatica da Lingua Portuguesa, de Pacheco Silva e Lameira de Andrade.</i><br/> <i>Grammatica Portuguesa, de João Ribeiro.</i><br/> <i>Grammatica da Lingua Portuguesa, de Alfredo Gomes.</i><br/> <i>Grammatica Analytica, de M. Maciel.</i></p> <p>1888:<br/> <i>Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa, de Macedo Soares.</i><br/> <i>Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa, de José de Noronha Napoles Massa.</i></p> |
| 1889                                    |                                                  | <i>D. Pedro II segue com sua família para o exílio na França, em 17 de novembro.</i> <sup>92</sup><br><i>Proclamação da República.</i>                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1891                                    |                                                  | <i>Morre em Paris o Imperador D. Pedro II.</i>                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1894                                    | Escola Normal de Campos                          |                                                                                                                                                                                                                                    | <i>Reedição modificada da gramática de Maximino Maciel como título de Grammatica Descriptiva.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 1896                                    | Fundação da Escola Normal do Rio Grande do Norte |                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1897                                    |                                                  | <i>Fundação da Academia Brasileira de Letras.</i>                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1903                                    |                                                  |                                                                                                                                                                                                                                    | <i>Estudos da Lingua Portuguesa, de Mário Barreto (filho de Fausto Barreto).</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 1906 (data provável)                    | Fundação da Escola Normal de Belo Horizonte      |                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1907                                    | ? <sup>93</sup>                                  | <i>Proposta de reforma ortográfica de Medeiros e Albuquerque, da Academia de Letras. Esta proposta não assume força normatizante. A proposta toma por Base a Ortografia Nacional de Gonçalves Viana em Portugal.</i> <sup>94</sup> | <i>Grammatica Expositiva de Eduardo Carlos Pereira.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

<sup>91</sup> Os autores que estão grifados nesta coluna eram indicados pelos *programmas*, conforme constatamos nos Quadros 5 e 6.

<sup>92</sup> “O banimento da família imperial foi revogado em 1921, durante a presidência de Epitácio Pessoa. Os restos mortais de D. Pedro II e D. Teresa Cristina, então repatriados pelo couraçado S. Paulo, jazem na Catedral de Petrópolis.” (MAIOR, *ibidem*, p. 309).

|      |   |                                                                                                                          |                                                                                     |
|------|---|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| 1908 | ? | _____                                                                                                                    | <i>Dificuldades da Língua Portuguesa, de M. Said Ali.</i>                           |
| 1920 | ? | _____                                                                                                                    | <i>Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral.</i>                                           |
| 1922 | ? | _____                                                                                                                    | <i>Monografia sobre o linguajar carioca, de Antenor Nascentes.</i>                  |
| 1923 | ? | _____                                                                                                                    | <i>Lições de Português, de Souza da Silveira.</i>                                   |
| 1924 | ? | _____                                                                                                                    | <i>Gramática Secundária da Língua Portuguesa, de M. Said Ali.</i>                   |
| 1931 | ? | <i>Acordo Ortográfico firmado entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa.<sup>95</sup></i> | <i>Gramática Histórica da Língua Portuguesa, de M. Said Ali.</i>                    |
| 1932 | ? | _____                                                                                                                    | <i>O primeiro dicionário etimológico publicado no Brasil, de Antenor Nascentes.</i> |

Vale aqui ressaltar que, ao situarmos em nossa cronologia os “Estudos do Português” relacionados por Guimarães (2004), constatamos que eles se desenvolveram ao longo de todo o período em que foram criadas as escolas normais no Brasil, ou seja, o *movimento de gramatização brasileira do Português* foi contemporâneo do movimento de criação das escolas normais. Uma pergunta aqui se impõe: Qual é a relação entre esses “estudos do Português” e o ensino na Escola Normal do Rio de Janeiro?

Do ponto de vista que considera que “o processo de gramatização brasileira do português se deu como um movimento de ruptura com a tradição gramatical portuguesa”, podemos dizer que essas escolas nasceram no Brasil (lembramos que elas eram filiadas a um modelo europeu de ensino, conforme já dissemos no subcapítulo 3.3.1) num momento em que entra em cena uma política de línguas em favor da “construção da Língua Nacional do Brasil, logo após a Independência”. (GUIMARÃES, 2004, p. 65). Uma política de línguas em que se inscrevia, de um lado o “processo de gramatização brasileira do Português”, e, do outro, a presença do Imperador D. Pedro II na criação das escolas normais, conforme vimos no subcapítulo 3.1.1.

No capítulo 4 analisaremos, a partir dos *programmas* de ensino da Escola Normal do Rio de Janeiro, o político nas práticas discursivas que legitimaram a Língua Portuguesa como a língua Nacional (e materna) do Brasil.

Diante do processo de criação de escolas normais no Brasil, que se acelera durante o

<sup>93</sup> Não foi possível saber, de acordo com o nosso material de análise, se, nos anos de 1907, 1908, 1920, 1922, 1923, 1924, 1931 e 1932, criaram-se escolas normais. Assinalamos esse fato com o ponto de interrogação.

<sup>94</sup> Cf. Guimarães (2004, p. 47).

<sup>95</sup> Cf. Guimarães (2004, p. 47).

período histórico compreendido entre a Independência do Brasil em 1822 e a Proclamação da República em 1889, é importante reiterar, formulamos a hipótese de que esse empreendimento educacional, para além de uma proposta apenas pedagógica, trazia consigo um objetivo político, considerando-se que a criação de escolas constitui um gesto de instituição de uma língua nacional. Nesse gesto político-institucional de fundação das escolas normais no Brasil imperial, imediatamente após a sua Independência, depreende-se que a língua nacional instituída nessas escolas foi o Português, o que garantiria a permanência dos portugueses aqui, ainda que não fossem mais os donos do Brasil.

O interesse do poder pela adoção do sistema normal de ensino para a formação de professores, devidamente preparados para a “desanalfabetização da infância”, e a vigilância das escolas pelo Imperador representam o exercício do poder como lugar, ao mesmo tempo, de instituição dos saberes que deveriam ser sustentados por uma língua única: a língua do Imperador. Um saber, portanto, político. Um saber que se constituiria a partir de um embate entre a *unidade* (o purismo de uma língua instrumentalizada com suas gramáticas, seus dicionários, sua literatura escrita) e a *variedade* (o nacional próprio do Brasil).

A unificação da língua era necessária à sustentação da unidade política e administrativa de um poder fortemente centralizado. No processo de formação do Estado Brasileiro, a unificação da língua nacional também estava em jogo, visto que, sendo a língua um dos símbolos nacionais, a sua unidade, embora imaginária, sustenta a unidade nacional. E as escolas normais com seus instrumentos de controle de discursos teriam contribuído, com seu discurso homogeneizante, para a construção da nacionalidade brasileira.

### 3.4 O GERENCIAMENTO DA ESCOLA NORMAL

O funcionamento da Escola Normal, conforme vimos no início do capítulo 3, era gerenciado, desde a sua fundação, por decretos e leis que incluíam, dentre outras disposições, o regulamento dos *programmas* de ensino, como podemos ler a seguir:

De acordo com o artigo 1º do Decreto nº 80 025 de 16 de março de 1881, referendado pelo Barão Homem de Mello, substituto de José Veríssimo Dias de Mattos na Academia Brasileira de Letras e então Ministro do Império do Gabinete Saraiva, ‘a Escola Normal da Corte tem por fim preparar professores primários do 1º e 2º grau (*sic*): o ensino nela distribuído será gratuito, destinado a ambos os sexos, e compreenderá dois cursos - o de ciências e letras e o de arte’s<sup>96</sup>. (Grifos nossos).

Tais decretos eram referendados por representantes do poder nos órgãos administrativos, de acordo com as expressões grifadas na citação acima. “Barão Homem de Mello” era Ministro do Império do Gabinete Saraiva e substituto de José Veríssimo na Academia Brasileira de Letras. Esse fato permite-nos observar o funcionamento das instituições (Ministério, escola e academia literária) a serviço de um mesmo projeto de preservação cultural. As instituições eram representadas por sujeitos<sup>97</sup> que ocupavam nas relações sociais posições que remetiam aos interesses dominantes. Essa filiação marca-se lingüisticamente nos termos “Ministro do Império” e “substituto”, duas posições sociais, para um mesmo sujeito, que representavam cargos de confiança do poder.

De acordo com Pêcheux, o que está em jogo na discursividade é a posição-sujeito: o sujeito do discurso ocupa nas relações sociais um “lugar” para ser sujeito do que diz. (PÊCHEUX, 1997, p. 83).

Para melhor visualização dos decretos que controlavam o funcionamento da Escola Normal, durante o período compreendido entre 1880 e 1932, organizamos o Quadro 4, a seguir, onde apresentamos esses fatos histórico-discursivos em ordem cronológica:

---

<sup>96</sup> Apud Silveira (1954, p. 12).

<sup>97</sup> Não nos referimos aqui ao sujeito empírico, mas ao sujeito do discurso, que ocupa nas relações sociais uma posição para ser sujeito do que diz. (Cf. PÊCHEUX, 1997, p. 83).

## QUADRO 4

Cronologia de decretos que regulamentaram o funcionamento da Escola Normal<sup>98</sup>

|                                                                               |                                                                                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Decreto nº 7684 de 6 de março de 1880                                         | Criou a Escola Normal da <i>Côrte</i> .                                                                                                                 |
| Decreto nº 8025 de 16 de março de 1881                                        | Determinou as normas a serem observadas no ensino normal da <i>Côrte</i> .                                                                              |
| Decreto nº 10.060 de 13 de outubro de 1888                                    | Modificou, em 182 artigos, o regulamento da Escola Normal.                                                                                              |
| Decreto nº 407 de 17 de maio de 1890                                          | Aprovou o regulamento para a Escola Normal da Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil.                                                |
| Decreto nº 844 de 19 de dezembro de 1901                                      | Determinou, dentre outras reformas, que somente às moças era permitida a matrícula na Escola Normal.                                                    |
| Decreto nº 1122 de 21 de junho de 1907                                        | Revogou a disposição anterior.                                                                                                                          |
| Decreto nº 811 de 13 de outubro de 1910                                       | Estabeleceu o vestuário para os diplomados pela Escola Normal.                                                                                          |
| Decreto nº 838 de 20 de outubro de 1911                                       | Decretou a autonomia da Escola Normal, municipalizando-a, com sua emancipação de qualquer tributação ou intervenção oficial.                            |
| Decreto nº 981 de 2 de setembro de 1914                                       | Restabeleceu a autoridade do Prefeito do Distrito Federal sobre a Escola Normal, que voltou a ser subordinada à Diretoria Geral de Instrução.           |
| Decreto nº 985 de 10 de outubro de 1914                                       | Determinou, dentre outras disposições, que o ensino de Instrução Cívica e Noções de Direito Constitucional ficasse com a cadeira de História do Brasil. |
| Decretos nº 1730 de 5 de janeiro de 1916 e nº 1059 de 14 de fevereiro de 1916 | Determinaram que ficava o Prefeito com a autorização para regulamentar o plano de estudos da Escola Normal.                                             |
| Decreto nº 2316 de 23 de outubro de 1920                                      | Concedeu ônus e vantagens de funcionários municipais a um grupo de docentes da Escola Normal.                                                           |
| Decreto nº 1328 de 25 de abril de 1919                                        | Determinou novo regulamento à Escola Normal.                                                                                                            |
| Decreto nº 1389 de 18 de agosto de 1919                                       | Anulou a reforma anterior.                                                                                                                              |
| Decreto nº 2775 de 15 de novembro de 1922                                     | Determinou a alteração do anel simbólico da diplomada pela Escola Normal.                                                                               |
| Decreto nº 3281 de 23 de janeiro de 1929                                      | Modificou os planos educacionais da cidade do Rio de Janeiro e reformulou os programas de ensino da Escola Normal.                                      |
| Decreto nº 3810 de 19 de março de 1932                                        | “Extinguiu” a Escola Normal e criou o Instituto de Educação.                                                                                            |

Com esse quadro, podemos perceber que todo o sistema de ensino era controlado por decretos. “O discurso jurídico, de caráter definitório e imperativo, permite que se estabeleçam pelo viés do acadêmico as bases para a prescrição e formulação das decisões.” (SOUZA e MARIANI, 1996, p. 90).

<sup>98</sup> Cf. Silveira (1954).

A forma dos aludidos textos jurídicos não só organizavam como também sustentavam os discursos dos *programmas* de ensino, conforme podemos ler no subcapítulo a seguir.

### 3.4.1 QUEM ELABORAVA OS *PROGRAMMAS* DE ENSINO

Os *programmas*, que em 1888 eram denominados “Programma de exame”, e, depois, “Programma do [ou de] ensino”, conforme podemos ler no subcapítulo 2.1, apresentavam, de um modo geral, o conteúdo da disciplina a ser ministrado em cada uma das séries do Curso Normal (a duração do curso variava entre três e quatro séries). Em alguns deles, podemos ler a indicação dos livros que eram adotados, as diretrizes pedagógicas, os pareceres da legislação do ensino, a relação de nomes dos professores e dos diretores da instituição.

O Decreto nº 8 025 de 16 de março de 1881, no qual estavam compendiadas as normas a serem observadas no ensino normal da *Côrte*, determinava que cabiam ao professor as seguintes atribuições na organização dos *programmas*:

Artigo 77<sup>99</sup>. - Os professores e substitutos do curso de ciências e letras se congregarão com o diretor e sob a presidência deste para:

1º - Organizar anualmente o programa de ensino e o horário bem como indicar as obras e os compêndios que devem ser adotados na escola, submetendo tudo à aprovação do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império;

As palavras que destacamos na citação apontam para o rigoroso controle institucional sobre a elaboração dos *programmas* de ensino, a partir dos quais eram prescritas as “obras” e os “compêndios” a serem lidos pelos alunos. Observamos nessa citação o funcionamento do Estado a serviço do poder. Os professores, “sob a presidência do diretor”, eram vigiados em sua tarefa de organização das disciplinas e manuais didáticos a serem prescritos pelos *programmas*. Eles deveriam, portanto, se enunciar a partir de uma determinada posição social.

Conforme podemos ler na citação a seguir, os professores participavam dos trabalhos de elaboração das diretrizes de ensino que lhes eram “exigidos” e deviam pô-los em prática, mas “sob” a vigilância do poder representado pelo “Ministro do Império”, pelo “inspetor geral” e pelo “conselho diretor de instrução pública”:

5º - Prestar informações, dar os pareceres e organizar os trabalhos sobre instrução primária que lhe forem exigidos pelo Ministro do Império, assim como pelo inspetor geral ou pelo conselho diretor de instrução pública, por intermédio do mesmo inspetor;

---

<sup>99</sup> Apud Silveira (1954, p. 17).

Cabia ainda aos professores da Escola Normal da Corte a vigilância não só das escolas públicas, mas também das escolas particulares, de acordo com o artigo 77 do parágrafo 6º do referido decreto:

6º - Designar, a requisição do Ministro do Império, professor e substitutos, a fim de conjuntamente com os delegados de distrito inspecionarem as escolas públicas da Corte e visitarem as escolas e colégios particulares na forma do disposto no artigo 7º parágrafos 1 e 3 do Regulamento anexo ao Decreto nº 1. 331-A de 17 de fevereiro de 1854.

As escolas particulares deveriam funcionar nos moldes instituídos pelo Colégio Pedro II, conforme já dissemos anteriormente. Eram mantidas sob a vigilância dos interesses dominantes representados pelo “Ministro do Império”, pelos “delegados de distrito” e pelo “professor e substitutos”.

A gradação semântica que existe entre os sentidos de “inspecionar” e “visitar” aponta para o fato de que a ação do controle fazia-se exercer com mais rigor sobre a escola pública do que sobre a escola particular: aquela era fiscalizada, vistoriada, revistada e esta, submetida a um controle atenuado, era apenas visitada.

Podemos observar nessa citação que o Decreto do ano de 1881 que regulamentava a Escola Normal estava vinculado a um outro, do ano de 1854. Queremos ressaltar que essa data precede em 26 anos a fundação da Escola Normal, o que nos leva a pressupor que o Decreto de 1854 fizera parte de um sistema de regulamentos a serviço de uma rede de escolas no Brasil imperial, haja vista a fundação das primeiras Escolas Normais, a partir de 1835, e do Colégio Pedro II, em 1837. De acordo com Vechia e Lorenz,

[...] os demais colégios eram incentivados a adequar os seus currículos e programas aos do Colégio de Pedro II, principalmente a partir de 1854, quando os exames preparatórios passaram a ser realizados em conformidade com os programas daquela instituição. (1998, p. vii).

A vinculação do decreto de 1881, que regulamentava o funcionamento da Escola Normal, ao Decreto do ano de 1854 aponta para a equiparação dos *programmas* de ensino da Escola Normal aos *programmas* dos exames preparatórios, que eram elaborados em conformidade com o “Colégio de Pedro II”.

A Escola Normal foi, portanto, desde a sua criação, equiparada a um modelo de ensino europeu, representado no Brasil pelo “Colégio de Pedro II”.

Esse mesmo modelo de vigilância e controle que atravessa o Império tem continuidade na República, conforme podemos ler a seguir:

[...] pelo decreto nº 1 730 de 5 de janeiro de 1916 – letra b do artigo 12 – ficava o Prefeito com a autoridade para regulamentar o plano de estudos da Escola Normal, de sorte que, baseado naquela autorização, foi promulgado o decreto nº 1 059, que deu bons frutos. O mencionado decreto nº 1059 foi publicado em 14 de fevereiro de 1916 e teve a assinatura do Dr. Rivadávia da Cunha Corrêa, então prefeito do Distrito Federal, desde 16 de novembro de 1914; mas a sua feitura foi atribuída ao Dr. Antônio Augusto de Azevedo Sodré – Diretor da Instrução Pública Municipal e antigo Catedrático de clínica médica da Faculdade de Medicina desta cidade – e ao Dr. Afrânio Peixoto – já conceituado pelos trabalhos literários e científicos a quem fora dada a direção da Escola Normal. (SILVEIRA, *ibidem*, p. 41).

Podemos observar nos termos grifados a valorização da ciência, o prestígio do conhecimento científico no início do século XIX, tal como a concebia Benjamim Constant em seu discurso de posse como primeiro diretor da Escola Normal.

Elaborados para organizar as disciplinas e o ensino, os *programmas* deveriam funcionar como guardiães da “uniformidade”, conforme podemos ler na seguinte citação recortada do *programma* de ensino do ano de 1923:

Antes de leccionar qualquer disciplina o professor deve ter o cuidado de ler, atentamente, todas as observações deste programma. Do contrário, o programma quase sempre ficará sujeito às interpretações mais diversas, perturbando a uniformidade de orientação tão necessaria ao bom êxito do ensino. (p. 5).

Sublinhamos os dois trechos dessa citação com a finalidade de destacar duas questões: (i) *dever ler cuidadosa e atentamente todas as observações do programma* aponta para a concepção do sentido dado como único e legítimo, ignorando, portanto, o sujeito, a história, as condições de produção, ignorando que o sujeito é historicamente constituído; (ii) o gerenciamento dos *gestos de interpretação* pela instituição escolar, por meio dos *programmas* de ensino. E aqui retomo a epígrafe deste trabalho: “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

De acordo com Orlandi, “os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser”. (2001d, p. 9).

Observamos nessa citação um efeito de vigilância ao surgimento de outro(s) sentido(s) e o funcionamento discursivo dos *programmas* como instrumento de padronização de metas, valores e idéias. Vigilância à “perturbação” que causariam as “interpretações mais diversas”.

Segundo Orlandi,

há sempre interpretação e faz parte da ilusão imaginária do sujeito acreditar ser a origem do sentido, projetando-se sobre a literalidade e imaginando que só alguns sentidos são sujeitos à interpretação. Os outros seriam evidentes, naturais à própria

língua. [...] A interpretação, por seu lado, se mostra discursivamente como necessidade da relação da língua com a história, ideologicamente construída. (2001d, p. 146).

Do ponto de vista discursivo, os *programmas* não acolhiam a variação, em favor de uma unidade que deveria estar de acordo com o modelo europeu de ensino. Considerando-se que nesse momento o mundo vivia a criação de estados nacionais, podemos dizer que a Escola Normal, por meio dos seus *programmas* eram instrumentos utilizados pelo poder como gerenciadores de sentidos, a serviço do fortalecimento da unidade de língua e de nação.

Neste subcapítulo pudemos perceber a autoridade do discurso jurídico sobre o gerenciamento dos *programmas* de ensino da Escola Normal, fazendo prevalecer os interesses do Estado, representados pelo “Ministro e Secretário de Estado dos Negócios e do Império”, pelo “Inspetor geral”, pelo “Conselho diretor de Instrução Pública” e pelo “Colégio Pedro II”.

Os professores, conforme pudemos ler nas citações em análise, nenhuma autoridade exerciam sobre a elaboração desses *programmas* que eles mesmos deveriam executar junto aos seus alunos, em sala de aula. Deveriam, portanto, repetir, em suas práticas de ensino, as determinações de um poder centralizado, em favor da consolidação do estado nacional.

### 3.4.2 AS DISCIPLINAS

Neste subcapítulo observaremos em três *programmas* de ensino (1881, 1888a<sup>100</sup> e 1890), situados cronologicamente no período de transição entre o Império e a República, o movimento de inclusão e exclusão das disciplinas e os diferentes gestos de interpretação conforme as diferentes condições de produção.

#### D) As disciplinas do *programma* de ensino de 1881:

A organização da Escola Normal compreendia dois cursos, a saber, o de “Ciências e Letras”, nessa ordem, e o de “Artes”. O *programma* de ensino da Escola Normal (1881), elaborado de acordo com o decreto 8025 de 16 de março de 1881, art. 7º, organizava as “matérias” em quatro séries, assim distribuídas<sup>101</sup>:

#### CURSO DE CIÊNCIAS E LETRAS

PRIMEIRA SÉRIE: Instrução religiosa. Português. Francês. Aritmética.

SEGUNDA SÉRIE: Português. Álgebra, geometria e trigonometria. Corografia e história do Brasil. Etnografia. Pedagogia e metodologia elementar. Prática do ensino nas escolas públicas primárias do primeiro grau.

TERCEIRA SÉRIE: Lógica e direito natural e público. Exposição sucinta da Constituição do Império e do Código Criminal. Cosmografia e geografia geral. Elementos de mecânica e astronomia. Ciências físicas. Física. Química.

QUARTA SÉRIE: Economia social e doméstica. História geral. Ciências biológicas. Pedagogia e metodologia geral. Exercícios práticos do ensino primário do segundo grau das escolas anexas.<sup>102</sup> Noções de agricultura.

#### CURSO DE ARTES

Caligrafia e desenho linear. Ginástica. Música: cantos de escola religiosos, morais e patrióticos. Trabalhos de agulha.

Os valores religiosos, morais e cívicos são imputados como princípios norteadores da formação do aluno em sujeito cidadão nacional, conforme podemos ler nas expressões grifadas acima, que atestam os preceitos evocados por Benjamin Constant em seu discurso

<sup>100</sup> Foram-nos disponibilizados pela Biblioteca dois *programmas* de ensino alusivos ao ano de 1888: um que denominamos 1888a e outro, 1888b. O primeiro diz respeito à denominação de todas as disciplinas que constituíam o curso de formação de professores da Escola Normal; e o segundo, analisado em nosso capítulo 4, de análise, é o *programma* de Língua Portuguesa da segunda série, encontrado em sua forma manuscrita, original, elaborado e escrito pelo professor Fausto Barreto, por ele assinado e datado em 5 de novembro de 1888, conforme podemos observar no Anexo 4, ao final deste trabalho.

<sup>101</sup> Cf. Silveira (1954, p. 12).

<sup>102</sup> Observamos nos *programmas* a preocupação com as escolas anexas como lugares de prática de ensino, ao longo da história do Instituto de Educação, desde a sua fundação como *Escola Normal da Côrte*.

inaugural da *Escola Normal da Corte*. Observamos, todavia, que há nesse *programma* uma contradição entre a orientação positivista e laica e a presença da Religião. A organização desse *programma* não corresponde ao ideal de criação de uma escola laica, conforme vimos no subcapítulo 3.3, tendo em vista a prescrição da “Instrução religiosa”, que ocupa, entre as demais disciplinas prescritas, a posição de primeira cadeira no *Programma de Ciências e Letras*, ainda que ministrada apenas na primeira série. À disciplina “Português” cabia a posição de segunda cadeira.

Só na segunda série, o “Português” ocupa a posição de primeira cadeira, quando não aparece mais a “Instrução religiosa” como “matéria” do referido curso.

A quantidade exaustiva de disciplinas desse *programma* revela o caráter enciclopédico de um sistema de ensino voltado, sobretudo, para o conhecimento científico, objetivo primordial do positivismo, conforme foi discutido no nosso subcapítulo 3.2. Lembremos, mais uma vez, o discurso de Benjamim Constant, em defesa da “difusão por todas as classes da nossa sociedade uma larga e sólida instrução que inicie o cidadão nos grandes e úteis resultados obtidos nos domínios da atividade científica, industrial e social [...]”.

## II) As disciplinas do *Programma* de 1888a:

Com a modificação do regulamento da Escola Normal do Município da Corte através da publicação do decreto nº 10 060 de 13 de outubro de 1888, constituído de 182 artigos, assinado pelo então Ministro do Império, José Fernandes da Costa Pereira Junior, foram feitas algumas alterações no funcionamento da instituição. De acordo com esse decreto, o *programma* de ensino da Escola Normal<sup>103</sup> passou a prescrever as seguintes “disciplinas”:

Religião [só no 1º ano]  
 Instrução Moral e Cívica [nos 3 anos]  
 Pedagogia [nos 3 anos]  
 Português [nos 3 anos]  
 Francês [nos 3 anos]  
 Geografia [nos 3 anos]  
 História [nos 3 anos]  
 Matemáticas [nos 3 anos]  
 Ciências Naturais [nos 3 anos]  
 Escrita [1º e 2º anos]  
 Desenho [nos 3 anos]  
 Trabalhos manuais para os alunos [nos 3 anos]  
 Trabalhos de agulha [nos 3 anos]  
 Ginástica e exercícios Militares para os alunos [nos 3 anos]  
 Ginástica para as alunos [nos 3 anos]  
 Música [2º e 3º anos]

<sup>103</sup> Cf. Silveira (1954, p. 22-25).

Da mesma forma que no ano de 1881, também nesse *programma* do ano de 1888a, observamos o comprometimento da escola com o ensino não só do Português, mas também (ainda) da catequese.

No *programma* de 1888a, o “Português” alcança espaço e é ensinado em todo o curso, contando com a carga horária máxima, ao contrário do que acontece no *programma* de 1881, quando era ensinado apenas na metade do curso de Ciências e Letras.

Vale aqui destacar a mudança da denominação da “disciplina” “Instrução Religiosa” para “Religião”, mudança essa que produz um efeito de inclusão e consolidação do ensino religioso como “matéria” e não mais como mera “Instrução”, colocando-a, dessa forma, no mesmo patamar das demais disciplinas.

Repetem-se ainda nesses *programmas*: (i) a posição do ensino religioso como “primeira cadeira” e (ii) o seu aparecimento como matéria apenas no primeiro ano, contando com a menor carga horária de todo o curso.

É importante ressaltar nesse *programma* de 1888a, a um ano, portanto, da Proclamação da República, o aparecimento, pela primeira vez, da disciplina Instrução Moral e Cívica, com a carga horária máxima do curso, que era a mesma das demais disciplinas, com exceção de Música e Escrita.

Ainda que assim tenha sido, esse *programma* repete a contradição que existe no *programma* anterior, de 1881: o movimento de separação entre Estado e Religião, e, por conseguinte, de laicização da escola, abriga em seus *programmas* a prescrição do ensino religioso.

### III) As disciplinas do *Programma* de ensino de 1890:

Em 1890, já no período republicano, o ensino normal passou por mais uma reforma, de acordo com o Decreto nº 407 de 17 de maio de 1890<sup>104</sup>, que aprovou o Regulamento para a Escola Normal da Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil.

De acordo com o Artigo 3 desse Decreto, as matérias que faziam objeto do ensino nesta escola eram<sup>105</sup>:

<sup>104</sup> Vale aqui ressaltar que, de acordo com esse Decreto, o interesse pelo funcionamento da escola de aplicação data no Brasil desde os primórdios da Escola Normal, conforme podemos ler no Artigo 102 do aludido texto institucional: “A escola de aplicação funcionará, durante o dia, no próprio edifício da Escola Normal.” De acordo com o decreto nº 985 de 10 de outubro de 1914, que fez uma das reformas da Escola Normal, trabalhavam na escola de aplicação, além de um professor catedrático, os adjuntos necessários. O Decreto nº 2775 de 15 de novembro de 1922 determinava que “para a prática escolar dos futuros alunos mestres ficou instituída e diretamente subordinada a Escola Normal um instituto mixto – a escola de aplicação.” Cf. Silveira (1954, p. 44).

## CURSO DE CIÊNCIAS E LETRAS

Português - essencialmente redação, noções de literatura nacional; Francês;  
 Geografia geral e corografia do Brasil – cartografia;  
 História universal e especialmente do Brasil;  
 Matemática – aritmética, álgebra, geometria preliminar, trigonometria, noções de cálculo e geometria geral, elementos de mecânica nacional; Astronomia – geometria celeste e noções de mecânica celeste;  
 Física e Química – noções de mineralogia e geologia;  
 Biologia;  
 Sociologia – instituições fundamentais da existência social, leis da evolução de entendimento, da atividade e do sentimento;  
 Moral – faculdade ou funções relativas aos elementos da natureza humana. Moral teórica e moral prática especialmente no que diz respeito à profissão do magistério.

## CURSO DE ARTES

Desenho – estudo geral do traço à mão livre (estimografia): ornamentação vegetal e animal; desenho colorido, ditado de invenção ou composição.  
 Caligrafia – letra singela especialmente; letra gótica e de fantasia.  
 Música – leitura musical e estudo completo de solfejo, cânticos escolares, morais e patrióticos; coros; estudo elementar do piano.  
 Ginástica – exercícios do corpo livre  
 Trabalhos de agulha, especialmente costura chã, corte e feitiço.  
 Trabalhos manuais – tecnologia das profissões elementares; manejo das principais ferramentas.

Analisando as condições de produção, temos que, com esse *programma*, a Escola Normal inscrevia-se no movimento nacionalista republicano, haja vista os temas de estudo voltados para a ciência e para a nação brasileira.

Sublinhamos “no curso de ciências e letras” a expressão “especialmente redação” para ressaltar a preocupação da Escola Normal com a urgência da aprendizagem da língua escrita. Lembremos que, conforme já foi discutido no subcapítulo 3.3.1, o sistema de ensino normal foi adotado no Brasil para cuidar da “desanalfabetização da infância”.

É importante destacar que, com a passagem do Império para a República, desapareceu dos *programmas* de ensino a matéria Religião, conforme podemos observar nesse *programma* de 1890<sup>105</sup>. A “matéria” Instrução Moral e Cívica teve a sua denominação reduzida a Moral, apenas.

Observamos nesses *programmas*, situados cronologicamente no período de transição entre o Império e a República, a inclusão e exclusão de disciplinas, num momento de consolidação do Estado Brasileiro e da Língua Portuguesa como língua nacional. Disciplina

---

<sup>105</sup> Cf. Silveira (1954, p. 28-29).

<sup>106</sup> ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 20.

que se refere não apenas ao conhecimento acadêmico, mas também à assimilação de padrões de comportamento legitimados pela própria instituição de ensino.

O modo como as disciplinas se organizavam nos *programmas*, a carga horária de cada uma delas, assim como sua inclusão ou exclusão, iam moldando, ao longo dos anos, o modelo de cidadão que se queria formar.

A organização de tais disciplinas aponta para um tipo de política que tem por finalidade (en)formar o cidadão positivista, considerando-se que esses *programmas* privilegiavam a ciência, objetivo primordial do Positivismo.

### 3.4.3 OS MANUAIS DIDÁTICOS

Da mesma forma que a elaboração dos *programmas*, a adoção dos manuais didáticos utilizados no interior da Escola Normal também se fazia sob vigilância e controle.

Os professores não tinham autonomia para indicar as obras a serem lidas pelos alunos nas aulas de línguas. Tal indicação era determinada por "decretos" e leis, elaborados por sujeitos que se enunciavam a partir de certas posições, conforme podemos ler a seguir:

De acordo com o Artigo 117 do Decreto nº 10 060 de 13 de outubro de 1888, não se adotarão compêndios para o ensino, nem será permitido o sistema de postilas. Os professôres aconselharão aos alunos os livros que julgar convenientes como auxiliares de estudo.

Parágrafo único - Nas aulas de línguas serão adotadas as obras que o Ministro do Império determinar sôbre proposta do Diretor, ouvidos os professôres<sup>107</sup>.

Observamos nesse recorte o controle institucional sobre a indicação dos manuais de ensino. As "aulas de línguas" eram vigiadas. Esse fato leva-nos a pensar no político que existe no ensino das línguas em geral e da Língua Portuguesa.

A fragilidade dos limites entre as línguas diferentes em contato e a natureza heterogênea delas abre espaço para uma disputa de sentidos, disputa pela hegemonia de um sentido e não de outro(s). Seguindo esse raciocínio, podemos pensar nas instituições como espaços gerenciadores dos discursos sobre a língua, trazendo consigo os poderes representados por leis, decretos e certas "obras" que fixariam uma determinada forma de língua.

Podemos perceber nessa citação uma contradição: os professores eram "ouvidos" sobre as "obras" a serem adotadas, mas a indicação já estava "determinada" pelo Ministro do Império, após "proposta" do "Diretor".

Apenas essas "obras" estavam autorizadas como manual didático a ser usado pelos alunos para as aulas de línguas.

"Compêndios" e "postilas" estavam excluídos do modelo de ensino ali pretendido, de acordo com os seguintes dizeres do Artigo 118 desse mesmo decreto<sup>108</sup>: "não se adotarão compêndios para o ensino nem será permitido o sistema de postilas. Os professores aconselharão aos alunos os livros que julgar convenientes como auxiliares do estudo."

<sup>107</sup> Apud Silveira (1954, p. 24).

<sup>108</sup> Idem, loc. cit.

Não apenas o texto a ser lido pelos alunos era indicado sob rigorosa vigilância. Também o texto escrito por eles era vigiado, conforme com o Artigo 118 do referido Decreto:

os alunos serão obrigados a tomar apontamentos das explicações, redigindo-os em livro especial, que submeterão aos respectivos professôres. Outrossim, conservarão os seus trabalhos escritos, ainda depois de corrigidos e anotados pelos professôres e os terão à disposição destes e do Diretor.<sup>109</sup>

Sublinhamos o adjetivo “obrigados” para ressaltar o efeito de coerção no funcionamento discursivo do decreto que determina o comportamento dos alunos durante as aulas.

De acordo com esse recorte, os alunos não podiam se desfazer das anotações que faziam durante as aulas, mesmo depois de corrigidas pelos professores. Tais manuscritos constituíam, assim, documentos que deveriam ser guardados como a prova daquilo que os professores falavam, iam e escreviam durante as aulas e como a prova de obediência dos alunos aos ensinamentos do professor. Dito de outra forma, as anotações dos alunos funcionariam como instrumento de fiscalização do trabalho realizado pelos professores e pelos alunos em sala de aula.

A partir desses manuscritos, poderia ser investigado se as aulas estavam de acordo com a política de ensino proposta pela Escola Normal.

Tendo em vista essas considerações, somos levados a pensar com Orlandi nas “maneiras como as instituições regulam os gestos de interpretação” (2001h, p. 10). De acordo com a autora, “o gesto de interpretação vem carregado de uma memória (de uma filiação) que, no entanto, aparece negada, como se o sentido surgisse ali mesmo.” (Ibidem, p. 92-93).

Do ponto de vista discursivo, o sentido não pode ser qualquer um porque é historicamente determinado. A interpretação, portanto, está relacionada com a história, com a ideologia, com as condições de produção. O período histórico quando foi escrito o Decreto nº 10 060 de 13 de outubro de 1888 é o Império, e os interesses que prevalecem são, por conseguinte, os da Corte portuguesa.

O discurso acadêmico alia-se ao discurso jurídico, que, por sua natureza impositiva, faz prevalecerem os interesses do poder dominante, fazendo uso dessa instituição de ensino para a institucionalização de certos saberes. O discurso jurídico autoriza à Escola Normal o poder de impor certos manuais de ensino e não outros.

---

<sup>109</sup> Apud Silveira (loc. cit.).

### 3.5 MEIO SÉCULO DEPOIS, O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Só 50 anos após sua fundação, a Escola Normal teve sua sede própria, em outubro de 1930<sup>110</sup>, quando passou a funcionar no prédio<sup>111</sup> situado na Rua Mariz e Barros, nº 227, na Praça da Bandeira.

Ali funcionou a Escola Normal durante dois anos apenas, até 1932, quando foi incorporada como curso normal a um novo modelo de ensino, o Instituto de Educação, inaugurado, nesse mesmo ano,

com o fim especial de prover à formação técnica de professores primários, secundários e especializados, para o Distrito Federal e resultou da incorporação, num só estabelecimento, da antiga Escola Normal e escolas anexas (jardim de infância e escola de aplicação), com as modificações de estrutura e funcionamento que foram fixadas pelo Decreto nº 3.810, de 19 de março de 1932.<sup>112</sup>

Esse novo modelo de educação manteve, portanto, da Escola Normal, a finalidade de formar “um idôneo escol” para o ensino público, conforme já vimos no subcapítulo 3.3.1.

Observamos ainda nessa citação a exigência da formação normal para lecionar no Distrito Federal.

O Instituto de Educação foi idealizado e fixado em lei pelo professor Anísio Teixeira, então diretor de Instrução Pública, que indicou Lourenço Filho para ser o diretor da recém-criada instituição escolar<sup>113</sup>, inaugurada já em sede própria, passando a ocupar o aludido prédio.

Podemos observar nas fotos, no anexo 1, ao final deste trabalho, e na descrição apresentada a seguir, a grandiosidade desse prédio de estilo neo-clássico, considerado, pelas suas proporções e pelo seu acabamento, um dos monumentos da cidade do Rio de Janeiro:

A construção ocupa uma área de 7.400 metros quadrados, em terreno de 17.800 metros quadrados. O corpo central do prédio, dividido em três pavimentos, aloja as dependências de administração e as de ensino. Sessenta e quatro salas são ocupadas em aulas e laboratórios; quatorze com a administração; três com a Biblioteca; quatro com o serviço médico e dentário. Aos lados do corpo central, acham-se o ginásio de educação física e o Auditorium (salão de festas e reuniões). Em pavilhão isolado, funciona o Jardim de Infância. Dois laboratórios modelo para o ensino de Química,

---

<sup>110</sup> O Sr. Fernando Azevedo, nomeado Diretor de Instrução Pública pelo Prefeito do Distrito Federal, o Sr. Antônio Prado Júnior, “amparado pelo aludido Prefeito, modificou os planos educacionais da cidade com o decreto nº 3281 de 23 de janeiro de 1928”. (SILVEIRA, 1954, p. 44, grifos nossos.).

<sup>111</sup> O prédio foi construído no período da administração do Prefeito Antônio Prado Júnior, quando era Diretor de Instrução Pública o Professor Fernando de Azevedo.

<sup>112</sup> INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1933, p. 3.

<sup>113</sup> INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 23.

um laboratório de Ciências físico-naturais; três *ateliers* de Desenho; uma oficina para Trabalhos Manuais; um laboratório para Psicologia Educacional; um gabinete para estudo de Geografia, dispondo de museu econômico; um museu de Higiene e Puericultura; um gabinete para o estudo da Sociologia e outro para o estudo da Estatística aplicada à educação; um refeitório para alunos e professores; foi construído um campo de jogos; salas ambiente para História, Matemática e Línguas vivas, bem como um laboratório de Física, um estúdio para o ensino de apreciação musical e uma sala de conferências para a Escola de Professores.

Os laboratórios e gabinetes estão providos de copioso material de ensino. Além da documentação de museu e cartoteca, o Instituto dispõe de oito aparelhos de epi-diascopia, nos principais gabinetes, e de três aparelhos de projeção animada, um dos quais, para filmes sonoros. Por se achar instalada no Instituto, a estação radiofônica PRD5, do Departamento de Educação, o estabelecimento se utiliza com facilidade desse meio de extensão cultural, irradiando lições, concertos e conferências.<sup>114</sup>(Grifos nossos).

Tendo em vista o amplo espaço físico das novas instalações da Escola Normal, para o qual as autoridades não pouparam recursos, formulamos a seguinte questão: Para quem foi construída uma escola de tamanho porte?

Destacamos as palavras da citação para ressaltar a valorização atribuída aos estudos da ciência e da tecnologia, para os quais a construção do prédio não regateou recursos.

Vale aqui destacar que a Biblioteca funciona ainda hoje instalada nesse mesmo espaço.

É curioso o fato de a instituição escolar ter instalada em seu interior uma estação radiofônica. Esse recurso midiático, sabemos todos, pode alcançar, numa única enunciação muitos ouvintes, garantindo, assim, a repetição do mesmo e a contenção do diferente, que levaria, retomando o foco do nosso trabalho, à fixação de uma determinada forma de língua falada e não de outra(s).

Ainda que o Instituto de Educação mantivesse da antiga Escola Normal a finalidade de formar professores, interessava-lhe organizar um curso de natureza profissionalizante com disciplinas, programas e legislação específicos, próprios de uma escola que promovesse a formação de profissionais tecnicamente especializados para o ofício de ensinar.

De acordo com o decreto que o instituiu, o Instituto de Educação ficou organizado em quatro escolas, assim distribuídas:

- 1) escola de professores;
- 2) escola secundária;
- 3) escola primária;
- 4) e jardim de infância.

---

<sup>114</sup> INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1933, p. 7.

Esse novo modelo educacional, além de incorporar, no mesmo ano de sua criação, a Escola Normal com suas escolas anexas, (escola de aplicação e jardim de infância), incluiu em sua grade curricular as disciplinas do curso secundário do Colégio Pedro II, conforme podemos ler no recorte a seguir.

O curso secundário do Instituto de Educação foi organizado em dois ciclos nos quais as disciplinas ministradas estavam organizadas da seguinte forma:

(i) o *fundamental*, em cinco anos, cujo programa contém as disciplinas do Colégio Pedro II, e mais Higiene, Puericultura e Trabalhos Manuais;

(ii) e o *complementar*, de um ano, com as seguintes disciplinas: Literatura, Inglês ou Alemão, Psicologia, Estatística Aplicada à Educação, História da Filosofia, Sociologia, Desenho e Educação Física. O ciclo complementar é obrigatório para os candidatos à matrícula na Escola de Professores. Cada disciplina, de um e de outro ciclo, dispõe de um professor-chefe e de tantos professores quantos forem necessários. (Grifos nossos.)<sup>115</sup>.

Ao sublinharmos as expressões na citação acima, queremos chamar a atenção para dois fatos: (i) a equiparação dos programas de ensino do recém-criado Instituto de Educação, aos do Colégio Pedro II; (ii) e a hierarquização de professores em categorias, “professor-chefe” e “professores” simplesmente, que traz um efeito de vigilância e controle com vistas ao direcionamento de um sentido. Essa idéia é marcada lingüisticamente pelo número do substantivo, ou seja, o emprego do plural para “professores” em qualquer quantidade (o *múltiplo*) e singular para “professor-chefe” (o *um*). A posição do “professor-chefe” funcionava como o lugar de onde os demais “professores” deveriam se enunciar, ou seja, repetindo modelarmente as prescrições dos *programmas*.

Podemos observar, nesse recorte, que na década de trinta fica ainda mantida a equiparação dos *programmas* de ensino do Instituto de Educação do Rio de Janeiro aos do Colégio Pedro II.

Instituição de ensino organizada em cinco cursos, conforme veremos a seguir, o Instituto era considerado um sistema educacional completo<sup>116</sup>. Com oportunidade de educação em todos os graus, era uma escola preparada para receber um grande número de alunos, brasileiros que ali seriam formados ao longo de 16 anos, a saber, 3 anos no Jardim de Infância; 5 anos na Escola Primária; 6 anos na Escola Secundária; e 2 anos ou mais na Escola de Professores. O efeito que se obtém desse longo tempo de permanência do aluno na escola é a aspiração institucional de ter o controle da completude da formação do indivíduo.

<sup>115</sup> INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1933, p. 9.

<sup>116</sup> INSTITUTO DE EDUCAÇÃO (1933, p. 4).

Queremos destacar que

essa circunstância, devidamente aproveitada nas minúcias da organização, permite não só a observação continuada da criança e do adolescente, nas fases de maior interesse para a educação escolar, e a experimentação, com rigoroso controle dos resultados, dos processos didáticos modernos, como também o arquivo de dados objetivos para o estudo do escolar brasileiro<sup>117</sup>. (Grifos nossos).

O “escolar brasileiro” era interpretado a partir da “observação continuada” que se fazia sobre ele, criança e adolescente, fases de maior interesse para a “desanalfabetização da infância”, conforme vimos no sucapítulo 3.3.1, e da experimentação, “com rigoroso controle de resultados, dos processos didáticos modernos”.

Tendo em vista essas considerações, formulamos a hipótese de que tais interpretações orientariam a produção e a indicação dos manuais de ensino aos alunos destinados.

A escola de professores manteve-se, de acordo com o Decreto nº 7941 de 1943, que fixou novas reformas para o Instituto de Educação, e passou a ter a seguinte organização<sup>118</sup>:

- I) um Jardim de Infância (serviria de campo de observação e experimentação pedagógica);
- II) uma Escola Primária (idem);
- III) um Colégio (com os cursos do ensino secundário: ginásial, clássico e científico);
- IV) uma Escola Normal<sup>119</sup> (com o curso normal em três séries);
- V) cursos de especialização e aperfeiçoamento para o magistério primário.

Além de ser um espaço que tinha “o fim especial de prover à formação técnica de professores primários, secundários e especializados” e, portanto, destinado à transmissão de conhecimentos, foi reservado ainda ao Instituto “o papel de arquivo de pesquisas educacionais, as quais poderão vir a ter sensível influência no pensamento pedagógico do país, uma vez elaboradas e publicadas.” (Ibidem). Esse espaço podia ser identificado como um laboratório (lembramos que as instalações do Instituto de Educação incluíam um “laboratório para Psicologia Educacional”) haja vista a “experimentação” e “o rigoroso controle de resultados” que tinham como objeto de estudo o “escolar brasileiro”.

Os fatores que identificavam o “escolar brasileiro” eram demonstrados quantitativamente, por meio de dados que determinavam o perfil dos alunos, agrupando-os em classes homogêneas de estudantes, classificadas como fortes, médias e fracas. As experiências em classes de alunos eram feitas em classes seletivas, sob o controle principalmente do Dr.

<sup>117</sup> INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1933, p. 4-5.

<sup>118</sup> Decreto nº 7941, de 25 de março de 1943. Cf. INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 73-74.

<sup>119</sup> De acordo com o texto dessa reforma de ensino, a denominação Escola Normal foi mantida porque, “consagrada pela tradição, é a que melhor se ajusta às finalidades específicas dos estabelecimentos de formação do professorado primário.” Cf. INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 43.

Lourenço Filho. Vale aqui dizer que

Lourenço Filho publicou em 1927 uma obra que é um marco na história da educação do Brasil: *Introdução ao estudo da Escola Nova*, livro que é uma síntese objetiva e clara de todas as escolas renovadoras, acompanhada de conclusões precisas para a aplicação escolar. O sucesso desse livro considerado a ‘Bíblia da educação brasileira’ transpôs fronteiras e foi traduzido para o espanhol pela coleção Labor<sup>120</sup>.

Os resultados de tais experiências eram divulgados não só no Brasil mas também no estrangeiro.<sup>121</sup> Eram apresentadas em forma de relatórios divididos em introdução, desenvolvimento com análise de dados quantificados e conclusão. Esses arquivos tinham por finalidade

registrar e divulgar trabalhos e investigações sobre ensino e organização escolar, realizados no Instituto de Educação, do Rio de Janeiro, Brasil. Toda Correspondência deve ser remetida ao Prof. Lourenço Filho, Diretor do Instituto de Educação, Rua Mariz e Barros, 227, Rio de Janeiro, Brasil<sup>122</sup>.

Embora o ano de 1932 seja o marco final do período histórico que delimitamos para a nossa análise, esperamos estar motivando, com essas breves considerações acerca da criação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, cuja organização, favorecida pelas amplas dimensões do novo espaço físico, incluiu desde a incorporação da antiga Escola Normal até os novos métodos de ensino daquela época, outros estudos, inclusive sobre as idéias lingüísticas que circulavam nesse novo espaço educacional, a partir do ano de 1932, já na Era de Vargas.

Ao percorrermos a historicidade constitutiva da formação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, constatamos que a instituição se funda ancorada à memória da Escola Normal, que, uma vez filiada ao Colégio Pedro II, inscreve, na própria memória, a história colonial brasileira. Assim, do ponto de vista que concebe o acontecimento como “o encontro de uma atualidade com uma memória”, podemos dizer que a criação do Instituto de Educação foi um acontecimento. (Cf. PÊCHEUX, 2002, p. 17).

Importa a este estudo analisar as “práticas discursivas” que, relacionadas às condições de produção, levaram à “sedimentação de determinados sentidos”, observando a história da Língua Portuguesa contada nessa Escola Normal, tantas vezes re-significada a cada transformação histórica por que passou ao longo dos anos, desde 1880 até 1932.

O capítulo seguinte ocupa-se da análise dos *programmas* de ensino de Língua Portuguesa.

<sup>120</sup> INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, 1945, p. 23.

<sup>121</sup> Ibidem, p. 253.

<sup>122</sup> ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, mar. 1937, p. 270.

#### 4 OS PROGRAMMAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ANÁLISE

*A minha hipótese é a de que a forma histórica do sujeito social brasileiro pode ser percebida no modo como a língua é ensinada, [...]. No ensino da língua estão inscritos valores, metas e perfis da formação de quadros para gerir nossas instituições e nossos projetos políticos de nação. Procurarei, portanto, observar a discursividade dessas instituições com respeito à administração da boa língua.*

(ORLANDI, 2002b, p. 179-180)

Este capítulo tem como principal objetivo analisar os gestos de interpretação sobre a Língua Portuguesa nos *programmas* de ensino da Escola Normal, no sentido de observar a imagem de língua que importava a essa instituição escolar construir e projetar no futuro, por meio dos seus documentos institucionais, e como esse imaginário produz sentidos ainda hoje.

Tais gestos de interpretação constituem discursos e são, por isso, passíveis de tornar-se objeto de estudo da AD.

Interessa-nos compreender o lugar de construção desse imaginário, que faz a língua significar, observando o que se ensinava sobre a Língua Portuguesa, quem a ensinava e como, qual a sua relação com o Latim e com as línguas indígenas e africanas. Indagamos ainda sobre quem produzia o conhecimento lingüístico, sobre os manuais didáticos e sobre as idéias lingüísticas que circulavam no interior da Escola Normal.

Para tornar o nosso trabalho mais profícuo, organizamos em décadas o recorte temporal (1880-1932) sobre o qual incide esta análise. Dividimos esse recorte em dois outros, que denominamos recortes 1 e 2, relacionados a dois períodos da história brasileira: o Império e a República, respectivamente. Com essa divisão, esperamos visualizar melhor o que permanece e o que muda no ensino da língua na passagem de uma década para outra.

Tal divisão pode ser, resumidamente, assim descrita:

## 1º recorte: IMPÉRIO

- a) 1ª década (1880-1889). Análise dos *programmas* de 1881 e 1888b<sup>123</sup>;

## 2º recorte: REPÚBLICA VELHA

- b) 2ª década (1890-1899). Análise dos *programmas* de 1890, 1894 e 1899;  
c) 3ª década (1900-1909). Análise dos *programmas* de 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908 e 1909;  
d) 4ª década (1910-1919). Análise dos *programmas* de 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915 e 1917;  
e) 5ª década (1920-1929). Análise dos *programmas* de 1924 e 1929.

Passemos à análise do primeiro recorte, com a seleção das seqüências discursivas.  
(Todos os grifos são nossos.)

---

<sup>123</sup> Foram-nos disponibilizados na Biblioteca do Instituto de Educação dois *programmas* de ensino alusivos ao ano de 1888. Paradistingui-los em nosso trabalho, nomeamo-los como 1888 a e como 1888b. O primeiro deles diz respeito a todas as disciplinas das três séries do curso normal e está analisado no subcapítulo 3.4.2; o segundo deles, em análise neste capítulo, constitui p *programma* de Língua Portuguesa da segunda série do curso de formação de professores da Escola Normal. Foi encontrado em sua forma original, elaborado e escrito pelo professor Fausto Barreto, por ele assinado e datado em 5 de novembro de 1888, conforme podemos ler no Anexo 4, ao final deste trabalho.

#### 4.1 RECORTE 1. A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL IMPÉRIO (1880-1889)

Neste recorte, nossa análise incide sobre os *programmas* que se incluem no período compreendido entre 1880 e 1889.

Embora o período histórico delimitado para esta análise tenha como marco inicial o ano de 1880, o primeiro *programma* encontrado foi o de 1881.

## RECORTE 1: BRASIL IMPÉRIO

1ª década (*Programmas de Portuguez* de 1881 e 1888)

| ANO               | 1881 <sup>124</sup>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 1888b <sup>125</sup>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O QUE SE ENSINAVA | <p>1ª série:<br/> <u>Leitura corrente</u>; <u>recitação de cor</u> de trechos de prosa e verso; <u>gramática elementar</u>; <u>exercícios</u>, temas; análise sintática; <u>ortografia</u>; <u>exercícios</u> de fraseologia e de <u>redação</u>.</p> <p>2ª série:<br/> <u>Leitura expressiva</u>; <u>recitação de cor</u> de prosa e verso; <u>gramática</u>; <u>desenvolvimento das regras de fonologia, morfologia e sintaxe</u>; análise; <u>etimologia</u> e <u>exercícios</u> de pontuação; teoria do estilo e <u>exercícios de redação</u>.</p> | <p>1ª série:<br/>         Não foi possível encontrar.</p> <p>2ª série<sup>126</sup>:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Do vocalismo; formação e emprego do artigo; da concordância do adjetivo;</li> <li>2. Do consonantismo; formação e emprego do substantivo; sintaxe do verbo haver e do pronome se;</li> <li>3. Do acento tonico e de quantidade; da colocação das palavras e das proposições; flexão e formação do adjetivo;</li> <li>4. Palavras de <u>formação erudita</u>; e de <u>origem popular</u>; dos idiotismos, <u>provincialismos</u> e <u>brazileirismos</u>; Figuras de syntaxe;</li> <li>5. Da interjeição; da pontuação; <u>colocação dos pronomes pessoais em relação objetiva</u>;</li> <li>6. Affixos, raizes, temas; formação e emprego dos pronomes;</li> <li>7. Particulas de realce; <u>colocação dos pronomes atonos em relação subjetiva</u>; classificação das preposições;</li> <li>8. <u>Leis que presidiram a formação do lexico portuguez</u>; voz activa, media e passiva; do <u>archaismo</u> e do <u>neologismo</u>, suas causas; do <u>hibridismo</u>;</li> <li>9. <u>Da orthographia: causas da irregularidade da orthographia portugueza</u>; metrificação; versificação; <u>especies</u> de verso; diferenças entre a prosa e o verso; dos termos da proposição;</li> <li>10. Das licenças poeticas; formas divergentes vocabulares; figuras de palavras e de pensamento;</li> <li>11. Typos syntaticos divergentes; das composições poeticas; genero epico, lirico e dramatico; dos <u>metaplasmos</u>;</li> <li>12. Emprego dos modos e tempos dos verbos; das qualidades particulares do estylo; <u>dos vícios de linguagem</u>;</li> <li>13. Mudança de significação das palavras; formação e emprego da preposição; qualidades geraes do estylo; preposição;</li> </ol> |

<sup>124</sup> De acordo com o *programma* de 1881, o curso normal estava dividido em quatro séries. Na terceira e quarta séries não havia a disciplina Português.

<sup>125</sup> O *programma* do ano de 1888a diz respeito a todas as disciplinas das três séries do curso e está analisado no subcapítulo 3.4.2.

|                   |                             |                                                                                                     |
|-------------------|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                   |                             | 14. Formação e emprego do advérbio; da concordância do verbo; emprego das formas nominaes do verbo. |
| MÉTODO PEDAGÓGICO | Memorização, repetição.     | Não foi possível encontrar.                                                                         |
| LIVROS ADOTADOS   | Não foi possível encontrar. | <i>Seleção Litteraria</i> , por Fausto Barreto e V. de Souza.                                       |

---

<sup>126</sup> O *programma* do ano de 1888b divide-se em 14 pontos e é destinado à segunda série. Não foi possível encontrar o(s) *programma(s)* das outra(s) série(s). Cf. Anexo 4. Foi mantida a ortografia original.

## 1ª DÉCADA

Cumpre-nos dizer que as seqüências discursivas que recortamos do *corpus* empírico dizem respeito, inicialmente, apenas aos tópicos de conteúdo constitutivos dos *programmas* até a 3ª década. Só a partir do ano de 1917, na 4ª década, os *programmas* que nos foram disponibilizados apresentavam textos sobre os procedimentos que deveriam ser adotados para o ensino de Língua Portuguesa. Desses textos, recortamos seqüências discursivas que nos possibilitaram uma análise não mais apenas sobre *o que* se ensinava, mas também sobre *como* e *para que* se ensinava, conforme veremos mais adiante neste capítulo.

Nesta primeira década, desde 1880 até 1889, analisamos os *programmas* de ensino dos anos de 1881 e 1888b. Podemos observar no primeiro deles a preocupação da Escola Normal com o estudo das regras da gramática dividida em partes:

1. Desenvolvimento das regras de fonologia, morfologia e sintaxe; (1881)

O substantivo “desenvolvimento” pressupõe que na primeira série alguns elementos já haviam sido vistos e, na segunda série, seriam desenvolvidos. O artigo definido “as” pressupõe a existência de regras, regras já postas, ou já conhecidas.

A concepção de língua recortada em fonologia, morfologia e sintaxe favorecia o ensino detalhado da língua, ao mesmo tempo descritivo e prescritivo, buscando a unidade, por meio de “regras”.

Segundo Fávero, “a gramática neste período exerce, como as demais, de Fernão de Oliveira até hoje, o duplo papel de descrever os componentes lexical, morfológico e sintático e de estabelecer regras que orientem o usuário, determinando o que deve e o que não deve fazer.” (FÁVERO, 2004, p. 3).

Observamos, nesta análise inicial, o interesse pelos estudos etimológicos, conforme a seqüência a seguir:

2. Etimologia e exercícios de pontuação; (1881)

A prescrição desse tema aponta para uma história de língua voltada para suas origens, para um passado que não devia ser esquecido.

Os exercícios de pontuação, por sua vez, apontam para a ênfase na língua escrita. Na mesma direção, as SDs 3 e 4 apontam para a importância dada à escrita. Pode-se deduzir uma

prioridade concedida a uma fixação da língua escrita. O que nos parece que, nessas condições de produção do final do Império, já se buscava a homogeneidade e unidade imaginárias da Língua Portuguesa do Brasil por meio da padronização da escrita.

As atividades de leitura, fala e escrita, utilizavam o método pedagógico da memorização e da repetição por meio de “exercícios”, conforme os tópicos destacados a seguir:

3. Ortografia; (1881)
4. Exercícios de fraseologia e de redação; (1881)
5. Leitura corrente; (1881)
6. Recitação de cor; (1881)

O exercício da fala, entretanto, consistia na memorização de textos que o aluno deveria repetir. A “ortographia”, os termos “de cor” e os “exercícios” são marcas lingüísticas que apontam para o interesse institucional pela manutenção de certos sentidos, projetando, assim, uma imagem de língua estática, única e legítima, por meio desses tópicos de estudo, que nos permitem supor a existência de duas posições discursivas: de um lado, o modelo, que, por meio de exercícios de memorização e de repetição, devia ser fixado, e, de outro, a alteridade, isto é, a variação, que devia ser silenciada.

De acordo com Orlandi, o silenciamento é uma política do sentido. “A política do silêncio se define pelo fato de que, ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”, diz a autora. (2002, p. 75).

Assim, o dizer sobre a norma a ser fixada põe em evidência a alteridade, que deve ser esquecida.

O que está em jogo é o funcionamento da Escola Normal como espaço institucional legitimado para “recitar” as lições do “Portuguez”, utilizando exercícios de repetição e de memorização como métodos de ensino que favoreceriam a aprendizagem da língua da metrópole, embora distante.

Citar “de cor” alimenta o imaginário da homogeneidade e inibe não só as diferenças constitutivas da heterogeneidade como também a criatividade, a liberdade, promovendo, dessa forma, o recalque de sentido(s) outro(s). Do ponto de vista discursivo, esses dizeres apontam para a legitimidade de um sentido hegemônico, impedindo a sustentação de outro sentido. Existe aí um ponto de tensão entre o mesmo e o aparecimento do novo, dito de outra forma,

entre a paráfrase e a polissemia<sup>127</sup>. “Aí se situa a relação entre a variação, a multiplicidade inerente à linguagem, e a sua contenção (institucional)”. (ORLANDI, 2000, p. 20).

Passemos agora à análise do *programma* de 1888b, onde podemos observar uma política da língua marcada na seqüência discursiva a seguir, de um lado, pelas “palavras de formação erudita” e, de outro, pelas palavras “de origem popular”. Nessa mesma seqüência, os *programmas* prescrevem o estudo dos “provincialismos e brasileirismos”:

7. Palavras de formação erudita e de origem popular; dos idiotismos, provincialismos e brasileirismos; (1888b)

Observamos nessa seqüência um efeito de separação entre duas línguas: a Língua Portuguesa, a que veio da Europa e foi dada ao Brasil, e os “provincialismos e brasileirismos”, um modo brasileiro de falar a língua resultante, na perspectiva discursiva, da historicização do Português no Brasil.

Segundo Guimarães,

o processo de gramatização brasileira do português, que se deu como um movimento de ruptura com a tradição gramatical portuguesa, se aliava na cena política com a construção da língua nacional do Brasil, logo após a Independência. Mas esta história é também a história de um litígio entre o português de Portugal como modelar e o do Brasil como desviante e impuro, errado. A discussão purista tem, incontornavelmente, uma formulação brasileira que toma os modelos portugueses como parâmetro. (2004, p. 65).

A referência aos “brazileirismos” significa, mesmo que não se diga, determinar a língua como brasileira, como sendo um caráter brasileiro, diz o autor. (2004, p. 55).

Câmara Júnior define brasileirismo como “qualquer fato lingüístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato lingüístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal”<sup>128</sup>. (CÂMARA JÚNIOR, 1986).

De acordo com Mariani,

parte-se de um imaginário já constituído pela memória do colonizador português que opõe um *antes*, quando só existiam índios e suas línguas específicas, a um *depois* da chegada dos portugueses, período em que, por um lado, se formou a língua geral e, por outro, passou a vigorar um modo brasileiro de falar considerado desviante da norma culta preconizada pelas gramáticas portuguesas. Em tais gramáticas esse ‘linguajar desviante’ era nomeado ‘brazileirismos’ ou ‘provincialismos’. (MARIANI, 2001a, p. 103).

<sup>127</sup> Cf. Orlandi (2000, p. 20).

<sup>128</sup> Cf. Câmara Júnior, 1986. O autor acrescenta que “a causa fundamental do brasileirismo (como do lusitanismo) é a separação geográfica da língua portuguesa, distribuída em dois territórios isolados, de que resultou a não-coincidência absoluta de evolução”.

O discurso pedagógico menciona, portanto, pela via da exclusão, a existência de outra língua em circulação em território brasileiro, representada no texto por “brazileirismos”. Tal jogo de inclusão e exclusão aponta, no funcionamento discursivo, para a heterogeneidade e para a resistência, ambas representantes de um discurso outro trazido pelo discurso da língua estável e homogênea.

Nas seqüências a seguir, podemos observar a preocupação da Escola Normal com a unificação da Língua Portuguesa:

8. Collocação dos pronomes pessoaes em relação objetiva; (1888b)
9. Collocação dos pronomes atonos em relação subjetiva. (1888b)
10. Da orthographia: causas da irregularidade da orthographia portugueza. (1888b)

A “colocação de pronomes”, que ainda hoje é uma das marcas da diferença entre a Língua Portuguesa de Portugal e do Brasil, e a “irregularidade da orthographia portugueza” já eram, portanto, desde o século XIX, uma preocupação institucional.

O *programma* de 1888b foi elaborado pelo professor Fausto Barreto, que, conforme veremos no subcapítulo 4.3.2, elaborava os Programas dos Exames Preparatórios.

De acordo com Fávero, “influenciado por Müller, cientista que trabalhou com as teorias de Darwin e Haeckel, Fausto Barreto concebia a língua como organismo vivo, procurando aplicar o método positivo das ciências ao estudo da língua”. (2004, p. 1).

Podemos ler nas duas seqüências discursivas, a seguir, que os tópicos de estudo prescritos pelo professor Fausto Barreto no *programma* de ensino<sup>129</sup> por ele elaborado estão de acordo com a filiação do autor às idéias lingüísticas vigentes:

11. Leis que presidiram a formação do léxico português; [...]; do archaismo e do neologismo, suas causas; do hibridismo; (1888b)
12. Metaplasmos; (1888b)

Esses estudos apontam para a preocupação institucional com o ensino de Língua Portuguesa voltado para sua evolução histórica, desde sua origem latina.

Fausto Barreto foi influenciado pelo pensamento alemão e é, em 1870, o primeiro a

---

<sup>129</sup> Ver Anexo 4.

refletir sobre as idéias de Bopp no Brasil,

princiando o que Sílvia Elia em 1963 (1975) denomina período científico da gramática brasileira, período este que se estende até meados do século XX e que nas primeiras décadas aplicou o paradigma histórico-comparativo na análise dos fatos gramaticais. (FÁVERO, 2004, p.1.).

Sublinhamos o trecho na citação acima para destacar que circulava na Escola Normal desde a sua primeira década (1881-1889), a concepção da gramática como uma ciência, bem de acordo com a doutrina positivista que fundou essa instituição de ensino, conforme já foi dito no subcapítulo 3.2.

Os *programmas* desta década, que separavam das “palavras de formação erudita” as palavras de “origem popular”, os “idiomatismos”, os “provincialismos” e os “brazileirismos” e preocupavam-se com as regras de colocação pronominal e com a sintaxe do verbo haver, tentavam conciliar o ensino desses tópicos de estudo com as novas propostas filiadas aos princípios que buscavam as leis que presidiram a evolução das línguas. “São os princípios das ciências como a Biologia e a Física aplicados ao estudo das línguas”, segundo Fávero (2004, p. 2).

De acordo com o nosso material de análise, o manual didático indicado por esse *programma* era apenas *A Seleção Literária*<sup>130</sup>, de Fausto Barreto e V. de Souza. Visto isso, podemos dizer que os saberes sobre a língua eram duplamente gerenciados pelo professor Fausto Barreto no interior da Escola Normal, quer seja por meio dos *programmas* por ele elaborados quer seja por meio da prescrição do manual de leitura de sua autoria ali indicado.

Do ponto de vista discursivo, o contexto histórico-social conta como parte constitutiva da imagem de legitimidade da língua da metrópole portuguesa, uma vez que as condições de produção desse sentido estavam historicamente determinadas pela permanência da Corte Portuguesa no Município da Corte, sede do governo português desde 1808, e por todas as outras questões políticas, culturais e sociais decorrentes desse fato histórico. Daí o interesse da Escola Normal pela fixação, por meio dos seus *programmas*, da variante lingüística européia, em defesa da desejada legitimidade da Língua Portuguesa. Os *programmas*, portanto, reinscrevem-se, sob o efeito ideológico da obviedade, na direção de sentidos de língua pretendida pela formação discursiva hegemônica.

---

<sup>130</sup> *A Seleção Literária* deu origem à *Anthologia Nacional*, assim denominada a partir de 1895. Retomaremos esse assunto ao final deste capítulo, no sentido de compreender o funcionamento desse manual de ensino na história das idéias lingüísticas que este trabalho propõe contar.

Observamos que os *programmas* prescreviam um ensino de natureza gramatical que adotava como metodologia a repetição e a memorização.

Dando continuidade ao nosso estudo, examinaremos, a seguir, os *programmas* de ensino alusivos à segunda década, que dá início à análise do nosso *corpus* relacionado historicamente ao período republicano brasileiro.

## RECORTE 2: BRASIL REPÚBLICA

2ª década (*Programmas de Portuguez* de 1890, 1894 e 1899, grifos nossos)

| ANO               | 1890 <sup>131</sup>           | 1894 <sup>132</sup>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1899                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------------|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O QUE SE ENSINAVA | <u>Especialmente redação.</u> | <p>1ª serie:<br/> <u>Phonologia</u>; suas partes; estudo dos sons e das letras; prosodia; <u>graphica</u>: <u>systemas graphicos</u>; estudo das diversas categorias grammaticae; formação de palavras novas, hybridismos; periodo, oração; etymologia; familia de palavras, synonymos, antonymos, paronymos e homonymos; <u>etymologia</u> de cada uma das categorias grammaticae; <u>vestigio do neutro e da declinação em portuguez</u>; <u>syntaxe</u>; <u>syntaxe especial do verbo haver e do pronome se</u>; <u>collocação dos pronomes pessoaes</u>; <u>anomalias lexicais e syntacticas</u>; figuras de <u>syntaxe</u>; <u>vicios de linguagem</u>; consequencias dos processos geraes das linguas; <u>metaplasmos</u>; <u>historia da lingua portugueza</u>; <u>formação do lexico portuguez</u>; <u>divergencia dialectal brasileira</u>; linguas, sua classificação; <u>dialectos</u> em geral, suas causas; <u>semantica</u>: vista geral sobre esse estudo; <u>themas</u>, raizes; lingua primitiva hypothetica; arte de escrever, sua evolução; <u>exercicios de composição</u> adiantada e da analise syntactica.</p> <p>2º anno: (Não foi possível encontrar.)</p> | <p>1ª anno:<br/> <u>Exercicios graduados de orthographia e redação</u>.<br/> <u>Exercicios de leitura expressiva e commentada</u>, com substituição de phrases, ou de termos equivalentes.<br/> <u>Exercicios phraseologicos para aplicação das regras de pontuação</u>.<br/> <u>Exercicios</u> de analyse lexicologica e ensaios de analyse logica.</p> <p>2º anno:<br/> <u>Revisão da grammatica elementar</u>.<br/> <u>Noções de phonologia</u>, vozes consonancias, sylaba, diphthongo, vocabulo, quantidade, accentuação.<br/>         Noções sobre systemas graphicos, notações lexicas.<br/>         Noções de morphologia; elementos morphicos</p> |

<sup>131</sup> Não foi possível saber sobre o ensino da gramática na ementa encontrada.

<sup>132</sup> Só foi encontrado o *programma* da 1ª serie, assinado pelo Dr. Alfredo Gomes. Foi mantida a ortografia original dos *programmas* dos anos de 1894 e 1899.

|                   |                             |                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                   |                             | 3º ano: (Não foi possível encontrar.)<br><br>4º ano: (Não foi possível encontrar.) | das palavras.<br>Estudo das palavras flexíveis e inflexíveis.<br>Analyse lexica e syntactica.<br><u>Exercícios de redacção e composição</u> , com subsidios ministrados pelo professor.<br><br>3º ano:<br><u>Ethymologia: seus processos geraes. Raiz, thema, terminação, desinencias, affixos.</u><br>Familia de palavras. Sinonimos, antonyms, paronyms, homonyms. <u>Etymologia</u> de cada uma das categorias grammaticaes. <u>Vestigio do neutro e da declinação em portuguez</u> . Syntaxe especial de cada uma das categorias vocabulares. Idiotismos. Syntaxe do verbo haver e do pronome <i>se</i> . Construcção da proposição. <u>Collocação dos pronomes pessoases</u> . Perigrinismos. <u>Archaismos</u> . <u>Neologismos</u> . Hybridismos. Particulas de realce. <u>Vicios de linguagem</u> . Figuras de syntaxe. <u>Historia da lingua portugueza</u> . Semantica. Arte de escrever; sua evolução.<br><br>4º ano: Litteratura. |
| MÉTODO PEDAGÓGICO | Não foi possível encontrar. | Exercicios.                                                                        | Repetição por meio de exercícios.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| LIVROS ADOTADOS   | Não foi possível encontrar. | Não foi possível encontrar.                                                        | Não foi possível encontrar.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

4.2 RECORTE 2. A LÍNGUA PORTUGUESA NA REPÚBLICA VELHA<sup>133</sup> (1889-1932)

## 2º DÉCADA

Foram analisados, nesta década (1890-1899), os *programmas* de 1890, 1894 e 1899. De acordo com esses documentos, o ensino do “Portuguez” era ministrado no 1º, 2º e 3º *annos*, e ficava reservado ao 4º *anno* o ensino de Literatura.

Esses *programmas* mantêm a prescrição do ensino da leitura e da escrita e, predominantemente, da gramática da mesma forma que na primeira década. Observamos, todavia, algumas mudanças na 2ª década, a saber:

- (i) a ênfase no ensino da escrita;
- (ii) a primeira ocorrência dos tópicos de estudos do Português em relação com o Latim, nos *programmas* de 1894 e 1899 (“vestigio do neutro e da declinação em portuguez”);
- (iii) a primeira ocorrência da “semântica” como tópico de estudo, encontrado no *programma* de 1894;
- (iv) a variação lingüística, referida como “brazileirismos” e “provincialismos” na primeira década, passa a ser referida na segunda década como “anomalias lexicais e syntacticas”, “divergência dialectal brasileira” e “dialectos em geral”.

Constatamos, de acordo com o *programma* de 1890, que se intensifica a preocupação com o ensino da língua escrita. Preocupação essa marcada na superfície lingüística pelo modalizador “especialmente”, conforme podemos ler a seguir:

13. Especialmente redação; (1890)

Um ensino de Língua Portuguesa assim, que deveria ser diário com atenção “especialmente à redação”, produz um efeito de urgência da aprendizagem da modalidade escrita da língua. Talvez como forma de assegurar uma unidade do Brasil com Portugal.

Não foi possível saber, todavia, sobre o ensino da gramática nesse *programma*.

O interesse pela língua escrita intensifica-se com o *programma* de 1899, conforme a seguinte seqüência discursiva:

## 14. Exercícios graduados de orthographia e redação; (1899)

---

<sup>133</sup> “Comumente tem-se chamado de ‘República Velha’ o período compreendido entre 1891 e 1930. Inicia-se com a presidência do Marechal Deodoro da Fonseca em 1889 e termina com a Revolução de 1930.” (MAIOR, 1974, p. 311).

O ensino da leitura é contemplado no seguinte tópico de estudo:

15. Exercícios de leitura expressiva e commentada; (1899)

É recorrente a prescrição dos estudos sobre a Língua Portuguesa que a colocam em relação com seu passado latino, conforme podemos observar nestas seqüências discursivas:

16. Etymologia de cada uma das categorias grammaticaes; (1894 e 1899)

17. Vestígio do neutro e da declinação em portuguez; (1894 e 1899)

18. Metaplasmos; (1894)

19. Etymologia; seus processos geraes; (1899)

20. Raiz, thema, terminação, desinencias, affixos. Família de palavras; (1899)

A partir da leitura dessas seqüências, podemos dizer que importava à Escola Normal um ensino do “Portuguez” relacionado ao seu passado histórico, ao Latim. A prescrição desses temas conduz a estudos comparativos entre essas duas línguas.

Os termos “neutro” e “declinação” remetem à língua latina, destacando, dessa forma, a Língua Portuguesa de outras línguas em circulação no território brasileiro, a exemplo das línguas africanas e indígenas, que não têm sua origem no Latim com seu passado glorioso como língua da cultura, da religião e da ciência.

Sublinhamos a palavra “vestígio” para destacar a representação da imagem da língua como algo que precisa de prova, visto que o substantivo “vestígio” pode significar, de acordo com Ferreira<sup>134</sup>, “indício, sinal, pista, pegada, rastro”. Com o “vestígio do neutro e da declinação” fica cientificamente comprovada a filiação do “Portuguez” ao Latim.

Paralelamente a esses estudos e, portanto, exterior a eles, os *programmas* colocavam em destaque, conforme podemos ler na SD21, a seguir, as diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal, mantendo-se, assim, vigilantes à variação da língua,:

21. Divergencia dialectal brasileira; (1894)

---

<sup>134</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio*: o dicionário da Língua Portuguesa. Século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Essa seqüência marca na superfície lingüística a presença da heterogeneidade, da alteridade, referida nessa seqüência, como dialeto.

Seguindo esse raciocínio, para compreender o lugar da Língua Portuguesa falada no Brasil, um dos questionamentos que fazemos em nossas CONSIDERAÇÕES INICIAIS, trazemos para a esta reflexão duas definições de dialeto, tal como o concebem (1) Bluteau e (2) Câmara Júnior:

1. “Modo de falar próprio ou particular de uma língua nas diferentes partes de um mesmo Reino: o que consiste no acento, ou na pronunção, ou em certas palavras, ou no modo de declinar e conjugar.” (BLUTEAU)<sup>135</sup>.
2. “Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos, quando há divergência apreciável de traços lingüísticos secundários entre zonas desse território. A classificação dos dialetos e subdialetos de uma língua é, até certo ponto, convencional, pois depende dos traços lingüísticos escolhidos para base de classificação; são sempre preferidos traços fonológicos e morfológicos porque a fonologia e a morfologia são aspectos de uma língua mais estáveis, mais sistemáticos e mais característicos de sua fisionomia.”

Entretanto, ao conceito lingüístico se acrescenta em regra um conceito extralingüístico de ordem psíquica, social ou política, isto é, (a) a existência de um sentimento lingüístico comum, como na Grécia antiga, onde o eólico, o dórico, o jônio e o ático eram sentidos como variantes de uma língua grega ideal; (b) a existência de uma língua culta, superposta aos dialetos, que assim ficam limitados ao uso cotidiano sem maior expressão cultural ou literária; (c) a subordinação política das respectivas regiões como partes de um estado político nacional. Quando se verificam essas condições extralingüísticas, mas não a coincidência dos traços lingüísticos essenciais, já não se têm dialetos, mas línguas distintas.”(CÂMARA JÚNIOR, 1992, grifos nossos).

<sup>135</sup> Apud LEITE DE VASCONCELOS, J. *Esquisse d' une Dialectologie Portugaise*. Paris, 1901. p.16. Cf. COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, [1938] 1976. p. 328.

Vale aqui reiterar que o dicionário de Rafael Bluteau foi publicado entre 1712 e 1727, conforme nota de rodapé no subcapítulo 1.1, de acordo com Mariani (2004, p. 102).

“A maior autoridade em dialetologia portuguesa é, sem contestação, Leite de Vasconcelos. Não obstante, classifica ele, entre os dialetos do português, o nosso falar.

Sabia que a sua classificação ia ferir os nossos melindres, por isso acudiu logo com a necessária justificação: ‘se eu chamo dialeto, por exemplo, o português de Trás-os-Montes, com mais forte razão devo dar este nome ao português do Brasil ou *brasileiro*.’” (COUTINHO, loc. cit.).

Nesse sentido, podemos dizer que “o modo próprio ou particular” de o brasileiro falar a Língua Portuguesa é referido nos *programmas* como “dialecto”. Não ser referido como língua, mas como “divergencia dialectal brasileira”, produz na materialidade lingüística um efeito de inferioridade da Língua Portuguesa falada no Brasil, em relação à variante de uma Língua Portuguesa “ideal”.

Vale aqui comentar que a “divergencia dialectal brasileira” advém da circulação da Língua Portuguesa em um país de grande extensão territorial, entre diferentes nacionalidades e, por conseguinte, entre hábitos lingüísticos igualmente diversos. Produziram-se, a partir desse fato, variedades locais, e essas variedades deviam, de acordo com os *programmas*, ser estudadas separadamente, conforme podemos observar nas seqüências a seguir:

22. Formação de palavras novas; (1894)

23. Hybridismos; (1894)

24. As anomalias lexicais e syntacticas; (1894)

25. Os vícios de linguagem; (1894)

26. Dialectos em geral; (1894)

“As anomalias lexicais e syntacticas” é um tema de estudo prescrito pelo *programma* de 1894, assinado pelo Dr. Alfredo Gomes, que, conforme já comentamos anteriormente, concebia a gramática como uma ciência. O termo *ciência*, que certos autores omitem, é utilizado por esse filólogo quando ele conceitua gramática como “a ciência dos fatos da linguagem, verificada em qualquer língua”. (Apud FÁVERO, 2004, p. 2).

O termo “anomalias”<sup>136</sup> aparece nas seguintes definições de gramática Geral, de Alfredo Gomes: “Gramática Geral é o estudo dos preceitos, leis e anomalias da linguagem,

---

<sup>136</sup> É importante considerar um certo vínculo que existe entre essas definições de Gramática e uma das controvérsias gregas que, na Antiguidade Clássica, dividia os estudiosos da linguagem em *analogistas*, de um lado, e *anomalistas* do outro. De acordo com Robins, “para os primeiros, a fala humana e a nossa própria compreensão do seu funcionamento, estaria sob o domínio do princípio da regularidade ou analogia (*analogía*); para os segundos, sob o domínio do princípio da irregularidade ou anomalia (*anomalía*). [...] Embora hoje possamos ver que toda uma base de descrição econômica da morfologia grega tenha residido no reconhecimento e sistematização das analogias formais, aos anomalistas não faltaram contra-exemplos para defender suas teses. A maioria das classes paradigmáticas nominais e verbais admitem exceções, membros irregulares, que não podem ser eliminados da linguagem por injunção dos gramáticos”. (ROBINS, R. H. *Pequena História da lingüística*. Tradução de Luís Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983, p. 13-16). Ainda de acordo com Robins, “gramático se identificava com analogista”. (Ibidem, p. 16). Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que as “anomalias” da Língua Portuguesa diziam respeito, de acordo com os *programmas*, às formas da língua consideradas “exceções”, que escapavam ao seu processo de gramatização.

Nesse mesmo sentido, também usa Coutinho o termo *anomalia*: No capítulo em que discute a denominação *brasileirismos*, o autor faz alusão à “colocação irregular dos pronomes oblíquos no Brasil”, por ele referida como “anomalia”, e, por João Ribeiro (apud Coutinho, loc. cit.), como “erro”.

comuns aos idiomas de um grupo. Gramática particular é o estudo dos mesmos preceitos, leis e anomalias da linguagem num idioma determinado.” (FÁVERO, *ibidem*, p. 3, grifo nosso).

Segundo a autora, Alfredo Gomes elaborou sua gramática sob a influência de Fausto Barreto, que iniciou o período científico da gramática brasileira e concebia a língua como um organismo vivo. (*Ibidem*, p. 1).

Aplicavam-se às línguas os princípios do evolucionismo biológico que dominava o fim do século [...], os mesmos princípios das ciências como a Biologia e a Física. [...] De acordo com o evolucionismo lingüístico, a língua é um organismo vivo que nasce, cresce, evolui e morre, continua a autora. (*Ibidem*, p. 2-3).

Com a utilização do termo “anomalias”, o discurso pedagógico alia-se ao discurso naturalista. “Sob o olhar naturalista, a língua é colocada no mesmo lugar das coisas da natureza.” (ORLANDI, 2002, p. 310). À guisa de exemplificação, a autora explica que “a língua indígena pode ser mais ou menos sistemática, assim como as plantas podem apresentar características relativamente regulares. A relação fundamental é entre unidade e variedade”.

Os gramáticos brasileiros do século XIX usavam o termo “anomalias” como sinônimo de *erros*. As “anomalias” representavam a variação, os “dialectos em geral”, os “vícios de linguagem” e tudo aquilo que escapava à pretendida uniformidade da língua, tudo aquilo que constituía lugares de resistência.

“Vício – é qualquer desrespeito à norma lingüística (v.), que não é um erro fortuito, mas um hábito inveterado, por má assimilação dessa norma, no âmbito fonológico, morfológico ou sintático”. (CÂMARA JÚNIOR, 1992).

Câmara Júnior define “norma lingüística”, como

Consultando em seguida Souza da Silveira, temos que, para o autor, “anomalia é o mesmo que irregularidade. As anomalias vocabulares são tudo o que nas palavras escapa às regras gerais e se apresenta, para quem as conhece, como inesperado e errôneo. A maior parte das anomalias vocabulares são devidas à analogia, à etimologia popular, ao influxo de uma palavra em outra, etc.”

Cf SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 9.ed. Rio de Janeiro: Presença: Brasília, INL, [1964] 1983. p. 83.

Isso posto, podemos pensar nas *anomalias* como formas características do uso *incorreto* da Língua Portuguesa falada em território brasileiro.

Encontramos também o termo “verbos anômalos” para designar a irregulareidade de certos verbos, de acordo com alguns autores, a exemplo de Otelo Reis: “Os verbos irregulares seguem, em geral, os correspondentes etimológicos da língua latina, ou a analogia de outros verbos. A alguns verbos, que apresentam grandes irregularidades, principalmente graves alterações no radical, chamamos *verbos anômalos*.” (REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editores, 1982. p. 12-13).

Vale aqui destacar que Otelo Reis era autor de livro de verbos indicado para alunos do 1º ano pelo programa de ensino do Colégio Pedro II, do ano de 1926. Cf. Razzini (2000, p. 330).

Tendo em vista que o tópico de estudo (SD 24) prescrito pelos *programmas* diz respeito às anomalias não só “lexicais” mas também “syntacticas”, pressupomos que o estudo das *anomalias* que esses documentos prescrevem não se restringem apenas à morfologia dos verbos.

(Cf. COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, [1938] 1976. p 339.)

conjunto de hábitos lingüísticos vigentes no lugar ou na classe social mais prestigiosa no País. [...] A norma é contrariada pela variabilidade lingüística intrínseca [...] Do ponto de vista da norma, a variabilidade que a contraria constitui ERRO, [...] Os erros atuam contra a norma e tendem a enfraquecê-la ou modificá-la, principalmente quando na estrutura social se debilita o prestígio do lugar e da classe que representa. [...] A norma é uma força conservadora na linguagem, mas não impede a evolução lingüística [...]. Em muitas sociedades altamente evoluídas a norma se torna operante e agressiva, em face dos tipos de erro, por meio do ensino escolar e da organização de uma disciplina gramatical. (CÂMARA JUNIOR, 1992).

Sob o discurso que projeta da variante européia uma imagem de Língua Portuguesa legítima, o *programma* traz um discurso outro, que aponta para a existência de outra língua, ainda que interpretada como “anomalias”, “vícios de linguagem” e “divergencia dialectal brasileira”.

Tais gestos de interpretação pelos *programmas* de ensino acerca da língua funcionavam como forma de controle, como práticas discursivas que conduziam à inibição de outras línguas, por meio da instituição escolar e seus *programmas*.

A metodologia de ensino adotada era a repetição por meio de exercícios.

Não foi possível saber sobre os manuais didáticos de gramática e de leitura adotados durante esta 2ª década.

Observamos que, durante esse período (1890-1899), quando se inicia o regime republicano brasileiro, importava à Escola Normal do Distrito Federal construir e projetar no futuro uma imagem do “Portuguez” como língua de civilização, filiada ao Latim.

O regime de governo mudou, o Império foi substituído pela República, mas continuou o reinado da importância de uma língua padrão, não mais do Príncipe, mas do poder republicano, representado por uma elite constituída de militares e oligarquias, os fazendeiros.

Permanece, na segunda década, a política de línguas que separa o “Portuguez” relacionado ao Latim da “divergencia dialectal brasileira”, considerada uma forma desviante da variante européia. Variante essa que importava à Escola Normal fixar.

3ª década (*Programmas de Portuguez* de 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908 e 1909, grifos nossos)

| ANO               | 1902                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1903                                         | 1904                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | 1905                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 1906                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 1907                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | 1908                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | 1909                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O QUE SE ENSINAVA | 1º ano:<br><u>Leitura expressiva e commentada</u> ;<br>homonymos,<br>paronyms,<br>synonimos e<br>antonyms;<br>concordancia;<br>emprego de<br>tempos verbais;<br>conjugação de<br>verbos regulares<br>e irregulares;<br>categorias<br>grammaticaes e<br>flexões; <u>regras<br/>de collocação<br/>de pronomes e<br/>de pontuação</u> ;<br><u>descrições<br/>narrativas,<br/>cartas e<br/>petições.</u> | 1º ano:<br>Não foi<br>possível<br>encontrar. | 1º ano:<br><u>Leitura expressiva<br/>e commentada</u> ;<br>homonymos,<br>paronyms,<br>synonimos e<br>antonyms;<br>conjugação de<br>verbos regulares e<br>irregulares;<br>categorias<br>grammaticaes e<br>flexões; <u>regras de<br/>collocação de<br/>pronomes e de<br/>pontuação</u> ;<br><u>descrições<br/>narrativas, cartas e<br/>petições.</u><br>coordenação e<br>subordinação;<br>analyse<br>lexicológica. | 1º ano:<br><u>Estudo pratico<br/>da lingua por<br/>meio da leitura</u> ,<br><u>composição e<br/>narração oral</u> ;<br>As categorias<br>grammaticaes e<br>flexões;<br><u>collocação<br/>pronominal</u> ;<br>composição e<br>derivação de<br>palavras;<br>versificação;<br>coordenação e<br>subordinação<br>nas <u>narrações<br/>escritas e oraes</u> ;<br>homonymos,<br>paronyms,<br>synonimos e<br>antonyms;<br><u>metaplasmos</u> ;<br><u>exercícios de<br/>memória de<br/>pequenas<br/>composições<br/>em verso de<br/>auctores<br/>portuguezes e<br/>brasileiros.</u> | 1º ano:<br><u>Estudo pratico<br/>da lingua por<br/>meio da leitura</u> ,<br><u>composição e<br/>narração oral</u> ;<br>As categorias<br>grammaticaes e<br>flexões;<br><u>collocação<br/>pronominal</u> ;<br>composição e<br>derivação de<br>palavras;<br>versificação;<br>coordenação e<br>subordinação<br>nas <u>narrações<br/>escritas e oraes</u> ;<br>homonymos,<br>paronyms,<br>synonimos e<br>antonyms;<br><u>metaplasmos</u> ;<br><u>exercícios de<br/>memória de<br/>pequenas<br/>composições<br/>em verso de<br/>auctores<br/>portuguezes e<br/>brasileiros.</u> | 1º ano:<br><u>Estudo pratico<br/>da lingua por<br/>meio da leitura</u> ,<br><u>composição e<br/>narração oral</u> ;<br>As categorias<br>grammaticaes e<br>flexões;<br>conjugação dos<br>verbos<br>regulares e<br>irregulares; os<br>verbos ser,<br>haver, avir-se e<br>desavir-se;<br>pronomes;<br>composição e<br>derivação de<br>palavras;<br>versificação;<br>coordenação;<br>subordinação;<br>paronyms,<br>homonymos,<br>synonimos,<br>antonyms;<br><u>metaplasmos</u> ;<br><u>memorização<br/>de pequenas<br/>composições<br/>em verso de<br/>auctores<br/>portuguezes e<br/>brasileiros do<br/>seculo XVI e</u> | 1º ano:<br><u>Estudo pratico<br/>da lingua por<br/>meio da leitura</u> ,<br><u>composição e<br/>narração oral</u> ;<br>As categorias<br>grammaticaes e<br>flexões;<br>conjugação dos<br>verbos<br>regulares e<br>irregulares; os<br>verbos ser,<br>haver, avir-se e<br>desavir-se;<br>pronomes;<br>composição e<br>derivação de<br>palavras;<br>versificação;<br>coordenação;<br>subordinação;<br>paronyms,<br>homonymos,<br>synonimos,<br>antonyms;<br><u>metaplasmos</u> ;<br><u>memorização<br/>de pequenas<br/>composições<br/>em verso de<br/>auctores<br/>portuguezes e<br/>brasileiros do<br/>seculo XVI e</u> | 1º ano:<br><u>Estudo pratico<br/>da lingua por<br/>meio da leitura</u> ,<br><u>composição e<br/>narração oral</u> ;<br>As categorias<br>grammaticaes e<br>flexões;<br>conjugação dos<br>verbos<br>regulares e<br>irregulares; os<br>verbos ser,<br>haver, avir-se e<br>desavir-se;<br>pronomes;<br>composição e<br>derivação de<br>palavras;<br>versificação;<br>coordenação;<br>subordinação;<br>paronyms,<br>homonymos,<br>synonimos,<br>antonyms;<br><u>metaplasmos</u> ;<br><u>memorização<br/>de pequenas<br/>composições<br/>em verso de<br/>auctores<br/>portuguezes e<br/>brasileiros do<br/>seculo XVI e</u> |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>2º ano:<br/>Período, oração;<br/>syntaxe de concordancia, de <u>regencia</u> e de ordem das palavras, em especial, dos pronomes pessoas; idiotismos, syntaxe do verbo haver e do pronome <i>se</i>; figuras de syntaxe; <u>vícios de linguagem</u>; typos sintacticos divergentes; <u>anomalias grammaticaes</u>; <u>neologismos</u> e <u>archaismos</u> renovados; composição em todos os generos littterarios.</p> | <p>2º ano:<br/>Não foi possível encontrar.</p> | <p>2º ano:<br/><u>Conhecimento da Grammatica elementar</u>: phonologia; phonetica; prosodia; <u>metaplasmos</u>; <u>graphia</u>, notações lexicas; morfologia em geral; categorias grammaticaes; coordenação e subordinação dos periodos; <u>leitura expressiva e declamada</u>; <u>recitação de poesia</u>; <u>redacção</u>.</p> | <p>2º ano:<br/><u>Leitura, composição e narração oral</u>; <u>Repetição minuciosa e com ampliação do programma do 1º ano</u>; versificação; emprego e uso do infinito; verbos haver e ser; pronome <i>se</i>; idiotismos; figuras de syntaxe (<u>explicação repetida</u>); pontuação; uso dos sinais objectivos e dos subjectivos; <u>orthographia</u>; simplificação orthographica.</p> | <p>2º ano:<br/><u>Revisão da matéria estudada no 1º ano</u>; <u>phonologia</u>; <u>phonetica</u>; <u>prosodia</u>; <u>metaplasmos</u>; <u>graphia</u>, notações lexicas; <u>morphologia</u>; <u>elementos mórficos</u>, <u>radical</u>, <u>raiz</u>, <u>terminação e affixos</u>; categorias grammaticaes e flexões; emprego dos verbos ser, haver e estar; do pronome <i>se</i>; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; coordenação, subordinação; o verso: metrificação; <u>leitura</u>, pontuação;</p> | <p><u>XIX</u>, á vontade do aluno com aprovação do professor.<br/>2º ano:<br/><u>Revisão da matéria estudada no 1º ano</u>; <u>phonologia</u>; <u>phonetica</u>; <u>prosodia</u>; <u>metaplasmos</u>; <u>graphia</u>, notações lexicas; <u>morphologia</u>; <u>elementos mórficos</u>, <u>radical</u>, <u>raiz</u>, <u>terminação e affixos</u>; categorias grammaticaes e flexões; emprego dos verbos ser, haver e estar; do pronome <i>se</i>; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; coordenação, subordinação; o verso: metrificação; <u>leitura</u>, pontuação;</p> | <p><u>XIX</u>, á vontade do aluno com aprovação do professor.<br/>2º ano:<br/>Não foi possível encontrar.</p> | <p><u>XIX</u>, á vontade do aluno com aprovação do professor.<br/>2º ano:<br/><u>Revisão da matéria estudada no 1º ano</u>; <u>phonologia</u>; <u>phonetica</u>; <u>prosodia</u>; <u>metaplasmos</u>; <u>graphia</u>, notações lexicas; <u>morphologia</u>; <u>elementos mórficos</u>, <u>radical</u>, <u>raiz</u>, <u>terminação e affixos</u>; categorias grammaticaes e flexões; emprego dos verbos ser, haver e estar; do pronome <i>se</i>; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; coordenação, subordinação; estudo do verso: metrificação; <u>leitura</u>,</p> |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>3º ano:<br/> <u>Grammatica</u><br/> <u>elementar</u>;<br/> <u>phonologia</u>;<br/> <u>phonetica</u>;<br/> <u>prosodia</u>;<br/> <u>metaplasmos</u>;<br/> <u>graphia</u>.<br/> notações<br/> lexicas;<br/> <u>morphologia em</u><br/> <u>geral</u>; categorias<br/> grammaticaes;<br/> coordenação e<br/> subordinação;<br/> <u>leitura</u><br/> <u>expressiva e</u><br/> <u>declamada</u>;<br/> <u>recitação de</u><br/> <u>poesia</u>;<br/> <u>redacção</u>.</p> | <p>3º ano:<br/> <u>Etymologia</u>;<br/> lexico<br/> portuguez sua<br/> evolução; o<br/> vocabulo em<br/> seus elementos<br/> analyticos;<br/> affixos;<br/> syntaxe;<br/> periodo e<br/> oração;<br/> concordancia<br/> <u>regencia</u> e<br/> ordem; figuras<br/> de syntaxe;<br/> <u>archaismo e</u><br/> <u>neologismos</u>;<br/> <u>vicios de</u><br/> <u>linguagem</u>.</p> | <p>3º ano:<br/> Oração ou<br/> proposição;<br/> concordancia,<br/> <u>regencia</u> e ordem;<br/> periodo,<br/> coordenação e<br/> subordinação, <u>leis</u><br/> que as regulam;<br/> syntaxe do verbo<br/> <i>haver</i> e do<br/> pronome <i>se</i>;<br/> figuras de syntaxe;<br/> <u>vicios de</u><br/> <u>linguagem</u>;<br/> <u>Historia da lingua</u><br/> <u>portugueza</u>; <u>lexico</u><br/> <u>portuguez</u>;<br/> degeneração<br/> fonetica;<br/> <u>metaplasmos</u>;<br/> <u>alterações lexicas</u><br/> <u>e syntacticas</u>;<br/> <u>anomalias</u><br/> <u>grammaticaes</u>.</p> | <p>3º ano:<br/> Oração ou<br/> proposição;<br/> Concordancia<br/> de <u>regencia</u> e de<br/> ordem; periodo;<br/> coordenação e<br/> subordinação,<br/> <u>leis</u> que as<br/> regulam;<br/> idiotismo;<br/> figuras de<br/> syntaxe; <u>vicios</u><br/> <u>de linguagem</u>;<br/> <u>Historia da</u><br/> <u>lingua</u><br/> <u>portugueza</u>;<br/> <u>lexico</u><br/> <u>portuguez</u>;<br/> degeneração<br/> fonetica;<br/> <u>metaplasmos</u>;<br/> <u>alterações</u><br/> <u>lexicas e</u><br/> <u>syntacticas</u>;<br/> <u>anomalias</u><br/> <u>grammaticaes</u></p> | <p><u>recitação de</u><br/> <u>poesias</u>;<br/> aplicação de<br/> todas as regras<br/> theoricamente<br/> estudadas.<br/> <u>redacção</u>;<br/> <u>redacção</u><br/> <u>official</u>;</p> <p>3º ano:<br/> Oração ou<br/> proposição;<br/> concordancia,<br/> <u>regencia</u> e<br/> ordem; periodo,<br/> coordenação,<br/> subordinação,<br/> <u>leis</u> que as<br/> regulam;<br/> syntaxe do<br/> verbo <i>haver</i>, do<br/> pronome <i>se</i> e<br/> dos verbos<br/> unipessoais;<br/> idiotismo;<br/> figuras de<br/> syntaxe; <u>vicios</u><br/> <u>de linguagem</u>;<br/> <u>Historia da</u><br/> <u>lingua</u><br/> <u>portugueza</u>;<br/> <u>lexico</u><br/> <u>portuguez</u>;<br/> <u>degeneração</u><br/> <u>fonética</u>;<br/> <u>degeneração</u></p> | <p><u>recitação de</u><br/> <u>poesias</u>.<br/> aplicação de<br/> todas as regras<br/> theoricamente<br/> estudadas.<br/> <u>redacção</u>;<br/> <u>redacção</u><br/> <u>official</u>;</p> <p>3º ano:<br/> Oração ou<br/> proposição;<br/> concordancia,<br/> <u>regencia</u> e<br/> ordem; periodo,<br/> coordenação,<br/> subordinação,<br/> <u>leis</u> que a<br/> regulam;<br/> syntaxe do<br/> verbo <i>haver</i>, do<br/> pronome <i>se</i> e<br/> dos verbos<br/> unipessoais;<br/> idiotismo;<br/> figuras de<br/> syntaxe; <u>vicios</u><br/> <u>de linguagem</u>;<br/> <u>Historia da</u><br/> <u>lingua</u><br/> <u>portugueza</u>;<br/> <u>lexico</u><br/> <u>portuguez</u>;<br/> <u>degeneração</u><br/> <u>fonetica</u>;<br/> <u>degeneração</u></p> | <p>3º ano<br/> Não foi<br/> possível<br/> encontrar.</p> | <p>pontuação;<br/> <u>recitação de</u><br/> <u>poesias</u>;<br/> aplicação de<br/> todas as regras<br/> theoricamente<br/> estudadas.<br/> <u>redacção</u>;<br/> <u>redacção</u><br/> <u>official</u>;</p> <p>3º ano:<br/> Oração ou<br/> proposição;<br/> concordancia<br/> <u>regencia</u> e<br/> ordem; periodo,<br/> coordenação,<br/> subordinação,<br/> <u>leis</u> que as<br/> regulam;<br/> Syntaxe do<br/> verbo <i>haver</i>, do<br/> pronome <i>se</i> e<br/> dos verbos<br/> unipessoais;<br/> idiotismo;<br/> figuras de<br/> syntaxe; <u>vicios</u><br/> <u>de linguagem</u>;<br/> <u>Historia da</u><br/> <u>lingua</u><br/> <u>portugueza</u>;<br/> <u>lexico</u><br/> <u>portuguez</u>;<br/> <u>degeneração</u><br/> <u>fonetica</u>;<br/> <u>degeneração</u></p> |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                      |                                                              |                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                 |                                                                               |                                                                                                                                                                                             |
|----------------------|--------------------------------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                      | 4º ano:<br>Litteratura.                                      | 4º ano:<br>Litteratura.           | 4º ano:<br>Litteratura.                                                                                                                                                                                                                                                                                | 4º ano:<br>Litteratura.                                                                                                                                                  | <u>phonetica;</u><br><u>metaplasmos</u><br><u>historicos</u> e<br><u>poeticos;</u><br><u>alterações</u><br><u>lexicas</u> e<br><u>syntacticas;</u><br><u>anomalias</u><br><u>grammaticaes</u> | <u>phonetica;</u><br><u>metaplasmos</u><br><u>históricos</u> e<br><u>poeticos;</u><br><u>alterações</u><br><u>lexicas</u> e<br><u>syntacticas;</u><br><u>anomalias</u><br><u>grammaticaes</u> . | 4º ano:<br>Não foi<br>possível<br>encontrar.                                  | <u>phonetica;</u><br><u>metaplasmos</u><br><u>historicos</u><br><u>poeticos;</u><br><u>alterações</u><br><u>lexicas</u> e<br><u>syntacticas;</u><br><u>anomalias</u><br><u>grammaticaes</u> |
| MÉTODO<br>PEDAGÓGICO | Repetição,<br>exercícios.                                    | Não foi<br>possível<br>encontrar. | Repetição,<br>exercícios.                                                                                                                                                                                                                                                                              | Explicação<br>repetida.                                                                                                                                                  | Repetição,<br>Exercícios.                                                                                                                                                                     | Repetição:<br>memorização,<br>exercícios.                                                                                                                                                       | Repetição:<br>memorização,<br>exercícios.                                     | Repetição,<br>Exercícios.                                                                                                                                                                   |
| LIVROS<br>ADOTADOS   | <i>Grammatica<br/>portuguesa</i> do<br>Dr. Alfredo<br>Gomes. | Não foi<br>possível<br>encontrar. | O. Bilac e M.<br>Bonfim -Livro de<br>leitura;<br>Claudino Dias –<br>Exercícios;<br>Felisberto de<br>Carvalho – Selecta<br>de autores<br>modernos.<br>Athologia<br>Nacional, de<br>Fausto Barreto e<br>Carlos de Laet.<br>Aulette Selecta.<br><i>Grammatica<br/>portuguesa</i> do Dr.<br>Alfredo Gomes. | O. Bilac e M.<br>Bonfim – Livro<br>de leitura;<br>João Ribeiro –<br>Selecta classica.<br>Gonçalves Dias<br>- Poesias<br>(facultativas).<br>Selecta de<br>Aulette (Verso) | O. Bilac e M.<br>Bonfim – Livro<br>de leitura;<br>Aulette Selecta<br>(Verso).                                                                                                                 | O. Bilac e M.<br>Bonfim – Livro<br>de leitura;<br>Aulette Selecta<br>(Verso).<br>Anthologia<br>Nacional, de<br>Fausto Barreto<br>e Carlos de<br>Laet. Gonçalves<br>Dias -Poesias.               | O. Bilac e M.<br>Bonfim – Livro<br>de leitura;<br>Aulette Selecta<br>(Verso). | O. Bilac e M.<br>Bonfim – Livro<br>de leitura;<br>Aulette Selecta<br>(Verso).                                                                                                               |

## 3ª DÉCADA

Nesta década (1900-1909), examinamos 8 (oito) *programmas* de ensino, referentes aos anos de 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908 e 1909.

Esses *programmas* prescrevem os mesmos tópicos da década anterior para um ensino de Língua Portuguesa de natureza predominantemente gramatical. Ao contrário do que ocorre na década anterior a esta, não encontramos ocorrência de tópicos de ensino da Língua Portuguesa em sua relação com o Latim. Observamos, todavia, algumas mudanças, a saber:

(i) a prescrição dos tópicos de estudo “História da Língua Portuguesa” e “metaplasmos”, o que caracteriza a natureza tradicional do ensino da língua;

(ii) a preocupação com o ensino da Regência durante toda a década, desde o ano de 1902 até 1917. Verificamos no *programma* de 1902, 2º *anno*, a primeira ocorrência desse tópico de estudo, que constitui ainda hoje, ao lado de outros, a exemplo de sintaxe do verbo haver, concordância e colocação pronominal, um dos pontos em que a Língua Portuguesa falada no Brasil vem se distanciando da Língua Portuguesa de Portugal;

(iii) a variação lingüística é referida nesta década também como “anomalias gramaticais”, além das denominações já assinaladas anteriormente neste trabalho.

Observamos nesses *programmas* a preocupação da Escola Normal com o ensino do “Portuguez” sustentado por atividades que envolviam a leitura, a escrita e a fala, conforme podemos ler na seguinte seqüência:

27. Estudo practico da lingua por meio da leitura, da composição e da narração oral; (1905, 1906, 1907, 1908 e 1909).

Da mesma forma que nos anos anteriores, também nesta década o ensino da leitura apresenta-se assim dividido:

28. Leitura expressiva; (1902 e 1904)

29. Leitura comentada; (1902 e 1904)

30. Leitura declamada; (1904)

É recorrente nos *programmas* a preocupação com um ensino predominantemente gramatical, de natureza homogeneizante, que se marcava pelo retorno ao mesmo. Um ensino que, preocupado em reproduzir a variante culta fixada pela gramática, separava-a das demais

variantes em circulação no país, por meio da aplicação de regras, conforme podemos ler a seguir:

31. Regras de colocação de pronomes e de pontuação; (1902, 1904, 1905 e 1906)
32. Aplicação de todas as regras theoreticamente estudadas; (1906, 1907 e 1909)
33. Exercícios de memória de pequenas composições em verso de auctores portuguezes e brasileiros do seculo XVI e XIX, á vontade do alumno com aprovação do professor; (1905, 1906, 1907, 1908 e 1909).
34. Figuras de syntaxe (explicação repetida); (1905)
35. Recitação de poesia; (1904)

A “colocação de pronomes” é um tema recorrente nos *programmas* da Escola Normal, repetido, conforme podemos ler, na SD31. Esse tema é sempre alvo de discussões sobre as diferenças entre o Português do Brasil e o Português de Portugal<sup>137</sup>.

Na seqüência 33, há uma contradição em “á vontade do alumno com aprovação do professor”, uma vez que a “vontade do alumno” era controlada pela “aprovação do professor”. Pressupõe-se que o aluno era livre desde que se inscrevesse no mesmo lugar discursivo ocupado pelo professor.

Os termos assinalados nessas seqüências apontam para o funcionamento da Escola Normal como um sistema homogeneizante de ensino, com vistas à construção da unidade da língua, e os *programmas* de ensino eram seus instrumentos controladores.

É recorrente nos *programmas*, desde a segunda década, o tema “Historia da lingua portugueza”. Compreendemos que essa história diz respeito aos estudos diacrônicos da língua, por meio dos seguintes tópicos de estudo:

36. Etymologia; léxico português, sua evolução; (1903)
37. Metaplasmos; (1902, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908 e 1909)
38. Historia da Lingua Portugueza; (1904, 1905, 1906, 1907 e 1909)

Tal preocupação com os estudos da evolução da língua é recorrente em nossa análise desde os anos anteriores, a partir do *programma* de 1888b, elaborado pelo professor Fausto Barreto. Esses estudos retomavam e reforçavam uma história da “lingua portugueza”, anterior

---

<sup>137</sup> Cf. Fávero (2004, p. 1).

à sua chegada ao Brasil, colocando-a numa posição de destaque, uma vez relacionada ao Latim.

Por outro lado, esses mesmos *programmas* traziam outros temas de estudo que, pressupomos, diziam respeito à variante brasileira da Língua Portuguesa, conforme podemos ler nos tópicos a seguir:

39. Vícios de linguagem; (1902, 1904, 1905, 1906, 1907 e 1909)

40. Anomalias grammaticas; (1902, 1904, 1905, 1906, 1907 e 1909)

41. Neologismos e Archaismos; (1902)

Tendo em vista o estudo do “Portuguez” sempre relacionado ao Latim, compreendemos que os “vícios de linguagem”, as “anomalias” e os “neologismos” representavam, na variante brasileira, marcas de outras línguas em circulação no Brasil, a exemplo das línguas indígenas e africanas, cuja relação com a Língua Portuguesa não devia se inscrever na memória de língua que importava à Escola Normal construir.

De acordo com os *programmas*, os manuais didáticos indicados durante a 3ª década eram os seguintes:

- 1- *Grammatica portugueza* do Dr. Alfredo Gomes;
- 2- *Livro de exercícius*, de Claudino Dias;
- 3- Livro de Leitura, de Olavo Bilac e M. Bonfim;
- 4- *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet;
- 5- *Selecta de autores modernos*, de Felisberto de Carvalho;
- 6- *Selecta (verso)*, de Aulette;
- 7- *Selecta*, de João Ribeiro;
- 8- Poesias, de Gonçalves Dias (facultativas).

É curioso observar a frequência com que a denominação “selecta” era utilizada para nomear os manuais de leitura. São quatro as Selectas<sup>138</sup> adotadas, incluindo a Anthologia Nacional, criada a partir da “Seleccção Litteraria”. Pressupomos que os trechos de obras literárias que compunham esses manuais eram selecionados de acordo com a concepção de língua adotada por aqueles que elaboravam os *programmas*. Nesse sentido, podemos dizer que as “Selectas” constituíam um gesto de interpretação da língua.

---

<sup>138</sup> As Seletas e as Antologias multiplicam-se a partir do final do século XIX, começando, dessa forma, a dar lugar ao escritor nacional. Elas que marcaram a inclusão da literatura brasileira no currículo escolar. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 210-212).

Destacamos também a indicação da *Gramática portuguesa*, de Alfredo Gomes, por esses *programmas* de ensino. Conforme já dissemos anteriormente neste capítulo de análise, essa gramática, que circulava no interior da Escola Normal, era filiada ao período científico da gramática brasileira, compreendido entre 1870 e meados do século XIX. (FÁVERO, 2004, p. 1-2). Vale aqui reiterar que esse “instrumento lingüístico”, conforme já comentamos no capítulo 1, com Guimarães, incluía-se entre as “gramáticas que procuravam atender, segundo diz seu próprio autor, ao novo Programa de Português para os Exames Preparatórios”. (GUIMARÃES, 2004, p. 29).

A metodologia de ensino utilizada fazia uso da memorização, da recitação, da repetição de certas formas da língua, fato que aponta para os interesses da Escola Normal em preservar uma certa concepção de língua.

Constatamos que havia, durante a 3<sup>a</sup> década, uma preocupação institucional com o ensino de língua baseado na tradição.

4ª década (*Programmas de Portuguez* de 1910; 1911; 1912; 1913; 1914; 1915; 1917.)

O *programma* do ano de 1917 foi elaborado em conformidade com o Decreto número 1.059, de 14 de Fevereiro de 1916.

De acordo com o Art. 6º desse Decreto,

o estudo do Portuguez ou lingua materna, que deve ser falada, lida e escripta correctamente, será feito por meio de lições de leitura expressiva e explicada. De grammatica applicada aos casos ocurrentes, de redacção, com o intuito de obter elocução perfeita, aquisição de vocabulário, exposição precisa do pensamento, prosodia, syntaxe e orthographia correctas e composição facil sobre themas da vida corrente (cartas, pedidos, reclamações, exposições descripções ...), evitadas as declamações emphaticas e os assumptos literarios, que exigem talento especial e espontaneidade imprescindivel. No 2º, 3º e 4º annos, as exigencias serão apenas crescentes, augmentadas das noções de literatura portuguesa e brasileira, pela leitura de poemas, romances, dramas, sermões, contos inteiros ou excerptos caracteristicos, alguma vez conservados de cor os trechos mais formosos de sorte a formar o gosto literario, e ensinar a comprehender, assimilar e sobretudo apreciar as obras de arte, que existem para encanto da vida e não como pretexto á critica erudita. Espaço será reservado á literatura infantil, das fabulas, contos, historias, viagens, que estimulam a curiosidade e educam a imaginação e o sentimento. Para lembrar ao professor da disciplina o objectivo do ensino normal, será elle incumbido de rematar o estudo da lingua materna com a methodologia da leitura e da escripta na aula primaria.<sup>139</sup> (Grifos nossos).

---

<sup>139</sup> O *programma* de ensino de 1917 foi introduzido por esse parágrafo. Foi mantida a ortografia original.

4ª década (*Programmas de Portuguez* de 1910; 1911; 1912; 1913; 1914; 1915; 1917. Grifos nossos)

| ANO               | 1910                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | 1911                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 1912                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 1913                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 1914                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 1915                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 1917 <sup>140</sup>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O QUE SE ENSINAVA | 1º ano:<br><u>Estudo pratico da lingua por meio da leitura, composição e narração oral</u> ;<br>As categorias grammaticas e flexões;<br><u>collocação pronominal</u> ;<br>composição e derivação de palavras;<br>versificação;<br>prosa de coordenação e de subordinação nas <u>narrações escritas e oraes</u> ;<br>homonymos, paronymos, synonymos e antonymos;<br><u>metaplasmos</u> ;<br><u>exercicios de memoria de</u> pequenas composições em verso de autores portuguezes e brasileiros. | 1º ano:<br>Da grammatica e suas divisões; phonetica, prosodia e orthographia;<br>classificação dos vocabulos; homonymos, synonymos, paronymos e antonymos;<br>categorias grammaticas e variaveis e invariaveis;<br>flexões nominaes e verbaes;<br>conjugação dos verbos regulares e irregulares; <u>regras de collocação dos pronomes</u> <u>peessoaes sujeitos e complementos</u> ;<br>composição e derivação de palavras;<br>coordenação e subordinação.<br><u>Leitura expressiva e commentada</u> - synonymos e antonymos;<br>dissertação oral e | 1º ano:<br><u>Da grammatica e suas divisões; phonetica, prosodia e orthographia</u> ;<br>classificação dos vocábulos; homonymos, synonymos, paronymos e antonymos;<br>categorias grammaticas e variaveis e invariaveis;<br>flexões nominaes e verbaes;<br>conjugação dos verbos regulares e irregulares; <u>regras de collocação dos pronomes</u> <u>peessoaes sujeitos e complementos</u> ;<br>composição e derivação de palavras;<br>coordenação e subordinação.<br><u>Leitura expressiva e commentada</u> - synonymos e antonymos;<br>dissertação oral e | 1º ano:<br><u>Da grammatica e suas divisões; phonetica, prosodia e orthographia</u> ;<br>classificação dos vocabulos; homonymos, synonymos, paronymos e antonymos;<br>categorias grammaticas e variaveis e invariaveis;<br>flexões nominaes e verbaes;<br>conjugação dos verbos regulares e irregulares; <u>regras de collocação dos pronomes</u> <u>peessoaes sujeitos e complementos</u> ;<br>composição e derivação de palavras;<br>coordenação e subordinação.<br><u>Leitura expressiva e commentada</u> - synonymos e antonymos;<br>dissertação oral e | 1º ano:<br><u>Da grammatica e suas divisões; phonetica, prosodia e orthographia</u> ;<br>classificação dos vocabúlos; homonymos, synonymos, paronymos e antonymos;<br>categorias grammaticas e variaveis e invariaveis;<br>flexões nominaes e verbaes;<br>conjugação dos verbos regulares e irregulares; <u>regras de collocação dos pronomes</u> <u>peessoaes sujeitos e complementos</u> ;<br>composição e derivação de palavras;<br>coordenação e subordinação.<br><u>Leitura expressiva e commentada</u> - synonymos e antonymos;<br>dissertação oral e | 1º ano:<br><u>Da grammatica e suas divisões; phonologia e phonetica</u> ;<br>diphthongos, syllabas, vocabulos;<br><u>prosodia; metaplasmos; orthographia</u> ;<br>notações lexicas;<br>homonymos, paronymos, synonymos e antonymos;<br>categorias grammaticas e variaveis e invariaveis;<br><u>exercicios para applicação das regras de collocação dos pronomes peessoaes sujeitos e complementos</u> ;<br>flexões nominaes e verbaes; <u>declinação dos pronomes peessoaes</u> ;<br>conjugação dos verbos regulares e irregulares;<br><u>morphologia</u> ;<br>radical, raiz, | 1º ano:<br><u>Da grammatica e suas divisões; phonetica, prosodia e orthographia</u> ;<br>lexicologia; estudo das categorias grammaticas variaveis e invariaveis; flexão nominal e verbal;<br>conjugação dos verbos regulares, abundantes, irregulares, defectivos, unipessoes, conjugações periphrastricas;<br>composição e derivação de palavras;<br>classificação das palavras, quanto à forma e ao sentido;<br>syntaxe: do período e da proposição; termos accessorios e essenciaes da proposição;<br>coordenação e subordinação; recto emprego dos verbos <i>ser e haver</i> e do |

<sup>140</sup> De acordo com esse *programma*, o curso normal estava organizado em três *annos*, cabendo ao terceiro anno a disciplina Literatura.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <u>escripta.</u><br>Conhecimento do vocabulário.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <u>escripta.</u><br>Conhecimento do vocabulário.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <u>escripta.</u><br>Conhecimento do vocabulário.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <u>escripta.</u><br>Conhecimento do vocabulário.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <u>terminação e affixos:</u> composição e derivação dos vocabulos, juxtaposição, agglutinação e prefixação; termos essenciais e acessórios da proposição; períodos simples e compostos; coordenação e subordinação; <u>exercícios escriptos de composição, narração, cartas,</u> etc.                                                                                                                          | pronome <i>se</i> . <u>Leitura expressiva e commentada;</u> <u>exercício</u> de synonymia e antonymia; <u>exercício para aplicação de regras de collocação de pronomes pessoas;</u> resumo escripto de trechos lidos: <u>exercícios de composição</u> sobre assumptos, concretos e descriptivos primeiro, abstractos depois.                                                                                                           |
| 2º anno:<br><u>Revisão da materia estudada no 1º anno;</u><br><u>phonologia;</u><br><u>phonetica;</u><br><u>prosodia;</u><br><u>metaplasmos;</u><br><u>graphia,</u> notações lexicas;<br><u>morphologia;</u><br><u>elementos morficos, radical, raiz, terminação e affixos;</u><br>composição e derivação dos vocabulos;<br>categorias grammaticas e flexões; emprego | 2º anno:<br><u>Revisão da materia estudada no 1º anno;</u><br><u>phonologia;</u><br><u>phonetica;</u><br><u>prosodia;</u><br><u>metaplasmos;</u><br><u>graphia,</u> notações lexicas;<br><u>morphologia;</u><br><u>elementos morficos, radical, raiz, terminação e affixos;</u><br>composição e derivação dos vocabulos;<br>categorias grammaticas e flexões; emprego | 2º anno:<br><u>Revisão da materia estudada no 1º anno;</u><br><u>phonologia;</u><br><u>phonetica;</u><br><u>prosodia;</u><br><u>metaplasmos;</u><br><u>graphia,</u> notações lexicas;<br><u>morphologia;</u><br><u>elementos morficos, radical, raiz, terminação e affixos;</u><br>composição e derivação dos vocabulos;<br>categorias grammaticas e flexões; emprego | 2º anno:<br><u>Revisão da materia estudada no 1º anno;</u><br><u>phonologia;</u><br><u>phonetica;</u><br><u>prosodia;</u><br><u>metaplasmos;</u><br><u>graphia,</u> notações lexicas;<br><u>morphologia;</u><br><u>elementos morficos, radical, raiz, terminação e affixos;</u><br>composição e derivação dos vocabulos;<br>categorias grammaticas e flexões; emprego | 2º anno:<br><u>Revisão da materia estudada no 1º anno;</u><br><u>phonologia;</u><br><u>phonetica;</u><br><u>prosodia;</u><br><u>metaplasmos;</u><br><u>graphia,</u> notações lexicas;<br><u>morphologia;</u><br><u>elementos morficos, radical, raiz, terminação e affixos;</u><br>composição e derivação dos vocabulos;<br>categorias grammaticas e flexões; emprego | 2º anno:<br><u>Revisão da materia estudada no 1º anno;</u><br><u>phonologia;</u><br><u>phonetica;</u><br><u>prosodia;</u><br><u>metaplasmos;</u><br><u>graphia,</u> notações lexicas;<br><u>morphologia;</u><br><u>elementos morficos, radical, raiz, terminação e affixos;</u><br>composição e derivação dos vocabulos;<br>categorias grammaticas e flexões; emprego | 2º anno:<br><u>Origem e desenvolvimento da lingua portuguesa;</u><br><u>leis que presidiram á formação dos vocabulos portuguezes;</u> <u>caso latino formador dos vocabulos portuguezes;</u><br><u>grammatica geral, particular, historica e comparada;</u><br><u>phonologia e phonetica;</u> <u>prosodia, metaplasmos;</u><br><u>orthographia;</u><br>notações lexicas;<br>classificação dos vocabulos e suas | 2º anno:<br><u>Etymologia;</u><br><u>Historia resumida da lingua portuguesa desde o período iberico até a disciplina grammatical no 16º seculo;</u><br><u>lexico portuguez;</u> <u>elementos que o compõem;</u> o vocalismo e o consonantismo;<br><u>estudo das permutas de sons na passagem dos vocabulos latinos para o portuguez;</u><br><u>metaplasmos;</u> <u>casos de pathologia verbal;</u><br>formas vocabulares divergentes e |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>categorias grammaticaes e flexões; emprego dos verbos ser, haver e estar; do pronome <i>se</i>; dos duplos participios; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; termos essenciaes e accessorios da proposição; coordenação, subordinação; estudo do verso: metrificação; <u>leitura</u>, pontuação; <u>recitação de poesias</u>; <u>aplicação de todas as regras theoreticamente estudadas</u>; <u>redacção</u>; <u>redacção official</u>;</p> | <p>dos verbos ser, haver e estar; do pronome <i>se</i>; dos duplos participios; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; termos essenciaes e accessorios da proposição; coordenação, subordinação; estudo do verso: <u>leitura</u>, pontuação; <u>recitação de poesias</u>; <u>aplicação de todas as regras theoreticamente estudadas</u>; <u>Dissertação oral e escrita</u>; <u>redacção official</u>.</p> | <p>dos verbos ser, haver e estar; do pronome <i>se</i>; dos duplos participios; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; termos essenciaes e accessorios da proposição; coordenação, subordinação; estudo do verso: metrificação; <u>leitura</u>, pontuação; <u>recitação de poesias</u>; <u>aplicação de todas as regras theoreticamente estudadas</u>; <u>Dissertação oral e escrita</u>; <u>redacção official</u>.</p> | <p>dos verbos ser, haver e estar; do pronome <i>se</i>; dos duplos participios; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; termos essenciaes e accessorios da proposição; coordenação, subordinação; estudo do verso: metrificação; <u>leitura</u>, pontuação; <u>recitação de poesias</u>; <u>aplicação de todas as regras theoreticamente estudadas</u>; <u>Dissertação oral e escrita</u>; <u>redacção official</u>.</p> | <p>flexões; causas dos homonymos, paronymos, synonymos e antonymos; <u>casos rectos e obliquos dos pronomes atonos</u>, sua <u>collocação em relação ao verbo</u>; conjugação dos verbos regulares e irregulares; <u>morphologia</u>; <u>radical</u>, <u>raiz</u>, <u>terminação e affixos</u>; composição e derivação dos vocabulos; estudo dos verbos ter, ser e haver; syntaxe do verbo haver; estudos da palavra <i>se</i>; termos essenciaes e accessorios da proposição; periodos simples e compostos, coordenação, subordinação; figuras de syntaxe e <u>vícios de linguagem</u>; <u>anomalias grammaticaes</u>; <u>archaismos e suas causas</u>; <u>neologismos e suas causas</u>; idiotismos; emprego</p> | <p>convergentes : <u>corrente erudita e corrente popular</u>; <u>accentuação tonica latina em portuguez</u>; <u>formação vocabular</u>; <u>etymologia dos prefixos e suffixos portuguezes</u>; Obliteração das desinências casuaes latinas: <u>a declinação reduzida a dous casos</u>; <u>caso gerador das fórmias portuguezas</u>; <u>o s característico do plural</u>; <u>vestigios de declinação dos pronomes pessoaes</u>; <u>o neutro em portuguez</u>; <u>etymologia dos pronomes do artigo dos adjectivos das fórmias verbaes das palavras invariáveis</u>; <u>alterações léxicas não syntacticas</u>; <u>archaismos e neologismos vocabulares</u>. Syntaxe em geral; concordancia, regencia, <u>construcção oracional portugueza</u>; syntaxe do verbo haver, dos verbos unipessoais em geral e do pronome <i>se</i>,</p> |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|  |                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            | do infinitivo pessoal; <u>exercícios</u> para emprego dos sinais de pontuação; <u>leitura</u> e analyse lexicologica e logica de trechos em prosa e verso; <u>redacção: narração e cartas: redacção official.</u> | <u>colocação dos pronomes pessoais;</u> estudo especial das formas nominaes do verbo; figuras de syntaxe; particulas de realce; <u>vícios de linguagem;</u> idiotismos. <u>Dialectos e codialectos;</u> o <u>portuguez archaico comparado ao baixo latim, ao latim popular e ao latim classico;</u> estreito parentesco e <u>diferenças mais notáveis entre elles;</u> <u>estudo e confronto de alguns velhos documentos.</u> <u>Interpretação de textos classicos;</u> analyse syntactica e etymologica. |
|  | 3º ano:<br>Oração ou proposição; concordancia, regencia e ordem; periodo, coordenação, subordinação; syntaxe do verbo haver, do pronome <i>se</i> e dos verbos unipessoais; | 3º ano:<br><u>Historia resumida da lingua portuguesa desde o periodo iberico até a disciplina grammatical;</u> <u>lexico portuguez: elementos que o compõem;</u> o vocalismo e o consonantismo; estudo das | 3º ano:<br><u>Historia resumida da lingua portuguesa desde o periodo iberico até a disciplina grammatical;</u> <u>lexico portuguez: elementos que o compõem;</u> o vocalismo e o consonantismo; estudo das | 3º ano:<br><u>Historia resumida da lingua portuguesa desde o periodo iberico até a disciplina grammatical;</u> <u>lexico portuguez: elementos que o compõem;</u> o vocalismo e o consonantismo; estudo das | 3º ano:<br><u>Historia resumida da lingua portuguesa desde o periodo iberico até a disciplina grammatical;</u> <u>lexico portuguez: elementos que o compõem;</u> o vocalismo e o consonantismo; estudo das | 3º ano:<br><u>Historia resumida da lingua portuguesa desde o periodo iberico até a disciplina grammatical;</u> <u>lexico portuguez: elementos que o compõem;</u> o vocalismo e o consonantismo; estudo das        | 3º ano:<br>Literatura.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|  |                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                   | 4º ano<br><u>Methodologia da leitura e da escripta na aula primaria.</u> A importancia dos methodos e a influencia pessoal decisiva do professor. <u>Methodos de ensino</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>idiotismo; figuras de syntaxe; <u>vícios de linguagem.</u> <u>Historia da lingua</u> <u>portuguesa;</u> <u>lexico portuguez;</u> degeneração phonetica; <u>metaplasmos</u> historicos e metaplasmos poeticos; <u>alterações lexicas</u> e <u>syntacticas;</u> <u>anomalias grammaticaes.</u></p> | <p><u>permutas de sons na passagem dos vocabulos latinis para o potuguez;</u> <u>metaplasmos;</u> casos de <u>pathologia verbal;</u> <u>accentuação tonica latina em portuguez;</u> formação vocabular, <u>etymologia dos prefixos e suffixos</u> <u>portuguezes;</u> Obliteração das desinencias casuaes latinis: <u>a declinação</u> <u>reduzida a dous casos:</u> <u>caso gerador das fórm</u> <u>portuguezas;</u> o <u>s característico do plural;</u> <u>vestigios de declinação dos pronomes</u> <u>peessoaes; o neutro em portuguez;</u> <u>etymologia dos pronomes, do artigo, dos adjectivos, das fórm</u> <u>verbaes, das palavras invariaveis;</u> alterações lexicas, não syntacticas;</p> | <p><u>permutas de sons na passagem dos vocabulos latinis para o potuguez;</u> <u>metaplasmos;</u> casos de <u>pathologia verbal;</u> <u>accentuação tonica latina em portuguez;</u> formação vocabular, <u>etymologia dos prefixos e suffixos</u> <u>portuguezes;</u> Obliteração das desinencias casuaes latinis: <u>a declinação</u> <u>reduzida a dous casos:</u> <u>caso gerador das fórm</u> <u>portuguezas;</u> o <u>s característico do plural;</u> <u>vestigios de declinação dos pronomes</u> <u>peessoaes; o neutro em portuguez;</u> <u>etymologia dos pronomes, do artigo, dos adjectivos, das fórm</u> <u>verbaes, das palavras invariaveis;</u> alterações lexicas, não syntacticas;</p> | <p><u>permutas de sons na passagem dos vocabulos latinis para o potuguez;</u> <u>metaplasmos;</u> casos de <u>pathologia verbal;</u> <u>accentuação tonica latina em portuguez;</u> formação vocabular, <u>etymologia dos prefixos e suffixos</u> <u>portuguezes;</u> Obliteração das desinencias casuaes latinis: <u>a declinação</u> <u>reduzida a dous casos:</u> <u>caso gerador das fórm</u> <u>portuguezas;</u> o <u>s característico do plural;</u> <u>vestigios de declinação dos pronomes</u> <u>peessoaes; o neutro em portuguez;</u> <u>etymologia dos pronomes, do artigo, dos adjectivos, das fórm</u> <u>verbaes, das palavras invariaveis;</u> alterações lexicas, não syntacticas;</p> | <p><u>permutas de sons na passagem dos vocabulos latinis para o potuguez;</u> <u>metaplasmos;</u> casos de <u>pathologia verbal;</u> <u>accentuação tonica latina em portuguez;</u> formação vocabular, <u>etymologia dos prefixos e suffixos</u> <u>portuguezes;</u> Obliteração das desinencias casuaes latinis: <u>a declinação</u> <u>reduzida a dous casos:</u> <u>caso gerador das fórm</u> <u>portuguezas;</u> o <u>s característico do plural;</u> <u>vestigios de declinação dos pronomes</u> <u>peessoaes; o neutro em portuguez;</u> <u>etymologia dos pronomes, do artigo, dos adjectivos, das fórm</u> <u>verbaes, das palavras invariaveis;</u> alterações lexicas, não syntacticas;</p> | <p><u>permutas de sons na passagem dos vocabulos latinis para o potuguez;</u> <u>metaplasmos;</u> casos de <u>pathologia verbal;</u> <u>accentuação tonica latina em portuguez;</u> formação vocabular, <u>etymologia dos prefixos e suffixos</u> <u>portuguezes;</u> Obliteração das desinencias casuaes latinis: <u>a declinação</u> <u>reduzida a dous casos:</u> <u>caso gerador das fórm</u> <u>portuguezas;</u> o <u>s característico do plural;</u> <u>vestigios de declinação dos pronomes</u> <u>peessoaes; o neutro em portuguez;</u> <u>etymologia dos pronomes, do artigo, dos adjectivos, das fórm</u> <u>verbaes, das palavras invariaveis;</u> alterações lexicas, não syntacticas;</p> | <p><u>Os sons latinis e os sons portuguezes</u> <u>estudados</u> <u>comparativamente</u> <u>Degeneração phonetica;</u> <u>principio physiologico que rege a degeneração phonetica;</u> factos delle decurrentes; <u>estudo particular das permutas entre sons latinis e portuguezes;</u> <u>metaplasmos;</u> <u>casos de pathologia verbal;</u> <u>lexico portuguez;</u> <u>elementos que o compõem;</u> <u>os elementos provindos do latim</u> <u>popular;</u> <u>o baixo latim;</u> <u>formas divergentes e convergentes;</u> <u>suas causas;</u> <u>a accentuação tonica latina em portuguez;</u> <u>o seu imperio na passagem dos vocabulos latinis para o portuguez;</u> <u>casos em que se desviou</u> <u>systematicamente</u> <u>por causas varias;</u> obliteração das desinencias casuaes</p> | <p><u>da leitura:</u><br/>I) <u>methodo synthetico:</u> a) <u>soletração antiga</u> (nomes tradicionaes das letras <i>effe, jota, enne,</i> etc); b) <u>a soletração nova</u> (nomes reaes das letras <i>fê, ji, nê,</i> etc.); c) <u>o processo phonico,</u> ou <u>soletração novissima</u> das consoantes para a articulação immediata 'f j n'; a silabação, a <u>palavração, leitura.</u><br/>II) <u>Methodo analytic:</u> <u>sentenciação;</u> <u>reconhecimento da palavra</u> <u>decomposição ulterior em sylabas e letras.</u><br/>III) <u>Methodo ecletico,</u> resultante da <u>combinação das vantagens dos precedentes.</u> <u>A iniciação simultanea da leitura e da escrita.</u> <u>Ensino da lingua materna nas classes preliminar, elemental, media e complementar da escola primaria, de accordo com os</u></p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  | <p>archaismos e neologismos vocabulares. Syntaxe em geral; concordancia, regencia, <u>construcção oracional portuguesa</u>; syntaxe de cada uma das <u>especies</u> de palavras, do verbo haver, do pronome <i>se</i> e dos verbos unipessoais em geral; <u>exercicios para emprego das regras de collocação de pronomes</u> <u>peessoaes</u>; as fórmias nominaes do verbo; idiotismos; figuras de syntaxe; particulas de realce; <u>o latim classico, o baixo latim e o portuguez archaico: estudo comparativo; dialectos: vicios de linguagem; o portuguez posterior ao 16º seculo.</u></p> | <p>archaismos e neologismos vocabulares. Syntaxe em geral; concordancia, regencia, <u>construcção oracional portuguesa</u>; syntaxe de cada uma das <u>especies</u> de palavras, do verbo haver, do pronome <i>se</i> e dos verbos unipessoais em geral; <u>exercicios para emprego das regras de collocação de pronomes</u> <u>peessoaes</u>; as fórmias nominaes do verbo; idiotismos; figuras de syntaxe; particulas de realce; <u>o latim classico, o baixo latim e o portuguez archaico: estudo comparativo; dialectos: vicios de linguagem; o portuguez posterior ao seculo XVI.</u></p> | <p>archaismos e neologismos vocabulares. Syntaxe em geral; concordancia, regencia, <u>construcção oracional portuguesa</u>; syntaxe de cada uma das <u>especies</u> de palavras, do verbo haver, do pronome <i>se</i> e dos verbos unipessoais em geral; <u>exercicios para emprego das regras de collocação de pronomes</u> <u>peessoaes</u>; as fórmias nominaes do verbo; idiotismos; figuras de syntaxe; particulas de realce; <u>o latim classico, o baixo latim e o portuguez archaico: estudo comparativo; dialectos: vicios de linguagem; o portuguez posterior ao seculo XVI.</u></p> | <p>archaismos e neologismos vocabulares. Syntaxe em geral; concordancia, regencia, <u>construcção oracional portuguesa</u>; syntaxe de cada uma das <u>especies</u> de palavras, do verbo haver, do pronome <i>se</i> e dos verbos unipessoais em geral; <u>exercicios para emprego das regras de collocação de pronomes</u> <u>peessoaes</u>; as fórmias nominaes do verbo; idiotismos; figuras de syntaxe; particulas de realce; <u>o latim classico, o baixo latim e o portuguez archaico: estudo comparativo; dialectos: vicios de linguagem; o portuguez posterior ao 16º seculo.</u></p> | <p>latinas: <u>caso gerador das formas portuguezas</u>; <u>vestigios da declinação reduzida a dous casos: declinação dos pronomes peessoaes; o numero plural em portuguez: origem do s que o caracteriza: o neutro em portuguez</u>; <u>etymologia</u> das fórmias articulares, pronominaes, objectivaes e verbaes; <u>etymologia das palavras invariáveis</u>, do verbo <i>ser</i>, dos verbos <i>ir, vir, pôr</i> e dos verbos <i>poder, querer, saber</i>; a formação vocabular por prefixação e por suffixação: <u>estudo comparado dos prefixos e dos suffixos latinos e portugueses</u>. <u>O futuro e o condicional: sua formação nas linguas romanicas; o archaismo</u>, causa destruidora dos vocabulos e expressões; o</p> | <p>respectivos <u>programmas: a leitura expressiva, com pronuncia exacta, a entoação necessaria ao sentido, a compreensão dos termos e o resumo do pensamento</u>. As expfessões semelhantes e contrarias. A aquisição do vocabulario: as palavras adequadas à expressão. <u>Exercicios de redacção</u> que promovam a composição facil sobre <u>themas ordinarios da vida</u> – cartas, pedidos, pequenas descripções de objectos e seres muito conhecidos – procurada a <u>expressão exacta, no emprego das palavras e na manifestação do pensamento</u>. <u>A questão orthographica: a simplificação e a uniformidade necessarias</u>. <u>Primeiros principios de grammatica applicada</u>, como methodo de</p> |
|--|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|  |  |  |  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--|--|--|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  |  |  |  | <p><u>neologismo</u>: causa regeneradora da linguagem; os <u>neologismos científicos</u>.</p> <p>A concordância; a regencia; <u>a ordem em portuguez e a ordem no latim</u>; <u>collocação do pronome sujeito, do pronome objecto directo ou indirecto</u>, ou da particula apassivadora; o papel do pronome <i>se</i> em portuguez; syntaxe do verbo haver e dos verbos unipessoaes; syntaxe do pronome, do adjectivo, do artigo e das palavras invariaveis; valor e das preposições; <u>o portuguez até o seculo XII</u>; <u>o portuguez até o XV seculo</u>; <u>os mais antigos documentos da lingua portuguesa</u>; <u>estudos especiais de alguns estudos archaicos</u>; o infinitivo pessoal em portuguez; figuras de syntaxe; <u>dialectos</u> e</p> | <p>generalização: o exemplo que conduz á regra, o uso concreto que lembra o preceito abstracto.</p> <p>A grammatica, feita após a lingua, deve ser ensinada depois da lingua (Spencer). <u>A grammatica deve ser aprendida pela lingua e não a lingua pela grammatica (Herder)</u>. <u>Evitar, sobretudo o verbalismo grammatical: os factos da linguagem em vez da tecnologia e das classificações complicadas</u>. <u>Recordar-se das proporções reduzidas deste ensino, considerando que há pedagogos eminentes (Bain, Whitney ...)</u> que o julgam sem proveito no curso primario: que se póde falar e escrever bem sem especial instruccão <u>grammatical, estudo valioso para a educação do pensamento, mas só indirectamente útil á</u></p> |
|--|--|--|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                          |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                   |
|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|
|                          |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                    | <u>codialectos portugueses; vícios de linguagem.</u><br><u>As declinações latinas de substantivos;</u> as classes de adjectivos e participios; <u>a declinação de pronomes pessoais;</u> os adjectivos numeraes; as conjugações em geral; <u>alguns verbos irregulares latinos; diferença entre o latim e o portuguez.</u> | <u>escripta e á expressão</u> (Comissão dos Dez). |
|                          | 4º anno:<br>Litteratura.                                                                                                                               | 4º anno:<br>Litteratura.                                                                                                                               | 4º anno:<br>Litteratura.                                                                                                                                                                        | 4º anno:<br>Litteratura.                                                                                                                                                                           | 4º anno:<br>Litteratura.                                                                                                                                                                           | 4º anno:<br>Litteratura                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 4º anno:<br>Lingua Portuguesa.                    |
| <b>MÉTODO PEDAGÓGICO</b> | Repetição, exercícios.                                                                                                                                 | Exercicios                                                                                                                                             | Exercicios                                                                                                                                                                                      | Exercicios                                                                                                                                                                                         | Exercicios                                                                                                                                                                                         | Exercicios                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Exercicios                                        |
| <b>LIVROS ADOTADOS</b>   | O. Bilac e M. Bonfim – Livro de leitura; Selecta de Aulete (Verso). Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Gonçalves Dias (Poesias). | O. Bilac e M. Bonfim – Livro de leitura; Selecta de Aulete (Verso). Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Gonçalves Dias (Poesias). | João Ribeiro. – Autores contemporâneos. Selecta de Aulete (Versos). O. Bilac e M. Bonfim – Livro de leitura; Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Gonçalves Dias (Poesias). | João Ribeiro. – Autores contemporâneos. Aulete - Selecta (Versos). O. Bilac e Manoel Bomfim – Livro de leitura; Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Gonçalves Dias (Poesias). | João Ribeiro. – Autores contemporâneos. Aulete - Selecta (Versos). O. Bilac e Manoel Bomfim – Livro de leitura; Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Gonçalves Dias (Poesias). | João Ribeiro. Autores contemporaneos. Aulete Selecta. Versos. O. Bilac e Manoel Bomfim – Livro de leitura; Grammatica portugueza do Dr. Alfredo Gomes. Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Camões – Lusíadas.                                                                                         | Não foi possível encontrar.                       |

## 4ª DÉCADA

Nesta década analisamos os *programmas* dos anos de 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915 e 1917.

Esses *programmas* mantêm o interesse pelo ensino da gramática, ou melhor, da variante lingüística fixada na gramática. Constatamos, entretanto, que a 4ª década apresenta as seguintes mudanças em relação à 3ª:

(i) Além de “anomalias gramaticais” e “vícios de linguagem”, a variação lingüística é também referida como “dialectos”, e “codialectos”;

(ii) Esses *programmas* retomam da década anterior, de forma intensificada, a prescrição do ensino da Língua Portuguesa relacionada ao Latim;

(iii) Aparece nesta década, a partir do *programma* de 1911, a primeira ocorrência do tópico de estudos “Portuguez posterior ao seculo XVI”;

(iv) Observamos, no último *programma* analisado (ano de 1917), da 4ª década, a prescrição de um ensino que, embora ainda de natureza gramatical e voltado para a tradição, já fazia algumas restrições à gramática, uma vez que esse ensino, segundo “pedagogos eminentes (Bain, Whitney ...), não tem proveito no curso primário; que se pode falar e escrever bem sem especial instrução grammatical [...]”<sup>141</sup>. Vale aqui retomar o comentário de Guimarães (2004), conforme já discutimos no subcapítulo 1.1, sobre o processo de gramatização brasileira do Português, quando, em sua *Grammatica Portugueza*, publicada em 1881, o gramático brasileiro Júlio Ribeiro opõe-se às gramáticas portuguesas e vai buscar na Alemanha (Becker), na Inglaterra (Mason) e nos Estados Unidos (Whitney) outra influência teórica, na busca das especificidades da língua aqui falada.

Isso posto, podemos dizer que a referida concepção de língua com restrições ao ensino da gramática inscreve a Escola Normal no movimento de gramatização brasileira do Português, de acordo com os estudos de Guimarães;

(v) O ensino da ortografia ganha ênfase no *programma* ao final da quarta década com a prescrição do tópico de estudo “A questão ortográfica: a simplificação e a uniformidade necessárias”.

Registre-se aqui que, nesta década, têm início as articulações entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciência de Lisboa, no sentido de promover reformas ortográficas, de acordo com Mariani e Souza (1996, p. 85).

---

<sup>141</sup> Cf. *Programma* de 1917, 3º anno.

O *programma* de 1917 foi elaborado em conformidade com o Decreto número 1.059, de 14 de Fevereiro de 1916. Chamamos a atenção para o Artigo 6º, transcrito abaixo:

O estudo do Portuguez ou lingua materna, que deve ser falada, lida e escripta correctamente, será feito por meio de lições de leitura expressiva e explicada. De grammatica applicada aos casos ocurrentes, de redacção, com o intuito de obter elocução perfeita, aquisição de vocabulario, exposição precisa do pensamento, prosodia, syntaxe e orthographia correctas e composição facil sobre themas da vida corrente (cartas, pedidos, reclamações, exposições descrições ...), evitadas as declamações emphaticas e os assumptos literarios, que exigem talento especial e espontaneidade imprescindivel. No 2º, 3º e 4º annos, as exigencias serão apenas crescentes, augmentadas das noções de literatura portuguesa e brasileira, pela leitura de poemas, romances, dramas, sermões, contos inteiros ou excerptos caracteristicos, alguma vez conservados de cor os trechos mais formosos de sorte a formar o gosto literário, e ensinar a comprehender, assimilar e sobretudo apreciar as obras de arte, que existem para encanto da vida e não como pretexto á critica erudita. Espaço será reservado á literatura infantil, das fabulas, contos, historias, viagens, que estimulam a curiosidade e educam a imaginação e o sentimento. Para lembrar ao professor da disciplina o objectivo do ensino normal, será elle incumbido de rematar o estudo da lingua materna com a methodologia da leitura e da escripta na aula primaria.<sup>142</sup>(Grifos nossos).

Conforme já comentamos no início da análise da primeira década, o *programma* de 1917 apresenta esse texto introdutório que nos permite ler sobre os procedimentos que deveriam ser adotados no ensino de Língua Portuguesa, ou seja, sobre *como* e *para que* ensinar a língua.

As seqüências de números 42, 43, 44, e 45 foram recortadas desse parágrafo e serão discutidas a seguir. As demais seqüências, desde o número 46 até o número 82, dizem respeito aos tópicos de estudos prescritos pelos *programmas* de ensino da 4ª década e não mais ao seu texto introdutório.

Analisando, inicialmente, esse parágrafo, observamos uma equivalência de sentidos entre “Portuguez” e “lingua materna”, conforme podemos observar na seguinte seqüência:

42. O estudo do Portuguez ou lingua materna, que deve ser falada, lida e escripta correctamente, será feito [... ]; (Decreto número 1.059).

É *como se* o “Portuguez” fosse a língua materna do Brasil, “aquela que se representa como primeira para seus falantes”, segundo Guimarães (2005, p. 22).

Essa equivalência<sup>143</sup> de sentidos, marcada lingüisticamente pela conjunção “ou”, leva-nos a pensar que esses *programmas* de ensino dirigiam-se apenas aos habitantes do Brasil que tinham a Língua Portuguesa como língua materna, ou seja, aos portugueses e filhos de

<sup>142</sup> O *programma* de ensino de 1917 foi introduzido por esse parágrafo. Foi mantida a ortografia original.

<sup>143</sup> Nesse caso, o “ou” não indica alternância, mas sim equivalência (“ou seja”).

portugueses, nascidos ou não no Brasil, e alguns brasileiros. Considerando a referida definição de língua materna por Guimarães, uma pergunta aqui se impõe: Estariam excluídos nos *programmas* de ensino da Escola Normal os demais brasileiros, cuja língua materna era outra?

É curioso observar nessa dupla referência à língua do Brasil que, quando ela é referida à língua a ser ensinada na escola, denomina-se “língua materna”, mas quando se trata do estudo científico da língua, da gramática, na apresentação dos *programmas*, a disciplina é denominada “Portuguez”, a língua de Portugal, interpretada como idioma, termo que está marcado no texto pelo gênero masculino do substantivo “Portuguez”. Vale aqui destacar que também aparece nos *programmas* a denominação “língua portuguesa”.

Pressupomos que existem aí duas modalidades de língua: de um lado, uma língua erudita de procedência ultramarina, de nacionalidade portuguesa, cuja forma deve, pois, ser preservada; de outro, uma modalidade de língua falada, a “língua materna”, definida por Guimarães como “a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida, ela é, em geral, a língua que se representa como primeira para seus falantes”. (Loc. cit., grifo nosso). O emprego reiterado da idéia de “prática”, pelo autor, aponta, por antonímia, para a idéia de teoria, levando-nos a pensar, mais uma vez, na existência de duas línguas em questão: a língua da teoria, o “Portuguez”, cujos estudos incluíam a “etymologia”, a “morphologia”, a “syntaxe” e a tradição latina, e a língua da prática, a língua falada, que, pressupomos, era a “língua materna”.

Formulamos a hipótese de que esses *programmas* de ensino dirigiam-se apenas àqueles falantes que praticavam o “Portuguez”. Estariam excluídos da Escola Normal todos aqueles que não o praticavam?

Outro fato relevante nessa mesma seqüência é o efeito do pré-construído obtido com o emprego da oração relativa explicativa, transcrita a seguir:

43. [...], que deve ser falada, lida e escripta correctamente, [...]. (Decreto número 1.059).

O funcionamento lingüístico dessa relativa traz a idéia de conhecimento partilhado, de um já-dito, de uma verdade universal: a língua materna é, como todos já sabem, aquela “que deve ser falada, lida e escripta correctamente”.

Lembremos que, segundo Pêcheux, o pré-construído é “uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado”. (PÊCHEUX, 1988, p. 99). É como se essa verdade universal, que irrompe no enunciado,

fizesse parte dele, isto é, já estivesse ali. A nossa questão é: “Falada, lida e escripta correctamente” por quem? A omissão do agente da passiva na SD43 produz um efeito de autoridade e de totalidade. De acordo com esse *programma*, uma vez “língua materna”, o “Portuguez” devia ser utilizado “correctamente” por todos os brasileiros em suas três modalidades: falar, ler e escrever. O modalizador “correctamente” exclui, por antonímia, a língua incorreta, falada de forma *errada* pelo povo brasileiro, um erro resultante, talvez, do uso obrigatório do “Portuguez” para pessoas que falavam outras línguas maternas. O efeito de obrigatoriedade da aprendizagem da língua marca-se na superfície lingüística ainda pela forma verbal “deve”, produzindo um efeito de proibição, ou seja, ficava expressamente proibido falar *errado* o Português; só era permitido o uso da língua na sua forma *correta*. Havia uma condição para fazer uso do Português: falá-lo de forma *correta*. A nossa questão é: Apenas em sua forma correta, a Língua Portuguesa poderia ser caracterizada como tal? *Correta* em relação a quem e a quê?

A denominação “Portuguez”, idioma considerado “língua materna” dos brasileiros, produz um efeito de totalidade. É como se, em todo o Brasil, a língua falada, até no interior de todos os lares, fosse única e exclusivamente o “Portuguez”.

Considerando-se as muitas nacionalidades em circulação no Brasil, podemos dizer que circulavam igualmente por aqui muitas outras línguas maternas, e o “Portuguez”, além de ser uma delas, era também a língua do Estado.

Retomando a definição de língua materna, tal como Guimarães a concebe, temos que língua materna é “a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida, ela é, em geral, a língua que se representa como primeira para seus falantes”. (Ibidem, loc. cit., grifo nosso). Com as palavras assinaladas na citação queremos fazer duas observações: (i) a Língua Portuguesa é praticada na sociedade brasileira, mas não é a única; (ii) a Língua Portuguesa no Brasil não é a língua primeira para todos os seus falantes.

Considerando a relação *língua, escola e nacionalidade*, que abordamos no capítulo 1, o ensino da Língua Portuguesa como a língua materna do Brasil contribui para o apagamento da cultura local, em favor da construção da evidência do sentido de unidade (imaginária) nacional, é privar da cidadania brasileira os que aqui nasceram, mas não a tiveram como língua primeira: os povos indígenas e os filhos de pais estrangeiros nascidos no Brasil. É incluir como cidadãos brasileiros apenas aqueles que têm como língua “primeira” o Português, ou seja, os portugueses e os nascidos no Brasil que fossem filhos de portugueses.

Segundo Guimarães, “o Português, dado como língua materna do Brasil, não é, necessariamente língua materna de todos os brasileiros, embora seja sempre, para todos, a

língua nacional e oficial do Brasil.” (Ibidem, p. 22).

Ainda que fosse o Português a língua que os meninos deveriam ir à escola aprender, nem sempre era ela a língua falada, e ouvida, como a “primeira”, no interior dos seus lares. A obrigatoriedade da sua “prática” para aqueles que não a tinham como língua materna promoveria uma “desidentificação”, retomando aqui as páginas iniciais da APRESENTAÇÃO deste estudo, entre o sujeito que a praticava e o saber de uma língua que, por questões históricas e políticas predominava, adquirindo, dessa forma, o caráter oficial de língua materna.

De acordo com essa política da língua, o Brasil, constituído de uma única zona geográfica, seria imaginariamente também uma única zona lingüística, ou seja, um país monolíngüe. Esse trabalho de construção ideológica aproxima os sentidos de língua e nação, *como se* fossem palavras sinônimas.

Tal movimento, ao incluir socialmente os que tinham o Português como língua materna, excluía socialmente, de igual forma, aqueles cuja língua materna era outra, aquela que, por razões políticas e históricas, devia ser esquecida.

Observamos, ainda no parágrafo do Art. 6º do Decreto que introduz o *programma* do ano de 1917, uma concepção idealista de língua, que devia ser falada e escrita com perfeição, precisão e correção, conforme podemos ler a seguir:

44. De grammatica applicada aos casos ocurrentes, de redacção, com o intuito de obter elocução perfeita, aquisição de vocabulario, exposição precisa do pensamento, prosodia, syntaxe e orthographia correctas e composição facil sobre themas da vida corrente (cartas, pedidos, reclamações, exposições descripções ...), [...]; (Decreto número 1.059, grifo nosso).

De acordo com essa seqüência discursiva, podemos dizer que circulavam, na Escola Normal, idéias lingüísticas que concebiam a língua como expressão do pensamento e supunham um falante ouvinte ideal. A noção de língua “perfeita”, “precisa” e “correcta” traz, por antonímia, a noção, respectivamente, de língua *imperfeita*, *imprecisa* e *errada*, a *língua que o brasileiro fala, mas não tem certeza se é Português*, retomando aqui a questão da contra-identificação, na APRESENTAÇÃO e nas PALAVRAS INICIAIS deste trabalho.

É curioso observar ainda nesse Artigo 6º a utilização da “literatura infantil” como instrumento de controle de discursos. Essa idéia está marcada lingüisticamente pelo verbo “educam”:

45. Espaço será reservado á literatura infantil, das fabulas, contos, his torias, viagens, que estimulam a curiosidade e educam a imaginação e o sentimento; (Decreto número 1.059, grifo nosso).

Se cabia ao Decreto 1.059 determinar juridicamente o que devia ser ensinado, materializando na forma da lei a ideologia do Estado, cabia à Escola Normal, como aparelho desse mesmo Estado, aplicar, ou melhor, cumprir a lei.

Assim, importava à Escola Normal, através dos seus *programmas*, formar cidadãos desde a infância, inculcando-lhes valores através de uma “literatura infantil” de fundo moral, e as “fábulas” seriam seus instrumentos reguladores, disciplinadores.

É recorrente nesses *programmas* a preocupação em fixar uma determinada pronúncia da língua:

46. A leitura expressiva com a pronuncia exacta, a entoação necessaria ao sentido, a compreensão dos termos e o resumo do pensamento. (*Programma* de 1917 4º anno);

Observamos nessa seqüência a reiteração da concepção de língua como expressão do pensamento, conforme vimos na SD44.

Além das leis, dos decretos e da atuação controladora do professor, os *programmas* também exerciam o seu papel de guardião do “ensino da língua materna” no interior da Escola Normal, conforme podemos ler na seqüência a seguir:

47. Ensino da lingua materna, nas classes preliminar, elementar, media e complementar da escola primaria, de accordo com os respectivos programmas; (*Programma* de 1917 4º anno)

Esses *programmas* prescreviam um ensino de língua voltado para a aprendizagem da leitura e da escrita, conforme os temas de estudos apresentados:

48. Leitura expressiva e commentada; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 - 1917)

49. Dissertação oral e escripta; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 )

50. Redacção; (*Programmas* de 1910 - 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 - 1917)

51. Narração e cartas; (*Programma* de 1915 – 2º anno)

52. Redacção official; (*Programmas* de 1910 - 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915)

A ênfase, todavia, é dada ao ensino da gramática. Nesta década, ao contrário do que ocorre nas décadas anteriores, o ensino do “Portuguez” deve iniciar-se, conforme os *programmas*, não mais com atividades de leitura, mas com o estudo da gramática, de acordo com a prescrição dos seguintes temas de estudo:

53. Da grammatica e suas divisões; (*Programmas* de 1910 - 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)

54. Grammatica geral, particular, histórica e comparada; (*Programma* de 1915 – 2º *anno*)

Observamos, nessas seqüências, a valorização das divisões da gramática como tema de estudo. Seguindo esse raciocínio, trazemos a noção de duas divisões da gramática tais como Alfredo Gomes as concebe: “Gramática Geral é o estudo dos preceitos, leis e anomalias da linguagem, comuns aos idiomas de um grupo. Gramática particular é o estudo dos mesmos preceitos, leis e anomalias da linguagem num idioma determinado.” (Apud FÁVERO, 2004, p. 3, grifo nosso). Destacamos aqui que a *Grammatica Portugueza*, de Alfredo Gomes, era indicada como manual de ensino pelo *programma* de 1915, conforme podemos ver no Quadro 6, mais adiante, neste trabalho.

Observamos, nas seqüências até então analisadas, o interesse da Escola Normal por um ensino de língua com ênfase na gramática da palavra.

É recorrente nestes *programmas* a prescrição de temas de estudos voltados para a fixação da pronúncia e da escrita *corretas* da língua, conforme podemos ler a seguir:

55. Da grammatica e suas divisões. Phonetica, prosodia e orthographia; (*Programmas* de 1910 - 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)

A concepção de língua recortada em “phonetica”, “prosodia” e “orthographia” favorecia um ensino detalhado, de natureza descritiva e prescritiva, buscando a unidade, por meio de regras e exercícios, preocupado com a fixação de determinada pronúncia e escrita das palavras.

A colocação de pronomes, que é uma das questões sobre diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal, aparece, desde 1888, reiteradamente, ao longo dos *programmas* em análise, conforme podemos ler a seguir:

56. Regras de collocação dos pronomes pessoaes sujeitos e complementos; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)

57. Exercício para applicação de regras de collocação de pronomes pessoaes; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)

O tema História da Língua Portuguesa é recorrente, ao longo de toda a 4ª década. Observamos nesse período de tempo, entretanto, uma mudança, que é a inclusão do tópico de estudo sobre o “Portuguez posterior ao 16º seculo”.

O que permanece é a separação, numa história dividida em duas partes, de um *antes* (SD58) e um *depois* (SD59) da chegada dos portugueses ao Brasil, separando, portanto, o que era de Portugal do que era do Brasil:

58. Historia resumida da lingua portugueza desde o período ibérico até a disciplina grammatical no 16º século; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)

59. O portuguez posterior ao 16º século; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914)

Queremos destacar que, “desde o período ibérico” e a “disciplina gramatical”, são marcas lingüísticas que projetam duplamente a imagem de superioridade de uma “língua portugueza” não só por sua memória europeia, mas também pela sua instrumentação gramatical numa época em que, segundo Auroux, foram gramatizados os vernáculos europeus. Uma língua, portanto, que supunha poder e seriedade, face a uma outra língua, o “portuguez posterior ao 16º seculo”, oral, sem gramática, o português falado no Brasil, a alteridade evidenciada nesses discursos sobre a filiação europeia da língua.

O Português, portanto, não é um só; ele supõe variantes. “O Português são dois”<sup>144</sup>: um que é anterior à chegada dos portugueses ao Brasil, ou seja, um “portuguez” europeu, e

---

<sup>144</sup> A oposição entre a oralidade e a escrita, a variação lingüística e as peculiaridades da Língua Portuguesa falada no Brasil tornaram-se tema de produção literária entre os poetas modernistas, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade:

Aula de Português

A linguagem  
na ponta da língua,  
tão fácil de falar  
e de entender.

A linguagem  
na superfície estrelada das letras, sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
E vai desmatando  
O amazonas da minha ignorância.  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
Atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,  
Em que pedia para ir lá fora,  
Em que levava e dava pontapé,  
A língua, breve língua entrecortada  
Do namoro com a prima.

O português são dois; o outro mistério.

um outro “portuguez”, o falado, o brasileiro, que é posterior a esse fato histórico. Um que se inscreve na memória europeia e outro que se inscreve na memória local. Essa imagem é marcada na superfície lingüística pelo funcionamento discursivo do adjetivo “posterior ao 16º seculo”, que aponta, por antonímia, para a existência de outra língua portuguesa, interpretada como anterior ao “16º século”.

O interesse da Escola Normal em prescrever, por meio dos seus *programmas*, os estudos sobre o “portuguez posterior ao 16º século” representa uma imagem de valorização de uma variante aqui interpretada não mais como “dialecto”, mas como o idioma “portuguez”, pressuposto pelo funcionamento discursivo da substituição do nome “dialecto” pela expressão “O portuguez posterior ao 16º século”.

Pensando esse fato discursivamente, podemos dizer que tal interpretação supõe um sujeito da enunciação que se inscreve em outra posição discursiva, haja vista o deslizamento de sentido que aí podemos observar.

Esse “portuguez posterior ao 16º seculo” diz respeito aos “brazileirismos” e aos “provincialismos” discriminados na primeira década, e à “divergência dialectal brasileira” das décadas posteriores, à qual se opõe “o portuguez anterior ao século XVI” (Cf. SD 58).

Os estudos do “portuguez anterior ao século XVI” põem-no em relação com o Latim, conforme podemos ler nas seqüências a seguir:

61. Estudo das permutas de sons na passagem dos vocabulos latinos para o portuguez; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)
62. Acentuação tonica latina em portuguez; (*Programmas* de 1915 – 1917)
63. Vestigios da declinação reduzida a dous casos; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915)
64. Caso gerador das formas portuguezas; (*Programmas* de 1915 – 1917)
65. O neutro em portuguez; (*Programma* de 1917 2º anno)
66. O portuguez archaico comparado ao baixo latim, ao latim popular e ao latim classico: estreito parentesco e diferenças mais notaveis entre elles; (*Programma* de 1917 2º anno)
67. Os sons latinos e portuguezes estudados comparativamente; (*Programmas* de 1915 3ºanno)
68. Vestigios de declinação de pronomes pessoaes; (*Programma* de 1917 2º anno)
69. A acentuação tonica latina em portuguez; o seu imperio na passagem dos vocabulos latinos para o portuguez; casos em que se desviou systematicamente por causas varias; (*Programmas* de 1915 3º anno)
70. A ordem em portuguez e a ordem no latim; (*Programma* de 1915 3º anno)
71. Lexico portuguez: elementos que o compõem. Os elementos provindos do latim popular: o baixo latim; (*Programmas* de 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)

A leitura dessas seqüências permite-nos dizer que os *programmas* desta década eram orientados pelo paradigma histórico-comparativo na análise dos fatos gramaticais. Comentando com as palavras de Fávero, “além de geral e particular, a gramática pode ser histórica, quando se trata da ‘evolução da língua, nos seus diferentes períodos de formação’; e comparativa, quando ‘compara os fatos de duas ou mais línguas.’” (FÁVERO, 2004, p. 3, grifo nosso).

Observamos no funcionamento discursivo da relativa “que o compõem” um gesto de exclusão, por antonímia, dos elementos que não compõem o “lexico portuguez”.

Os estudos do “léxico portuguez” por meio da investigação da origem latina das palavras trazem a valorização sincrônica da língua pela via da diacronia. O direcionamento para a diacronia pela remissão ao passado lingüístico e cultural da língua latina produz um efeito de destaque da Língua Portuguesa, que devia ser perpetuada, tendo em vista a filiação do Latim ao passado glorioso do Império romano, ou seja, a uma língua de conquistas, reconhecida como a língua da cultura, da religião e da ciência, na Idade Média, conforme já comentamos anteriormente em nossa análise.

Considerando a repetição desse retorno ao passado pelos *programmas*, podemos dizer que importava à Escola Normal um ensino voltado para a tradição, para os estudos diacrônicos da língua, reforçados pela inclusão dos seguintes tópicos de estudo:

72. Metaplasmos; (*Programmas* de 1910 - 1911 – 1912 – 1913 – 1914 – 1915 – 1917)

73. Origem e desenvolvimento da língua portuguesa; (*Programma* de 1915 2º ano)

74. Etymologia dos prefixos e suffixos portuguezes; (*Programma* de 1917 2º ano)

75. Archaismos e suas causas; (*Programma* de 1915)

O interesse pelos estudos morfológicos da língua e da origem das palavras, assim como o estudo comparativo entre o Latim e o “Portuguez”, tem um movimento de retomada de suas origens, no sentido de buscar as evidências das semelhanças entre essas duas línguas, para a comprovação científica da filiação desta àquela.

Constatamos que se intensificam, durante a 4ª década (1910-1920), os estudos comparativos entre a Língua Portuguesa e o Latim. Era como se o “Portuguez” viesse do Latim e parasse aí.

Os *programmas* analisados não fazem alusão às línguas indígenas, nem às africanas, tampouco à circulação das demais línguas nacionais com que convivia a Língua Portuguesa

em território brasileiro.

Observamos na descrição teórica da língua, durante esse período, a hegemonia do grupo dos latinistas, mais conservadores, isto é, “aqueles que defendiam a manutenção da língua como um legado de Portugal”, segundo Souza e Mariani (1996, p. 85).

Esses *programmas* prescreviam o ensino da língua orientado pelo método histórico-comparativo, que agrupava as línguas em famílias, considerando sua descendência comum, como pode ser observado nos seguintes tópicos de estudo:

76. O futuro e o condicional: sua formação nas línguas românicas; (*Programma* de 1915, 3º *anno*)

77. Estudo comparado dos prefixos e dos suffixos latinos e portugueses; (*Programma* de 1915, 3º *anno*)

Os *programmas*, filiados teoricamente à gramática histórico-comparativa, destacavam a relação da Língua Portuguesa não só com o Latim mas também com as “línguas românicas”, termo que ocorre pela primeira vez nos *programmas* analisados. A referência a essas línguas, a exemplo do Espanhol, do Italiano e do Francês, reforça a memória européia a que está ancorada a concepção de língua que atravessa os *programmas*. As línguas indígenas e africanas, entretanto, que não apresentam essa mesma filiação genética, ficavam excluídas dos interesses pelos estudos lingüísticos que os *programmas* prescreviam.

Os mesmos *programmas* que valorizavam a tradição lingüística eram vigilantes às mudanças, à variação e suas formas “desviantes”, conforme podemos ler a seguir:

77. Vícios de linguagem; (*Programmas* de 1910 - 1911 - 1912 - 1913 - 1914 - 1915 - 1917)

78. Neologismos; (*Programmas* de 1915 - 1917)

79. Anomalias grammaticae; (*Programmas* de 1910 - 1915)

80. Dialectos e codialectos; (*Programma* de 1917)

81. Casos de pathologia verbal; (*Programma* de 1915, 3º *anno*)

Os termos “vícios de linguagem”, “neologismos”, “anomalias grammaticae” “dialectos e codialectos” e “casos de pathologia verbal” marcam no fio discursivo a presença da alteridade que, de acordo com os *programmas*, devia ser discutida à parte, separada do “português anterior ao 16º século” (Cf. SD 58).

A representação da imagem da língua aparece associada à imagem de “organismo vivo”, tal como Fausto Barreto a concebia<sup>145</sup>, sujeita, portanto, a “anomalias” e “pathologias”.

Esses *programmas* seguem orientações dos estudos do evolucionismo lingüístico, em que a língua é comparada a um organismo vivo<sup>146</sup>, que nasce, cresce, evolui e morre. Importava a esses estudos buscar as leis que regiam a evolução das línguas.

A língua devia ser ensinada de forma detalhada em suas “divisões”, “classificações”, “espécies”, “definições”, e “fórmulas”, separando as “anomalias”, e as “pathologias”. Devia ser ensinada como, fazendo uso mais uma vez das palavras de Aurox, “uma forma de saber cuja organização e propriedades formais seriam estáveis”. (1992, p. 12).

Do ponto de vista discursivo, essa pretensa estabilidade da língua exclui a história e o sujeito e a pressupõe como se fosse algo já dado.

O discurso dos *programmas* de ensino de Língua Portuguesa busca na cientificidade o ideal de verdade, o ideal de língua única e legítima.

Segundo Foucault, a vontade de verdade, é, ao lado da palavra proibida e da segregação da loucura, um dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso. (FOUCAULT, 2002, p. 19).

A tensão entre as variantes européia e brasileira caracteriza uma política de línguas que colocava a Escola Normal numa posição de defesa de uma determinada concepção de língua, conforme podemos observar na seqüência a seguir:

82. Construção oracional portuguesa; (*Programmas* de 1910 - 1911 - 1912 - 1913 - 1914 - 1915 - 1917, 2º ano)

A prescrição desse tema de estudo aponta para o interesse dos *programmas* em fixar um certo tipo de “construção oracional”, a portuguesa, determinando politicamente, dessa forma, uma direção de sentido para a Língua Portuguesa.

O adjetivo “portuguesa” serve aí à determinação tanto de língua quanto de nação, conjugando num só discurso a construção de uma nação e de uma língua nacional. O discurso da “construção oracional portuguesa” opõe-se ao discurso, pressupomos, da construção oracional de qualquer outra nacionalidade, inclusive a brasileira, que os *programmas*, sob o efeito ideológico das evidências, não querem explicitar. A relação língua/nação que se impõe aí traz a memória portuguesa e não outra. Tendo em vista que a nacionalidade da língua

---

<sup>145</sup> Cf. Fávero (2004, p. 1).

<sup>146</sup> Cf. Fávero (2004, p. 4).

pressupõe a nacionalidade do povo que a fala, podemos dizer que o ensino da “construção oracional portuguesa” em terras brasileiras supõe o Brasil como uma extensão da nação portuguesa.

Os manuais didáticos indicados pelos *programmas* da 4ª década eram os seguintes:

- 1- *Grammatica portugueza* do Dr. Alfredo Gomes;
- 2- *Livro de exercícios*, de Claudino Dias;
- 3- *Livro de Leitura*, de Olavo Bilac e M. Bonfim;
- 4- *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet;
- 5- *Selecta de autores modernos*, de Felisberto de Carvalho;
- 6- *Selecta (versos)*, de Aulette;
- 7- *Autores contemporâneos*, de João Ribeiro;
- 8- *Selecta classica*. João Ribeiro
- 9- *Poesias*, de Gonçalves Dias;
- 10- *Lusiadas*, de Camões.

Comparando essa lista de manuais de ensino com a da década anterior, constatamos apenas duas mudanças: (i) a obrigatoriedade da leitura de Gonçalves Dias (obrigatoriedade marcada lingüisticamente pela omissão do termo “facultativas”, expresso na década anterior); (ii) a inclusão da leitura de Camões, um autor de nacionalidade portuguesa, cumpre-nos aqui destacar.

A *Grammatica portugueza* do Dr. Alfredo Gomes e a *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet circularam na Escola Normal durante duas décadas, sendo que esta última circulou por um período mais longo, desde 1888, quando era denominada *Seleccção Literária*, até quando o nosso material de análise permitiram-nos investigar, ou seja, o ano de 1915.

A adoção desses manuais de ensino pela Escola Normal situam-na na história da “gramatização brasileira do português”, de acordo com Guimarães (2004, p. 30). Entretanto os *programmas* ainda estão ligados a uma memória outra, funcionando como lugar de resistência para essa memória, a portuguesa.

Os *programmas* desta década prescreviam um ensino de natureza predominantemente gramatical, protegendo da variação lingüística a legitimidade da Língua Portuguesa. Por meio deles, observamos a preocupação da Escola Normal não só com um ensino descritivo dos componentes lexical, morfológico e sintático da língua, mas também com um ensino de natureza prescritiva, estabelecendo regras que orientassem o usuário sobre as formas “corretas” e “precisas” da língua. Nesse sentido podemos dizer, de acordo com Aurox, que a

gramática funciona simultaneamente como “uma técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las”. (AUROUX, 1992, p. 36).

O método pedagógico prescrito pelos *programmas* da 4ª década era a repetição, por meio de exercícios de aplicação de regras. As regras jogam com os pares de oposição *certo X errado* e *falso X verdadeiro*, que apontam para um efeito de uma disputa dos adeptos de um ideal conservador de língua.

Igualmente repetidos eram muitos dos tópicos prescritos, que os *programmas* reverberavam ao longo dos anos. Tais repetições representam um jogo de paráfrases que funcionam discursivamente como um retorno ao mesmo, impedindo o surgimento de novos sentidos para a língua do Brasil.

Os *programmas* desta década retomam dos anos anteriores a “memorização”, a “recitação” e a “repetição” por meio de “exercícios” sobre certas formas da língua, fato que nos permite reconhecer uma prática de assujeitamento do indivíduo assentada no princípio didático da imitação. Uma prática que adota como via de aprendizagem a reprodução do mesmo, ignorando, dessa forma, a historicidade do Português no Brasil.

5ª década (*Programmas de Portuguez* de 1924 e 1929. Grifos nossos)

| ANO               | 1924 <sup>147</sup>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | 1929 <sup>148</sup>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O QUE SE ENSINAVA | <p>1º anno:<br/> <u>Analyse interpretativa de texto: idéa geral e idéas secundarias; analyse da sentença, fazendo notar os pensamentos ou asserções nella existentes e as suas relações</u>; sentenças simples e compostas, coordenadas e subordinadas. <u>Analyse do pensamento: estudo das idéas e das phrases</u>. Discriminação da proposição principal e das clausulas. <u>Transformações, substituições e inversões da expressão dum mesmo pensamento</u>. Relações das idéas entre si: sujeito e predicado. Especies. Desdobramento do predicado. Observações sobre o objecto. Pratica escripta e oral da determinação do objeto para conhecimento do verbo de predicação incompleta. <u>Exercícios</u> variados para determinação do sujeito e do verbo da proposição principal, e das expressões que com elles se relacionam. O verbo: modo, tempo, numero e pessoa, voz activa e voz passiva. Conjugação dos verbos regulares, irregulares, defectivos, pronominaes, apassivados, auxiliares, etc. Locuções verbaes. <u>Exercícios</u> variados com emprego dos verbos que tenham ocorrido nos trechos dados. <u>Exercícios multiplos, escriptos ou oraes</u>, para o emprego de todas as formas do imperativo. Predicação verbal. Estudo da relação entre as idéas. Palavras de relação em geral. Revisão das categorias grammaticaes estudadas na sua escola primaria. Estudo das palavras flexionadas. <u>Especies</u> e grãos do adverbio. Expressões adjectivas. Conversão de phrases adjectivas em clausulas adjectivas, e vice-versa, quando possível. Apposição. Collocação do adjectivo. Diferenças de sentido que resultam da anteposição e da posposição do adjectivo ao substantivo. <u>Phrases</u> e clausulas adverbiais. A preposição, locuções preposicionaes, <u>exercícios escriptos e oraes</u>, pratica da decomposição das contracções ou combinações. Emprego das conjunções. <u>Estudo da collocação do pronome</u>, principalmente do</p> | <p>1º anno:<br/> Composição oral: O alumno lerá um pequeno trecho, em prosa ou verso, e, depois, a livro fechado, resumirá o que tiver lido, expondo-o em voz alta, de modo que possa ser ouvido por toda a turma. <u>O professor ministrará os subsidios attinentes a tornar perfeita a comprehensão do texto</u>. Os trechos para esses <u>exercícios</u> podem ser, segundo a natureza do exercicios, marcados com antecedencia. <u>Deve merecer especial atenção do professor, nesses exercicios de elocução, a correção, a clareza, a perfeita articulação e inflexão</u>. <u>Devem-se combater os termos de giria, os termos regionaes, os vicios de linguagem de qualquer especie, as expressões improprias, as phrases feitas meramente retumbantes e os cacoetes verbaes</u>. <u>O professor deve despertar nos alumnos o desejo de falarem não somente com a correção devida, senão também com asseio verbal e discreta elegancia, evitando elles repetições desgraciosas, assonancias rudes, cacophonias, exageros de expressão, etc. Procurará corrigir defeitos naturaes como sejam: attitudes menos compatíveis com boa exposição, os gestos inadequados, a elocução accelerada e seguida, que faz perder o folego, perturbando o rithmo da respiração</u>. <u>Composição escrita. Exercícios grammaticaes</u>: É recommendavel o processo analytic pelo qual se começa pelas partes maiores do discurso, a partir do periodo, por exemplo, e se vão successivamente estudando a <u>sentença</u>, a proposição, e as clausulas, para dahi se passar á apreciação das <u>phrases</u> e das <u>palavras</u>. <u>Não se deve descer a demasiada minuciosidade de tecnologia e nomenclatura. As noções grammaticaes serão as mais geraes e simples. A analyse dos trechos deve ter em mira o sentido e o valor significativo do que se leu, de preferencia ao papel grammatical dos</u></p> |

<sup>147</sup> Não foi possível saber se o curso normal a que se refere esse *programma* estava organizado em 3 ou em 4 *annos*.

<sup>148</sup> *Programma de Portuguez* do “CURSO COMPLEMENTAR ANNEXO”, organizado para dois anos de duração apenas.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>pronome pessoal e do pronome reflexo, - atonos -. Noção succinta da syntaxe das categorias grammaticas em geral. <u>Analyse da palavra em si mesma</u>: syllabas, accentuação. Derivação, composição. <u>Estudo practico da decomposição do vocábulo como preliminar ao estudo da phonetica e da etymologia</u>. Noções diversas: signaes, accentos, pontuação. <u>Preceitos comuns de orthographia</u>. Abreviaturas.</p> <p>Observações: <u>O professor terá o cuidado de exigir dos alumnos: perfeita articulação dos sons e dicções dos vocabulos; clareza no tom de voz; adequada inflexão; propriedade no emprego dos termos e expressões; corrección syntactica, e. em suma, pureza de linguagem. Deve o professor evitar, quando possivel, as distincções theoricas, os termos minuciosamente technicos, as classificações mais ou menos arbitrarias e especiosas, limitando-se á terminologia necessária á boa compreensão dos elementos da linguagem, de sorte que os alumnos adquiram o conhecimento da grammatica pelo estudo practico da língua.</u></p> <p>2º anno:<br/>         Formas especiais de proposição. Palavras derivadas: sua distincção das primitivas. <u>Acquisição de elementos de formação dos vocabulos, por meio de listas, cada vez mais ricas, de contribuições gregas, latinas e vernáculas</u>. Sujeito e adjunctos do sujeito. Concordancia nominal e verbal. Ordem dos termos da proposição. O objecto e o predicativo. Elementos do predicado. Emprego das formas do infinitivo. <u>Practica da collocação dos pronomes pessoaes</u>; quer sujeitos, quer objectos ou adjunctos. Pontuação. <u>Vícios de linguagem</u>. Figuras de syntaxe. Phonologia e phonetica. <u>Exercícios de copia e de reprodução de cor de trechos literarios</u>. <u>Interpretação de passagens literarias mais variadas e menos faceis, buscando os alunos imitar o original</u>, mas usando de vocabulario seu e expressões suas. O professor suggerirá formas de dizer apropriadas ao caso. <u>Exercícios de redacção de narrativas</u>. <u>Descripções faceis, ouvidas da boca do professor</u>. <u>Redacção de cartas sobre assumpto dado em resumo pelo professor</u>. Vocabularios em que serão colligidos termos e expressões de emprego especial, ou peculiares a <u>escriptores de nota</u>. Composições oraes, que constarão do resumo de pequenas peças literarias, relativamente faceis de ler e da <u>recitação de peças de prosa e de verso</u></p> | <p><u>vocabulos e das expressões</u>.</p> <p>Como <u>exercício de orthographia</u> e pontuação, usar-se-á, entre outros meios, o do <u>dictado</u> de trechos gradualmente mais difficeis.</p> <p>Parte theorica: Linguagem. Lingua. <u>A lingua portugueza, Grammatica</u>. Sua utilidade. Palavra. Radical e desinencia. Sons e letras. Alphabeto. Vogaes e consoantes. Sylaba. Accento tonico. Substantivo, artigo, adjectivo, pronome e flexões. Verbos regulares e irregulares. Conjugação dos verbos Ser, Estar e Pôr. Adverbio, preposição, conjunção, interjeição e palavras interjectivas.</p> <p>Noções sobre o que sejam periodo, sentença, proposição, phrase, locução. Noções sobre a decomposição do periodo e analyse da proposição: sujeito e predicado. Noções sobre a coordenação e a subordinação, e sobre o que sejam predicativo, objecto e adjunctos. Noções de syntaxe de concordancia e da <u>collocação</u>.</p> <p><u>Regras geraes de orthoepia e orthographia. Pontuação</u>.</p> <p>Observação: <u>Dos alumnos o professor só exigirá a memorização do que seja indispensavel. O ensino deverá ser principalmente objectivo e, portanto, practico.</u></p> <p>2º anno:<br/> <u>Composição oral: Repetição dos exercicios prescritos no programma do 1º anno, acrescidos de outros mais adiantados.</u><br/> <u>Composição escripta: Todas as recomendações feitas no programma do 1º anno são reiteradas aqui, no que se refere á clareza, correção, harmonia, elegancia e mais qualidades exigiveis no discurso.</u><br/> <u>Repetição das recomendações dos exercicios do 1º anno. O preparo dos alumnos no que entende com a grammatica deve ser encarado como um simples meio de systematizar o conhecimento dos phenomenos para perfeita e consciente applicação destes conhecimentos ao uso e emprego da linguagem.</u> Assim, <u>os exercicios grammaticas terão cunho essencialmente practico e a tecnologia acompanhará logicamente a compreensão ou a textura das passagens em apreço, verdadeiro objectivo do trabalho escolar numa aula de vernaculo.</u></p> <p>Parte theorica: <u>O estudo da lingua vernacula</u> neste anno constará da <u>revisão</u> da materia dada no anno anterior, e mais do que vae abaixo discriminado:<br/> <u>Divisão do estudo da grammatica</u>. Phonologia em especial. Phonema. Vocabulo e palavra. <u>Classificação das vozes em puras e articuladas.</u></p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>que ofereçam modelo de formas e expressões, <u>a juizo do professor. Exercícios</u> de dissertação sobre os pontos mais communs e faceis do Programma, do 1º anno, nas sob a forma de lições, como si os alumnos estivessem ensinando.</p> <p>Observações:<br/> <u>As mesmas que foram feitas no fim do Programma do 1º anno, podendo o professor empregar um pouco de theoria grammatical, mas sem muito pormenorizar, e sem exigir, em caso algum, definições nem classificações abstractas. A correccão orthographica e as notações serão sempre exigidas.</u></p> <p>3º anno:<br/> Phonologia e phonetica. <u>Exercícios</u> apropriados. <u>Metaplasmos. Etymologia e os principaes elementos formadores da lingua portuguesa. Formas anormaes e idiotismos da lingua portuguesa. Phrases e sentenças proverbiaes.</u> Syntaxe figurada. Prosa e verso. Versificação e estylo. Estylo figurado. Generos literarios. <u>Historico succinto da lingua portuguesa. A lingua portugueza falada no Brasil. Elementos modificadores.</u> Noticia das producções que caracterizam cada genero literario e os diferentes periodos da literatura do <u>idioma. Redacção oral e escripta</u> de factos correntes, que não envolvam alusões persoaes desfavoráveis nem controversias sectarias. Os assumptos devem ser taes que se prestem a commentarios variados. <u>Apreciação critica sobre produção literaria nacional, depois de esclarecido o thema pelo professor.</u> afim de desenvolver nos <u>alumnos o gosto pela boa forma literaria.</u> Ahi se mencionará a forma da linguagem, o genero literario, o estylo, <u>as bellezas da lingua,</u> etc.</p> | <p><u>Letras e sua classificação. Classificação dos vocabulos segundo o numero de syllabas e segundo o accento tonico.</u> Raiz, radical e desinencia.</p> <p>O substantivo e suas flexões. O artigo; o adjectivo: flexões e concordancia. Influencia dos qualificativos sobre os determinativos. Relação entre os possessivos e as pessoas grammaticaes. Substituição do possessivo pelo artigo definido. Relação entre os demonstrativos e as pessoas grammaticaes. O numeral. <u>Estudo dos pronomes, formulas de tratamento.</u> Verbos regulares e irregulares, suas flexões, conjugações periphasticas. O adverbio. Distincção entre os adverbios, os adjectivos e os substantivos homonyms. Preposição e locução prepositiva. As conjunções.</p> <p>Distincção entre periodo e paragrafo. Estudo das proposições coordenadas. Distincção entre a sentença principal e as proposições e clausulas que podem entrar na sentença complexa.</p> <p>Sujeito, predicado, predicativo, objecto, adjunctos.</p> <p><u>Classificação da sentenças em categorias</u> (positivas e negativas), interrogativas, dubitativas, imperativas, optativas e exclamativas.</p> <p>Revisão mais minuciosa da syntaxe de concordancia e de collocação. <u>Noções geraes da syntaxe figurada e dos vicios de linguagem. Revisão mais pormenorizada das regras de orthoepia, orthographia e pontuação.</u></p> <p>3º anno:<br/> Não havia 3º ano do “Curso complementar annexo”, organizado em dois anos apenas.</p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
|                   | <p>No ultimo periodo do anno lectivo, <u>a classe recapitulará todos os exercícos de practica escripta, por meio de composiçãõ</u>. A theoria aprendida nos três annos, inclusive a referente á formação da lingua, será também <u>recapitulada</u>.</p> <p>Observações: As mesmas anteriores e mais: o professor exigirá dos alumnos o emprego da <u>tecnologia grammatical</u> e literaria corrente, e o <u>maior apuro de linguagem</u>.</p> |                                                                                |
| MÉTODO PEDAGÓGICO | Repetiçãõ por meio de exercícos, copia, recapitulaçãõ, revisãõ, memorizaçãõ.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Repetiçãõ por meio de exercícos, dictado, recapitulaçãõ, revisãõ, memorizaçãõ. |
| LIVROS ADOTADOS   | Nãõ foi possível saber sobre os manuais didáticos adotados.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Nãõ foi possível saber sobre os manuais didáticos adotados.                    |

## 5ª DÉCADA

Nesta década há um desenvolvimento em relação aos *programmas* anteriores. Ela se destaca das demais pela ênfase que dá aos estudos do texto e não mais ao ensino da língua baseado apenas na tradição, um ensino de natureza predominantemente gramatical.

Constatamos, entretanto, que se acentua, na 5ª década, o purismo da língua, conforme podemos observar no *programma* de 1929, em defesa da uniformidade da língua *legítima*, não só na sua modalidade escrita mas também na modalidade falada.

Embora com menos intensidade do que os *programmas* das décadas anteriores a esta, os *programmas* da 5ª década repetem alguns dos temas prescritos anteriormente, voltados para o estudo das origens da Língua Portuguesa, conforme podemos ler a seguir:

83. Estudo pratico da decomposição do vocabulo como preliminar ao estudo da phonetica e da etymologia; (*Programma* de 1924, 1º anno)

84. Aquisição de elementos de formação dos vocabulos por meio das listas, cada vez mais ricas, de contribuições gregas, latinas e vernaculas; (*Programma* de 1924, 2º anno)

85. Metaplasmos; (*Programma* de 1924 2º anno)

86. Etymologia e os principaes elementos formadores da lingua portugueza; (*Programma* de 1924, 2º anno)

Esses dizeres sobre a língua mantêm estreita relação parafrástica com outros enunciados das décadas anteriores, que, constituindo uma rede de dizeres, sustentam a produção (e manutenção) de uma mesma concepção de língua.

No entanto observamos que houve também algumas mudanças nessa década. Ao contrário do que constatamos nos *programmas* anteriores, que prescreviam o estudo da Língua Portuguesa relacionando-a apenas ao Latim, os *programmas* da 5ª década relacionavam-na também às “contribuições gregas e vernaculas”.

O interesse pela “língua vernacula” ganha visibilidade nos *programmas* de ensino desta década (1920-1929), como um tema merecedor de estudo, conforme podemos ler a seguir:

87. O estudo da lingua vernacula; (*Programma* de 1929, 2º anno)

Há uma mudança do paradigma que orienta a elaboração dos *programmas*. A fundamentação da língua não se dá mais só pelo Latim, mas também pelo vernáculo. E, se compreendemos o termo vernáculo como “nome comumente aplicado à LÍNGUA

NACIONAL pelos seus próprios falantes, a fim de acentuarem os aspectos característicos e distintivos em confronto com as línguas estrangeiras<sup>149</sup>”, então podemos supor que aí se dá a entrada da língua brasileira.

Observamos ainda na 5ª década a seguinte mudança: a preocupação com os “vocalismos” desloca-se para a preocupação com as “idéas”, a “phrase”, o texto, a leitura, a interpretação, a língua como “expressão do pensamento”, de acordo com as seqüências a seguir:

88. Analyse interpretativa de texto; idéa geral e idéas secundarias; (*Programma* de 1924, 1º *anno*)

89. Analyse da sentença, fazendo notar os pensamentos ou asserções nella existentes e as suas relações; (*Programmas* de 1924, 1º *anno*)

90. Analyse do pensamento; estudo das idéas e das phrases; (*Programma* de 1924, 1º *anno*)

91. Transformações, substituições e inversões da expressão dum mesmo pensamento; (*Programma* de 1924, 1º *anno*)

92. O professor ministrará os subsidios attinentes a tornar perfeita a compreensão do texto; (*Programma* de 1929, 1º *anno*)

Observamos nessas seqüências a concepção de língua significada como “expressão do pensamento”. Há um deslocamento do interesse desses *programmas* dos estudos da palavra para os estudos da frase e do texto.

O ensino da gramática deveria fazer algumas restrições à nomenclatura, conforme podemos ver na prescrição dos seguintes temas de estudo:

93. [...] de sorte que os alumnos adquiram o conhecimento da grammatica pelo estudo practico da lingua; (*Programma* de 1924, 1º *anno*)

94. As mesmas observações que foram feitas no fim do programma do 1º anno, podendo o professor empregar um pouco de theoria grammatical, mas sem muito pormenorizar, e sem exigir, em caso algum, definições nem classificações abstractas; (*Programma* de 1924, 2º *anno* OBS.)

95. As noções grammaticaes serão as mais geraes e simples; (*Programma* de 1929, 1º *anno*)

96. Dos alumnos o professor só exigirá a memorização do que seja indispensável. O ensino deverá ser, principalmente objectivo e pratico; (*Programma* de 1929, 1º *anno*)

97. O preparo dos alumnos no que entende com a grammatica deve ser encarado como um simples meio de systematizar o conhecimento dos phenomenos para perfeita e consciente aplicação destes conhecimentos ao uso e emprego da linguagem; (*Programma* de 1929, 2º *anno*)

---

<sup>149</sup> Cf. Câmara Júnior (1986).

O tema de estudo sobre a “colocação de pronomes”, que se repete desde a 1ª década, de acordo com o *programma* de 1888, permanece até os *programmas* da 5ª década (1920-1930):

98. Prática da colocação dos pronomes pessoais; (*Programmas* de 1924, 2º ano)

99. Revisão mais minuciosa da sintaxe de concordância e de colocação; (*Programmas* de 1929, 2º ano)

Conforme já foi dito anteriormente, a colocação dos pronomes pessoais é uma das marcas lingüísticas da diferença entre Brasil e Portugal. Esse fato talvez justifique o interesse obsessivo dos *programmas* por essa e outras questões da variação, a exemplo do estudo da “sintaxe de concordância e de colocação”. Aqui, talvez, se situe novamente um ponto de resistência da memória portuguesa: se o vernáculo se inscreve pelo caminho do vocábulo, o padrão português resiste na sintaxe, na colocação de pronomes.

Observamos um deslocamento do interesse institucional, até então voltado para “o papel gramatical dos vocábulos e das expressões”, para o interesse pelos estudos do “sentido” e do “valor significativo do que se leu”, conforme podemos ver na seqüência seguinte:

100. A analyse dos trechos deve ter em mira o sentido e o valor significativo do que se leu de preferencia ao papel grammatical dos vocabulos e das expressões; (*Programmas* de 1929, 1º ano)

Outra mudança foi a prescrição do tema “A lingua portugueza falada no Brasil” paralelamente ao estudo do “Historico succinto da lingua portugueza”:

101. Historico succinto da lingua portugueza. A lingua portugueza falada no Brasil. Elementos modificadores; (*Programma* de 1924, 3º ano)

Como na SD 59, analisada nos *programmas* da 4ª década, também nesses *programmas* ganha visibilidade o estudo das peculiaridades “da língua portuguesa falada no Brasil”.

Os “elementos modificadores” incluem, pressupomos, as questões da variação, a exemplo da sintaxe de colocação, de concordância e de regência, recorrente nos *programmas*, como um tópico de estudo a serviço da homogeneização da língua, separando o que é peculiar de Portugal do que é peculiar do Brasil.

Vale aqui destacar a contemporaneidade desta década (1920-1929) à Semana de Arte Moderna, que ocorreu em 1922 em São Paulo, com sua proposta de valorização da língua falada<sup>150</sup> no Brasil.

Observamos que, ao longo dos anos, é crescente nos *programmas* a preocupação institucional com o ensino da ortografia.

De acordo com Souza e Mariani, até o século XVIII, pouco se discutia sobre a questão ortográfica no Brasil. Em meados do século XIX, no entanto, o espírito do movimento romântico fez com que vários autores se voltassem para uma temática nacionalista, a exemplo de José de Alencar, que chegou a pleitear uma “língua brasileira”. Mas havia também outras duas tendências: a dos conservadores, que defendiam a língua como um legado de Portugal; e a dos autores que se preocupavam com as divergências relacionadas à língua escrita. A partir de 1897, a Academia Brasileira de Letras começou a promover uma série de reformas, embora faltasse a essa instituição autoridade para impô-las, continuam as autoras. (SOUZA; MARIANI, 1996, p. 85-86).

Para descrever a “desordem ortográfica” reinante no início do século XX, trazemos as seguintes palavras do senhor José Veríssimo<sup>151</sup>, um dos que eram favoráveis à reforma ortográfica:

A anarchia reinante na nossa orthographia, hoje entregue ao bel-prazer de cada escriptor, de cada amanuense, de cada jornal, de cada editor, de cada pedagogo, de cada revisor, era verificada e lastimada por quantos desta questão se ocupam e por qualquer observador. (Cândido de Figueiredo apud SOUZA; MARIANI, 1996, p. 86).

A disciplinarização ortográfica contava com a ação reguladora da Escola Normal, cujos

---

<sup>150</sup> Dentre os escritores modernistas que trouxeram para a produção literária a valorização da “língua portuguesa falada no Brasil”, opondo-a à modalidade escrita da língua, podemos citar Manuel Bandeira, que escreveu, no Rio de Janeiro, no ano de 1925, os seguintes versos:

[...]  
 A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
 Língua certa do povo  
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
 Ao passo que nós  
 O que fazemos  
 É macaquear  
 A sintaxe lusíada  
 [...]

(Evocação do Recife. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: 1933, p. 135).

<sup>151</sup> Membro fundador da Academia Brasileira de Letras e Diretor da Escola Normal duas vezes: em 1910 e em 1913.

*programmas* davam ao ensino da ortografia a seguinte orientação:

102. Preceitos comuns de orthographia; (*Programma* de 1924, 1º anno)
103. A correção orthographica e as notações serão sempre exigidas; (*Programma* de 1924, 2º anno OBS.)
104. Exercícios de redacção de narrativas; (*Programma* de 1924, 2º anno)
105. Composição escrita; (*Programma* de 1929, 2º anno)
106. Exercícios multiplos, escritos ou oraes; (*Programma* de 1924, 1º anno)
107. Regras geraes de orthoepia e orthographia. Pontuação; (*Programma* de 1929, 1º anno)
108. Composição escripta: todas as recomendações feitas no programma do 1º anno são reiteradas aqui, no que se refere á clareza, correção, harmonia, elegancia e mais qualidades exigiveis no discurso; (*Programma* de 1929, 2º anno)
109. Como exercicio de orthografia e pontuação, usar-se-á, entre outros meios, o do dictado de trechos gradualmente mais difficeis; (*Programma* de 1929, 1º anno)

A ortografia é prescrita como tema de estudo desde os primeiros *programmas* aqui analisados, mas é nesta década (1920-1929) que observamos nos *programmas* de ensino a busca do ideal ortográfico, ou seja, “uma norma definitiva que acabasse com a anarquia e que unificasse a ortografia garantindo o prestígio e a expansão de um idioma nacional”. (SOUZA e MARIANI, 1996, p. 91). A unidade da língua, por conseguinte, reforçaria, ao mesmo tempo, a unidade nacional.

Embora a língua tenha na modalidade escrita maior força de divulgação, podemos observar, nos tópicos de estudo prescritos a seguir, a intolerância à variação e um interesse pela uniformização também da oralidade, fixando certas formas da língua e excluindo outras:

110. Regras geraes de orthoepia e orthographia. Pontuação; (*Programma* de 1929, 1º anno)
111. O professor terá o cuidado de exigir dos alumnos: perfeita articulação dos sons e dicções dos vocabulos; clareza no tom de voz; adequada inflexão; propriedade no emprego dos termos e expressões; correção syntactica e, em suma, pureza de linguagem ... (*Programma* de 1924, 1º anno OBS.)
112. Deve merecer especial atenção do professor, nesses exercicios de elocução, a correção, a clareza, a perfeita articulação e inflexão; (*Programma* de 1929, 1º anno)
113. O professor deve despertar nos alumnos o desejo de falarem não somente com a correção devida, senão com asseio verbal e discreta elegância, evitando elles repetições desgraciosas, assonâncias rudes, cacophonias, exageros de expressão, etc.; (*Programma* de 1929, 1º anno)
114. Composição oral. Repetição dos exercicios prescritos no programma do 1º anno, acrescidos de outros mais adiantados; (*Programma* de 1929, 2º anno)

Esses enunciados apontam para uma visão idealizada da língua, aquela que supõe *um falante ouvinte igualmente idealizado*, sujeito *senhor e origem do seu dizer*. O que está em jogo nesses dizeres é a busca do ideal de perfeição da língua, valorizando a precisão, a clareza, a correção e a pureza e rejeitando a variação, ignorando que “a língua não é um ritual sem falhas” (PÊCHEUX apud FERREIRA, 2000. p. 10)<sup>152</sup>. Estamos diante de uma concepção de língua como *instrumento de comunicação entre os homens*, que considera o sujeito um simples usuário da linguagem, ignorando-o, pois, como sujeito historicamente constituído.

E podemos dizer que, sob o discurso da pretendida língua ideal falada com “asseio verbal”, há um discurso outro, o de uma língua falada que, estando em falta com a higiene, devia ser “evitada”, pois.

Trata-se de um discurso de *higienização* da língua, trazendo em seu funcionamento elementos diferentes de si mesmo, provenientes de outro lugar, constitutivos de um outro discurso, o da variante brasileira, aí significada depreciativamente como um Português falado *sem asseio verbal*. (Cf. SD 113).

Tendo em vista esses discursos sobre a Língua Portuguesa, observamos que a Escola Normal, por meio dos seus *programmas* de ensino, submete à exclusão *a língua em que o brasileiro pensa e fala*, retomando aqui as PALAVRAS INICIAIS deste trabalho. Não observamos, portanto, nos *programmas*, acolhida à variação lingüística.

O nível prosódico da língua, valorizado nessas seqüências, é uma das questões da variação, ou seja, que marca diferenças entre a Língua Portuguesa do Brasil e a de Portugal. No sentido de reforçar um certo “modelo” de escrita e oralidade, os *programmas* prescreviam a repetição de “regras” por meio de exercícios:

115. Revisão mais pormenorizada das regras de orthoepia, orthographia e pontuação. (*Programma* de 1929, 2º *anno*)

Podemos observar, nas seqüências a seguir, o interesse da Escola Normal, por meio dos seus *programmas*, pela linguagem literária, como base de sustentação e projeção de um determinado sentido de Língua Portuguesa e não de outro(s):

116. Exercícios de copia e de reprodução de cor de trechos literarios. Interpretação de passagens literarias mais variadas e menos faceis, buscando os alumnos imitar o original, mas usando de vocabulario seu e expressões suas; (*Programma* de 1924, 2º *anno*)

---

<sup>152</sup> “A língua não é um ritual sem falhas”. (PECHEUX apud FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 10).

117. Organização de vocabulários novos, mais escolhidos, como complemento dos do 1º ano, - Vocabulários em que serão colligidos termos e expressões de emprego especial, ou peculiares a escritores de nota; (*Programma* de 1924, 2º ano)

118. Composições oraes, que constarão do resumo de pequenas peças literarias, relativamente faceis de ler e da recitação de peças de prosa e de verso que ofereçam modelo de formas e expressões, a juízo do professor; (*Programma* de 1924, 3º ano)

119. O professor exigirá dos alumnos o emprego da tecnologia grammatical e literaria corrente, e o maior apuro de linguagem; (*Programma* de 1924, 3º ano)

Observamos nessas seqüências a representação da imagem da língua como algo que deve ser preservado em uma única forma. Daí a exploração de “exercícios”, “regras”, “copia”, “imitação do original”, da “recitação”, do “modelo de formas” como um jogo de paráfrases a serviço da manutenção do mesmo.

A preocupação com a linguagem literária aponta para o interesse da Escola Normal em fixar uma certa variante lingüística: a dos “escriptores de nota”. Nesse sentido, podemos dizer que os *programmas* de ensino e a Escola Normal, como instituição que os organizava, funcionaram como instrumentos de sustentação e de fixação de sentidos legitimados.

Esses *programmas* repetem obsessivamente regras e normas, tomando como matéria-prima *programmas* dos anos anteriores, dito de outra forma, estabelecem com os *programmas* anteriores uma relação parafrástica.

Na seqüência a seguir, podemos observar o efeito de valorização da “produção literaria nacional”:

120. Apreciação critica sobre produção literaria nacional, depois de esclarecido o thema pelo professor, - afim (sic) de desenvolver nos alumnos o gosto pela boa forma literaria. Ahi se mencionará a forma da linguagem, o genero literario, o estylo, as bellezas da lingua, etc. (*Programma* de 1924, 3º ano)

A produção literária era vigiada e, de acordo com a política de línguas que aí podemos observar, dessa produção era preciso separar a “boa forma”, cujo discurso aponta, por antonímia, para um outro, o da *má forma* da língua. Algumas perguntas aqui se impõem: “Boa forma” para quem? “Produção literaria nacional” de onde? Do Brasil ou de Portugal?

O que está em jogo nesses *programmas* é uma política de línguas que separa os “brazileirismos”, os “provincialismos”, “os termos regionaes”, “o portuguez posterior ao 16º século” e a “língua portuguesa falada no Brasil”, dos “termos e expressões de emprego especial, ou peculiares a escritores de nota”, a “boa forma literaria”. A língua *boa e bela* supõe uma imagem de língua capaz de gerar textos literários *encantadores*. Joga-se aqui com

a imagem de “beleza” que só a “boa forma” tem, uma vez que só ela é capaz de tecer *belas* obras literárias, ficando excluída, portanto, por antonímia, a *má forma* da língua, com suas “repetições desgraciosas, assonâncias rudes, cacophonias, exageros de expressão etc.”, (SD 113) enfim, com sua *falta* de “elegância”.

Os termos que assinalamos nos tópicos de estudos a seguir aproximam o discurso lingüístico do discurso das ciências da natureza:

121. O preparo dos alumnos no que entende com a grammatica deve ser encarado como um simples meio de systematizar o conhecimento dos phenomenos para aplicação e perfeita e consciente aplicação destes conhecimentos ao uso e emprego da linguagem. (*Programma* de 1929, 2º anno)

122. Divisão do estudo da Grammatica. Phonologia em especial; (*Programma* de 1929, 2º anno)

123. Classificação das vozes em puras e articuladas; (*Programma* de 1929, 2º anno)

124. Letras e sua classificação; (*Programma* de 1929, 2º anno)

125. Classificação dos vocabulos segundo o numero de syllabas e segundo o accento tonico; (*Programma* de 1929, 2º anno)

126. Classificação das sentenças em categorias; (*Programma* de 1929, 2º anno)

127. Estudo dos pronomes, formulas de tratamento; (*Programma* de 1929, 2º anno)

Vale aqui observar que os termos destacados nessas seqüências também remetem à Biologia, à Física, à Química e à Matemática.

Permanece nos *programmas* desta última década, portanto, a concepção da gramática como uma ciência, ainda que, nesta década, eles apresentem algumas mudanças em relação aos anos anteriores.

O método pedagógico utilizado era a “memorização” e a “repetição” por meio de “copia”, “dictado”, “exercícios variados” de “revisão” e de “recapitulação”.

Esse rigoroso controle no ensino aponta para uma política de língua marcada, de um lado, pela língua falada “com asseio verbal”, pela língua dos “escriptores de nota” e, de outro, pelas “formas anormaes”, pelos “vícios de linguagem”, pelos “termos de giria”, pelos “termos regionaes”, que deviam-se “evitar” e “combater”, conforme podemos ler a seguir:

128. Vícios de linguagem; (*Programmas* de 1929, 2º anno)

129. Formas anormaes e idiotismos da lingua portugueza. Phrases e sentenças proverbiaes; (*Programma* de 1924, 3º anno)

130. Noções geraes da syntaxe figurada e dos vícios de linguagem; (*Programma* de 1929, 2º anno)

131. Devem-se combater os termos de gíria, os termos regionaes, os vícios de linguagem de qualquer espécie, as expressões improprias, as phrases feitas meramente retumbantes e os cacoetes verbaes; (*Programmas* de 1929, 1º anno)

Podemos observar nessas seqüências a posição purista sobre a língua, o rigoroso controle que os guardiões da língua (“devem-se combater...”) exerciam sobre os sentidos de língua direcionados, numa vigilância constante, em defesa da pureza do “Portuguez”, sendo os *programmas* os instrumentos disciplinadores desses sentidos.

De acordo com Foucault (2002), os sentidos surgem espontaneamente, mas logo são, antes e depois de sua manifestação, submetidos pelas instituições, à inclusão e exclusão na ordem do discurso. E a Escola Normal cumpria seu papel de gerenciá-los por meio dos seus *programmas* e manuais de ensino ali adotados.

A maneira como as diferenças são significadas no imaginário desses *programmas* constitui uma hierarquia lingüística, que valoriza a unidade (imaginária) e não acolhe a variação, criando, portanto, mecanismos de exclusão e de preconceito lingüístico. De acordo com Orlandi,

o preconceito é de natureza histórico-social, e se rege por relações de poder, simbolizadas. Ele se realiza individualmente, mas não se constitui no indivíduo em si e sim nas relações sociais, pela maneira como se significam e são significadas. Não é um processo consciente, e o sujeito não tem acesso ao modo como os preconceitos se constituem nele. Vêm pela sua filiação a rede de sentidos que ele mesmo nem sabe como se conformaram nele. (ORLANDI, 2002b, p. 197).

Do ponto de vista discursivo, os sentidos são determinados pelas suas condições de existência e de produção, podendo, portanto, sempre ser outros.

Orlandi considera o preconceito uma forma de censura, onde nem todos os sentidos possíveis podem ser ditos. Visto dessa forma, o preconceito é o sentido silenciado pela censura e funciona sobre a própria existência do ser. Dentre as espécies de preconceito citados pela autora, trazemos para a nossa discussão o “preconceito pedagógico (não se deve falar de coisas que não se quer que as pessoas aprendam; e o preconceito lingüístico (não se pode falar ‘errado’ etc.)”. (ORLANDI, loc. cit.). Segundo a autora, “essas proibições estão, pois, na base de preconceitos e funcionam em uma circularidade: o que se proíbe produz preconceito, e o preconceito impede que a gente possa trabalhar outros sentidos.” (Ibidem). Orlandi destaca que o preconceito lingüístico está entre os preconceitos mais efetivos:

Os sujeitos se identificam pelo fato mesmo de falarem, já que se constituem como sujeitos pela e na linguagem. Se pensamos a língua nacional, seu ensino, sua circulação como um bem público, aí é que se praticam os mais diferentes e efetivos

processos de exclusão, de inclusão, de valorização de sujeitos pelo modo mesmo como falamos. Já que vivemos em uma sociedade capitalista, com seus valores, sua hierarquização, sua verticalização social entre os que possuem mais ou menos bens. O acesso a esses bens sendo desigualmente presente.” (Ibidem, p. 198).

A observação dos *programmas* como discurso permite-nos dizer que esses documentos e a instituição de ensino que os regula funcionaram como instrumentos do Estado disciplinadores da língua, no sentido de reforçar sentidos legitimados.

E aqui retomamos a epígrafe inicial deste trabalho, considerando com Foucault que os discursos e as instituições sobre as quais eles se apóiam são formas de coerção.

Ao longo de todo o período histórico analisado, observamos que houve um deslocamento de “brazileirismos” e “provincialismos”, da primeira década (*programma* de 1888b), para “os termos de gíria, os termos regionaes, os vícios de linguagem de qualquer espécie”, da quinta década.

Intensifica-se neste final do período que delimitamos para nossa análise o interesse da Escola Normal e seus *programmas* por uma unificação da Língua Portuguesa, falada e escrita no Brasil, em favor da linguagem “perfeita”, escrita e falada com “correção”, “clareza”, “harmonia” e “elegância”, deixando de fora tudo aquilo que dissesse respeito aos “termos regionaes”, à variação, desprestigiando, portanto, a memória local.

Diante desses tópicos de estudo, podemos dizer que o ensino da língua marcava-se, ao mesmo tempo, pela rigorosa descrição científica da gramática, voltado para a descrição da língua em seus aspectos etimológicos, fonológicos, prosódicos, morfológicos e sintáticos, e pela prescrição de regras e normas, apontando sempre o que era “correcto” e o que era *errado*, separando o que era do que não era da ordem da variante de prestígio, que os gramáticos de tendência tradicionalista queriam proteger da *corrupção lingüística*.

A idéia de *combate* (SD 131) traz um efeito de discriminação lingüística. “Combater os termos de gírias, os termos regionaes e os vícios de linguagem” é silenciar a variação, o que significa silenciar também a história e toda a cultura que a constituem. Combater esses acontecimentos lingüísticos significa impedir que eles se inscrevam na memória de língua que importava aos *programmas* construir. Significa *submetê-los à exclusão na ordem do discurso*. É *como se* eles não tivessem ocorrido.

Compreendemos que o termo “combater” produz um efeito de defesa frente à ameaça de algo contra o qual é preciso defender-se: os “dialetos”, as “gírias” e os “termos regionaes”. Esse fato configurava uma política de línguas marcada, de um lado, pela língua das camadas cultas da elite, a mesma da metrópole distante, da qual a Escola Normal, através dos seus

documentos oficiais, era guardiã; e do outro, “as gírias”, “os termos regionaes”, “os dialectos”, a língua falada pelo povo. Prescrever que essas formas deviam ser “combatidas” significa considerá-las desviantes da variante de prestígio, em favor de uma concepção de língua estável e homogênea. Significa desconsiderar a historicidade da Língua Portuguesa em terras brasileiras.

E aqui retomo os questionamentos iniciais deste trabalho, no sentido de compreender *o lugar da língua em que o brasileiro pens, o lugar da língua que o brasileiro fala* e por que ele tem como aspiração social e cultural aprender a falar “um bom Português”.

Não encontramos nos *programmas* examinados nenhuma referência aos manuais didáticos adotados na quinta década (1920-1929).

Entretanto, examinando o livro *Lições de Português*<sup>153</sup>, de Souza da Silveira, obra destacada por Guimarães (2004, p. 31) em seus estudos acerca do processo de gramatização brasileira do Português, a que nos referimos no início deste trabalho, constatamos que o professor Souza da Silveira lecionou Língua Portuguesa na Escola Normal em 1921, conforme ele próprio enuncia em prefácio da 1ª edição do livro (1923):

Este livro consta das lições que dei em 1921 na Escola Normal, e foram impressas em vários números da *Revista de Língua Portuguesa*. Acrescentei-lhes agora um glossário, que supus poderia prestar serviço a alguns leitores.

Ainda que venha a ser modificado o programa segundo o qual dei as lições, elas sempre interessarão aos estudantes da Escola Normal, e a quaisquer outros, por isso que nelas se contém, exposto resumidamente e com o objetivo didático, o que há de principal acerca da história da língua e da sua sintaxe, e tais assuntos jamais se deixarão de ensinar em qualquer curso regular de português. Foi esta consideração que me fez reuni-las em volume. (Grifo nosso.).

Constatamos também que a “história da Língua” que nos conta seu autor está ancorada à memória européia, à sua filiação ao Latim. Na página 86 das *Lições de Português*, Silveira trata das particularidades do Português do Brasil, ali referido como “dialecto brasileiro”, termo que coloca a variante européia da Língua Portuguesa numa posição de destaque em relação à variante brasileira, considerada “dialecto”.

Embora o professor Souza da Silveira tenha lecionado na Escola Normal no ano de 1921, os temas de estudo por ele organizados no “Índice dos capítulos” de seu livro *Lições de Português*, seguem as prescrições dos *programmas* alusivos aos anos anteriores à quinta década, onde observamos a hegemonia do grupo dos latinistas, mais conservadores.

---

<sup>153</sup> SILVEIRA, Souza da. *Lições de Português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

Queremos destacar, ainda nessa citação, a natureza conservadora do ensino do professor, marcada na superfície lingüística, sobretudo pelos advérbios “sempre” e “jamais”.

Lembremos que Guimarães considera *Lições de Português* “uma sucinta e meticulosa gramática histórica do português. Esta obra é no seu conjunto um estudo histórico de aspecto neogramático.” (2004, p. 31).

Durante esta década, o ensino da língua mantém o uso de métodos de natureza repetitiva, por meio de exercícios de recapitulação e de memorização, de cópia e de ditado, métodos esses que apontam para a função padronizadora do ensino normal, reverberando e reforçando certos sentidos da língua e impedindo o surgimento de outro(s).

Observamos que a imagem de língua projetada pela Escola Normal por meio dos seus *programmas* e manuais de ensino é construída na fronteira entre o que é e o que não é dos domínios da Língua Portuguesa *legítima*, no limite entre o que deve ser preservado (“as expressões dos escritores de nota”) e o que deve ficar de fora (“as formas anormaes da língua portuguesa”).

A prescrição de temas de estudos voltados para a diferença entre o Português do Brasil e o de Portugal, ao longo de cinco décadas, aponta para o trabalho de construção ideológica desenvolvido no interior da Escola Normal no sentido de *unificar* a língua, padronizando-a de acordo com a variante culta dos “escritores de nota”. Esse trabalho talvez tivesse produzido um efeito de que apenas a variante culta “dos escritores de nota” é Língua Portuguesa, ou melhor, é o *bom Português*, retomando aqui nossos questionamentos iniciais neste estudo.

O ensino da língua prescrito por esses *programmas* era de natureza, ao mesmo tempo, teórica e política. Isso se torna visível quando se trabalha a materialidade da língua produzindo sentidos na sua relação com a história.

4.3 MANUAIS DE ENSINO INDICADOS PELOS *PROGRAMMAS*

Nos documentos analisados, observamos que os manuais de ensino de Língua Portuguesa prescritos pelos *programmas* eram gramáticas, manuais de exercícios e livros de leitura de textos literários (as “*Sellectas*”). Não foi possível encontrar em nosso material de análise a indicação de dicionários.

Com o objetivo de dar melhor visibilidade à indicação dessas obras, organizamos os dois quadros demonstrativos a seguir. No Quadro 5, apresentamos os manuais didáticos de acordo com as décadas em que eles eram indicados pelos *programmas*, conforme podemos ver:

## QUADRO 5

Manuais de ensino de Língua Portuguesa indicados pelos *programmas*

| DÉCADA         | MANUAIS DE ENSINO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1ª (1881-1890) | Sellecção Litteraria de Fausto Barreto e Vicente de Souza.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 2ª (1891-1900) | Não foi possível encontrar.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 3ª (1901-1910) | 1- <i>Grammatica portugueza</i> do Dr. Alfredo Gomes;<br>2- <i>Livro de exercícius</i> , de Claudino Dias;<br>3- <i>Livro de Leitura</i> , de Olavo Bilac e M. Bonfim;<br>4- <i>Anthologia Nacional</i> , de Fausto Barreto e Carlos de Laet;<br>5- <i>Selecta de autores modernos</i> , de Felisberto de Carvalho;<br>6- <i>Selecta (verso)</i> , de Aulette <sup>154</sup> ;<br>7- <i>Selecta classica</i> , de João Ribeiro;<br>8- <i>Poesias</i> , de Gonçalves Dias (facultativas).            |
| 4ª (1911-1920) | 1- <i>Grammatica portugueza</i> do Dr. Alfredo Gomes;<br>2- <i>Livro de exercícius</i> , de Claudino Dias;<br>3- <i>Livro de Leitura</i> , de Olavo Bilac e M. Bonfim;<br>4- <i>Anthologia Nacional</i> , de Fausto Barreto e Carlos de Laet;<br>5- <i>Selecta de autores modernos</i> , de Felisberto de Carvalho;<br>6- <i>Selecta (versos)</i> , de Aulette;<br>7- <i>Autores contemporâneos</i> , de João Ribeiro;<br>8- <i>Poesias</i> , de Gonçalves Dias;<br>9- <i>Lusiadas</i> , de Camões. |
| 5ª (1921-1930) | Não foi possível encontrar.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |

No Quadro 6, a seguir, apresentamos a seqüência cronológica e a regularidade com que esses manuais eram indicados.

<sup>154</sup> Vale aqui destacar que “Caldas Aulete era filólogo de fama, autor de dicionário conhecido como *Caldas Aulete*, professor do Liceo Nacional de Lisboa”. (SOARES, 2001, p. 35).

## QUADRO 6

Seqüência cronológica dos manuais didáticos e regularidade com que eram indicados pelos *programmas* (1888-1915)

| AUTOR <sup>155</sup> / OBRA                                                                     | 1888b            | 1902 | 1903 <sup>156</sup> | 1904 | 1905 | 1906 | 1907 | 1908 | 1909 | 1910 | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | 1915 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|------|---------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| <i>O. Bilac e M. Bonfim</i> <sup>157</sup><br>Livro de leitura.                                 |                  | X    |                     | X    | X    | X    | X    | X    | X    | X    | X    | X    | X    | X    | X    |
| <i>Claudino Dias</i><br>Exercícios.                                                             |                  | X    |                     | X    |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| <i>Felisberto de Carvalho</i> .<br>Selecta de autores modernos.                                 |                  | X    |                     | X    |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| <i>Seleção Litteraria, de Fausto Barreto e Vicente de Souza</i> .                               | X <sup>158</sup> |      |                     |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| <i>Fausto Barreto e Carlos de Laet</i> . <sup>159</sup><br>Anthologia Nacional <sup>160</sup> . |                  | X    |                     | X    |      |      | X    |      | X    | X    | X    | X    | X    | X    | X    |

<sup>155</sup> Vale aqui dizer que M. Bonfim e Dr. Alfredo Gomes foram professores e diretores da Escola Normal, sendo, este último, ex-aluno do Colégio Pedro II. O *programma* de exame de Português de 1888, da segunda série da Escola Normal da Corte (Anexo) é assinado por Fausto Barreto e por ele escrito com o próprio punho. Nesse mesmo documento, observamos que Fausto Barreto indicava o livro de sua autoria com Vicente de Souza, a *Seleção Literária*, por onde os alunos deveriam estudar para esses exames.

<sup>156</sup> Não foi possível saber sobre os livros indicados de acordo com o *programma* do ano de 1903.

<sup>157</sup> Poeta parnasiano e ex-diretor da Escola Normal, respectivamente.

<sup>158</sup> Vale aqui dizer que a Seleção Literária, de Fausto Barreto e Vicente de Souza, deu origem à *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, que teve a sua primeira publicação em 1895, segundo Razzini (2000, p. 15). Voltaremos de modo detalhado a essa questão no subcapítulo 4.3.2.

<sup>159</sup> Eram professores do Colégio Pedro II. (GUIMARÃES, 2004, p. 46).

|                                                                                                         |  |   |  |   |                                      |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|---|--|---|--------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| <i>Aulette -<br/>Selecta.<br/>Versos.</i>                                                               |  | X |  | X | X                                    | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| <i>Dr. Alfredo<br/>Gomes.<sup>161</sup><br/>Grammatica<br/>Portugueza.</i>                              |  | X |  | X |                                      |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X |
| <i>João Ribeiro -<br/>autores<br/>contemporaneo<br/>s.<br/>João Ribeiro<br/>- Selecta<br/>Classica.</i> |  |   |  |   | X                                    |   |   |   |   |   |   | X | X | X | X |
| <i>Gonçalves<br/>Dias -<br/>Poesias.</i>                                                                |  |   |  |   | X <sup>162</sup><br>Facul-<br>tativo |   | X |   | X | X | X | X | X |   |   |
| <i>Domingos de<br/>Magalhães<br/>e Porto-Alegre<br/>-<br/>O Romantismo</i>                              |  |   |  |   |                                      |   |   |   |   |   | X |   |   |   | X |
| <i>Camões<br/>Lusiadas.</i>                                                                             |  |   |  |   |                                      |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X |

<sup>160</sup> A Antologia Nacional, cuja primeira edição ocorreu em 1895, e a última, em 1969, foi, durante 74 anos, uma das compilações literárias mais lidas pelos brasileiros que passaram pela escola secundária até a década de 1960.

<sup>161</sup> Ex-aluno do Colégio Pedro II, médico, professor de Português do Colégio Pedro II e da Escola Normal, professor de Literatura e Filologia da Faculdade de Filosofia e Letras. (Cf. ANEXO 7: Quadro cronológico de diretores da Escola Normal).

<sup>162</sup> Indicado como leitura facultativa apenas no ano de 1905, de acordo com o *programma* de 1905.

Retomando os “Estudos de Português”, conforme Guimarães, que apresentamos na quarta coluna do Quadro 3, subcapítulo 3.3.1, constatamos que, dentre as obras publicadas que o autor destaca em seus estudos, apenas a *Grammatica Portugueza*, de Alfredo Gomes (publicada em 1887), aparece indicada nos *programmas* de ensino da Escola Normal, no período entre 1902 e 1915.

É importante ressaltar que os *programmas* analisados não prescreviam dicionários, embora Guimarães e Nunes façam referência a vários deles, publicados durante o período histórico que delimitamos para nosso trabalho, conforme pudemos ver no subcapítulo 1.1.

A indicação da *Grammatica Portugueza*, de Alfredo Gomes, e das *Lições de Português*, de Souza da Silveira, como manuais didáticos a serem utilizados no ensino, situam o lugar da Escola Normal do Rio de Janeiro na história das idéias lingüísticas.

Consultando os *programmas* de ensino do Colégio Pedro II, alusivos ao período entre 1881 e 1930 (apud RAZZINI, 2000, p. 299-338), observamos que, dentre os manuais de ensino relacionados por Guimarães, o Colégio Pedro II adotava:

- 1) a partir de 1882, a *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro;
- 2) a partir de 1892, a *Grammatica da Lingua Portugueza*, de Pacheco Silva e Lameira de Andrade;
- 3) a partir de 1892, a *Grammatica Analytica*, de Maximino Maciel;
- 4) a partir de 1895, a *Grammatica Portugueza*, de Alfredo Gomes.

Conforme já comentamos no subcapítulo 3.3.1, as escolas normais funcionavam, em seus primórdios, anexas aos liceus, acrescidas das disciplinas pedagógicas. O currículo básico, comum aos liceus e, por conseguinte, às escolas normais, era controlado pelo Colégio Pedro II, pelo menos a partir do ano de 1850, conforme Souza (1999, p. 95 e 157). Tendo em vista essas considerações, pressupomos que os aludidos manuais de ensino adotados pelo Colégio Pedro II também o eram pela Escola Normal.

Podemos observar no Quadro 6, a repetição da obrigatoriedade da leitura de certos autores ao longo dos anos, a exemplo de Aulette, Olavo Bilac e Manuel Bonfim, Fausto Barreto e Carlos de Laet, amplamente indicados nos *programmas* de ensino em análise.

As repetidas vezes com que esses manuais didáticos eram prescritos pelos *programmas* é significativa do interesse da Escola Normal em instituir uma determinada concepção de língua.

Esse fato aponta para a natureza coercitiva do ensino da língua. Tal repetição produz na materialidade lingüística um efeito de circularidade, isto é, um retorno constante a um

mesmo dizer sedimentado. Caracterizamos aí a contenção da polissemia, pelo discurso pedagógico, um discurso de natureza autoritária, que procura estancar a reversibilidade, produzindo um efeito de cristalização de sentidos. (ORLANDI, 2001b, p. 29).

Observamos no Quadro 6 que a prescrição da leitura de Gonçalves Dias pelos *programmas* de ensino em 1905 é, inicialmente, facultativa. A partir de 1907, entretanto, o autor aparece, sem tal restrição, ao lado da Anthologia Nacional.

Embora fosse um poeta romântico indianista, filiado ao nacionalismo romântico, Gonçalves Dias incluía-se na relação de autores abonados pelos *programmas* de ensino, ao lado de Olavo Bilac, poeta parnasiano que defendia o culto à forma, e ao preciosismo vocabular.

Essa aparente polaridade de Gonçalves Dias pode ser compreendida a partir das seguintes palavras de Alencar<sup>163</sup>:

Gonçalves Dias é o poeta nacional por excellencia; ninguem lhe disputa na opulencia da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens. Em suas poesias americanas aproveitou muitas das mais lindas tradições dos indigenas; e em seu poema não concluido dos Timbiras, propôz escrever a epopéa brasileira.

Entretando os selvagens do seu poema fallam uma linguagem classica; o que lhe foi censurado por outro poeta de grande estro, o Dr Bernardo Guimarães; elles exprimem idéas proprias do homem civilisado, e que não é verosimil que tivessem no estado da natureza. (1865, p. 236).

Nos poemas de Gonçalves Dias, apareciam as “tradições dos indigenas”, mas eles não pensavam nem falavam como brasileiros. Falavam “a linguagem classica”, e exprimiam “idéas proprias do homem civilisado”. Nesses poemas, a língua indígena era, portanto, silenciada.

Essa contradição talvez justifique por que Gonçalves Dias tenha sido incluído na lista dos escritores abonados, embora como leitura facultativa inicialmente. (Cf. *Programma* de 1905).

De acordo com Orlandi, “a sedimentação de processos de significação se faz historicamente, produzindo a institucionalização do sentido dominante.” (2000, p. 21). Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que, ao longo dos anos, os manuais didáticos funcionaram como instrumentos de sustentação da estabilidade desse sentido. Uma

---

<sup>163</sup> Cf. ALENCAR, José de. Carta da primeira edição (maio de 1865). In: \_\_\_\_\_ *Iracema*. 5. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, [s.d.].

estabilidade imaginária que produz um efeito de evidência de sentido de homogeneidade lingüística.

Observamos que os discursos sobre a Língua Portuguesa nos *programmas* analisados repetem-se ao longo dos anos, embora também apresentem mudanças. Do ponto de vista discursivo, essa natureza predominantemente repetitiva do ensino produz um efeito de manutenção de sentidos, configurando, dessa forma, a partir da Escola Normal com seus *programmas* e manuais didáticos, o espaço de memória de língua nacional para o falante brasileiro de Língua Portuguesa.

#### 4.3.1 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A LÍNGUA NA ESCOLA NORMAL

Este subcapítulo tem como objetivo investigar a formação acadêmica dos professores e dos autores de manuais de ensino destinados ao ensino da língua na Escola Normal, tendo em vista que o período histórico (1880-1932) que delimitamos para nossa análise situa-se antes da criação das primeiras Faculdades de Letras no Brasil. Esse fato leva-nos a perguntas como: Qual era a formação dos professores envolvidos com o ensino da língua na Escola Normal? Qual era a relação desses professores com a produção do conhecimento sobre a língua?

Para responder a essas perguntas, organizamos o Quadro 7, a seguir, dividido em cinco colunas que põem em relação esses professores com o ensino e as obras de sua autoria, sua formação acadêmica e respectiva função que eles desempenhavam na instituição. Objetivamos com essa forma de apresentação, obter melhor visibilidade dos fatos.

Cumpre-nos dizer que esse quadro originou-se de um quadro maior<sup>164</sup>, que, por sua vez, constituiu-se a partir da leitura do livro *História do Instituto de Educação*, escrito por Alfredo Baltazar da Silveira, professor catedrático do Instituto de Educação desde os tempos da Escola Normal, onde ingressou em 10 de março de 1917. Trata-se de uma obra apresentada pela biblioteca do Instituto de Educação como fonte de consulta que vem sendo utilizada por pesquisadores interessados na instituição como objeto de estudo. O livro é um relato da História do Instituto de Educação desde as suas origens como Escola Normal até o ano de 1953. Fizemos uso dessa obra não só para organizar o Quadro que apresentamos como Anexo 7, ao final deste trabalho, mas também para investigar outras questões que constituem igualmente este estudo, a exemplo de leis de ensino que regulamentam a organização e reformas institucionais, os *programmas* e suas disciplinas, carga horária, estrutura e funcionamento da Escola Normal.

Silveira descreve seu trabalho de elaboração da *História do Instituto de Educação*, no texto de apresentação desse mesmo livro, em que se dirige ao então diretor do Instituto de Educação, com as seguintes palavras:

[...] Não compuz um livro extreme de defeitos [...]. Entretanto, importunei amigos, permaneci muitas horas em arquivos e bibliotecas, escrevi cartas, compulsei jornais e almanaques, impelido pela justa ânsia de coligir dados de que se aproveitariam, futuramente, os cronistas conscienciosos; [...]

---

<sup>164</sup> Esse quadro constitui o Anexo 7, disposto ao final deste trabalho, e diz respeito a uma investigação detalhada sobre os professores e diretores da Escola Normal entre 1880 e 1932, sua formação acadêmica, seus outros vínculos institucionais e, sobretudo, sua participação na produção do conhecimento sobre a língua.

## QUADRO 7

A produção do saber sobre a língua na Escola Normal

| DIRETORES e PROFESSORES        | PUBLICAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | FORMAÇÃO                                                          | FOI DIRETOR DA ESCOLA NORMAL (Data provável) | DISCIPLINA QUE LECIONOU NA ESCOLA NORMAL                                    |
|--------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| Joaquim Abílio Borges.         | Livros de leitura para classes primárias e secundárias.                                                                                                                                                                                                                                                                | Bacharel em Direito.                                              | 1891-1893 (?)                                | Psicologia e Pedagogia.                                                     |
| Alfredo Gomes.                 | Gramática portuguesa (que alcançou mais de quinze edições);<br>Morfologia dos pronomes Pessoais (Tese de concurso, em 1897);<br>A catacrese – estudo filosófico (em 1897).                                                                                                                                             | Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II.<br>Médico.              | 1893-1897 (?)                                | Português e Literatura.                                                     |
| Manuel Bonfim                  | Prática da Língua Portuguesa. Livro de composição (em colaboração com Olavo Bilac) recomendado pelo internato do Ginásio Nacional;<br>Livro de Leitura – através do Brasil.                                                                                                                                            | Médico.                                                           | 1902-1906 (?)                                | Instrução Moral e Cívica, Pedagogia e Psicologia Aplicada a partir de 1898. |
| José Veríssimo Dias de Matos.  | Estudos de Literatura Brasileira (6 volumes) e História da Literatura.                                                                                                                                                                                                                                                 | Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II.<br>Engenharia.          | 20/3/1910 a 27/6/1910 e 1912-1913            | _____                                                                       |
| Júlio Afrânio Peixoto.         | O ensino da Linguagem (conferência na Biblioteca Nacional);<br>Paixão e Glória de Castro Alves;<br>Elogio de Euclides da Cunha;<br>Aspectos do humor na Literatura Nacional;<br>Noções de Literatura Geral;<br>Dicionário dos Lusíadas (com uma Introdução gramatical);<br>Minha terra e minha gente;<br>Maria Bonita. | Médico.                                                           | 1914-1917 (?)                                | _____                                                                       |
| Alfredo do Nascimento e Silva. | Compôs para seus alunos uma Gramática Portuguesa.                                                                                                                                                                                                                                                                      | Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II.<br>Médico.              | 1920-1922 (?)                                | _____                                                                       |
| José Rangel.                   | Alvíssaras (contos)                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Farmacêutico                                                      | (1922-1926)                                  | _____                                                                       |
| Jonatas Arcanjo da S. Serrano. | Antologia Brasileira;<br>Ludovico (romance)                                                                                                                                                                                                                                                                            | Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II.<br>Bacharel em Direito. | 1926-1928 (?)                                | _____                                                                       |
| Carlos Porto-Carrero           | Gramática Nacional para o curso Secundário.                                                                                                                                                                                                                                                                            | Bacharel em Direito.                                              | 1928-1929 (?)                                | _____                                                                       |

Dentre os autores apresentados nesse quadro demonstrativo, apenas dois deles aparecem indicados pelos *programmas*: Alfredo Gomes (médico e bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II) e Manuel Bonfim (médico). Ambos na terceira e quarta décadas. Não consta nos *programmas* aqui analisados a indicação dos demais autores.

A produção do conhecimento sobre a língua, conforme podemos ver nesse quadro, incluía a elaboração de manuais de língua e de literatura. Os que diziam respeito à língua eram gramáticas ou “manual de prática de língua portuguesa”, o que aponta para a natureza prática do ensino da língua, e de treinamento, voltado para a “tecnologia gramatical”<sup>165</sup>.

Esse caráter “técnico” talvez advenha da formação profissional, predominantemente científica, conforme podemos observar no Quadro 7, daqueles que produziam o conhecimento sobre a língua.

De acordo com Guimarães, a universidade no Brasil foi criada inicialmente, no século XIX, para formação de profissionais que o autor chama genericamente de técnicos: médicos, advogados e engenheiros. Diante desse fato, o autor faz os seguintes questionamentos: “Por que o Brasil não constituiu lugares específicos de produção de saber teórico naquele momento? Como isto constituiu nossas histórias de saberes teóricos? E a própria história de nossas tecnologias?” (GUIMARÃES, 2004, p.15).

Podemos observar no Quadro 7, a ampla produção de manuais de ensino sobre o conhecimento gramatical da língua. Observamos ainda que não eram só os professores de letras que produziam essas obras. O conhecimento sobre a língua era também produzido por advogados, médicos, engenheiros e farmacêuticos. Esse fato vem ao encontro do pensamento de Orlandi, conforme podemos ler na citação a seguir:

Se, como podemos observar pela emergência das primeiras gramáticas no Brasil, não são só os professores de letras que fazem gramáticas (há médicos, engenheiros, historiadores etc.), por outro lado, não são também só professores desse domínio que são os seus debatedores, seus críticos. Isso nos mostra uma interessante forma de autoria e circulação de sentidos em relação a como a língua se constitui em objeto de consideração em nossa formação social daquele momento. (ORLANDI, 2002b, p. 152).

“Aquele momento” era de formação do estado nacional brasileiro, e o que estava em jogo era a identidade *língua, estado, escola e nação*, revendo aqui a nossa discussão no capítulo 1.

É importante ressaltar, conforme já vimos no capítulo 3, que até os anos 30 do século passado, não havia Faculdades de Letras no Brasil, e os professores dessa área de

---

<sup>165</sup> Cf. *Programma* de ensino de 1924.

conhecimento obtinham sua formação pelo Colégio Pedro II, que se constituiu num verdadeiro centro universitário em Letras até essa época. Aos alunos que ali se formavam, o Colégio Pedro II concedia o título de bacharel em Letras, conforme podemos constatar no Quadro 7.

Com exceção da Gramática Portuguesa, de Alfredo Gomes, e do Livro de composição, de Manuel Bonfim (em colaboração com Olavo Bilac), não encontramos nos *programmas* analisados nenhuma indicação das obras apresentadas no Quadro 7 para serem adotados pela Escola Normal.

Além desses dois manuais de ensino indicados por esses *programmas*, queremos destacar a Anthologia Nacional, que até onde nosso material de análise permitiu-nos investigar, foi indicada pelos *programmas* durante o período histórico compreendido entre 1902 e 1915, conforme apresentamos no Quadro 6.

No subcapítulo seguinte faremos uma breve reflexão sobre a Anthologia Nacional, tendo em vista o papel formador que esse manual didático teria exercido sobre os alunos, durante o longo período de tempo em que circulou no interior da Escola Normal.

## 4.3.2 A ANTHOLOGIA NACIONAL: LÍNGUA -ESCOLA -NAÇÃO-ESTADO

Dentre os manuais didáticos indicados pelos *programmas* de ensino, merece destaque a *Anthologia Nacional*, pela função formadora que ela representou para a educação brasileira durante um período de 74 anos. Na Escola Normal, esse manual de ensino foi indicado pelos *programmas* desde 1888, inicialmente, como a obra que lhe deu origem, a Seleção Literária, de Fausto Barreto e Vivente de Souza, e, a partir do ano de 1902, já sob a denominação Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, até onde nosso material de análise permitiu-nos investigar, ou seja, o ano de 1915, conforme podemos observar no Quadro 6. Vale aqui reiterar que foi a um dos seus autores, o professor Fausto Barreto, que coube a elaboração do Programa para os Exames Preparatórios<sup>166</sup>, estabelecido no ano de 1887. (GUIMARÃES, 2004, p. 46). “Poderia dizer que este programa será, no domínio da instituição escolar brasileira, o acontecimento que catalisa o processo de gramatização brasileira do português”, continua o autor. (Ibidem, p. 28). Esse fato coloca em relação a Anthologia Nacional e a nacionalização do ensino na Escola Normal.

Conforme já dissemos no subcapítulo 1.1, os Exames Preparatórios eram condição para ingresso nos cursos superiores (universitários).

Razzini (2000, p. 23) faz um breve histórico desses exames. De acordo com a autora, no século XIX, havia no Brasil três cursos superiores. Todos eles exigiam exame de ingresso, e muitos deles mantinham cursos (em forma de “cursos anexos” ou aulas avulsas, públicas ou privadas) que preparavam o candidato para os Exames Preparatórios para ingresso nesses cursos superiores.

Com a demanda dos cursos superiores, a escola secundária, inicialmente, no século XIX, anexa às faculdades de Direito e a outros cursos superiores, cresceu, o que justifica o aparecimento de vários colégios, liceus, ginásios, ateneus etc. e o desenvolvimento significativo de seu respectivo aparato (corpo docente, currículos e livros didáticos) logo controlado pelo Estado. É nesse contexto que se funda o Colégio de Pedro II, que era independente dos “Exames Preparatórios”, pois seu diploma de “Bacharel em Letras” dava direito ao ingresso em qualquer faculdade do Império. (RAZZINI, ibidem, p. 24).

Razzini explica que “o decreto nº 9647 de 2 de 1886, que dava ‘novas instruções regulando os Exames Preparatórios’, condicionavam ‘a realização das provas das demais disciplinas à aprovação em português’”. Com esse fato, a instituição escolar traz expansão e

---

<sup>166</sup> Esse Programa (apud RAZZINI, 2000, p. 342-343) está disposto ao final deste trabalho, como Anexo 5

prestígio à Língua Portuguesa em território brasileiro, desde o nível primário até os Exames Preparatórios.

Esses exames tomavam por base os compêndios e programas do Colégio Pedro II<sup>167</sup>, através do qual o governo deu início à centralização do curso secundário e dos exames preparatórios a partir de 1854. (Ibidem, p. 26).

Todo esse esforço no sentido de uniformizar os exames preparatórios resultaria num padrão nacional de ensino.

Ser nomeado examinador dos preparatórios, prossegue a autora, significava prestígio profissional e sucesso financeiro. Esse crescente prestígio tinha como ápice fazer parte do seleto corpo docente do Colégio Pedro II, a exemplo de Fausto Barreto e Carlos de Laet. O poder desses professores era hegemônico, e, depois da Proclamação da República<sup>168</sup>, tal centralização tornou-se ainda mais rígida e hegemônica. O currículo e os compêndios do Colégio Pedro II converteram-se em referência dos decretos que regulamentavam os exames preparatórios e o ensino secundário nacional. Essa referência era a condição obrigatória pelo Estado às demais escolas brasileiras (públicas e particulares) para que tivessem a equiparação ao Colégio Pedro II, de acordo com o decreto 981 de 8 de novembro de 1890 e decreto 1.232-H de 2 de janeiro de 1891.

Comparando o Programa de Português<sup>169</sup> para os Exames Preparatórios<sup>170</sup>, de 1887, elaborado por Fausto Barreto, que apresentamos fotocopiado como Anexo 5, ao final deste trabalho, constatamos que os *programmas* da Escola Normal repetiam suas orientações, prescrevendo os mesmos tópicos de ensino.

---

<sup>167</sup> “[...] Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, foram criados cursos de nível superior nas áreas de Medicina e Engenharia e, posteriormente, na de Direito. A partir de 1838, o Colégio de Pedro II passou a desempenhar o importante papel de preparar os alunos para entrar nessas instituições. O grau de Bacharel por ele conferido dava ao aluno o direito de ingressar em qualquer curso superior do Império sem prestar novos exames. O currículo era um mecanismo utilizado na tentativa de conciliar os interesses do ensino superior e os objetivos próprios do ensino secundário.

Os demais colégios eram incentivados a adequar os seus currículos e programas aos do Colégio de Pedro II, principalmente a partir de 1854, quando os exames preparatórios passaram a ser realizados em conformidade com os programas daquela instituição.”

(Cf. VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998. 406 p.).

<sup>168</sup> “No período republicano, a influência do Colégio se fazia sentir de forma direta. Através do sistema de equiparação, os colégios públicos ou particulares que desejassem ter os privilégios do Colégio de Pedro II, deveriam adotar currículos e programas iguais ou semelhantes aos do mesmo e submeter-se à fiscalização do poder central. Pretendia-se, dessa forma, a melhoria da qualidade do ensino secundário pela padronização e funcionamento em todo o país.” (Grifos nossos).

Cf. VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998. 406 p.

<sup>169</sup> Vale aqui ressaltar que a prova oral dos Exames Preparatórios era regulamentada pelo Decreto n. 6.130 de 1º de março de 1876, Art. 39. (RAZZINI, 2000, p. 342-343).

<sup>170</sup> Apud Razzini (loc. cit).

Segundo Razzini, os exames preparatórios, administrados pelos colégios e liceus durante o Segundo Império e a República Velha, correspondem hoje ao trabalho das universidades, que preparam e corrigem seus exames de vestibulares.

A Anthologia Nacional, que se originou da Seleção Literária, conforme vimos no Quadro 5, no início deste subcapítulo, teve a sua primeira edição em 1895 e a última em 1969, de acordo com Razzini (2000, p. 15-16). Esse manual didático foi uma das compilações literárias mais lidas pelos brasileiros que passaram pela escola secundária até a década de 1960. A obra foi adotada oficialmente em colégios tradicionais do Rio de Janeiro<sup>171</sup>, (capital da República brasileira até 1960), tais como o Colégio Militar, a Escola Normal do Distrito Federal e, sobretudo, o Colégio Pedro II, publicada em 43 edições ao longo dos seus 74 anos. (RAZZINI, 2000, p. 15).

Os trechos da Anthologia eram organizados cronologicamente a partir do mais recente para o mais antigo e representavam, respectivamente, a nação e o passado da língua, conforme podemos ler na citação a seguir:

boa parte dos excertos da Anthologia Nacional privilegiavam assuntos nacionais, fomentados pela crítica romântica: descrições da terra e dos seus habitantes, biografias e trechos históricos. Ao patriotismo nacionalista juntavam-se vários excertos que privilegiavam uma visão mais tradicional da literatura e da língua, com a predominância da oratória moralista e dos autores do período clássico português, sobretudo Camões. ( RAZZINI, loc. cit.).

Fausto Barreto e Carlos de Laet justificam no prefácio da 1ª edição (1895), o porquê dessa divisão e dessa apresentação cronológica de autores e trechos: “Acertado julgamos principiar pela fase contemporânea, e desta remontar às nascentes da língua, pois que tal é o caminho natural do estudioso, que primeiro sabe como fala para depois aprender como se falava.” (Apud SOARES, 2001, p. 51).

Os trechos grifados na citação remetem-nos às condições de produção: o período histórico de circulação desse manual de ensino corresponde ao movimento de criação dos estados nacionais. Esse fato talvez justifique a preocupação dos interesses dominantes em fazer uso das instituições escolares, inclusive a Escola Normal, como lugares de circulação

---

<sup>171</sup> “É na 25ª edição, do ano de 1942, que a referência à adoção da Anthologia Nacional pelo Colégio Pedro II, pela Escola Normal do então Distrito Federal e pelo Colégio Militar desaparece: com a democratização do ensino, que se acelera a partir dos anos 40, e a conseqüente multiplicação de escolas, esses três estabelecimentos deixam de ser tomados como modelo para o ensino e para a escolha de manuais didáticos.” (SOARES, 2001, p. 39). Vale aqui dizer, ainda de acordo com Soares (ibidem, p. 38-39), que, após a morte de Fausto Barreto, em 1915, e de Carlos de Laet, em 1927, a Anthologia Nacional, na sua 25ª edição, de 1942, foi revista e modificada por Daltro Santos, com o objetivo de adaptá-la ao programa do segundo ciclo dos estudos secundários, na nova organização do ensino determinada pela Lei orgânica do Ensino Secundário, promulgada por Gustavo Capanema, em 1942. (RAZZINI, loc. cit.).

de manuais de ensino que formassem cidadãos que atendessem ao novo modelo político-econômico.

Razzini diz que esse manual de ensino ofereceu aos seus leitores uma formação lingüística (e literária) que mesclava o gosto romântico com o clássico, mas ignorou a literatura brasileira pós 1922 e os autores vivos. (Ibidem, p. 16).

Segundo a autora,

como tradicionalmente havia a preocupação de se estudar primeiro a gramática normativa<sup>172</sup> e depois a gramática histórica, era natural que os textos mais modernos fossem apresentados em primeiro lugar, enquanto que os textos dos autores mais antigos eram reservados para ilustrar as alterações gramaticais ocorridas nos vários ‘períodos’ da língua portuguesa. (2000. p. 90, grifos nossos).

Uma das razões de a *Anthologia* ser denominada “Nacional” é que, segundo Razzini, “privilegiando os assuntos nacionais, o compêndio vinha atender nova demanda, implícita no adjetivo nacional, com uma seleção de textos que representassem a nação.” (2000, p. 90). Essas considerações da autora remetem-nos às seguintes condições de produção: A Antologia Nacional, que nasceu seis anos após a Proclamação da República, é contemporânea do movimento de formação dos estados nacionais. E aqui retomamos parte da citação de Villela no subcapítulo 3.3.1:

No início do século XIX, período de consolidação dos Estados Nacionais, a escola passaria a ser vista como uma das instituições capazes de garantir a unidade nacional através da transmissão não só de um conteúdo unificado, mas também de valores culturais e morais que garantiriam essa unidade. (VILLELA, 1992, p. 22, grifos nossos).

No final do prefácio da 1ª edição, os autores da “Anthologia Nacional” oferecem a obra “à mocidade de ambos os países onde se fala o português”. (Apud SOARES, 2001, p. 42). É como se Brasil e Portugal constituíssem uma só Nação, a portuguesa. Brasil significado como extensão do Império português.

Se, por um lado, esses autores concebiam a Língua Portuguesa como única nos dois países, por outro, organizavam em sua obra textos tanto de autores portugueses como de

---

<sup>172</sup> É importante ressaltar que, da 1ª à 37ª edição, a Anthologia Nacional inicia-se com a apresentação de *Noções elementares de sintaxe da proposição simples e da proposição composta*, em nove páginas assinadas por Fausto Barreto, que poderiam orientar o estudo da gramática. Na 38ª edição, no início da década de sessenta, os editores da Anthologia substituem a nomenclatura empregada nessas *Noções* pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Proposta pelo Ministério de Educação, em 1959, a NGB é respeitada até hoje nos livros didáticos de Português, apesar do avanço dos estudos da Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa, nas últimas décadas. (SOARES, 2001, p. 52).

autores brasileiros, o que nos leva a pressupor que eles admitiam diferenças da língua entre Portugal e Brasil.

No prefácio da 1ª edição, os autores assim justificam sua escolha por autores e temas nacionais: “[...] na escolha dos assuntos, optamos por aqueles que entendessem com a nossa terra[...]”. (Apud SOARES, 2001, p. 44).

De acordo com a autora, ao longo dos anos, de uma edição para outra, textos eram acrescentados e outros subtraídos, de tal maneira que na sétima edição (1915) da *Anthologia Nacional*, o número de escritores dos dois países, que, na primeira edição, era de 33 brasileiros e 45 portugueses, igualou-se com 53 brasileiros e 53 portugueses. Em sua última edição, em 1969, esse manual de ensino apresentava 68 brasileiros e 57 portugueses. (2001, p. 43).

Com esse movimento, pressupõe-se a nacionalização do ensino na Escola Normal, por meio da língua e da literatura, uma vez que os alunos leriam textos sobre as questões do Brasil escritos por autores predominantemente brasileiros.

O longo período de adoção desse manual de ensino aponta para os interesses nela representados em preservar uma certa concepção de língua a partir das instituições de ensino por onde ele circulava. Uma certa concepção de língua que deveria ser fixada pelo menos na modalidade escrita.

A *Anthologia Nacional* não trazia propostas de atividades de língua, tampouco de literatura, o que pode significar que essa tarefa era confiada ao professor, segundo Soares (2001, p. 54). No sentido de investigar como a *Anthologia* era utilizada pelo professor, a autora traz o testemunho de alguns ex-alunos que tiveram esse manual de ensino em suas aulas de Português, a exemplo de Manuel Bandeira (o poeta foi aluno do Colégio Pedro II desde 1896 até 1902, dos 10 aos 16 anos), que recorda o mestre, Silva Ramos, escritor e membro da ABL, e a maneira como ele usava a *Anthologia*:

Bastava que um aluno, mau leitor, estropiasse a dicção de uma bela página da *Anthologia Nacional* para que a sensibilidade do mestre, ferida em suas fibras mais finas, estremecesse e buscasse evadir-se conosco para fora da sombria sala de aula: de todo esquecido da gramática, da seca análise gramatical e da “chamada análise lógica, que de lógica muitas vezes nada tem”, como ele mesmo escreveu em prefácio a um livro de Souza da Silveira, Silva Ramos interrompia o aluno, talvez bem seguro de todas as subordinadas conjuntivas do período, para lhe fazer sentir a beleza do trecho, que passava a ler com o entusiasmo mais vibrante e comunicativo. Toda a classe ficava fascinadamente presa à sua palavra, em que havia um leve sabor da fala portuguesa. Ainda hoje quando nos encontramos, os companheiros daquele tempo, gostamos de recordar a maravilhosa aula de dicção que foi certa vez

a leitura da ‘Última Corrida Real de Touros em Salvaterra: [...]’<sup>173</sup> (Apud SOARES, *ibidem*, p. 59).

Podemos observar nesses dizeres um efeito de serventia do texto para fixação da escrita, de certas estruturas lingüísticas e da leitura, como recurso para demonstração oral da *boa língua*.

A Anthologia Nacional que circulava na Escola Normal circulava também em outras instituições, conforme podemos ler na citação a seguir:

Até a 5ª edição, de 1909, a Anthologia Nacional trazia a seguinte indicação, em sua folha de rosto: ‘Adoptada no Gymnasio Nacional, na Escola Normal do Distrito Federal, no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino, tanto d’esta Capital como dos Estados.’ (SOARES, 2001, p. 37-38).

A adoção da Anthologia Nacional pela Escola Normal conferia-lhe o estatuto de padrão e modelo para o ensino, uma vez que a esse manual didático significava testemunho e garantia de qualidade.

A Anthologia Nacional, contemporânea do movimento de criação do estado nacional brasileiro, serviu à nacionalização do ensino da língua e da literatura e adequou-se à organização dos conteúdos dos *programmas* da Escola Normal, que contemplavam a gramática normativa e a gramática histórica, conforme pudemos ver neste capítulo de análise.

A adoção, pela Escola Normal, desse manual de ensino, que, conforme já comentamos, teve sua função formadora de inúmeras gerações de estudantes brasileiros, durante um longo período de 74 anos, inscreve essa instituição escolar no movimento de nacionalização do ensino brasileiro.

De acordo com Razzini, ainda que fosse uma seleta literária, a Anthologia Nacional era adotada, sobretudo, nas aulas de Português (e não nas de literatura). (*Ibidem*, p. 16).

Acrescente-se a esse fato que “ela foi indicada no currículo das línguas estrangeiras, para versão, e também para os exames preparatórios de português e de línguas estrangeiras, em 1895”, diz a autora. (*Ibidem*, p. 90).

Tendo em vista essas considerações e as repetidas vezes em que a Anthologia Nacional foi adotada nas escolas brasileiras, pressupomos que esse manual didático, ao lado dos *programmas* de ensino e outros instrumentos lingüísticos, funcionou como instrumento de fixação de uma certa concepção de língua.

---

<sup>173</sup> Cf. “Presente”, crônica que Manuel Bandeira escreveu por ocasião da morte de Silva Ramos, incluída em seu livro *Crônicas da Província do Brasil*, p. 174-175. (Apud SOARES, 2001, p. 59-60).

Ao longo deste capítulo de análise, observamos o papel institucional da Escola Normal, com *os saberes e poderes que trazia consigo*, propondo uma política de uniformização da língua que levava em consideração a língua literária dos “escritores de nota”. Uma política de línguas preocupada em separar, inicialmente, o que era de Portugal do que era do Brasil e, mais tarde, em silenciar a heterogeneidade, em favor da construção da unidade (imaginária), separando da norma as variantes da Língua Portuguesa falada no Brasil.

O próximo capítulo traz para discussão esses dois conflitos, que caracterizam uma política de línguas que coloca em relação língua e nacionalidade.

## 5 A VARIAÇÃO SILENCIADA NOS *PROGRAMMAS*

*Se ao falar, sempre afastamos sentidos não-desejados, para compreender um discurso, devemos perguntar sistematicamente o que ele ‘cala’.*

(ORLANDI, 2002a, p. 160)

Os *programmas* prescreviam um ensino de língua de carácter predominantemente gramatical e purista, em busca de um ideal de unidade e de homogeneidade.

Constatamos ao longo da nossa análise a existência de dois tipos de conflito que caracterizam a política de línguas: inicialmente, na era imperial brasileira e, mais tarde, no período republicano. A esses conflitos denominamos, respectivamente, conflito 1 e conflito 2. Aquele diz respeito à disputa entre o que era português e o que era brasileiro; e este, à disputa entre a norma da Língua Portuguesa e suas variantes no Brasil. Esses fatos estão representados nos Quadros 8 e 9, respectivamente, a seguir, organizados a partir de elementos, selecionados do *corpus*, que marcam na superficialidade do texto dois lugares discursivos: (i) a unidade (imaginária), cuja construção fixava os “termos e expressões de emprego especial, ou peculiares a escritores de nota” (Cf. SD182); (ii) e a variação, que diz respeito à historicidade (negada nos *programmas*) da Língua Portuguesa no Brasil.

### QUADRO 8

Conflito 1. Unidade (imaginária) e variação no Brasil Império

| ANO   | PORTUGUÊS | BRASILEIRO                        |
|-------|-----------|-----------------------------------|
| 1888b |           | Provincialismos e brasileirismos. |
|       |           |                                   |

QUADRO 9  
 Conflito 2. Unidade (imaginária) e variação no Brasil República

| ANO DO PROGRAMMA | NORMA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | VARIAÇÃO                                                                                                                                                                           |
|------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1894             | Vestígio do neutro e da declinação em portuguez.                                                                                                                                                                                                                                                                              | Anomalias lexicais e syntacticas. Vícios de linguagem. Divergência dialectal brasileira.                                                                                           |
| 1911             | O Latim clássico, o baixo latim e o portuguez archaico: estudo comparativo.                                                                                                                                                                                                                                                   | Dialectos: vícios de linguagem. O portuguez posterior ao seculo XVI.                                                                                                               |
| 1915             | Caso latino formador dos vocábulos portuguezes. Estudo particular das permutas entre sons latinos e portuguezes.                                                                                                                                                                                                              | Dialectos e codialectos portuguezes.                                                                                                                                               |
| 1924             | Leitura de textos selectos.<br>Correção syntactica. Pureza de linguagem.<br>Expressões de emprego especial, ou peculiares a escriptores de nota.<br>Apuro de linguagem.<br>A boa dicção.<br>As bellezas da lingua.<br>Histórico sucinto da língua portuguesa.<br>Língua corrente e precisa, que traduza fielmente o original. | A lingua portugueza falada no Brasil                                                                                                                                               |
| 1929             | A língua que devia ser falada com asseio verbal e discreta elegância, evitando as repetições desgraciosas, assonâncias rudes.                                                                                                                                                                                                 | Devem se combater os termos de gíria, os termos regionaes, os vícios de linguagem de qualquer espécie, as expressões impróprias.<br>Repetições desgraciosas,<br>Assonâncias rudes. |

Podemos observar nesse quadro uma política de sentidos submetidos pela Escola Normal à inclusão e à exclusão na ordem de um discurso que, em nome da construção de uma unidade lingüística, imaginária e necessária à construção da unidade nacional, nega o abraileiramento da Língua Portuguesa.

De acordo com Mariani,

[...] embora nos termos dessa descrição gramatical voltada para o ensino e a escrita, haja a fixação da imagem do português como língua uma e homogênea, garantindo uma estabilidade lingüística necessária ao seu ensino longe da metrópole, sua historicização na colônia não fica imune ao contato com as demais histórias e culturas. (MARIANI, 2004, p. 31).

O discurso dos *programmas*, em suas prescrições anuais de ensino, encontra-se atravessado por uma memória europeia de Língua Portuguesa e serve a um trabalho de construção ideológica produzindo efeitos de evidência e obviedade do sentido de unidade da língua. Ao falar dessa pretensa unidade, o discurso dos *programmas* cala o outro, produzindo apagamentos das diferenças.

Esse silêncio é fundante do dizer não só da unidade (imaginária) mas também da diversidade, que, ao ser separada pelos *programmas*, é posta em evidência, uma vez que, do ponto de vista da AD, o próprio discurso da unidade prega a diversidade ao negá-la.

Comentando com as palavras de Orlandi,

unidade e diversidade são noções inseparáveis e por isso devem ser tratadas conjuntamente. Mesmo porque em uma sociedade como a nossa, em sua história, o princípio ético está justamente em não apagar, mas em se trabalhar a contradição unidade/diversidade. (ORLANDI, 2002b, p. 96).

A variedade representa os lugares de resistência, aquilo que foi calado, mas que está ali o tempo todo. A resistência é o que comparece como negativizada, é o que o discurso da unidade (tenta) *calar* para se constituir como tal, é o que comparece no texto “todo errado” escrito pelos alunos, retomando aqui as CONSIDERAÇÕES INICIAIS deste trabalho.

Parafraseando Orlandi, formulamos a seguinte pergunta: Os *programmas* de ensino representaram lugares de legitimação do saber da língua que nos constitui como brasileiros ou como lugar de legitimação do sentido de que só os portugueses falam o Português legítimo? (ORLANDI, 2002, p. 17).

Esses *programmas* contribuíram para a fixação de um imaginário de sentidos a partir das interpretações da língua ali formuladas. Pêcheux afirma que a interpretação é uma questão política. O autor tece, acerca do assunto, as seguintes considerações: “Face às interpretações sem margens nas quais o intérprete se coloca como um ponto absoluto, sem outro nem real, trata-se aí para mim, de uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade.” (PÊCHEUX, 2002, p. 57).

No que diz respeito aos *programmas*, o gesto de interpretação que os constitui é determinado pela historicidade e pela ideologia dos interesses dominantes, representados, no conflito 1, pela coroa portuguesa e, no conflito 2, pelos militares e oligarquias. A oposição Português X *brazileirismos* aponta para a imposição do primeiro sobre o segundo; e a imposição da norma sobre as variantes da Língua Portuguesa no Brasil podemos compreender relacionando esse sentido às suas condições de produção: o momento histórico era de formação da unidade nacional brasileira e, para tanto, buscava-se uma unidade lingüística para a língua nacional, que se instituiu pela variante européia da língua.

Interpretar é atribuir sentido, e “sentido é relação a.” (CANGUILHEM, 1994, apud MARIANI, 1998c, p. 28). O sentido constrói-se na relação do sujeito com a história, é repetição e mudança, é fruto de tensão entre paráfrase e polissemia. A interpretação se dá,

portanto, mediada pela história e pela ideologia. É a mediação da ideologia que produz o efeito de evidência de sentido literal, fazendo o sujeito acreditar, sob o efeito do apagamento da história, que é origem e senhor do seu dizer (esquecimentos 1 e 2, de PÊCHEUX).

Conforme pudemos ver ao longo de nossa análise, o gesto de interpretação que constitui os *programmas* de ensino da língua vem carregado de uma memória. Esses documentos constituíam uma produção discursiva, efetuada em determinadas condições de produção, que fazia circular no interior da Escola Normal a repetição de formulações já enunciadas anteriormente acerca da língua. Vem carregado de uma memória europeia de língua, memória essa que devia ser perpetuada em terras brasileiras. Para tanto era necessário separar da *legítima* Língua Portuguesa tudo aquilo que não fazia sentido para ela: “os brasileirismos”, “os termos regionais”, “as gírias”, “os dialetos”, “a língua portuguesa falada no Brasil”.

Esse efeito ideológico, construído por meio do apagamento da historicidade da Língua Portuguesa no Brasil, talvez me ajude a compreender o aluno que me disse certa vez que “o Português é a língua do Barão”. Talvez justifique a (des)identificação do aluno com a língua que ele fala.

Essa disputa pela legitimação de um sentido para a língua nacional caracteriza o lugar do político em nosso trabalho.

De acordo com Orlandi,

o político se caracteriza como lugar de disputa dos princípios que regem a vida social em suas diferenças, sendo ele próprio a prática dessas diferenças. Por isso em nosso trabalho, como poder-se-á observar, a história das idéias é inseparável da ética e da política, trazendo para a atualidade a perspectiva dessa reflexão, pensando o lugar do conhecimento na sociedade atual e o político como constitutivo da própria constituição da língua nacional. (ORLANDI, 2002b, p. 16).

Daí nosso interesse em pensar o conhecimento como processo e não meramente como produto.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa indagação inicial sobre as idéias lingüísticas que circularam na Escola Normal do município do Rio de Janeiro, durante o período histórico que delimitamos para esta análise, levou-nos a uma reflexão sobre o papel institucional dessa escola de formação de professores. Por meio dos discursos sobre a língua, buscamos as relações entre os acontecimentos históricos que levaram à fundação da Escola Normal no Brasil e à construção do Estado Brasileiro e da língua nacional.

Embora o tempo histórico que delimitamos para nossa análise seja contemporâneo do “movimento de gramatização brasileira do Português”, segundo Guimarães (2004), conforme vimos no subcapítulo 1.1, e da publicação dos “estudos do Português” por autores brasileiros, constatamos que os *programmas* da Escola Normal prescreviam um ensino de Língua Portuguesa ancorado a uma memória européia. Observamos nesses *programmas* a preocupação da Escola Normal com o ensino da gramática, voltado para a tradição, com os estudos histórico-comparativos da língua.

Em seus 52 anos de funcionamento como Escola Normal, entre permanências e mudanças relacionadas às transformações históricas, circulou em seu interior uma história de língua concebida como uma forma de saber estável, homogênea e legítima. Esses dois sentidos abrigam-se na formação discursiva cientificista e na formação discursiva européia, respectivamente. Na formação discursiva cientificista, a estabilidade da língua exclui a história e o sujeito, pressupondo a língua como algo dado, que tem um sentido *a priori*, ignorando, portanto, as condições de produção dos sentidos.

A orientação semântica que os *programmas* de ensino dão aos sentidos da Língua Portuguesa durante o período histórico que analisamos aponta para uma política de línguas que se inscrevia entre o purismo e o que é próprio do Brasil, cada um com a sua temporalidade e, por conseguinte, com seu passado e sua projeção para o futuro.

Dessa forma, vai-se configurando o espaço de memória de língua nacional para o falante brasileiro de Língua Portuguesa, a partir desses documentos, uma vez que os *programmas* tomam como matéria-prima os *programmas* anteriores.

A análise das paráfrases, da recorrência dos tópicos de estudo prescritos pelos *programmas*, das regularidades possibilitaram a nossa descrição de um processo discursivo que visava à manutenção de certos sentidos.

Observamos a utilização dos *programmas* como instrumentos para delimitar o espaço fronteiriço entre o *bom Português*, que deve ser incluído, e o que deve ficar de fora. A fixação da distinção entre a variante lingüística de prestígio e a popular reforça a hierarquização social e todo um jogo de inclusões e exclusões sociais e lingüísticas, segundo Mariani (2004, p. 161).

De acordo com os *programmas* analisados, podemos pensar que a Escola Normal serviu a um projeto, ao mesmo tempo, pedagógico e político. Um projeto político de fazer das terras brasileiras uma extensão do império português, tendo a Língua Portuguesa como instrumento utilizado para tamanho empreendimento. Nesse sentido colaborou a Escola Normal em seu papel institucional, com seus *programmas* de ensino e seus instrumentos lingüísticos, e o Estado, com suas leis e regulamentos, a serviço dos interesses dominantes.

Portugal não conseguiu manter sua dominação na instância política (colonização de exploração), mas continuou reinando, mesmo após a queda do Império, nos *programmas* de ensino da Escola Normal, exercendo, portanto, a dominação na instância cultural, (“colonização lingüística”). Nesse sentido podemos dizer, com a história das idéias lingüísticas, que a República brasileira fundou-se ancorada à memória da colonização.

A Escola Normal inscreveu-se na ordem de uma memória de língua nacional que funcionaria retomando e reatualizando elementos, criando efeitos de evidências de unificação lingüística e, por conseguinte, de unidade nacional. Instituiu, por meio dos seus *programmas*, um espaço institucional que contribuiu para um processo de escolarização a serviço de uma dominação política e cultural, silenciando culturas e memórias outras.

A discriminação da variante brasileira da Língua Portuguesa nos *programmas* de ensino, aí significada como a língua que devia ser “combatida”, ressoa, ainda hoje, como efeitos de inferioridade, face à variante culta, que se fazem notar no interior das instituições, inclusive a escola, como se a Língua Portuguesa fosse apenas a variante culta fixada nas gramáticas. No interior da escola ainda nos surpreendemos com as evidências de que a Língua Portuguesa é a norma padrão, homogênea e logicamente estabilizada a partir dos “termos e expressões de emprego especial, ou peculiares a escritores de nota”.

Observamos em nossa reflexão que os *programmas* analisados não acolhiam a variação. Tal orientação para o ensino da Língua talvez explique a fala daqueles brasileiros, retomando aqui as nossas CONSIDERAÇÕES INICIAIS, que dizem *não ter certeza se a língua que eles falam é o Português*. Talvez explique por que o aluno diz que a Língua Portuguesa *é a língua do Barão*.

A imagem de Língua Portuguesa que importava à Escola Normal projetar por meio dos seus *programmas* era a de *legitimidade*, por meio de um ensino da língua predominantemente voltado para a tradição, que punha em prática uma política lingüística que não acolhia a diversidade. O ensino do Português fixado pela gramática assegurava a Portugal sua unidade e identidade como nação, de forma a garantir no Brasil a reprodução desse imaginário, segundo Mariani (2004, p. 31). O que se falava ou o que se escrevia aquém das regras da antiga Escola Normal estaria em falta com a Língua Portuguesa (de Portugal) no Brasil, de acordo com a ideologia do déficit (falta), desenvolvida por Mariani (2004).

Tal representação do lugar de superioridade reservado à variante padrão da Língua Portuguesa é efeito de imagens inscritas numa história da formação da língua que vai sustentar o imaginário de que o brasileiro não sabe a sua língua. História essa que inclui as instituições escolares “com seus saberes e os poderes que [elas] trazem consigo”, retomando aqui, mais uma vez, a epígrafe inicial deste trabalho.

Os *programmas* de ensino funcionaram como documentos institucionais destinados a alimentar um imaginário de língua, uma memória de língua constituída pelas noções de *certo* e *errado*, de *falso* e *verdadeiro*. Esses documentos sustentaram práticas discursivas reguladoras de sentidos que teceram um discurso de homogeneidade e legitimidade em torno da língua que os brasileiros *deveriam aprender a falar, ler e escrever corretamente* para ser identificados como sujeitos nacionais. Não há, portanto, neutralidade nos *programmas* analisados. O ensino da Língua Portuguesa, como pudemos observar, era diretamente determinado por condições institucionais muito particulares e decisivas.

A Escola Normal, longe de ser um mero espaço desinteressado de transposição de saberes, funcionou tensionando em favor de um modelo europeu da Língua Portuguesa, exercendo, dessa forma, o papel institucional de guardião da *pureza* e *integridade* da língua e, ao se instituir como tal, promoveu uma intervenção político-lingüística que fez uso da instituição escolar como seu instrumento de controle de discursos desde antes da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, conforme já vimos no subcapítulo 1.1, com a promulgação de um édito de Pombal, em 1759, que decretou a obrigatoriedade do uso do Português em território brasileiro, “... não consentindo, de modo algum, que os Meninos e Meninas, que

pertencerem às Escolas, ... usem a Língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa ...” (Apud ALMEIDA, 1997, p. 4).

Intervenção essa que, iniciada no Brasil colonial, é recorrente no movimento de laicização do Estado brasileiro.

Pela historicização dos arquivos da memória da Escola Normal do Rio de Janeiro, pudemos compreender os modos de construção da língua nacional brasileira, da produção do sujeito nacional brasileiro, da sua formação positivista, de acordo com o modelo europeu de cidadão. Um sujeito formado à luz do culto à ciência e da exclusão da crítica e da relação do sujeito com a história.

Concluimos nosso trabalho fazendo uso, mais uma vez, das palavras de Orlandi:

Finalmente, é preciso dizer que essas nossas pesquisas nos fazem refletir de maneira a não automatizarmos nossa relação com as idéias sobre língua no Brasil e sobre seu conhecimento. O que nos permite não naturalizarmos a passagem pelas diferentes formas de seu conhecimento com conseqüências importantes para o modo como o brasileiro trabalha, representa e ensina sua língua. (2002b, p. 16).

## REFERÊNCIAS

### 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E HISTORIOGRÁFICA

ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O Diretório dos índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora da UNB, 1997.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

AQUINO, Rubim Santos Leão et al. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1998.

AUROUX, Silvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. A hiperlíngua e a externalidade da referência. In: ORLANDI (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Língua e hiperlíngua. In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*. n. 1. Campinas: Pontes Editores e Projeto Histórias das Idéias Lingüísticas no Brasil, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, Eni; GERALDI, João Wanderley (Org.). *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas: IEL, jul./dez, 1990.

\_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BACKTIN, Mickail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Ucitec Ltda, 2002.

BANDEIRA, Manuel. Lições de Português. *Jornal do Brasil*, 15 out. 1958. In: SILVEIRA, Souza da. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia e textualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1991.

BRAIT, Beth. Em busca de uma identidade lingüística. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.). *Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2000.

CÁCERES, Florival. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1997.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1992.

DIAS, Luis Francisco. *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editora, 2001.

FARIA, Ricardo de Moura; MARQUES, Ademar Martins; BERUTTI, Flávio Costa. *História*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1998, v.1.

FÁVERO, Leonor Lopes. Gramática é a arte... In: ORLANDI (Org.). *História das idéias lingüísticas*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. O ensino no Império: 1837-1867 – Trinta anos do Imperial Collegio de Pedro II. In: ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas*. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *A gramática no Brasil: o período científico*. 2004. (Apresentação/ Comunicação).

FIORIN, José Luiz. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma, apresentado à câmara dos deputados pelo deputado Aldo Rebelo. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN)*, n. 25. dez. 2000. ISSN 0120-7158.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997b.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GALLO, Solange Leda. *Discurso da escrita e ensino*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1985.

Grande ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. São Paulo: PLURAL Editora e Gráfica, 1998.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. Sobre alguns caminhos da pragmática. In: *Série Estudos*. Publicação do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. 1983.

\_\_\_\_\_. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. Língua de civilização e línguas de cultura: a língua nacional do Brasil. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.). *Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. São Paulo: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Brasil: país multilíngüe. A língua portuguesa no Brasil. In: *Revista SBPC*. 1. sem. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. ORLANDI, Eni (Org.). *Língua e cidadania: O português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

HENRY, Paul. A História não existe? Tradução de José Horta Nunes. In: ORLANDI, P. Eni (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Os fundamentos teóricos da “análise do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Sentido, sujeito, origem. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 2001.

HOBBSAWAN, Eric J. A construção das nações. In: \_\_\_\_\_. *A era do capital (1848 – 1875)*. 2. ed. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora Ltda, 1985.

INDURSKY, Freda. Preparando a análise. In: *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. A análise do discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. In: *Cadernos do I. L.*, n. 20. Porto Alegre, UFRGS, Instituto de Letras, dezembro de 1998a.

\_\_\_\_\_. O sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas. In: *Gragoatá*. Revista do Instituto de Letras da UFF n. 5 – Programa de pós-graduação. Niterói: EdUFF, 1998b.

\_\_\_\_\_. Os estudos da linguagem e suas diferentes concepções de língua. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua Portuguesa: reflexão sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2005.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Livros didáticos, escola, leitura. In: *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora Pontes & Editora da Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. *Caderno de estudos lingüísticos*. Campinas, (19): 65-74, jul./dez.1990.

\_\_\_\_\_. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MAIOR, A. Souto. *História do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

MALDIDIÉ, Denise. *A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Linguagem e história. In: *Caderno de Letras da UFF*. n. 12. Instituto de Letras. Niterói, RJ: EdUFF, 1990a.

\_\_\_\_\_. A leitura no Brasil e suas histórias: um debate discursivo sobre a obra de Marisa Lajolo e Regina Zilberman In: *Caderno de Letras da UFF*. n. 20. Ciências da Linguagem. Instituto de Letras. Niterói: EdUFF, 1990b.

\_\_\_\_\_. As Academias do século XVIII: um certo discurso sobre a história e sobre a linguagem do Brasil. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccineli. *Língua e cidadania: o português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. In: *Gragoatá*. Revista do Instituto de Letras da UFF n. 5 – Programa de pós-graduação. Niterói: EdUFF, 1998a.

\_\_\_\_\_. As leituras da/na Rocinha. In: ORLANDI, Eni (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998b.

\_\_\_\_\_. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro, RJ: Revan: Campinas. UNICAMP, 1998c.

\_\_\_\_\_. A institucionalização da língua, história e cidadania no Brasil do século XVIII: O papel das Academias Literárias e do Marquês de Pombal. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas & Cáceres: Pontes Unemat Editora, 2001a.

\_\_\_\_\_. Os primórdios para a imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e imaginário lingüístico. In: VOESE, Ingo (Org.). *Subjetividade*. n. 3. Linguagem e (dis)curso. Edição especial. Tubarão: Unisul, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Ética, pesquisa e análise do discurso*. Texto apresentado na mesa-redonda “Ética em Pesquisa Lingüística”, durante o III SELIN, organizado pela UNESP de São José do Rio Preto, SP, em outubro de 2003b. (A ser publicado na Revista Rua. Março, 2004).

\_\_\_\_\_. *Colonização lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Fundamentos teóricos da análise do discurso. A questão da produção de sentidos. In: *Caderno de Letras da UFF*. n. 13. Niterói: EdUFF, [s.d.].

MATTOS, Luís Alves de. *Primórdios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Aurora LTDA, 1958.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. *Dizer a si através do outro* (do heterogêneo no identitário brasileiro). Tese de Doutorado em Letras apresentada à Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, em 15 de junho de 2003, sob a orientação da professora Doutora Bethania Mariani. T801.995 M488 /2003.

Moderna ENCICLOPÉDIA Melhoramentos. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

Nova ENCICLOPÉDIA Ilustrada FOLHA. Encarte das edições de domingo da Folha de São Paulo de mar.-dez. 1996.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira República*. São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura do Brasil colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, [s.d.].

\_\_\_\_\_; PETTER, Margarida (Org.). *História do saber lexical*. São Paulo: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, Gilvan Muller (Org.). *Declaração universal dos direitos lingüísticos: novas perspectivas em política lingüística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

ORLANDI, Eni P. Segmentar e recortar. In: *Lingüística: questões e controvérsias*. Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, [s.d.].

\_\_\_\_\_. Análise do discurso: algumas observações. *Revista D.E.L.T.A.* v. 2, n. 1, 1986.

\_\_\_\_\_. *Palavra, fé, poder*. São Paulo: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez & Editora da UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. A língua brasileira. In: *Boletim ABRALIN*. n. 14. São Paulo, agosto de 1993.

\_\_\_\_\_. O lugar das sistematicidades lingüísticas na análise do discurso. In: *Revista D.E.L.T.A.* v. 10, n. 2, 1994.

\_\_\_\_\_. Exterioridade e ideologia. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas: IEL/UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998a.

\_\_\_\_\_. Ética e política lingüística. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. *Línguas e instrumentos lingüísticos*. n. 1. Campinas: Pontes Editores, 1998b.

\_\_\_\_\_. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. In: *Rua* - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade. n. 4. Campinas: Unicamp, 1998c.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 5. ed. São Paulo: Cortez e Editora da UNICAMP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e o seu funcionamento*: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Discurso fundador*: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 2001c.

\_\_\_\_\_. *Interpretação*: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 2001d.

\_\_\_\_\_. (Org.). *História das idéias lingüísticas*: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes, 2001e.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Língua e conhecimento lingüístico*: para uma História das Idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002b.

\_\_\_\_\_. *O que é Lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 2002c.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002d.

\_\_\_\_\_. O discurso sobre a língua no regime de Getúlio Vargas (Estado Novo 1937/1945). In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*. n. 15. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Língua Nacional e saber metalingüístico: um projeto singular (apresentação). In: *Relatos*. n. 5. Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP. Campinas: [s. n.], [s.d.].

PAYER, Maria Onice. *Memórias da Língua*: imigração e nacionalidade. São Paulo: Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Toni. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

\_\_\_\_\_. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F., HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, Toni. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997c.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997d.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. GADET, Françoise. *A Língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, Pontes, 2004.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. Campinas: [s.n.], 2000. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem. Orientador: Marisa Philbert Lajolo.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? In: *Nacionalidade em questão. Caderno da Pós/Letras*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997.

RENZO, Ana Maria Di. Liceu Cubano: Língua nacional, religião e estado. In: ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas*. Campinas: Pontes, 2002.

ROBIN, Régine. *História e lingüística*. Tradução de Adélia Bolle e Marilda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Língua(s), discurso e subjetividade: teoria e prática no ensino-aprendizagem de escrita. In: CABRAL, Loni Grimm; GORSKI, Edair (Org.). *Lingüística e ensino: reflexões para a prática pedagógica da Língua Materna*, [S. l.]: Insular, [s. d.].

\_\_\_\_\_. Análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas para estudos da identidade lingüístico-cultural. *Trabalhos em lingüística aplicada*, 24, Campinas: Editora da Unicamp.

SILVA, Mariza Vieira da. Colégios do Brasil: O Caraça. In: ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas*. Campinas: Pontes, 2002.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Aum. e rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de Português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, [1964]1983.

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese da história da cultura brasileira*. 13. ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

SOUZA, Roberto Acízelo. *O Império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

SOUZA, Tânia C. Clemente. Aspectos da historicidade da língua portuguesa falada no Brasil. In: ORLANDI, Eni (Org.). *História das idéias lingüísticas*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_; MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Reformas Ortográficas ou Acordos Políticos? In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Org.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## 2. O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. REVISTAS, PERIÓDICOS, LIVROS, RELATÓRIOS, SITES

ALVES, Claudia Maria Costa. Estado conservador e educação no Brasil: o caso do Liceu Provincial de Niterói (1847-1851). In: NUNES, Clarice (Org.). *O passado sempre presente*. São Paulo: Cortez, 1992.

ANTIGA ESCOLA NORMAL – Iphan. Disponível em: <[www.fortaleza.ce.gov.br/fort/roteiro.asp?info=05&mapa=j21&esq=332&topo=...](http://www.fortaleza.ce.gov.br/fort/roteiro.asp?info=05&mapa=j21&esq=332&topo=...)>. Acesso em: 6 nov. 2005.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Instituto de Educação, Universidade do Distrito Federal, v. I. n. 3, jun. 1936.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Instituto de Educação, Universidade do Distrito Federal, v. I. n. 3, mar. 1937.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. Prefeitura do Distrito Federal: Instituto de Educação. Secretaria Geral de Educação e Cultura, v. II. n. 4, dez. 1945.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO<sup>174</sup>. DF, Brasil: Instituto de Educação, v. II, n. 2 jun. 1949.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO DISTRICTO FEDERAL. Publicado pelo Instituto de Educação, Secretaria Geral de Educação e Cultura, Prefeitura do Distrito Federal – Brasil. Companhia Brasileira de Artes Gráficas. Rua Riachuelo, 128 – Rio de Janeiro. v. III, n. 1, 1955.

MONTEIRO, Clóvis. Denominação da Língua Nacional. Separata da Revista Arquivos, n. 2. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de documentação. [s.d.].

ENÉAS, Zilá Simas. *Era uma vez no Instituto de Educação*. Rio de Janeiro: [S.n.], 1998.

FONTES, Carlos. Formação de professores (Cronologia de 1816 a 1900). Disponível em: <<http://educar.no.sapo.pt/FORMPROF.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2005. 20:30.

GONÇALVES, Inês Vilhena de Moraes. A Matemática na Escola Normal do ano III: contexto revolucionário e pedagogia. Disponível em: <[www.sbem.com.br?ANAI/VIII%20ENEM/ARQUIVOS/comum\\_58.pdf](http://www.sbem.com.br?ANAI/VIII%20ENEM/ARQUIVOS/comum_58.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2005. 17:30h.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. Departamento de Educação. Rio de Janeiro, Distrito Federal: Estab. Graphico CANTON & REILE, 1933.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação e Cultura. 1965-1966.

Instruções para os exames do curso de seriado e de preparatórios bem como para os exames de admissão nos institutos de instrução secundária, no ano letivo de 1929. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

JORDÃO, Gilberto. *O mestre e a escola no período colonial brasileiro*. In: Ano I – n. 4 – maio 2002 – Quadrimestral – Maringá – PR - Brasil – ISSN 1519.6178. Disponível em: <[www.urutagua.uem.br/04jordao.htm](http://www.urutagua.uem.br/04jordao.htm)>. Acesso em: 6 nov. 2005.

KRAEMER NETO. *Nos tempos da velha escola*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969.

KULESZA, Wojciech Andrzej. *A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910)*. In: R. bras. Est. Pedag., Brasília, v. 79, n. 193, p.63-71, set./dez. 1998. Disponível em: <[www.portaldoprofessor.inep.gov.br](http://www.portaldoprofessor.inep.gov.br)>. Acesso em: 6 nov. 2005.

MARTINEZ, Silvia Alicia; BOYNARD, Maria Amélia de Almeida Pinto. *Escola Normal de Campos: trajetória de uma investigação*. UENF/FAPERJ. Disponível em: <[www.anped.org.br/28/textos/GT02-1295--Int.rtf](http://www.anped.org.br/28/textos/GT02-1295--Int.rtf)>. Acesso em: 5 nov. 20:50.

---

<sup>174</sup> ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO é uma revista que tem por fim registrar e divulgar trabalhos e investigações sobre ensino e organização escolar, realizados no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. (In: ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, v. 1, n. 2, jun. 1936. p. 154). Vale aqui dizer ainda, de acordo com essa referência (loc. cit.), que toda correspondência endereçada a esses “ARQUIVOS” devia ser remetida ao Prof. Lourenço Filho, que foi professor e diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (desde 1932 até 1937), para a Rua Mariz e Barros, 227, Rio de Janeiro, Brasil.

VILLELA, Heloisa. A primeira escola normal do Brasil. In: NUNES, Clarice (Org.). *O passado sempre presente*. São Paulo: Cortez, 1992.

Primeira no Brasil e na América Latina. Disponível em: <[www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/sub\\_mat.asp?seq=16&sub\\_mat=1](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/sub_mat.asp?seq=16&sub_mat=1)>. Acesso em: 6 nov. 2005).

REVISTA. Publicação do Instituto de Educação “General Flôres da Cunha”, 1969. Número comemorativo do Centenário da Escola.

REVISTA PEDAGOGICA. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C. Rua Gonçalves Dias, 46 e 48. Tomo segundo, abr./set. 1891. Publicação mensal do *Pedagogium*<sup>175</sup>.

RELATÓRIO DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. 1965-1966.

SILVEIRA, Alfredo Balthazar da. *História do Instituto de Educação*. Distrito Federal: [s.n.], 1954.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

---

<sup>175</sup> “O *Pedagogium*, instituído pelo decreto federal n.º 667 de 15 de agosto de 1890, prestou, durante muito tempo, bons serviços aos que se dedicavam ao ensino, mantendo: exposição permanente de um museu pedagógico, realizando conferências, publicando a Revista Pedagógica, cuja assinatura era obrigatória para todo o pessoal docente municipal.” (SILVEIRA, 1954, p. 34).

As publicações da REVISTA PEDAGÓGICA dizem respeito aos atos oficiais, referentes ao ensino primário e secundário, desde a criação do ministério da instrução pública a artigos pedagógicos e crônicas. (In: Prefácio do Tomo segundo, de 15 de abril de 1891).

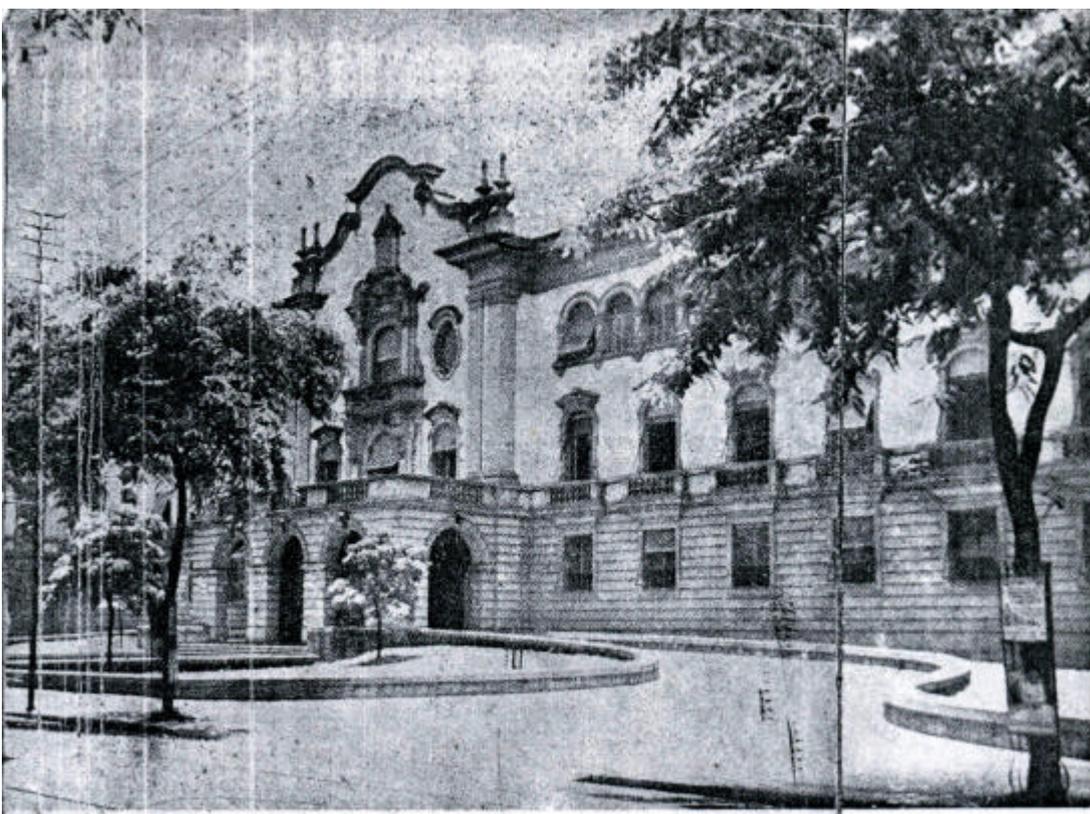
# ANEXOS

## Anexo1:

## Fotos do Instituto de Educação do Rio de Janeiro



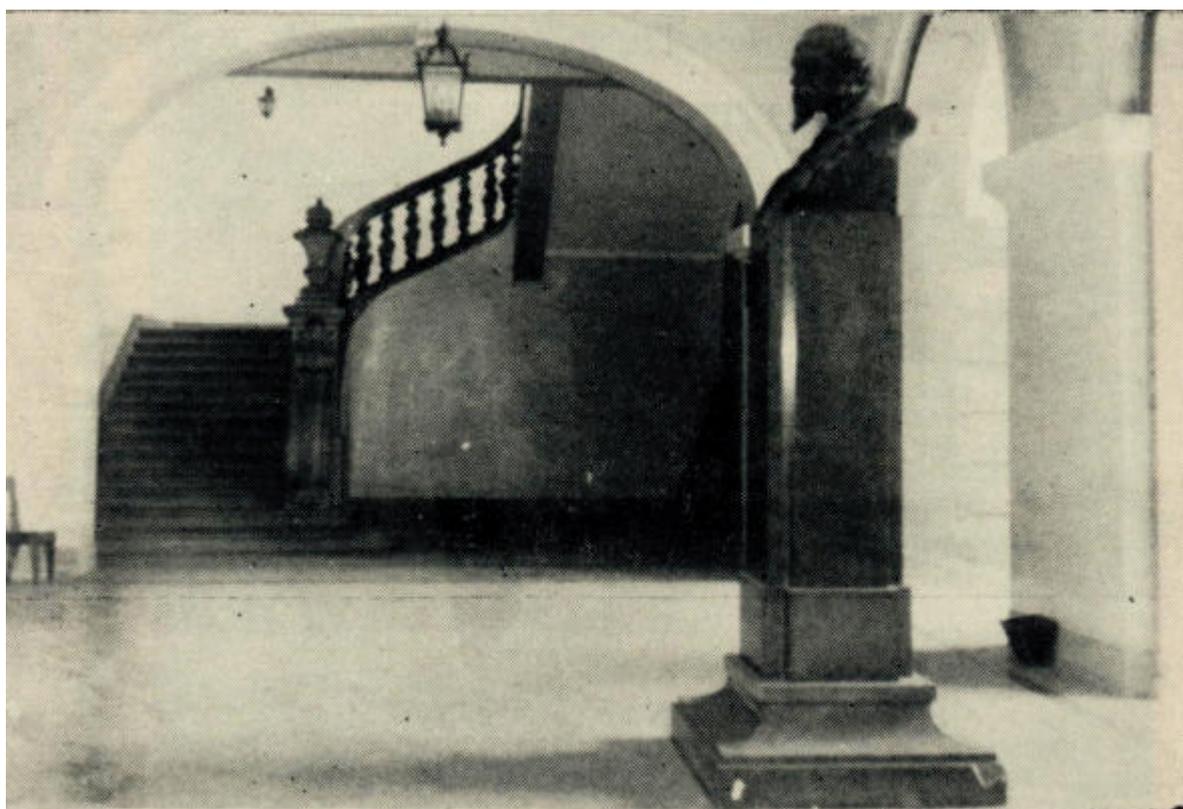
Fachada principal do INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, Rio de Janeiro. Este edifício, construído na administração Prado Junior, sendo diretor de Instrução Pública o prof. Fernando de Azevedo, destinava-se à antiga Escola Normal, e foi inaugurado em outubro de 1930. Depois da instalação do Instituto, na administração do Dr. Pedro Ernesto, sendo diretor de Instrução o prof. Anísio Teixeira, tem recebido novas instalações e moderna aparelhagem de ensino.



# INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

Curso Ginásial





*Logo à entrada do majestoso prédio do Instituto de Educação do Estado da Guanabara o busto do seu fundador — Benjamin Constant.*

## Anexo 2:

*Ex-libris* de diferentes Cursos do Instituto de Educação

Ex-libris de diferentes Cursos do Instituto de Educação, elaborados pelo renomado artista Adalberto Mattos em 1948.

## Anexo 3:

## Foto da Escola Normal de São Paulo

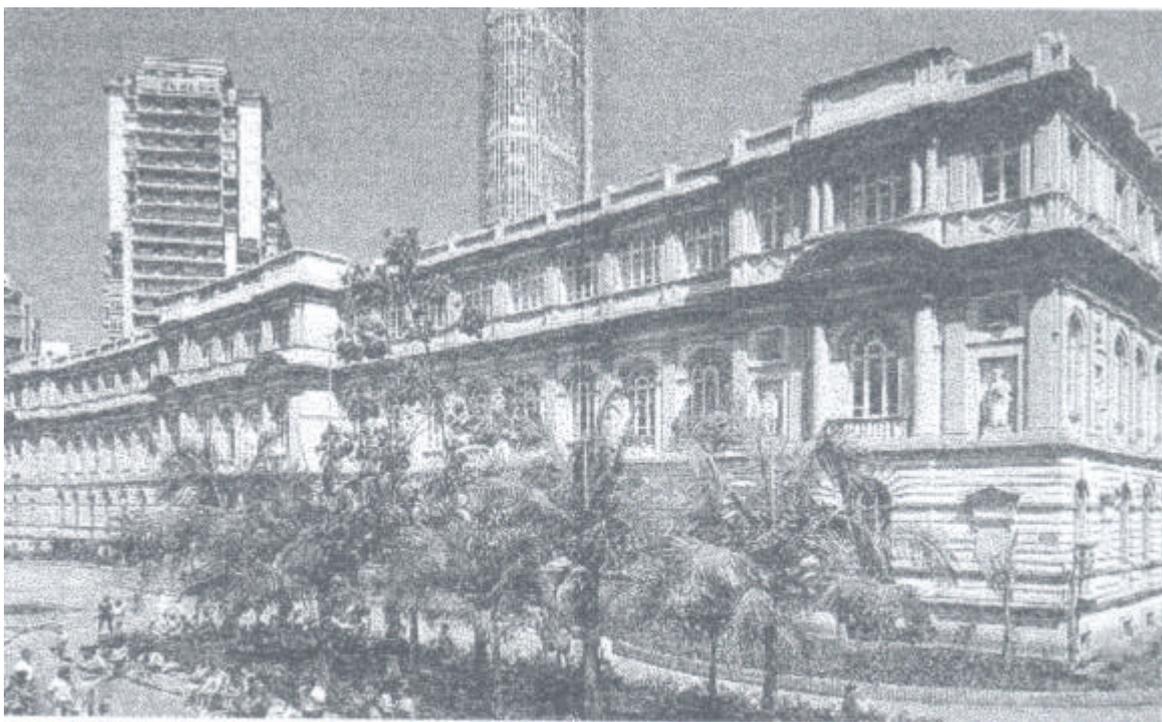


Foto do edifício inaugurado em 1894 para abrigar a Escola Normal, na Praça da República (centro de São Paulo), atualmente sede da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Fonte: Arquitetura escolar e política educacional: os programas na atual administração do Estado. São Paulo: FDE, 1998

Anexo 4:  
Programma de ensino do ano de 1888b

As desluzes dos nomes eram feitas. Ph. F. Barreto e os alunos da divisão estudam por livro org. por eles.

1

Programma de ensino de portuguez da segunda serie da  
Escola Normal da Corte.

Do vocabulario. — Formação e emprego do artigo. — Da concordancia de artigo  
e substantivo. — Seleção litteraria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 81-91.

Do substantivo. — Formação e emprego do substantivo. — Syntaxe do verbo haver  
e do pronome se. — Seleção litteraria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 91-100.

Do acento, tomão e da quantificação. — Indicação da palmaria e da propria  
do verbo. — Flexão e formação do adjetivo. — Seleção litteraria por Fausto Barreto  
e V. de Souza, pag. 101-110.

Substantivos de formação primitiva e de origem popular. — Do adverbio, grau  
de adverbio e singularismo. — Figuras da syntaxe. — Seleção litteraria  
por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 111-120.

Da interjeição. — Da pontuação. — Collocação das grammas pellaes  
em relação ao verbo. — Seleção litteraria por Fausto Barreto e V. de Souza,  
pag. 121-130.

Das regências. — Affixos. Haixa. Thema. — Formação e emprego do pronome  
relativo. — Seleção litteraria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 131-140.

Das locuções de realce. — Collocação das grammas pellaes em relação  
à sentença. — Classificação das proposições. — Seleção litteraria por  
Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 141-150.

Das que precedem a formação do verbo portuguez. — Do acento, tomão  
e da quantificação. — Do archaismo e do neologismo, suas causas. — Seleção  
litteraria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 151-160.

Da orthographia; regras da orthographia portuguezã. — Das  
letras, verificação, origem de certo, differença entre a prosa e o verso  
nas formas da proposição. — Seleção litteraria por Fausto Barreto

de Souza, pag. 65-61

Das locuções poéticas. — Formas divergentes vocabulares. — Figuras de palavras e de pensamento. — Seleção literaria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 106-109.

Das syntaxias tripartidas. — Das composições poéticas: genero epico, lyrico e dramatico. — Das metaplasmos. — Seleção literaria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 71-74.

Emprego das metos e tempo, por verbos. — Das qualidades particulares do estylo; rhythmo do estylo. — Das vicios da lingua gem. — Seleção literaria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 112-115.

Segurança de significação das palavras. — Formação e emprego da propositão. — Estylo, refinado; rhythmo; qualidades generas do estylo. — Seleção literaria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 75-78.

Formação e emprego da conjunção e do adverbio. — Da concordancia de verbos. — Emprego das formas nominativas do verbo. Seleção literaria por Fausto Barreto e V. de Souza, pag. 116-118.

Sala de conferencias da Escola Normal de Curitiba, em 5 de Novembro de 1888.

Fausto Barreto

## Anexo 5:

*Programma* de Português, elaborado por Fausto Barreto, para os Exames Preparatórios de 1887. (In: RIBEIRO, Júlio. *Procelárias*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, [s. d.], p. 86-92 apud RAZZINI, 2000, p. 342-343).

342

**1887**

Programa de Português, elaborado por Fausto Barreto, para os Exames Preparatórios de 1887.  
[In: Ribeiro, Júlio. *Procelárias*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s.d., p. 86-92.]

## PROGRAMA DE PORTUGÊS

## Prova escrita

A prova escrita consistirá em uma composição livre sobre o assunto que a sorte designar dentre os pontos organizados diariamente pela comissão julgadora.

## Prova oral

A prova oral constará: 1<sup>o</sup>, de análise fonética, etimológica e sintática de um trecho de extensão razoável, escolhido pela comissão julgadora em uma página sorteada, na forma do regulamento vigente, de um dos livros abaixo indicados; 2<sup>o</sup>, da exposição de um dos pontos gramaticais seguintes, também sorteados na forma das disposições regulamentares.

"Sortear-se-á em cada dia um dos livros marcados no programa, bem como a centena de páginas, da qual se sorteará também a página em que cada aluno deverá ser examinado, escolhendo nela os examinadores o trecho para esse fim." (Art. 39 do decreto n. 6.130 de 1<sup>o</sup> de Março de 1876).

## Livros de exame

Camões, *Lusíadas*, século XVI.  
Lucena, *História do padre Francisco Xavier*, idem.  
Fr. Luiz de Souza, *A vida do Arcebispo*, século XVII.  
Gabriel de Castro, *A Ulisséia*, idem.  
Santa Rita Durão, *O Çaramurá*, século XVIII.  
Padre Teodoro de Almeida, *O Feliz Independente*, idem.  
João Francisco Lisboa, *Vida do Padre Antonio Vieira*, século XIX.  
Barão de Paranapiacaba, *A Camoneana*, idem.

Indicação - Por ocasião da análise, o examinando também deverá ser argüido sobre o sentido preciso de cada palavra do trecho sorteado, e sobre o sentido geral do mesmo trecho. Um dos examinadores se ocupará desta parte do exame, e o outro das teorias gramaticais.

## Pontos orais

1. Observações gerais sobre o que se entende por gramática geral, por gramática histórica ou comparativa e por gramática descritiva ou expositiva. Objeto da gramática portuguesa e divisão do seu estudo. Fonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras; vogais; grupos vocálicos; consoantes; grupos consonantais; sílabas; grupos silábicos; vocábulos; notações léxicas.
2. Da acentuação e da quantidade.
3. Origem das letras portuguesas; leis que presidem à permuta das letras; importância destas transformações fônicas no processo de derivação das palavras.
4. Dos Metaplasmas.
5. Dos sistemas de ortografia e das causas de sua irregularidade.
6. Morfologia: estrutura da palavra; raiz; temas; terminação; afixos. Do sentido das palavras deduzido dos elementos mórficos que as constituem; desenvolvimento de sentidos novos nas palavras.
7. Da classificação das palavras. Do substantivo e suas espécies.
8. Da classificação das palavras. Do adjetivo e suas espécies.
9. Da classificação das palavras. Do pronome e suas espécies.
10. Da classificação das palavras. Do verbo e suas espécies.
11. Da classificação das palavras. Das palavras invariáveis.
12. Agrupamentos de palavras por famílias e por associação de idéias. Dos sinônimos, homônimos e parônimos.

13. Flexão dos nomes: gênero; número; caso. Noções de declinação latina. Desaparecimento do neutro latino em Português; vestígios de neutro em Português; vestígios da declinação em Português. Origem do *s* do plural.
14. Flexão dos nomes: grau do substantivo e do adjetivo; comparativos e superlativos analíticos.
15. Flexão dos nomes; flexão do pronome; declinação dos pronomes pessoais.
16. Flexão do verbo; conjugação; formas de conjugação.
17. Formação de palavras em geral: composição por prefixos e por justaposição. Estudo dos prefixos.
18. Formação de palavras em geral: derivação própria (por sufixos); derivação imprópria (sem sufixos). Estudo dos sufixos.
19. Das palavras variáveis formadas no próprio seio da língua portuguesa.
20. Das palavras invariáveis formadas no próprio seio da língua portuguesa.
21. Etimologia portuguesa; princípios em que se baseia a etimologia. Leis que presidiram à formação do léxico português.
22. Da constituição do léxico Português. Línguas que maior contingente forneceram ao vocabulário português.
23. Caráter diferencial entre vocábulos de origem popular e os de formação erudita; duplas ou formas divergentes.
24. Da criação das palavras novas. Híbridismos.
25. Etimologia do substantivo e do adjetivo. Influência dos casos na etimologia dos nomes.
26. Etimologia do artigo e do pronome.
27. Etimologia das formas verbais; comparação da conjugação latina com a portuguesa.
28. Etimologia das palavras invariáveis.
29. Da sintaxe em geral. Breves noções sobre a estrutura oracional, do Latim popular e do Latim culto. Tipos sintáticos divergentes na língua portuguesa.
30. Sintaxe da proposição simples. Espécies de proposição simples quanto à forma e à significação. Dos membros da proposição simples.
31. Sintaxe da proposição composta ou do período composto. Coordenação. Subordinação. Classificação das proposições.
32. Regras de sintaxe relativas a cada um dos termos ou membros da composição.
33. Regras de sintaxe relativas ao substantivo e ao adjetivo.
34. Regras de sintaxe relativas ao pronome.
35. Regras de sintaxe relativas ao verbo. Do emprego dos modos e tempos, correspondência dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.
36. Regras de sintaxe relativas às formas nominais do verbo.
37. Regras de sintaxe relativas às palavras invariáveis.
38. Sintaxe do verbo *haver* e do pronome *se*.
39. Da construção: ordens das palavras na proposição simples e das proposições simples no período composto.
40. Da colocação dos pronomes pessoais.
41. Das notações sintáticas; pontuação; emprego de letras maiúsculas.
42. Figuras de sintaxe. Partículas de realce.
43. Dos vícios de linguagem.
44. Das anomalias gramaticais; idiotismos; provincialismos; brasileirismos e dialeto.
45. Das alterações léxicas e sintáticas; arcaísmo e neologismo.
46. A sintaxe e o estilo.

## Anexo 6:

Protocolo do requerimento ao diretor do Instituto de Educação para permissão do meu acesso ao arquivo institucional.

|                                                                                                                                                                               |                                                                                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>G. GOVERNO DO ESTADO<br/><b>ISERJ</b><br/>Rio de Janeiro</p> <p><b>ISERJ</b><br/>INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO<br/>RUA MARIZ E BARROS, 273 - TIJUCA</p> | <p>PROTOCOLO Nº <u>2114</u></p> <p>RECEBIDO EM <u>30,04,003</u></p> <p>FUNÇÃO: <u>Perci</u></p> |
| <p>NOME: <u>Suely Pessoa de Almeida</u></p> <p>ASSUNTO: <u>Pesquisa</u></p>                                                                                                   |                                                                                                 |

## Anexo 7:

## Diretores e professores do Instituto de Educação (1880-1932)

| NOME<br>PERÍODO DE DIREÇÃO<br>NATURALIDADE<br><br>IMPÉRIO<br>do diretor 1 AO 3: | FORMAÇÃO                                                                         | LECIONOU                                                                                                                                                                     | PUBLICOU                                                                                                                                                                   | OBSERVAÇÕES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>1. Benjamim Constant Botelho de Magalhães. (1880-1885). Niteroiense.</i>     | <i>Estudou com os Beneditinos e na Escola Militar da Corte.</i>                  | <i>Escola Normal da Corte (Matemática-Mecânica); Escola Nacional de Engenharia;<br/>Instituto de Cegos (atual I. Benjamim Constant); e Escola Militar da Praia Vermelha.</i> | <i>Teoria das quantidades negativas; Tipografia do Mercantil de Bartolomeu Pereira Sodré; trabalho sobre matemáticas puras e aplicadas; Estudos e tarefas do Montepio.</i> | <i>Positivista que liderou campanha em prol do comitismo e do Sistema republicano. Seguiu como capitão para a Guerra do Paraguai. O seu nome ficou no Almanaque do Exército – homenagem que não tiveram o Duque de Caxias, o Barão de Amazonas, o Marquês de Herval, o Marquês de Tamandaré. De acordo com Maior (1974, p. 306), “Benjamim Constant exerceu a pasta da Guerra, onde reformulou o ensino militar e, posteriormente, em 1890, a pasta da Instrução Pública então criada.”</i> |
| <i>2. Sancho de Barros Pimentel. (1885-1886). (?) Baiano.</i>                   | <i>Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife em 1870, na turma de Joaquim</i> | <i>No Magistério superior como professor de Direito Comercial na antiga Faculdade Livre de Direito</i>                                                                       | <i>Artigos em prol da libertação dos escravos nas colunas do Jornal do Comércio.</i>                                                                                       | <i>Participou da campanha abolicionista. Governou as Províncias do Piauí, do Rio Grande</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                                             |                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                             | <i>Nabuco.</i>                                                                                                                                                               | <i>do Rio de Janeiro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                    | <i>do Norte, do Paraná, e de Pernambuco; encerrou sua carreira política em 15 de novembro de 1889; foi diretor do Banco do Brasil. <u>Foi escolhido por D. Pedro II para substituir Benjamin Constant</u> como diretor da Escola Normal da Corte . (Ggrifos nossos).</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 3. <i>Dr. João Pedro de Aquino. (1886 – 1888). Carioca.</i> | <i>Concluído o curso de Humanidades, ingressou na Escola Nacional de Engenharia (antiga Escola Central). Engenheiro civil e Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas</i>     | <i>Na Escola Normal; no Colégio Naval; e na Escola Nacional de Engenharia (antiga Escola Politécnica); Lecionou Matemática na Escola Naval até ser aposentado.</i>                                                                                                               |                                                                                                                                    | <i>Fundou em 1867 o Externato Aquino, “conceituado colégio para onde os pais esclarecidos encaminhavam seus filhos.” Dentre os nomes por ele indicados para trabalhar em seu colégio incluem-se os de André Rebouças (para lecionar Física), que acompanhou a Família Real ao exílio; João Capistrano de Abreu ; Fausto Barreto; e Eduardo Benet. Foi escolhido pelo “magnânimo” Dom Pedro II para ser mestre-particular do seu neto Dom Augusto, que seguiria a carreira naval. Não cobrava taxas de matrículas aos alunos pobres, “considerando um verdadeiro prêmio a gratuidade no seu acreditado colégio, <u>visitado pelo imortal Dom Pedro II e conspícuas figuras do áureo segundo reinado.</u>”</i> |
| REPÚBLICA VELHA<br>do diretor 4 ao 22:                      |                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 4. <i>Teófilo das Neves Leão. (1888 –1890) (?) Baiano.</i>  | <i>Foi aluno do Liceu da Bahia, onde fez seus estudos humanísticos. Bacharel em Belas Letras. Frequentou Curso anexo ao Mosteiro de São Bento na cidade de São Salvador.</i> | <i>Lecionou História Universal e do Brasil na Escola Normal; Geografia e História no Colégio Pedro II. Lecionou também no Externato Aquino; no Colégio São Pedro de Alcântara, dirigido pelos padres Paiva; no Liceu Comercial; e no Colégio São Francisco de Paula, que era</i> | <i>Imprimiu livros didáticos, folhetos de interesses educacionais, “que pudessem ser adquiridos por estudantes pobres.”(p. 65)</i> | <i>Fundou a Tipografia 5 de Março, instalada na Rua do Lavradio, “com o objetivo único de imprimir livros didáticos, folhetos de interesses educacionais, que pudessem ser adquiridos por estudantes pobres.” Versejava <u>com correção</u> e com inspiração. Orava com eloqüência.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                           | <i>orientado pelo Padre Joaquim Ferreira da Cruz Belmonte.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 5. Francisco Carlos da S. Cabrita. (1890-1891) (?)<br>Carioca, "nasceu nesta cidade, que tem sido berço de varões eminentes."(p. 67) | Foi aluno da Escola Central, pela qual se graduou.                                                                                                                        | Geometria na Escola Normal.<br>Lecionou no Colégio Pinheiro.                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Vernaculizou a Geometria de Clairant (Aléxis – Claude – notável matemático francês) para facilitar os estudos dos que freqüentavam suas aulas.<br>Prefaciou o Atlas do Barão Homem de Mello. Colaborou em diversas revistas de feição pedagógica. Publicou na revista pedagógica, A Escola Primária, diversos estudos sobre diferentes estudos de leitura instrutiva.           | Foi nomeado por Benjamin Constant, depois de estabelecido o regime republicano no Brasil, Diretor da Escola Normal, provido na Cadeira de Geometria da aludida Escola Normal.<br>Foi Diretor-Geral da Instrução Pública Municipal e, na presidência de Prudente de Moraes e Campos Salles, foi Diretor do Externato do Ginásio Nacional (antigo Imperial Colégio de Pedro II e atual Colégio Pedro II), deixando-a no início da presidência de Rodrigues Alves. |
| 6. Joaquim Abílio Borges. (1891-1893) (?)<br>Baiano.                                                                                 | Recebeu o diploma de Bacharel em Direito expedido pela Faculdade de Direito de São Paulo em fins de novembro de 1882, mas não quis seguir a advocacia.                    | Psicologia e Pedagogia na antiga Normal.                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Publicou obras sobre Economia Política e Filosofia do Direito. Imprimiu a conferência que leu, <u>na presença de Dom Pedro II</u> , sobre a Travessia e exploração geográfica do continente americano por Capelli e Ivens e <u>vários livros de leitura para classes primárias e secundárias. (Grifos nossos).</u>                                                              | Serviu de Secretário do pai, o Barão de Macaúbas, quando este foi a Buenos Aires em 1883 representar o Império do Brasil num congresso de Pedagogia.<br>Foi o último Introdutor Diplomático do Império do Brasil e ajudou a fundar a Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro.                                                                                                                                                                              |
| 7. Alfredo Gomes. (1893 - 1897) (?)<br>Carioca.                                                                                      | Em 1875 recebeu do Imperial Colégio de Pedro II o diploma de Bacharel em Letras. Doutorou-se em Medicina no ano de 1883 pela Faculdade de Medicina do Município da Corte. | Lecionou Português e Literatura na Escola Normal, de onde foi diretor indicado pelo então prefeito do Distrito Federal, Dr. Francisco Furquim Werneck de Almeida, escolhido pelo presidente Dr. Prudente de Moraes. Lecionou Português no Colégio Pedro II, em 1885, Literatura Comparada e Filologia Comparada na Faculdade de Filosofia e Letras. | Beribéri (Tese para obter doutoramento em Medicina);<br>Morfologia dos pronomes pessoais (Tese de concurso, em 1897);<br>Método de Ahn francês – adaptação ao uso dos brasileiros (em 1900);<br>Ensino Municipal (em 1897);<br>A catacrese – estudo filosófico (em 1897);<br><u>Gramática portuguesa, alcançando mais de quinze edições;</u><br>Gramática francesa, com mais de | Foi designado Diretor-Geral de Instrução Pública Municipal em 1898; em 1900 integrou a comissão examinadora do concurso para Catedrático de Francês do Ginásio Nacional.<br>Seu busto acha-se no Largo do Machado, por iniciativa dos seus alunos; seu nome foi dado a uma das ruas do bairro de Botafogo e ao Colégio Alfredo Gomes, "colégio equiparado ao Colégio                                                                                            |

|                                                                                 |                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                 |                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                 | <p>edições;</p> <p>Discurso na solenidade da colação de grau das normalistas do ano de 1896;</p> <p>Descrição e cartas feitas de conformidade com o programa da Instrução Pública, em 1899;</p> <p>"A Literatura" – no Dicionário Histórico e etnográfico publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico para comemorar o primeiro centenário da nossa emancipação política.</p> <p>Redigiu, quando estudante, a União Acadêmica, ao lado de Senna Campos e Agostinho Araújo.</p>                                                                                                                             | Pedro II."                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 8. Luiz Carlos da Silva Nazareth. (1897-1902) (?)<br>Natural do Espírito Santo. | Imperial Colégio de Pedro II, onde concluiu, em 1882, os estudos secundários. Graduou-se em Medicina e Cirurgia em 1888, pela Faculdade de Medicina do Município da Corte. | _____                                                                                                                           | Não deixou trabalhos publicados.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Em 1897 foi nomeado Diretor da Escola Normal pelo então prefeito do Distrito Federal (1895 -1897), Dr. Francisco Furquim Werneck de Almeida, substituindo o "conhecido filólogo" Dr. Alfredo Gomes. Aposentou-se nas funções de inspetor escolar.                                                                                                                                                                                                                                      |
| 9. Manoel Bomfim. (1902-1906) (?)<br>Nasceu na cidade Aracaju.                  | Formou-se médico pela Faculdade de Medicina de Salvador em 1890, sustentando a tese regulamentar, que versou sobre "Das Nefrites".                                         | Instrução Moral Cívica, Pedagogia e Psicologia aplicada à educação na Escola Normal, para a qual foi nomeado professor em 1898. | <p><u>Prática da Língua Portuguesa;</u></p> <p><u>Compêndio de Zoologia;</u> <u>Lições de Pedagogia;</u> <u>Noções de Psicologia;</u> <u>Pensar e dizer;</u> <u>O Brasil na História;</u> <u>O Brasil na América;</u> <u>O Brasil-Nação (dois volumes);</u> <u>Primeiras Saudades (leitura para o terceiro ano);</u> <u>Crianças e Homens (leituras para o segundo ano);</u> <u>Cultura e Educação do Povo Brasileiro;</u> <u>Livro de composição (em colaboração com Olavo Bilac), recomendado no Internato do Ginásio Nacional;</u></p> <p><u>Livro de Leitura</u> - Através do Brasil. (Grifos nossos).</p> | Foi médico da Polícia Militar. De diretor da Escola Normal, ascendeu ao cargo de Diretor-Geral de Instrução Pública no Distrito Federal. Trabalhou, quando acadêmico, no "Correio do Povo", dirigido por Alcindo Guanabara. Secretariou, entre 1896 e 1897, o jornal República – órgão do Partido Republicano Federal, que era chefiado por Francisco Glicério, então apelidado "General das vinte e uma brigadas" - e que no seu primeiro número, publicou uma parte do Dom Casmurro. |

|                                                                                    |                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                    |                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Trabalhou na revista <i>Universal</i> (1901 e 1902) ao lado de Rivadávia Correia. Publicou trabalhos nos seguintes jornais: <i>O Jornal do Comércio</i> , <i>a Imprensa</i> , <i>a Tribuna</i> , <i>a Ilustração Brasileira</i> , <i>a Notícia</i> , <i>a Rua</i> , <i>o Atlântico</i> , <i>o País</i> .                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 10. Servulo José de Siqueira Lima. (1906-1910) (?) Carioca.                        | Bacharel pelo Imperial Colégio de Pedro Segundo, doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Município da Corte. | Lecionou, na Escola Normal, “a língua portuguesa às futuras professoras”, ao lado do “conhecido filólogo” Alfredo Gomes, de Hemeterio José dos Santos e de Cacilda Francione de Souza. |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 11. José Veríssimo Dias de Matos. (20/3/1910 a 27/6/1910) e (1912-1913). Paraense. | Imperial Colégio de Pedro Segundo, Colégio Vitório da Costa e Escola Nacional de Engenharia (a antiga Escola Central).     |                                                                                                                                                                                        | Teve seus primeiros trabalhos literários publicados pelo <i>Liberal do Pará</i> . E, a seguir, pelos jornais <i>A Província do Pará</i> ; <i>O Comércio do Pará</i> ; <i>A República</i> . <u><i>A Educação Nacional</i></u> , obra em que estudou diversos problemas e sugeriu “orientações mais seguras para o ensino público, <u>no qual deve espelhar-se o particular.</u> ” <u><i>Cenas da Vida Amazônica</i></u> ; <u><i>Estudos da Literatura Brasileira</i></u> (6 volumes); <u><i>Homens e Causas Extranjeiras</i></u> (3 volumes); <u><i>História Geral e da Civilização</i></u> ; <u><i>História da Literatura</i></u> . (Grifos nossos). | Fundou a <i>Revista Amazônica</i> em 1883 e teve o apoio de Clementino Lisboa, José Paes de Carvalho e Joaquim Maria Machado de Assis. Em 1884 fundou o Colégio Americano. Era republicano. Exerceu os seguintes cargos: <u>Diretor de Instrução Pública no Pará</u> , em 1890; <u>Diretor do Externato do Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II)</u> desde 1892 até 1897; <u>Diretor da Escola Normal</u> duas vezes (em 1910 e 1913). <u>Foi Membro Fundador da Academia Brasileira de Letras</u> . Escreveu crítica literária nos jornais <i>O Comércio</i> e <i>o Imparcial</i> . Colaborou assiduamente na <i>Revista Brasileira</i> e na <i>Revista da Academia</i> . Outros jornais transcreviam seus |

|                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                    |              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|--------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                    |              | <p>artigos como se os houvessem sido enviados originariamente, considerados por Rui Barbosa como “ornamento do seu gênero entre nós.”</p> <p>Com a eleição de Lauro Müller para a vaga do barão do Rio Branco e com a injusta preterição do Barão de Ramiz Galvão, José Veríssimo abandonou a Academia de Letras, dizendo: “Resolvi definitivamente esquivar-me. Deixemos que a Academia se faça à imagem da sociedade a que pertence”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <p>12. Tomás Delfino dos Santos. (1913-1914) (?) Carioca.</p> | <p>Internato do Imperial Colégio de Pedro Segundo e do Externato Aquino.</p> <p>Em 1882, concluiu o curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Município da Corte, com apresentação da tese “obrigatória” sobre “Que melhoramentos materiais devem ser introduzidos na cidade do Rio de Janeiro para torná-la mais salubre?”.</p> | <p>Pedagogia na Escola Normal.</p> | <p>_____</p> | <p>Foi escolhido orador da solenidade da sua colação de grau, <u>que foi presidida por D. Pedro II</u>, e o seu discurso, que foi impresso, constituiu um folheto de vinte e cinco páginas. (Grifos nossos).</p> <p>Era republicano. Fundou no ano de 1885 em São Gonçalo de Sapucaí, para onde se transferira, a “Gazeta Sul Mineira”, na qual eram propagadas idéias republicanas, contrariando os moradores daquela região que mantinham respeito ao monarca.</p> <p>Pertenceu ao corpo de saúde do exército, atingindo o posto de major cirurgião.</p> <p>Representou o Distrito Federal no Senado. Indispôs-se com o presidente Dr. Prudente de Moraes. Participou da revista Universal, que deu cerca de 60 exemplares nos anos de 1901 e 1902, ao lado de Rivadávia Corrêa, Alcindo</p> |

|                                                                          |                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|--------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                          |                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                               | <i>Guanabara e Manuel Bomfim.<br/>Em 1910 desempenhou as funções de Membro do Conselho Superior de Instrução.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <i>13. Hans Heilborn.<br/>(1914)<br/>Alemão naturalizado brasileiro.</i> | <i>Era Médico diplomado pela Universidade de Heidelberg.</i>             | <i>No Colégio Militar.<br/>Alemão no Ginásio Fluminense e no Colégio Luso Brasileiro.<br/>Disputou a cadeira de Grego do Externato do Ginásio Nacional, tendo sido nomeado em 21 de julho de 1900, por decreto assinado pelo Presidente Campos Salles e referendado pelo Ministro do Interior e Justiça Dr. Epitácio Pessoa.</i> |                                                                                               | <i>Veio para o Brasil em 1883, estabelecendo-se na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde iniciou a vida de médico.<br/>No Município da Corte, seguiu a carreira do magistério. De imensa cultura humanística, “jamais contestada”, fundou com Draenert o Colégio Brasileiro Alemão, com filial em Petrópolis.<br/>Participou de bancas examinadoras no Estado do Rio de Janeiro e na antiga Instrução Pública. Sua passagem pela Escola Normal foi curta e tumultuada, “devido à agitação das alunas, instigadas por forças ocultas”.<br/>Foi sepultado na cidade de Petrópolis, ao contrário dos demais ex-diretores, que eram sepultados no Cemitério São João Batista ou no Cemitério São Francisco Xavier, ambos na cidade do Rio de Janeiro,<br/>Chefiou, por nomeação do Barão do Rio Branco a seção de Propaganda e de Expansão do Brasil na Europa, demorando-se em Berlim. Preferiu trabalhar no Internato do C. Pedro II, onde lecionou grego, ao externato.</i> |
| <i>14. Julio Afranio Peixoto.<br/>(1914-1917) (?)<br/>Baiano.</i>        | <i>Após o curso de preparatórios, alcançou matrícula na Faculdade de</i> | <i>Em 1901 foi nomeado Preparador da Cadeira de Medicina Legal, disciplina que passou a lecionar na</i>                                                                                                                                                                                                                          | <i>Publicou diversas obras na área de Medicina e na de Letras:<br/>O ensino da linguagem,</i> | <i>Em 1903 mudou-se para a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde foi nomeado Inspetor</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |

|                                                                                                                      |                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                      | <i>Medicina da Bahia, onde doutorou-se em Medicina e Cirurgia, no ano de 1897.</i>                                                                                      | <i>Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.<br/>Lecionou Higiene e Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.</i>                                                                                                                                  | <i>apresentado em conferência na Biblioteca Nacional. (Grifos nossos). Paixão e glória de Castro Alves; Elogio de Euclides da Cunha; Aspectos do humour na Literatura Nacional; Noções de Literatura Geral; Ensaios Camonianos; Dicionário dos Lusíadas com uma introdução gramatical; Minha terra e minha gente; Esfinge; Maria Bonita.</i> | <i>sanitário.<br/>Foi médico do Hospital de Alienados, durante a gestão de Juliano Moreira, seu conterrâneo. Dirigiu o Serviço-Médico Legal da Polícia Carioca no período entre 1907 e 1911.<br/>Foi Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro até 1935.<br/>Foi membro da Academia Brasileira de Letras (substituiu Euclides da Cunha) e da Academia Nacional de Medicina.</i>                                |
| <i>15. Inacio Manuel Azevedo do Amaral. (1917-1919) (?)<br/>Nasceu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.</i> | <i>Foi aluno da Escola Naval, de onde teve, em 1900, o galão de guarda-marinha.</i>                                                                                     | <i>Lecionou Balística, na Escola Naval e Cálculo Diferencial e Integral na Escola Politécnica (mais tarde denominada Escola Nacional de Engenharia.<br/>Na Escola Normal, foi professor de geografia.<br/>Professor Honoris-Causa da Universidade de Assunção</i> | <i>Publicou trabalhos em revistas científicas.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <i>Foi diretor da Escola Normal e da Escola Politécnica. Foi nomeado Reitor da Universidade do Brasil. Militou na imprensa carioca. Foi membro da Academia Brasileira de Ciências; Sócio correspondente da Academia de Ciências de Nápoles e Comendador da Ordem do Mérito.<br/>Era sobrinho do Visconde de Cabo-Frio e do Conselheiro José Maria do Amaral. Era primo do poeta Álvares de Azevedo.</i>               |
| <i>16. Jaime Pombo Bricio Filho. (1919-1920) (?)<br/>Baiano.</i>                                                     | <i>Veio para a Corte e cursou o Internato do Colégio Pedro II e o Colégio Vitório. Graduou-se em Medicina e Cirurgia, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.</i> | <i>Química na Escola Normal.</i>                                                                                                                                                                                                                                  | <hr/>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <i>Foi diretor interino da Escola Normal da Corte.<br/>Participou das campanhas abolicionista e republicana. Defendeu Floriano Peixoto, que lhe conferiu as honras de Major do Exército Nacional.<br/>Deputado Federal pelos estados do Pará e Pernambuco. Fundou e dirigiu por muitos anos, o vespertino "O Século". Foi diretor de O Jornal do Brasil e colaborador em O Globo, com o pseudônimo de "Lagrange".</i> |

|                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>17. Ester Pedreira de Mello.<br/>(1920-?) (?)<br/>Baiana.</p>           | <p><u>Escola Normal</u></p>                                                                                                                                                                                                                                                          | <p>Pedagogia na <u>Escola Normal</u></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <p>_____</p>                                                                                                                                                   | <p>Foi a primeira mulher a dirigir a Escola Normal.<br/>Era católica” fervente”.<br/>Foi a melhor auxiliar do diretor de então (Medeiros e Albuquerque) na movimentação da reforma do ensino no Distrito Federal. Receberam o nome da professora uma rua e uma escola.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <p>18. Alfredo do Nascimento e Silva.<br/>(1920-1922) (?)<br/>Carioca.</p> | <p>Externato Imperial Colégio de Pedro Segundo e o Externato Aquino.<br/>Habilitado nos exames preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual se doutorou em 26 de dezembro de 1888, tendo apresentado sua tese sobre Receptividade Mórvida.</p> | <p>Em 1890 foi professor catedrático de Zoologia e Botânica na Escola Superior de Guerra, onde também lecionou Biologia e Química. Lecionou Botânica na Escola Militar da Praia Vermelha e Química na Escola Militar de Realengo.<br/>Lecionou Português e Matemática Elementar no Liceu Literário Português.<br/>Foi professor de Ciências Naturais no Externato Aquino e no Ginásio Pio-Americano.</p> | <p>Publicou mais de quinhentas obras voltadas sobretudo para a medicina.<br/><u>Compôs para seus alunos uma Gramática Portuguesa.</u></p>                      | <p>A cerimônia da sua formatura contou com a <u>presença do Imperador D. Pedro II.</u> (Grifos nossos).<br/>Exerceu a medicina e o magistério. Prestou serviços ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como orador, e à Academia Nacional de Medicina, chegando a presidi-la desde 1907 até 1909. Compôs para seus alunos um compêndio de História Moderna. Era Tenente-Coronel honorário do magistério militar e Major médico honorário do Corpo de Saúde do Exército. Colaborou no Jornal do Comércio e em diversas revistas científicas. Seu nome foi dado a uma das ruas do bairro de Ipanema.</p> |
| <p>19. José Rangel.<br/>(1922-1926)<br/>Mineiro.</p>                       | <p>Ateneu Mineiro de Juiz de Fora e Escola de Farmácia de Ouro-Preto.</p>                                                                                                                                                                                                            | <p>Na Escola Normal de Juiz de Fora, no Instituto Granbery e na Academia do Comércio de Juiz de Fora. Foi professor de História Natural Médica na Escola de Medicina do Distrito Federal.</p>                                                                                                                                                                                                            | <p>Publicou “Como o tempo passa”(memórias); Breviário de Higiene; Educação Moral e Cívica (compêndios para uso dos ginásianos); <u>Alvicaras</u> (contos).</p> | <p>Foi diretor da Escola Normal de Juiz de Fora. Foi diretor do Instituto Profissional João Alfredo e dos Grupos Escolares “Delfim Moreira e José Rangel” de Juiz de Fora.<br/>Foi membro do Conselho Superior de Ensino de Minas Gerais e</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|                                                                          |                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                          |                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <p>membro fundador da Academia Mineira de Letras.</p> <p>Foi diretor da Escola Normal do Distrito Federal desde 20 de novembro de 1922 a 17 de novembro de 1926.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <p>20. Jonatas Arcanjo da Silveira Serrano. (1926-1928) (?) Carioca.</p> | <p>Foi aluno do Imperial Colégio de Pedro Segundo. Recebeu o grau de Bacharel em Direito no ano de 1909 pela faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.</p> | <p>Foi professor do Instituto de Educação; do Colégio Pedro II; do Colégio Paula Freitas e da Faculdade de Direito de Niterói. Lecionou História do Brasil e da América na Universidade do Ar.</p>                                                                                                                                                             | <p>Publicou várias obras nas áreas de Direito, Educação e Letras em contos e versos, dentre elas, História do Brasil; Cinema e Educação; A Escola Nova; <u>Antologia Brasileira</u>; História da Filosofia; Homens e Idéias; <u>Ludovico</u> (romance).</p>                                                               | <p>Foi paraninfo da sua turma o Visco Ouro Preto.</p> <p>Foi sub-diretor técnico de Instrução no Distrito Federal; no ano de 1914 foi membro do Conselho Superior do Ensino do Estado do Rio de Janeiro e da Comissão Nacional de Censura Cinematográfica em 1932. Foi membro do Conselho Nacional de Educação e da Comissão Nacional do Livro Didático. Serviu como juiz do Tribunal Eleitoral do Distrito Federal desde 1932 até 1933. Pertenceu à Academia Carioca de Letras e ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Na Escola de Jornalismo, fundada pela Associação de Jornalistas Católicos, fez diversas conferências sobre a arte de escrever e falar.</p> |
| <p>21. Carlos Porto-Carrero. (1928-1929) (?) Pernambucano.</p>           | <p>Estudou na Faculdade de Direito de Recife, de onde saiu Bacharel em Direito no ano de 1885.</p>                                                          | <p>Foi professor de História na Faculdade de Recife em 1891 e Economia Política na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Lecionou diversas disciplinas (Português, Francês, Inglês, Lógica, Filosofia, História Universal e Geografia) no Colégio Abílio; no Colégio Paula Freitas; na Associação Comercial; no Colégio Pedro II. Foi professor da</p> | <p>Colaborou na Revista da Faculdade Livre de Direito, quando publicou artigos como: Expulsão de estrangeiros; A família e a economia social; Direito Financeiro (algumas idéias didáticas).</p> <p>Como professor e tradutor, publicou várias obras, dentre elas, <u>Gramática Nacional para o curso secundário</u>.</p> | <p>Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras, mas não o acolheu a Academia Brasileira de Letras.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

|                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>Escola Normal, de onde foi diretor duas vezes.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <i>22. Carlos Leoni Werneck. (1929-1930) (?) Carioca.</i>  | <i>Foi aluno do Ginásio Nacional, onde obteve o diploma de Bacharel em Ciências e Letras. Em 1911, formou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina, com apresentação da sua tese sobre Diagnóstico dos tumores cerebrais operáveis.</i> | <i>Lecionou História Natural no Colégio Alfredo Gomes e na Escola Normal. (Grifos nossos).</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <i>Publicou Tratado de História Natural (Zoologia-Botânica-Mineralogia) e outras obras na área médica.</i> | <i>Foi membro da Academia Nacional de Medicina e do Colégio dos Cirurgiões.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <i>23. Mario Vieira Rezende. (1930-1931) (?) Mineiro.</i>  | <i>Freqüentou o Colégio Militar do Rio de Janeiro e a Escola de Minas de Ouro Preto.</i>                                                                                                                                                          | <i>Lecionou Geografia Geral, Corografia do Brasil e Cosmografia na Escola Normal. Foi professor de diversas disciplinas e lecionou no Ginásio Anglo-Brasileiro; no Colégio Batista-Americano; no Colégio Sílvio Leite; no Ginásio Anglo-Americano; no Colégio Aldridge. Lecionou Matemática Financeira na Escola Amaro Cavalcanti (antiga Escola de Aperfeiçoamento), no Instituto João Alfredo, na Escola Paulo de Frontin e na Escola Orsina da Fonseca.</i> |                                                                                                            | <i>Fundou o Colégio Boa Esperança em Mirai, do qual foi diretor durante sete anos. Foi diretor do Departamento da Estatística da Educação da Prefeitura do Distrito Federal. Foi Atuário do Ministério do Trabalho. Integrou a Comissão Técnica Consultiva de Pesquisas Educacionais até o ano de 1945.</i>                                    |
| <i>24. Carlos Accioly de Sá. (1931-1932) (?) Cearense.</i> | <i>Estudou no Liceu do Ceará e diplomou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1907, tendo apresentado uma tese com o tema Da hiperemia passiva como agente terapêutico.</i>                                              | <i>Professor interino de Medicina Legal da Faculdade de Direito do Ceará; da Universidade do Distrito Federal; da Universidade Católica do Distrito Federal; e das Escolas de Enfermeiras Luiza de Marilac e Ana Néri.</i>                                                                                                                                                                                                                                     | <i>Escreveu poesias e publicou diversos trabalhos na área médica.</i>                                      | <i>Chefe do Serviço de Nutrição no Ministério da Educação. Foi Médico da Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores; Capitão Médico do Batalhão de Segurança de Fortaleza; médico-veterinário (por concurso) do Ministério da Agricultura; médico sanitário (por concurso) do Departamento Nacional de Saúde Pública; chefe do serviço de</i> |

|                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p>Saneamento Rural do Estado do Rio de Janeiro e em Sergipe; Chefe de propaganda Sanitária no Ministério da Educação e Saúde; Assistente dos Inspectores da Profilaxia da Tuberculose; chefe da Propaganda Sanitarista da Prefeitura Municipal do Distrito Federal; Diretor da Escola Secundária do Instituto de Educação; Teve problemas administrativos no período em que dirigiu a Escola Normal devido à revolução de outubro de 1930.</p> <p>Era filho do Dr. Francisco de Sá, um eloqüente orador, Ministro da Viação nos Governos Nilo Peçanha e Arthur Bernardes e Senador Federal pelo estado do Ceará.</p> |
| <p>25. Manoel Bergstrom Lourenço Filho. (1932 – 1937) Paulista.</p> | <p>Foi aluno do Ginásio de Campinas, da Escola Normal Primária de Pirassinunga no ano de 1914, da Escola Normal Secundária de São Paulo em 1917 e da Faculdade de São Paulo, onde colocou grau de Bacharel em Direito no ano de 1929.</p> | <p>Foi professor primário oficial em 1915; professor de Ensino Normal – Cadeira de Psicologia e Pedagogia - desde 1920 até 1930; professor catedrático do Instituto Pedagógico e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; professor de Psicologia Educacional na Faculdade Nacional de Filosofia e professor catedrático do Instituto La Fayette. Foi diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo.</p> | <p>Deixou muitas obras publicadas, dentre elas <u>a Cartilha do Povo, com 705 edições; Estudo de Psicologia Social (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras); Testes ABC para verificação da maturidade necessária para a aprendizagem da leitura e escrita; Tendência da Educação Brasileira; vários volumes de literatura infantil.</u> (Grifos nossos).</p> | <p>Foi convidado pelo Governo do Ceará para reorganizar sua instrução e ali esteve desde 1822 até 1824, durante a administração do Dr. Justiniano Serpa.</p> <p>No ensino particular, colaborou para a fundação do Liceu Nacional Rio Branco e dirigiu uma Escola Primária Experimental. Foi convidado pelo então prefeito Dr. Pedro Ernesto Batista para gerir o Instituto de Educação, já dividido, pela reforma, em Escola de Professores e Escola Secundária. Em 1937 foi nomeado Diretor-Geral do Departamento Nacional de Educação. Foi vice-diretor da Universidade Escola de Professores do Instituto de</p>  |

|  |  |  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|--|--|--|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  |  |  | <p><i>Educação. Participou de Congressos Nacionais e internacionais sobre Educação, inclusive sobre Ensino Técnico. Colaborou para o Dicionário Internacional de Pedagogia Labor e da Encyclopédia of Modern Education de New York. Foi diretor de diversas revistas, dentre elas a Revista de Educação São Paulo, a Revista Escola Nova São Paulo, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Pertenceu à Sociedade Francesa de Psicologia e à <u>Academia Paulista de Letras</u>. Realizou curso na Universidade de Buenos Aires e de Assunção (1944). Presidiu a Comissão de Literatura Infantil no Ministério de Educação (1942) e a Comissão Especial de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1947-1948). Foi diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938-1945) e duas vezes diretor do departamento Nacional de Educação (1947 a 1950).</i></p> |
|--|--|--|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Anexo 7. Diretores e professores do Instituto de Educação (1880 – 1932). Cf. SILVEIRA, Alfredo Balthazar da. *História do Instituto de Educação*. RJ:[s.n.], 1954.

Não foi possível encontrar o período de direção de alguns diretores. Indicamos a data provável, seguida de um ponto de interrogação, tomando como referência outros acontecimentos institucionais encontrados nesse mesmo livro.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)